

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Joaquim Manuel de Macedo *Teatro Completo*

Antonica da Silva - Luxo e Vaidade
O Primo da Califórnia - Remissão de Pecados
Romance de uma Velha - Uma Pupila Rica



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Joaquim Manuel de Macedo

Teatro Completo

Antonica da Silva - Luxo e Vaidade - O Primo da Califórnia - Remissão de Pecados - Romance de uma Velha - Uma Pupila Rica

Publicado originalmente em: Antonica da Silva (1873) - Luxo e Vaidade (1860) - O Primo da Califórnia (1858) - Remissão de Pecados (1870) - Romance de uma Velha (1869) - Uma Pupila Rica (1870).

Joaquim Manuel de Macedo
(1820 – 1882)

“Projeto Livro Livre”

Livro 62



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Joaquim Manuel de Macedo: “*Teatro Completo*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Joaquim Manuel de Macedo, jornalista, professor, romancista, poeta, teatrólogo e memorialista, nasceu em Itaboraí, RJ, em 24 de junho de 1820, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 11 de abril de 1882. É o patrono da Cadeira n. 20, por escolha do fundador Salvador de Mendonça.

Era filho do casal Severino de Macedo Carvalho e Benigna Catarina da Conceição. Formado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, clinicou algum tempo no interior do estado do Rio. No mesmo ano da formatura (1844), publicou *A Moreninha*, que lhe deu fama instantânea e constituiu uma pequena revolução literária, inaugurando a voga do romance nacional. Alguns estudiosos consideram que a heroína do livro é uma clara transposição da sua namorada, e futura mulher, Maria Catarina de Abreu Sodré, prima-irmã de Álvares de Azevedo. Em 1849, fundou com Araújo Porto-Alegre e Gonçalves Dias a revista *Guanabara*, onde apareceu grande parte do seu poema-romance *A Nebulosa*, que alguns críticos consideram um dos melhores do Romantismo.

Voltou ao Rio, abandonou a medicina e foi professor de História e Geografia do Brasil no Colégio Pedro II. Era muito ligado à Família Imperial, tendo sido professor dos filhos da princesa Isabel. Militou no Partido Liberal, servindo-o com lealdade e firmeza de princípios, como o provam seus discursos parlamentares. Foi deputado provincial (1850, 1853, 1854-59) e deputado geral (1864-68 e 1873-81). Membro muito ativo do Instituto Histórico (desde 1845) e do Conselho Diretor da Instrução Pública da Corte (1866). Nos últimos anos, sofreu de decadência das faculdades mentais, falecendo antes de completar 62 anos.

Foi ativa e fecunda a sua carreira intelectual nas várias atividades que exerceu. Um dos fundadores do romance brasileiro, foi considerado em vida uma das maiores figuras da literatura contemporânea e, até o êxito de José de Alencar, o principal romancista. O memorialista ainda é lido com interesse nas *Memórias da rua do Ouvidor* e *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Foi no romance, entretanto, que Macedo conseguiu perdurar. Suas histórias evocam aspectos da vida carioca na segunda metade do século XIX, com simplicidade de estilo, senso de observação dos costumes e da vida familiar.

ÍNDICE

Antonica da Silva	1
Luxo e Vaidade	62
O Primo da Califórnia	138
Remissão de Pecados	194
Romance de uma Velha	270
Uma Pupila Rica	339
Anexos	415

ANTONICA DA SILVA

BURLETA EM 4 ATOS

PERSONAGENS

JOANA	D. Matilde
INÊS	D. Rosa Villiot
BRITES	D. Isabel Porto
PERES	Sr. Lisboa
MENDES	Sr. Guilherme
BENJAMIM	Sr. Vasques
PANTALEÃO DE BRAGA	Sr. Pinto
FREI SIMÃO	Sr. Vicente
CÔNEGO BENEDITO	Sr. Machado
CAPITÃO PINA	Felipe
ALFERES PAULA	Sr. Leal
SARGENTO PESTANA	Sr. André
MARTINHO (Criado)	Sr. Adelino

Cavalheiros idosos e senhoras, dois leigos franciscanos, soldados do regimento de Moura, homens e mulheres, escravos e escravas de Peres.

A ação se passa na cidade do Rio de Janeiro; época: a do vice-reinado do Conde da Cunha, fins de 1763 a 1767.

VISTO. – Rio, Sala das Sessões do Conservatório Dramático, 22 de abril de 1879. Cardozo de Meneses.

VISTO. – Rio, 28 de Janeiro de 1880. P. de Mattos.

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no teatro da Phenix Dramática, na noite de 29 de Janeiro de 1880.

ATO PRIMEIRO

Sala na casa de Peres: portas ao fundo, e uma, a de entrada, à esquerda; janelas à esquerda e à direita; mobília antiga.

CENA PRIMEIRA

Peres, Mendes, Benjamim, vestido de mulher e de mantilha; alguns homens idosos;

Joana, Inês, Brites, e algumas senhoras. Sinais de festim;

Peres lê uma carta que traz outra inclusa.

CORO meio abafado

A esta hora
Uma senhora!
Que será?

Trouxe carta
Longa e farta:
Que será?

Há mistério...
O caso é sério
Que será?...

PERES (A Mendes.) – Compadre, vem ler esta carta. (Mendes vai.).

INÊS e BRITES (Curiosas.) – Será bonita ou feia?...

CORO

A carta é de segredo,
Ali anda mexida...

JOANA – Receio algum enredo.

CORO
Há mistério...
O caso é sério
Que será?...

MENDES (Entregando a carta a Peres.) – E tu?...

PERES (A Mendes.) – Dou-lhe asilo. Então?...

MENDES (A Peres.) – E que o diabo leve o vice-rei.

PERES – Joana, esta senhora é filha de um velho amigo meu, e vem passar alguns dias em nossa casa.

JOANA – É uma fortuna! (Vai abraçar Benjamim).

PERES (A todos) – Questão de casamento que o pai não aprova: a menina há de mostrar-se razoável. O dever das filhas é aceitar os noivos da escolha dos pais. (Vai conversar com Mendes).

BRITES (A Inês) – Inês, isto é conosco. Ouviste?

INÊS (A Brites) – Que me importa?... coitadinha da moça... que barbaridade!...

JOANA (A Benjamim) – Porque não tira a sua mantilha?...

BENJAMIM – Tenho muita vergonha, sim senhora...

JOANA – Mas é preciso descansar... (Curiosidade das senhoras).

BENJAMIM – Então eu tiro a mantilha, sim senhora (Joana ajuda-a).

BRITES (A Inês) – Que cintura grossa... (BENJAMIM muito vexado)

INÊS (A Brites) – Olha o buço que ela tem!

JOANA – A sua idade, menina?...

BENJAMIM – Minha mãe que é quem sabe, diz que tenho dezoito anos.

JOANA – Como se chama?

BENJAMIM – Antonica da Silva, para servir a vosmencê.

MENDES – Toca para a cidade! Minha afilhada, teu pai deu-nos excelente jantar; mas é tempo... recebe minha bênção e dá-me um abraço. (Despedidas: as senhoras vão tomar suas mantilhas em quarto vizinho).

INÊS (A Brites) – Jantar excelente!... meia dúzia de velhos, e nem um único moço para a gente entreter os olhos! (Despedidas).

BENJAMIM (À parte) – Que peixão de afilhada tem aquele velho! dessa fazenda eu nunca vi nem por amostra em Macacu!

CORO

Agora até mais ver!
Saúde e felicidade
E quem tiver saudade
Que saiba aparecer.
E adeus!
Até outra folgança!
E adeus!...
Até outra festança!
E adeus! adeus!... adeus!

Quem sabe querer bem
O longe torna perto,
E quer mais bem por certo
Quem menos tarde vem
E adeus!...
Até outra folgança!

PERES – Joana, acompanha os nossos amigos!... vão também, meninas. (Vão-se).

CENA II

Peres e Benjamim.

PERES – Complete a carta de seu pai; que houve?

BENJAMIM – Eu era sacristão da igreja do convento dos franciscanos de Macacu: aprendi o latim e a música e queria chegar a ser frade.

PERES – Deixemos isso... vamos ao essencial...

BENJAMIM – Caí no ódio do capitão-mor, e... foi-se o frade...

PERES – Seu pai fala-me em honra da família...

BENJAMIM – Meu pai é pobre, e o capitão-mor tentou debalde seduzir minha irmã... uma noite, por sinal que eu saía do convento, o capi-tão-mor vem a mim, e me oferece três moedas de ouro para que eu lhe entregasse minha irmã...

PERES—E que fez?...

BENJAMIM – Confessar, confesso: eu dei uma bofetada no capi-tão-mor.

PERES – Depois?

BENJAMIM – No outro dia ordem de me prenderem para soldado e eu duas semanas no mato como negro fugido! depois minha mãe foi lá vestir-me assim, meu pai deu-me a carta para vossa mercê, meteram-me num barco e eis o aspirante a frade metido em saias de mulher.

PERES – Quero abraçá-lo pela bofetada que deu. (Abraça-o.)

CENA III

Peres, Benjamim, Joana, Inês, Brites e Mendes.

JOANA (À parte) – E esta?... o meu homem manda-nos acom-panhar os convidados, deixa-se ficar aqui, e venho encontrá-lo abraçando a Antonica da Silva!...

PERES (A Mendes) – Espera, compadre (A Benjamim) Escute. (A um lado) Minha mulher e minhas filhas devem absolutamente ignorar o seu verdadeiro sexo. Não posso responder por línguas de mulheres: o vice-rei é cruel e nós ambos estamos expostos a grandes castigos.

BENJAMIM (A Peres) – Juro pelos frades franciscanos que nenhuma das três senhoras terá conhecimento do meu disfarce sexual.

JOANA (À parte) – Agora segredinhos... mesmo na minha cara!...

PERES – Joana, o lugar está bonito: vai com as meninas e com a senhora Antonica dar duas voltas pelo jardim: tenho um particular com o compadre... (Fala a este).

BENJAMIM (À parte) – Que encanto e que precipício! caso de heroicidade original em que um homem deve mostrar que não é homem! com a velha não há perigo; mas as meninas!... é mais fácil estar escondido no mato!

PERES – Vai, Joana!

JOANA (À parte) – Ele a quer bem fresquinha com o sereno da noite... e eu criada da Dulcinéia!...(Alto.) Vamos, meninas.

CENA IV

Peres e Mendes.

PERES – Pedi que ficasses para te consultar. Compadre, começa a preocupar-me a inconveniência de guardar em minha casa este rapaz vestido de mulher.

MENDES— Quê!... o vice-rei já te faz medo?...

PERES – Tenho duas filhas moças e solteiras: entendes agora?...

MENDES – Mãos à palmatória!... tens razão: mas sem ofensa da amizade não podes livrar-te do hóspede...

PERES – Posso: ele tem asilo seguro no convento dos franciscanos... não te lembra a carta do guardião ao provincial?...

MENDES – E verdade; ótimo recurso: amanhã já...

PERES – E que pensará Jerônimo? pobre, mas meu amigo de quase meio século! ele podia ter mandado o filho diretamente para o convento da cidade; teve, porém, confiança em mim!...

MENDES – Não conheço o grau da amizade que tens com esse Jerônimo: o caso é melindroso: dá cá tabaco. (Tomam)

PERES – Olha: eu deixo a Antonica em casa oito dias...

MENDES – Oito dias a mecha ao pé do paiol da pólvora!...

PERES – É isso! toma tabaco (Tomam) reduzo os oito dias a cinco.

MENDES – Em cinco noites uma gambá acaba com um galinheiro.

PERES – Pois bem: ao menos três dias...

MENDES – Dá-me mais tabaco...

PERES – Não dou: Jerônimo merece algum sacrifício, O pior é que não me animo a confiar o segredo...

MENDES – À comadre?.,, é santa criatura; mas logo contaria tudo às filhas... e estas.

PERES – Tal e e então a sua afilhada? apesar da educação severa que lhe dou, é cabeça de fogo, toda exaltada... por tua culpa! ensinaste-lhe ler contra a minha vontade... trazes-lhe novelas...

MENDES – E hei de trazer-lhas,,, não te dou satisfações. (À janela) Venha, comadre! o sereno pode fazer-lhe mal.

CENA V

Peres, Mendes, Joana, Inês, Brites e Benjamim.

PERES – Joana, o compadre não volta a estas horas do Saco do Alferes para a cidade; dormiremos no meu quarto cá do andar de baixo... temos aí duas camas: não te ocupes com ele. É verdade!... a senhora Antonica talvez tenha fome: jantou?

BENJAMIM – Não, senhor; mas gosto de jejuar (À parte) Rebentando de fome!... seria capaz de comer o próprio capitão-mor, se mo dessem reduzido a bifes!...

PERES – Brites, manda pôr à mesa alguns assados, doces e vinho... (Brites sai).

JOANA (À parte) – Que cuidados!... como está cheio de ternuras o diabo do velho!... E mesmo na minha cara.

PERES (A Joana) – Manda preparar nesta mesma sala um leito para a senhora Antonica... amanhã lhe daremos melhor cômodo... (Fala a Mendes).

JOANA (À parte.) – É demais!... quer que eu lhe faça a cama e aqui!... perto do quarto, onde vai dormir!...

PERES – Escuta, mulher! (A Joana) deixa em completa liberdade esta menina... em toda liberdade aqui!...

JOANA (À parte.) —Claríssimo!... em completa liberdade!... e ele cá embaixo! mas eu não passo a noite lá em cima.

BENJAMIM (À parte) – A velha está me olhando raivosa! seria engraçado se tem ciúmes de mim com o marido!... não pode ser outra coisa; mas eu protesto!...

JOANA – Sr. Peres, e ouça também, compadre! a menina, coitada, pode ter medo de dormir aqui sozinha; acho melhor levá-la para o sobrado; dormiria perto de nós...

MENDES (A Peres) – Dá cá tabaco, compadre!... (Toma ele só).

PERES – Não: ela prefere dormir aqui... em liberdade... ela já mo disse.

JOANA (À parte) – O demônio até já perdeu a vergonha!... (Alto) Mulher, como nós, não teria vexame da nossa companhia... é por isso que eu lembrava...

INÊS – Mesmo, se meu pai consentisse, a Sra Antonica podia bem dormir comigo.

BENJAMIM (À parte) – Que choque nervoso!... estremeceu-me o corpo todo...

MENDES (A Peres) – Dá cá tabaco!

PERES (Severo a Joana) – A Sra Antonica dormirá aqui!

BRITES (Entrando) – A mesa está servida: meu pai quer que levemos a Sra. Antonica?...

PERES – Esperem. (À janela) Martinho, o meu cavalo russo e o do compadre selados, e já dou pajens com archotes!...

MENDES (A Peres) – Que extravagância é esta?

PERES (A Mendes) – Vou ao convento dos franciscanos levar a carta

do guardião de Macacu... hão de abrir-me a portaria por força...

MENDES (A Peres) – Perdeste a cabeça, compadre!...

PERES (A Mendes) – Se a tua boa afilhada já quer dormir com ele!

MENDES (A Peres) – Com ela, caluniador! Inês se propunha a dormir com uma menina da sua idade.

PERES (A Joana) – Não quero nem um momento de intimidade de nossas filhas com esta moça: logo que eu sair, manda as meninas para o sobrado. A Antonica dorme aqui: arranja-lhe a cama, e recolhe-te também. O comradre vai, mas volta comigo.

JOANA (À parte) – Et coetera, et coetera... é positivo.

PERES – Vamos, compadre; os cavalos devem estar prontos.

MENDES – Vamos; mas dá cá tabaco (Tomam tabaco e saem; Joana, Inês e Brites os acompanham).

BENJAMIM (Só) – A menina Inês com o inocente desejo de dormir comigo fez revolução na casa! Ora eis como são as coisas! a velha arde em ciúmes por causa da saia que eu trago por cima dos calções, e o velho partiu desatinado por causa dos calções que eu trago por baixo da saia!... mas a menina Inês, se queria dormir comigo, bem poderia fazê-lo sem prevenir o pai; deitou tudo a perder!

CENA VI

Benjamim, Joana, Inês e Brites.

JOANA – Meninas, tenho ordem de mandá-las já para o sobrado; mas

acho melhor que vão para a mesa com a senhora Antonica. Eu fico para arranjar-lhe a cama (Com intenção).

INÊS – Mamãe tem mais juízo do que meu pai. (A Benjamim) Vamos!

BENJAMIM (À parte) – Valha-me Santo Antônio!... que ten-tação!...

BRITES – Venha... está trêmula!

BENJAMIM – E nervoso: sou muito vexada... e tenho as vezes como-ções em que não sei o que faço, nem o que digo. Ai!... e tanto medo de dormir sozinha!... (Vão-se).

CENA VII

Joana e logo escravas, que entram e saem.

JOANA (No fundo) – Benta! Marta! (À frente) É preciso arranjar a cama! que desaforo! (Entram as escravas) Tragam o catre que está no quarto do corredor, e aprontem a cama... ali... (As escravas vão e voltam, obedecendo; Joana passeia à frente) Um velho que já não presta para nada! como pôs a calva à mostra! Ele dormirá lá dentro... pertinho; ela aqui sozinha; e eu... no sobrado! (As escravas) Andem com isso! (A frente) Tenho medo do gênio do Peres: mais hei de pôr esta mulher na rua! (As escravas que saem) Acabaram? vão fechar a

casa. A cama está pronta!... oh! haja o que houver, eu hei de passar a noite embaixo desta cama!... Tenho o meu plano... (No fundo) Brites! vem cá.

CENA VIII

Joana e Brites.

BRITES – A Antonica da Silva, come que parece um pato, e bebe, que para mulher é boa esponja!

JOANA – Já sei o que ela é... uma inimiga nossa! (Admiração de Brites) Eu te explicarei. Olha: teu pai voltará muito tarde... o demônio de saia diz que tem medo de dormir sozinha... Vamos divertir-nos esta noite? mas, acabada a função, vocês duas vão dormir e não se importem comigo. Tenho que fazer cá embaixo. Entendes?

BRITES – Eu julgava a Antonica tão boa! Inês está doida por ela...

JOANA – Inês vai ficar como uma cobrinha assanhada. Apaguemos estas luzes; basta deixar uma, (Apagam) É verdade! a roupa que serviu a teu irmão naquela dança que houve no ano em que ele foi para Coimbra, estava no baú grande...

BRITES – E está.

JOANA – Vai ver se a harpia acaba enfim de comer, (Brites sai) Pois

não, senhora Antonica da Silva!... já lhe aprontei a cama, veremos se a acha macia.

CENA IX

Joana, Inês, Brites e Benjamim.

BENJAMIM – Donzela infeliz; mas aqui tratada como filha, peço licença para beijar a mão protetora da senhora e as mãozinhas destas duas angélicas meninas,

JOANA – Oh, não! a senhora merece mais; agora faça as suas orações e durma,

BENJAMIM – Eu sozinha nesta sala tão grande!... ah!... acaso já morreu alguma pessoa aqui?

JOANA – Tem medo de almas do outro mundo?... esta casa pertence-nos há vinte anos, e ainda ninguém nos morreu nela.

BENJAMIM— Valha-me esta consolação.

JOANA – E verdade que o seu primeiro proprietário, que era muito avarento, e o filho dele que foi juiz almotacel, homem mau, que fez a infelicidade de muitas moças, morreram aqui; mas... ora... foi há tanto tempo!

BENJAMIM – Ai! ai! tenho tanto medo de dormir sozinha!...

JOANA – Fique sossegada: Boa noite! andem meninas!

BRITES – Boa noite! (Seguindo adiante).

INÊS – Eu queria que a senhora dormisse comigo, mas meu pai não quis, Boa noite!

BENJAMIM (Suspirando) – Boa noite. (Joana segue as filhas).

CENA X

Benjamim.

BENJAMIM – Afotunado bofetão dei no capitão-mor! mas que perigos para a minha inocência aqui! sem a menor duvida sou bonito rapaz, se o não fosse o meu disfarce já teria sido descoberto e a gralha ficaria sem estas penas de pavão (Mostrando os vestidos). Que será de mim amanhã?... que ladrões de olhos tem a Inês!... qual! o velho não me entrega preso! e a mãozinha de cetim... e que rosto! ora, eu não quero mais ser frade (Sen-ta-se na cama) E agora?... a coisa não está em despir-me; mas ama-nhã?... camisa... anágua... seios postiços... o lencinho.. . nada: vou dormir vestido. (Deita-se) Ainda tenho no nariz o cheiro suave... (Levanta-se) E que durma um pobre pecador com um cheiro assim no nariz!... é preciso distrair-me... (Canta)

— Lá em Macacu eu era sacristão,
Tocava o sino din-delin-din-din...

É tal qual!

O capitão-mor por simples bofetão
Em fuga pôs-me, como malandrim

E eis-me afinal

Fingindo moça; mas rapaz no intento
Amando Inês, e pelo pensamento

Em pecado mortal.
Velas de cera, o resto da galheta,
Espórtulas, caídas tinha eu:
 É tal e qual!
Fechada a igreja e ao toque da sineta
Súcia me fecit, todo dia meu,
 E eis-me afinal
Fingindo moça; mas rapaz no intento,
Amando Inês, e pelo pensamento
 Em pecado mortal.
Valha-me Santo Antônio! se eu pudesse dormir (Senta na cama).

CENA XI

Benjamim e Joana que envolvida em imensa mortal/ia negra, vem a passas vagarosos.

JOANA (Dentro) – Meu dinheiro! meu dinheiro!...

BENJAMIM – Que é lá?... eu não creio em almas do outro mun-do... (Em pé: Joana entra) Oh!... oi... (na cama e cobre-se).

JOANA (Canto lúgubre.) –

 O catre é meu;

Nele morri:

No travesseiro

(Benjamim treme aterrado e fala durante o canto)

Ouro escondi:

BENJAMIM – Vade retro, retro, vade retro! abrenuntio! uh!... uh!... uh!... (A tremer)

JOANA – Quero o meu ouro...

Eu voltarei.

Se não m’o deres

(Empurra a cama e depois mete-se em baixo)

Te matarei

BENJAMIM – Cre... do... credo... vade retro... per signum... libera nos... per signum... (Ao empurrar Joana a cama) Santo Antônio... me valha! (Silêncio) Libera nos (Silêncio) Creio... que estou livre... (Le-vanta o lençol aos poucos) Oh! (Em pé e espantado) Nunca vi almas do outro mundo no cemitério de Macacu... não acreditava... mas esta é a do avarento!... se me deitei sem fazer oração... (Ajoelha-se e reza).

CENA XII

Benjamim e Brites, envolvida em mortalha branca.

BRITES (Dentro) – Ai!...

BENJAMIM (Corre para a cama a tremer) – Outra!... Misericórdia!

BRITES (Canto pungente) – O almotacé defunto...

Aqui de noite vaga...
E a vítima que apanha...
Em frio abraço esmaga!

BENJAMIM (Fingindo medo) – Ah! ah!... credo... vade retro... (Levantando a ponta do lençol) ah! esta alma padecente conheço eu... a voz não engana. (A tremer) uh!... uh!...uh!... (Finge medo).

BRITES – Por ela seduzida

E em seus braços morrendo...

Sou alma condenada...

E vago padecendo!

(Passa a mão

pelo rosto coberto

de Benjamim e vai-se)

Ai!

BENJAMIM (Treme) – Uh! uh! uh! (Ao passar da mão) Ai! mi... mi... misericórdia! (Silêncio.) Foi-se... (Descobre-se) A outra alma que deveras me aterrou era portanto a velha enciumada!... divertem-se comigo: pois divirtam-se... a menina Brites saiu sem levar uma oração minha; por-que (Em pé e rindo) eu bem sei porque..

CENA XIII

Benjamim e Inês, com o rosto muito apolvilhado, vestido ricamente de almotacel e com imenso véu transparente.

INÊS (Dentro.) – Minha noiva! minha noiva!

BENJAMIM (Fingindo medo) – Ai!... é a alma do almotacel!... estou perdido!... (À parte) E a mezinha! que belo, belo, belo!...

INÊS – Finado sou; mas amo-te! (Indo a Benjamim que recua)

Adivinhei-te e vim:

Por minha noiva quero-te:

Hás de ser minha, sim!

Sim! sim!... (Persegue Benjamim)

BENJAMIM (Recuando) – Oh, trance cruel! alma de sedutor, fu-gi-te!... onze mil virgens, salvai-me!

INÊS (Perseguindo)— Hás de ser minha, sim! (Aceleram os passos) Sim! sim!...

BENJAMIM – Alma condenada, vade retro! ai, que angústia!...

INÊS (Recuando) – Serás minha noiva!...

BENJAMIM (Recuando menos vivo) – Já me faltam as forças, ai de mim!... (À parte) quero ver só o que o demoninho da moça vai fazer comigo. (Alto) Não posso mais! (Inês toma-o pelo braço) Ai que frio de morte! (À parte) E uma febre de fogo...

INÊS – Amo-te!

BENJAMIM – Mas não ofenda o meu pudor! tomara eu que ela queira ofendê-lo).

INÊS – És minha noiva.. dá-me um abraço!...

BENJAMIM – Oh... não! poupe a mísera donzela!...

INÊS – Um abraço! um abraço!...

BENJAMIM – Ai de mim! pois bem, senhor almotacel... eu lhe dou um abraço... mas um abraço só... depois o senhor me deixa... vai-se embora... me deixa...

INÊS – Oh! vem! (Abraça-o, e separa-se e foge).

BENJAMIM – Agora me deixe... me deixe...

INÊS (À parte) – E que abraço apertado me deu! como está nervosa!

(A Benjamim) E minha noiva, há de acompanhar-me para o cemitério...

BENJAMIM – Para o cemitério! não... isso não...

INÊS – E dormirá na minha sepultura...

BENJAMIM (Fingindo terror) – Senhor almotacel, tudo quanto quiser, mas não me leve para o cemitério! sou sua noiva, sim!... amo-o... mas tenho medo do cemitério... não me leve... amo-o! quer que lhe dê um beijo?... (Beija a face de Inês) por quem é não me leve! quer outro beijo? (Beija-a) outro? (Beija-a) amo-o! (De joelhos e beijando-lhe as mãos) ado-ro-o! sou seu escravo... seu escravo!... quero dizer, sua escrava.

JOANA (Saindo de baixo da cama, e pondo a cabeça de fora) – Inês, ela é homem!...

INÊS (Afastando-se confundida) – Oh!...

CENA XIV

Benjamim, Inês, Joana e Brites, que entra.

JOANA – O senhor não é capaz de negar que é varão do sexo masculino.

BENJAMIM (À parte) – Como hei de negá-lo depois que ela fez o descobrimento da América (A Joana) sim senhora, confesso que sou ho-mem... mas inofensivo.

INÊS (À parte) – Agora não posso mais olhar para ele...

JOANA – Mas o senhor abusou... devia ter-nos dito!

BENJAMIM – Foi o Sr. Peres que me ordenou segredo absoluto...

BRITES (À parte) – De que escapei!...

JOANA (À parte) – Coitado do meu Peres!... que aleive lhe levan-tei... (Alto) Pois bem: como foi ordem do meu homem, conserve o segredo seu e dele; mas guarde também o nosso: o das loucuras desta noite; o senhor não é do sexo masculino... para nós.

BENJAMIM – Não sou, não; eu sou Antonica da Silva para as se-nhoras... podemos viver santamente na comunidade do nosso sexo (Batem à porta)

JOANA – É Peres que chega. Ele deve ficar pensando que já estamos todas dormindo. Não se esqueça de apagar a luz... venham, meninas (Ba-tem).

BENJAMIM – Sou muito esquecida... é melhor já (Apaga a luz).

JOANA – Andem... Andem...

BENJAMIM (De joelhos beija a mão de Inês, quando ela passa, vão-se

Joana, Inês e Brites) – Juro pelos frades franciscanos que não quero mais ser

frade (Ergue-se e vai às apalpadelas para a cama).

ATO SEGUNDO

Á esquerda, varanda de colunas, tendo no meio cancela de grades e escada para o jardim e pomar que se estende para o fundo, e para a direita; ao fundo e à direita, portão largo, à frente espaço livre e pequenos bancos de pau.

CENA PRIMEIRA

Peres e Mendes, que descem a escada.

PERES – Como estão mudados os tempos! o provincial dos franciscanos fora do convento ainda depois da meia-noite!...

MENDES – Ajudando a bem morrer uma pobre agonizante cumpria o seu dever.

PERES – Aposto que ajudava a mal viver a alguma pecadora de predileção...

MENDES – Estás até maldizente, compadre!

PERES – Pois se nem posso ir para a cidade! tinha de fazer uma remessa de açúcar para Lisboa, e dinheiro a receber hoje.

MENDES – Dá cá tabaco (Tomam). Vamos para a cidade...

PERES – Deixando aqui a mecha ao pé do paiol da pólvora como tu dissestes. Não vou.

MENDES – A comadre sabe olhar para as filhas, e tu estarás de volta ao meio-dia...

PERES – Acreditando que o Benjamim é Antonica, tua comadre pode descuidar-se, e a Antonica declarar-se Benjamim a Inês ou Brites. Não vou. (Um criado traz uma carta; Peres abre e lê) E do provincial!... (A um aceno, vai-se o criado) Daqui a uma hora Fr. Antão e dois leigos vêm receber o rapaz.

MENDES – Estás enfim livre da Antonica da Silva.

PERES (Triste) – Livre... do filho de Jerônimo! compadre, vamos para a cidade...

MENDES – Não: agora deves ficar em casa... Fr. Antão vem...

PERES – Não quero ver sair, como expulso... devo estar fora... Escreverei a Jerônimo dizendo que em minha ausência e contra os meus desígnios...

MENDES – Hipocrisia e mentira... compadre?

PERES – Antes dez filhos do que uma filha!... e então duas!...

MENDES – Que serviços deves ao teu amigo Jerônimo?...

PERES – Muitos; mas um! olha: éramos soldados do mesmo corpo e da mesma companhia na África; em um combate eu ia talvez ser morto por um golpe de

lança... Jerônimo atirou-se adiante de mim... recebeu a lança-da no peito... e caiu... esteve a morrer dois meses, e escapou por milagre. (Comovido) Toma tabaco, compadre!

MENDES – Não quero! é tabaco de homem ingrato.

PERES – Velho rabugento, que querias que eu fizesse?...

MENDES – Ontem devias ter dito tudo, tin tin por tin tin à comadre.

PERES – E as meninas?... e o Benjamim? isto é, ele com elas? ...

MENDES – As meninas também deviam ficar sabendo toda a história do passado e do presente...

PERES – E para coroar a obra eu mandaria minhas filhas brincar o vai-te esconder com o Benjamim...

MENDES – Não; mas dirias ao filho de Jerônimo: eis aí, minhas duas filhas, escolhe uma para tua noiva.

PERES – Compadre, tu falas sério?...

MENDES – Eu falo sempre sério. Agora que te dei a lição, dá cá tabaco (Tomam).

PERES – Não desejo... não quero que minhas filhas se casem.

MENDES – Que é? pensas mesmo que consentirei em que pelo me-nos minha afilhada sofra os martírios de solteirona?... estás muito engana-do! hei de casá-la e bem a gosto seu... eu já lho disse, ouviste?...

PERES – Começas a aborrecer-me! vamos para a cidade.

MENDES – Não deves ir!

PERES – Hei de ir...

MENDES – Estás com remorsos!

PERES – Olha: farei por Benjamim o que faria por meu filho. Ado-to-o; mas aqui com as meninas, não. (A escada) Joana, desce! (A Mendes) Vou preveni-la da vinda de Fr. Antão, mas sem esclarecê-la sobre o fim que o traz aqui. Darei instruções em regra...

MENDES – Compadre, o teu tabaco é melhor do que a tua consciên-cia. Dá cá tabaco (Tomam).

CENA II

Peres, Mendes e Joana, que desce a escada.

PERES – A Antonica da Silva?...

JOANA – Encerrou-se no quarto, que lhe destinamos.

PERES – E as meninas?...

JOANA – Bordavam ao pé de mim.

PERES – Manda-as bordar sozinhas no sobrado...

JOANA – Então a Antonica é moça de costumes suspeitos?

PERES – Não; mas queria casar contra a vontade do pai, um mau exemplo para as nossas filhas. Anda, preciso dizer-te uma coisa... (Vão indo).

MENDES – Comadre; pode ser que seu marido se salva, mas não entra no céu sem passar pelo purgatório (Vão-se pelo portão).

CENA III

Inês, observa da varanda e depois desce.

INÊS – Até o meio dia ou pouco mais ficamos sós. Não sei que sinto... desejo, mas não posso olhar para o moço!... há no meu seio alvoroço, na minha alma confusão... não me entendo! quando ele se apro-xima, estremeço toda... tenho lido em novelas tantas lições de amor! ai, meu Deus!... se eu amo, o amor incomoda muito no princípio (Canta)

Depois daquele abraço e dos beijos sem conta
Que ele me deu, e eu dei.
Sabendo que era homem, nem pude ver afronta
No ardor que provoquei...
Mas agora...

Não posso olha-lo, ai, não!

Junto dele bisonha
O pejo me devora...
Sou toda olhos no chão...
Tenho tanta vergonha!

De moço em roupa justa vestida ele me viu
E de calções até
Culpada mamãe só, que foi quem me vestiu
E fez-me Almotacé
Mas agora...

Não posso olha-lo, ai, não!!...
Junto dele bisonha
O pejo me devora,
Sou toda olhar no chão...
Tenho tanta vergonha!

CENA IV

Inês e Benjamim, que desce a escada.

BENJAMIM – Este momento é um milagre de amor...

INÊS – Ah! (Medrosa) mamãe... (Olhando).

BENJAMIM – Não tarda; é por isso que tenho pressa. Quisera ficar aqui vestido de mulher toda a minha vida; mas tanta dita não dura: espe-ram-me perseguição, tormentos...

INÊS – Corre algum perigo?...

BENJAMIM – Pouco importa: resistirei à mais cruel adversidade, se merecer levar comigo a esperança do seu amor. Eu amo-a!

INÊS – Senhor...

BENJAMIM – É que sua mãe não tarda... não tarda... (Toma-lhe a mão).

INÊS – Tenho muita vergonha...

BENJAMIM – Entre duas moças, como nós somos, não devem haver essas vergonhas! eu amo-a! e mamãe não tarda...

INÊS – Não sei... não ousar...

BENJAMIM (Larga a mão de Inês) – Ora está... aí vem sua mãe... (Triste) sou muito infeliz!

INÊS (Voltando o rosto e abaixando os olhos) – Amo-o.

BENJAMIM – Ah! brilhou a luz do meu futuro! a mamãe agora pode chegar... pode chegar...

CENA V

Inês, Benjamim, Joana e Brites.

JOANA (A Benjamim) – Que fazia aqui junto de Inês?

BENJAMIM – Não fazia nada, não senhora: como ainda sou Antonica da Silva, tratava de salvar as aparências.

JOANA – Creio que apertava a mão de minha filha...

BENJAMIM – Qual! não apertava, não senhora: as moças, quando passeiam no jardim, costumam às vezes dar-se as mãos. Eu estava fingindo costumes de mulher.

JOANA (A Inês)— Que te dizia este se... esta senhora?

INÊS – Eu me sentia muito vexada... não sei bem... penso que me falava... de Macacu...

BENJAMIM – Exatamente: falava de Macacu.

JOANA – E que dizia? (Senta-se, e Brites a seu lado; Inês em outro banco).

BENJAMIM (Em pé) – Descrevia as festas pomposas lá da vila: então as da igreja dos franciscanos! quando o guardião sobe ao púlpito, grita com uma eloquência que faz dor de ouvidos (Senta-se junto de Inês) E as procissões!...

JOANA – Brites, senta-te ao pé de Inês; venha o senhor... a senhora para cá (Brites e Benjamim trocam os lugares).

BENJAMIM – Eu apenas salvava as aparências: as moças gostam de sentar-se juntinhas. Mas... os franciscanos.

JOANA – Os franciscanos? (À parte) Quem sabe?... (A Benjamim) quero ouvi-lo; ainda não me contou a sua história verdadeira (Leva-o para o fundo).

BRITES – Inês, mamãe já desconfia que gostas do Benjamim, e opõe-se...

INÊS – Para mim oposição é estímulo: sim! amo este moço e vou dizê-lo a meu padrinho...

BRITES – Ai, cabeça de novelas, vê lá, se te fazes heroína!...

INÊS – Se fosse preciso...

BRITES – Tonta! olha meu pai!...

INÊS (Encolhendo os ombros) – Tenho meu padrinho.

BRITES – Que faremos até ao meio-dia?... vou mandar trazer almofadas e banquinhas: quero ver se a Antonica da Silva faz rendas (Sobe a escada, dá ordens e volta).

JOANA (Voltando com Benjamim) – Ainda bem que não o prende-ram.

BENJAMIM – Fugi, mas só à vingança do potentado; ao medo da guerra, não: as senhoras podem acreditar, que metido nestas saias está um homem.

JOANA – Provou-o, dando a bofetada no capitão-mor.

INÊS – Mamãe, ele deu bofetada em algum capitão-mor?...

JOANA – E por isso o perseguem, querem assentar-lhe praça de sol-dado... mas é preciso não falar nisto: segredo!...

BRITES – Recrutamento malvado! Em pouco tempo só ficarão ve-lhos para noivos das moças. E para desesperar!

JOANA – (Vendo escravos que trazem quatro banquinhas e quatro almofadas) – Faremos rendas?... lembraram bem (Sentam-se nas banqui-nhas e tomam as almofadas).

INÊS (À parte) – Recrutamento e vingança... é horrível! (Senta-se).

JOANA (A Benjamim) – O senhor parece que não é novo na almo-fada!

BENJAMIM – O pior é que eu faço rendas; mas não as tenho.

BRITES – A senhora Antonica da Silva aprendeu a fazer rendas com os frades? (Trabalham todas).

BENJAMIM – Com os frades? não senhora; aprendi com as freiras; ora... eis aí... estou atrapalhado (A Inês) Pode ensinar-me como se trocam os bilros neste ponto?...

JOANA – Ensino eu... deixe ver...

BENJAMIM (À parte) – Mamãe Joana não me deixa salvar aparência alguma! (A Joana) Muito obrigado, já acertei (Troca os bilros com ardor).

BRITES – Vamos cantar?... (A Benjamim) a senhora Antonica da Silva que sabe tudo, sabe cantar o romance de Dagoberto?...

BENJAMIM – Canto, mas não sei se entôo.

BRITES – Cantemo-lo pois... ouviremos a sua voz... olhe que deve ser de tiple.

BENJAMIM – Não, senhora; será de tenor; mas só por culpa da natureza que me deu por engano garganta de homem (Cantam)

BENJAMIM – Dagoberto o cavaleiro

Sem pajem nem escudeiro

Do torneio a liça entrou

JOANA, BRITES e INÊS – Viseira baixa e no escudo

Belo mote que diz tudo

INÊS – “De Beatriz escravo sou”

TODOS – De Beatriz escravo sou.

BENJAMIM – Dez cavaleiros desmonta

Dos mais já nenhum afronta

O paladim vencedor.

JOANA, BRITES e INÊS – Quem é, o conde pergunta

Quem é a condessa ajunta.

INÊS – E Beatriz murmura amor!

TODOS – E Beatriz murmura amor.

BENJAMIM – Dagoberto triunfante

Ao conde chega ofegante,

Ergue a vieira e lhe diz:

JOANA, INÊS e BRITES – Não sou barão mas guerreiro,

Fui armado cavaleiro;

INÊS – E escravo sou de Beatriz.

TODOS – Escravo sou de Beatriz.

BENJAMIM – Dagoberto espera e o conde

Olhando a filha, responde:

Cavaleiro, sê feliz!

JOANA, INÊS e BRITES – Quem é paladim tão bravo

De Beatriz não seja escravo,

INÊS – Seja esposo de Beatriz.

TODOS – Seja esposo de Beatriz.

BRITES – A senhora Antonica da Silva canta muito bem.

CENA VI

Inês, Benjamim, Joana, Brites e Matinho assustado.

MARTINHO – Um oficial seguido de muitos soldados tem já a casa cercada, e quer entrar por ordem do vice-rei.

JOANA – Oh!... e Peres ausente!...que será?... (Inês aflita).

BENJAMIM – Claro como o dia! vem prender-me... e eu não me escondo mais... entrego-me.

INÊS –(Aflita) –Não!... não!...

BENJAMIM – Sim: só me assusta o ridículo (A Joana) Minha senhora, me empreste um casaco e um colete do Sr. Peres... Calções eu trago por baixo das saias.

JOANA – Não; meu marido me recomendou a segurança de sua pessoa...

INÊS – Brites, vai escondê-lo atrás do altar da capela... depois sai e tranca a porta...

JOANA – É um recurso... leva-o, Brites, vá senhor...

BENJAMIM – Perdão! quero entregar-me preso...

INÊS – E eu não quero!... (Terna) peço-lhe que vá... entende?... eu peço que vá...

BENJAMIM – Ah! eu vou! (À parte) Positivamente... agora foram-se as aparências!... (Segue Brites e vai-se)

MARTINHO (Vindo do fundo) – Um soldado já está de sentinela ao portão...

JOANA – Faze entrar o oficial (Martinho vai-se: Joana à parte) O lhe peço de Inês, e a obediência do rapaz tem dente de coelho... mas agora não é tempo de tomar contas... estou a tremer...

CENA VII

Inês, Joana, Alferes Paula, soldados, gente da casa a observar.

PAULA – Em nome e por ordem do senhor vice-rei conde da Cunha!...

JOANA – Que manda o senhor vice-rei!

PAULA – Minha senhora, incumbido de importante diligência, tenho de correr a sua casa em busca severa.

JOANA – Meu marido está ausente: vou mandar chamá-lo já.

PAULA – É inútil: trago ordens precisas, e não posso esperar. Vou proceder à busca.

JOANA – Pode ao menos dizer-me com que fim?...

PAULA – O Sr. Peres Nolasco tem asilado em sua casa um rapaz que se disfarça vestido de mulher, e veio ontem da vila de Macacu. ... chama-se Benjamim.

INÊS – E perseguido cruelmente; porque deu e devia dar uma bofeta-da no capitão-mor de Macacu.

JOANA – Menina!...

PAULA – A senhora o sabe? ... pois eu venho prender esse valentão Benjamim.

INÊS – Aqui o tem: sou eu.

JOANA – Oh!...

PAULA (A Inês) – Está preso.

JOANA – Não! esta é Inês, é minha filha!.

INÊS (Alto a Joana) – Minha senhora, eu agradeço a sua nobre gene-rosidade... não devo abusar mais...

PAULA – Vamos!... siga para diante... (A Inês).

JOANA – Mas eu lhe juro que esta é minha filha!

INÊS (Ao oficial) – Conceda um momento à gratidão do pobre asila-do... devo abraçar a minha protetora (Abraçando Joana) Mamãe, não tenha medo; enquanto vou presa, salve Benjamim e mande avisar a meu padrinho. (A Paula) Estou às ordens.

JOANA – Senhor oficial, veja o que faz! não pode levar minha filha! não pode!... (Atirando-se a Inês).

PAULA (Apartando Joana) – Minha senhora... retire-se!...

JOANA – Não leve minha filha!... ela se chama Inês!... não a le-ve!... o Benjamim está escondido lá dentro... eu lho trago!...

INÊS – Obrigado, minha senhora!... mas é inútil.

PAULA – E esta? pretende fazer-me crer que uma verdadeira donzela e de família honesta deseje ir presa para um quartel de soldados?... (A Inês) Como te chamas? ...

INÊS – Benjamim.

PAULA – Marcha para diante!

JOANA – Minha filha!... doida!... senhor oficial, é minha filha!... (Agarrando-se a Inês).

PAULA (Separando as duas) – Senhora!... não agrave o crime de seu marido... curve-se às ordens do senhor vice-rei Conde da Cunha!...

JOANA – Oh!... ai, meu Deus!...

PAULA – (Entrega Inês a dois soldados) – E o tal Benjamim é bem bonito... quinze anos talvez... nem sinal de barba... e já dá bofetadas. (A Joana) Minha senhora!... (Saúda e vai-se).

JOANA – É minha filha!... é uma infâmia levar presa minha filha!... (Seguindo-o).

CENA VIII

Joana, e logo Martinho.

JOANA (Voltando do fundo) – Inês!... que loucura! mas lá vai!... (Torcendo as mãos) minha filha!... Martinho! Martinho!

MARTINHO – Minha senhora...

JOANA – A cavalo!... a correr!... vai participar ao senhor Peres esta desgraça.

MARTINHO – Já... o cavalo está pronto (Corre, saindo pelo fundo).

JOANA – Peres ficará furioso... tenho medo!... (Correndo ao fun-do) Martinho!... dá também e logo notícia de tudo ao compadre Men-des!... vai falar ao

compadre Mendes... (Volta) oh! que loucura de Inês!... desgraçada!... insensata! doida!...

CENA IX

Joana, Brites e Benjamim.

BRITES – Mamãe!... mamãe!... isto é verdade?...

BENJAMIM – Porque não me mandou chamar logo? (Corre ao fun-do).

BRITES – Sim, mamãe, devia ter mandado chamar!...

JOANA – Perdi a cabeça... Inês me desatinou...

BENJAMIM (Voltando) – Ah!... é tarde!... mas juro pelos frades franciscanos... não, eu não juro mais pelos frades; mas juro por Inês, que não há de ser tarde!...

JOANA – O senhor virou o miolo de minha filha!... entrou em nossa casa, para trazer-nos a desgraça!...

BENJAMIM – Vou já entregar-me à prisão, declarando a todos o meu sexo e o meu caráter de Benjamim, sacristão do convento de Macacu (Saia correr).

JOANA – Inês endoideceu... foi esse diabo!...

BRITES —. Ela o ama: eu já esperava desvarios de Inês!...

CENA X

Joana, Brites e Benjamim a correr.

JOANA – Ainda o senhor!...

BENJAMIM – Esbarrei com três franciscanos que vem entrando para aqui... o negócio dos frades é por força comigo.

JOANA – Que venham!

BENJAMIM – Mas eu quero salvar a menina Inês! vou atravessar a casa e fujo pela porta da frente (Arregaça o vestido e corre para a escada).

JOANA (Seguindo-o) – Tranquem a cancela da escada! (Trancam).

BENJAMIM (Descendo a escada precipitado) – Esta mãe desnaturada não quer que eu lhe salve a filha!... mas por aqui hei de achar saída (Corre pela direita).

CENA XI

Joana, Brites, Fr. Simão, dois leigos franciscanos e logo Benjamim.

FR. SIMÃO – Deus seja nesta casa!

JOANA – Amém. Tenho ordem de fazer cumprir o que vossa reveren-díssima ordenar.

FR. SIMÃO – Venho simplesmente a fim de levar para o convento...

JOANA – Perdão, reverendíssimo... (Para o fundo) Tranquem o portão do jardim! (Um escravo tranca) quer então levar.. . (A Fr. Simão).

FR. SIMÃO – Para o convento o nosso sacristão de Macacu, que se acha aqui disfarçado em mulher.

BENJAMIM (Ao bastidor) – Ei-los!... por este lado além do muro quatro cães de fila no quintal vizinho! mas eu escapo aos frades... (Arregaça o vestido e corre para o portão que acha trancado).

JOANA (Mostrando) – Ei-lo!... tome conta dele!...

BENJAMIM (Depois de esforço inútil para abrir o portão) – Libertas. decus et anima nostra in dubio sunt ou ni dubo (Desanimado).

FR. SIMÃO – Meu filho!

BENJAMIM – Bendicite, padre mestre! mas eu não vou para o convento... quero ser soldado.

FR. SIMÃO – Tu nos pertences: és nosso sacristão, e queremos defen-der-te.

BENJAMIM – Muito obrigado, mas eu não quero mais ser sacristão, e ainda menos frade.

FR. SIMÃO – Irmãos leigos, segurem-no...

BENJAMIM – Isto é violência (Resistindo) não quero ir para o convento!... (Debate-se) olhem que eu esqueço o respeito que tenho ao... ah! ah! (Subjugado) São dois hércoles!... pois se os frades comem tanto!...

FR. SIMÃO – Ele traz calções; podem tirar-lhe o vestido (Os leigos tiram).

BENJAMIM – Padre mestre isto não é decente à vista das senhoras (Fica em camisa curta de mulher e de calções).

FR. SIMÃO – Agora o hábito de leigo (Os leigos põe-lhe o hábito).

BENJAMIM – Memento homo, quia pulvis est et in pulverem revertens.

FR. SIMÃO – Fiquem as senhoras na paz do senhor. Vamos, meu filho.

JOANA – Deviam ter vindo uma hora antes!...

BENJAMIM (Levado) – Mas eu não quero mais ser sacristão, não quero ser leigo, nem frade, nem guardião, nem provincial (Vão-se).

JOANA – Brites!... e Inês? (Abraçam-se, chorando).

ATO TERCEIRO

Quartel de Moura primitivo: ao fundo o quartel; à direita, do fundo, avança dois planos a sala do estado maior, deitando uma ou duas janelas para a CENA, e uma porta à entrada olhando para a esquerda; seguem-se, no fundo, portas da arrecadação, de casernas, de quartos etc., em toda a frente espaço livre e sem gradil; à direita e defronte do estado maior, um portão.

CENA PRIMEIRA

Capitão Pina, Alferes Paula; um soldado sentinela à porta do estado maior; soldados às portas, entrando ou saindo. Pina e Paula passeiam na frente.

PAULA – Ouviu a leitura dos artigos do conde de Lipe, fazendo momos e ao jurar bandeira pôs-se a rir.

PINA – A ordem foi terminante: assentar praça logo e logo e ainda que jurasse ser mulher.

PAULA – Mas ao contrário jura que é homem, e confesso que no ato da prisão iludiu-me perfeitamente: só no caminho comecei a desconfiar.

PINA – E quando se fardou?

PAULA – Sem a menor cerimônia mandou sair o sargento Pestana da arrecadação, fechou-nos a porta na cara, e daí a dez minutos apareceu que era um brinco: o fardamento que serviu ao cadetinho Melindre ajustou-lhe ao pintar.

PINA – O velho Peres é negociante respeitado e rico e se este soldadinho não é homem.

PAULA – Não é; se me dessem licença, casava-me com ele fardado como está; é mulher, e linda!

PINA – Então anda nisto segredo de família, e por ora é indispensável todo o cuidado. (Toque de cornetas) Eis aí! instrução de recrutas; começam as dificuldades!...

PAULA – Descanse, capitão: passei ao sargento Pestana suas recomendações secretas. O soldadinho está separado dos outros recrutas.

PINA – E que os soldados não suspeitem...

PAULA – O Pestana responde por tudo...

PINA – Alferes... duas horas de folga... veja se encontra o Peres... assim como por acaso...

PAULA – Entendo (Faz continência e sai).

PINA – Não devo testemunhar falhas quase certas de disciplina (In-do-se) Logo hoje me caberia ficar de estado maior!... (Entra no estado maior).

CENA II

Inês, vestida de soldado, e o sargento Pestana saem pelo portão. Pestana adiante.

PESTANA – Assim! um... dois... um... dois... agora direita vol-ver! (Inês para) eu lhe ensino. Dois tempos: à voz direita leva-se o côncavo do pé direito a tocar no do esquerdo; á voz volver levantam-se as pontas dos pés e...

INÊS — Já sei... já sei... já sei...

PESTANA — Pois lá vai!... direita... (Inês executa) volver!... (Inês levanta as pontas dos pés e assim fica) Não é isso; última forma.

INÊS — Pois o senhor não disse que à voz — volver eu levantasse as pontas dos pés?...

PESTANA — Mas não girou sobre os calcanhares...

INÊS — Ora! eu sei volver-me para a direita e para a esquerda sem essas lições de dança: olhe (Volta-se para um e outro lado).

PESTANA (À parte) — Pior vai o caso! (Alto) Recruta, à voz de sentido as mãos passam rapidamente ao lado das coxas e o calcanhar direito vai juntar-se ao esquerdo. Veja: é assim... (Executa: Inês ri) não ria; atenda à voz: — Sentido... (Inês põe as mãos na cintura, dobra um pouco o corpo e olha atenta) Mãos nas coxas! calcanhares juntos!

INÊS — Qual!... a ocupar-me em pôr as mãos nas coxas, e em conservar os calcanhares juntos eu não posso estar com o sentido em coisa nenhuma.

PESTANA (À parte) — Antes de três dias responde a conselho de guerra (Alto) Vejo que é preciso recomeçar a instrução das voltas a pé firme. Atenda...

INÊS — Senhor sargento: não perca o seu tempo, eu, conservando os pés firmes, nunca darei volta alguma...

PESTANA — Há de aprender. Atenda à voz: firme!...

INÊS (Afastando-se e à parte) — Estou quase arrependida!... tenho vergonha e medo!... não posso mais fingir...

PESTANA (À parte) — Não escapa ao conselho de guerra, e acaba sendo arcabusado. (A Inês.) Recruta!...

INÊS — Sargento, deixe de importunar-me; digo-lhe que por hoje está

acabada a instrução: não estou para isto.

PESTANA (À parte) — Ai, disciplina militar!... mas vou salvá-la, (Alto) Atenda à voz: — Descansar!... retira-se diretamente o pé direito, caindo o peso do corpo...

INÊS – Que asneira! isso em vez de dar descanso, aumenta a fadiga, Sargento, o verdadeiro é assim: (Arremedando) Descansar!... (Senta-se no chão) eis como se descansa.

PESTANA (À parte) – Depois de envelhecer sem nódea no serviço ver-me obrigado a fechar os olhos a tanta insubordinação.

INÊS (À parte) – Se eu tivesse a certeza de que Benjamim já estava salvo, declarava que sou mulher!... sofro muito... aqui tudo me aterra!...

PESTANA – Em pé!... ainda tenho que ensinar-lhe.

INÊS – Sargento, a sua instrução de recrutas contém uma multidão de tolices.

PESTANA – Não sabe o que diz: tem de preparar-se para entrar amanhã no manejo da arma, e depois de amanhã no exercício de fogo!...

INÊS – Pois vá esperando!... havia de ser engraçado eu no manejo da arma, e no exercício de fogo!... que proezas faria..

PESTANA (À parte) – E com que voz diz tanto desaforo!... parece uma flauta... ai! ai! ai!.. aqui há coisa!.

INÊS (À parte) – Ah, Benjamim... quanta loucura por ti (Alto) Sargento! é verdade: como se chama?

PESTANA – Pestana: nome já glorioso no regimento de Moura.

INÊS (Fingindo rir) – Pestana, que nome ridículo! crisme-se; mas não caia em ficar sobrelha; tome pelo menos o nome de sargento bigode.

PESTANA (À parte) – Eu aturo esta insolência só em respeito ao capitão Pina; mas capitão, capitão! começo a desconfiar.

INÊS (Notando um rasgão na manga esquerda da farda) – Sargento, dê-me uma agulha com linha...

PESTANA (À parte) – Ordena que parece o coronel do regimento (Tira da patrona agulha e linha) E dou-lha: quero ver como costura (Custa a enfiar a agulha).

INÊS (Tomando-lhe a agulha e a linha) – Ah!... levaria uma hora a enfiar... (Enfia e conserta o rasgão da farda; canta costurando)

Remendeira, remendeira...
Ponto aqui, ponto acolá
Enquanto vais remendendo
Pensa em ti, quam longe está...
Lá, lá.
Que ditosa te fará,
Lá, lá.

PESTANA (À parte) – Costura que é um gosto! aposto que o soldadinho nunca foi alfaiate... costureira, parece que é! capitão, capitão.

CENA III

Inês, Pestana e Benjamim, com hábito de noviço franciscano, e logo o Capitão Pina.

BENJAMIM (Apressado) – Quero falar ao coman... (Reconhecendo Inês) Oh!...

INÊS (A Benjamim) – Silêncio...

BENJAMIM (A Inês) – Como está fascinadora com a farda de soldado!... mas eu não consinto... fugi do convento e venho entregar-me.

INÊS (A Benjamim) – De modo nenhum!... fuja eu preciso muito do senhor livre do recrutamento... preciso...

PESTANA – Reverendíssimo, conhece este soldadinho?

BENJAMIM – Não é da sua conta: quero falar ao comandante... ou ao general... ou não sei a quem.

PESTANA (À parte) – Que frade malcriado!...

INÊS (A Pestana) – Não chame o capitão...

BENJAMIM (Puxando Pestana) – Chame o capitão!

INÊS (Puxando Pestana) – Não chame!...

BENJAMIM (Puxando Pestana) – Chame!... Chame!...

PESTANA (A Inês) – Que tem o senhor com o frade?

INÊS – Também não é da sua conta.

PINA (Chegando) – Que é isto?...

PESTANA (A Inês) – Faça a continência...

INÊS – Deixe-me! agora não estou para continências.

PINA – Reverendíssimo, venha para o estado maior.

BENJAMIM – Aqui mesmo: eu venho...

INÊS – Senhor capitão, ele veio pedir o lugar de capelão do regimento...

PINA (A Inês) – Soldado! não te perguntei coisa alguma.

INÊS – Mas eu quando quero falar, não espero que me perguntem...

BENJAMIM – Venho declarar que sou o Benjamim que fugiu de Macacu vestido de mulher e com o falso nome de Antonica da Silva...

INÊS – É mentira dele, senhor capitão; o frade é meu primo e vem com esta...

PINA – Sargento, leva o soldado para o quartel...

PESTANA (A Inês) – Marcha!

INÊS – Não vou: agora não saio daqui.

PESTANA – Senhor capitão, recolho o insubordinado ao xadrez.

PINA – Deixa-o: talvez eu queira interrogá-lo.

PESTANA (À parte) – Foi-se a disciplina!... entrou no regimento uma saia por baixo da farda.

PINA – Reverendíssimo, como hei de acreditar no que diz?... esse hábito religioso...

BENJAMIM – Como eu era sacristão dos franciscanos em Macacu, entendeu o provincial que podia trancafiar-me no convento da cidade, e fazer de conta que sou noviço.

PINA – Então...

BENJAMIM – Fugi do convento... não quero ser frade... prefiro ser soldado...

INÊS – Oh... oh... oh!... quanta mentira!... o Benjamim sou eu.

PINA (A Inês) – Cala-te!... (Bate com o pé).

INÊS (Ressentida) – Perdão!... não se trata assim a uma...

PINA – A uma?

INÊS – Sim, senhor... a uma pessoa de educação.

PINA – Reverendíssimo, vou officiar ao coronel, dando-lhe parte de tudo (Indo-se) E também ao provincial dos franciscanos... (Recolhe-se ao estado maior).

INÊS – Não sabe o que fez! destruiu a minha obra.

BENJAMIM – Não podia deixá-la aqui: serei soldado... mas não se esqueça de mim, oh! e se seus pais consentirem.

INÊS – Eu falarei a meu padrinho...

BENJAMIM – Que sombra de felicidade! (Toma a mão de Inês).

INÊS – Tenha fé! o sonho há de realizar-se!...

BENJAMIM – Nunca se amou como eu amo!...

PESTANA – Olhem o frade!...

CENA IV

Inês, Pestana, Benjamim e Mendes.

INÊS (Alegre) – Oh!... é meu padrinho!

MENDES – Onde e como venho encontrar-te? (Severo) uma donzela ousa vir meter-se em um quartel de soldados!... (Inês abate-se).

BENJAMIM – Coitadinha!... poupe-a: está arrependida; acabo de ouvi-la em confissão... ficou contrita, e eu absolvi-a.

MENDES – Mas eu não a absolvo: manchou sua reputação, conde-nou-se às censuras e à zombaria de todos... sou eu padrinho, mas nego-lhe a minha bênção!...

INÊS – Ah!... ah!... (Desata a chorar).

BENJAMIM – Não chore! não chore... senão eu... não poderei conter-me... desato numa berraria...

MENDES – De que servem choros? lágrimas não lavam manchas da vida e do proceder da mulher; o pranto não me comove! (À partee brando) o pior é que eu não posso vê-la chorar!...

INÊS (De joelhos e a chorar) Per... dão... meu pa... drinho...

MENDES (Comovido e à parte) – É preciso ser severo (Alto) Não há perdão!... semelhante escândalo... não se perdoa!... (À parte) eu creio... que exagero a severidade... ela está aflitíssima... (Alto) Não se perdoa!...

INÊS (Caindo de bruços a soluçar) – Eu... morro!... ah!...

MENDES – Inês!... Inês! (Erguendo-a) Perdoa-se... não posso mais... perdoa-se!... eu te perdô!... (Chorando).

INÊS – Oh!... oh!... sou feliz!... (Abraçando Mendes).

BENJAMIM (Enxugando os olhos) – Isto deve fazer mal... não, deve fazer bem aos nervos..

MENDES (Afastando brandamente Inês) – Deixa-me... tomar taba-co... (Tira a caixa e o lenço, enxuga os olhos, e toma tabaco).

BENJAMIM – Dê-me uma pitada... também preciso tomar tabaco (Toma).

PESTANA (Comovido) – Senhor... padrinho... eu... igualmente... se me faz a honra..

MENDES – Tomem... tomem tabaco (A Inês) que loucura foi essa, Inês?...

INÊS – Foi loucura, foi; mas a causa.. - é mesmo um negócio, de que eu tenho a falar a meu padrinho...

MENDES – Quando eu pensava em casar-te, em te arranjar noivo...

INÊS – Ah, o meu negócio com o padrinho era mesmo esse...

MENDES – Agora? já te perdoei; mas tem paciência: procedeste muito mal, e duvido que eu ache mancebo digno de ti, que deseje casar contigo...

BENJAMIM – Aqui estou eu, Sr. Mendes! eu desejo casar com ela...

MENDES – Reverendo!... que se atreve a dizer?...

BENJAMIM – Não sou frade, não senhor; eu sou o Benjamim que se chamava Antonica da Silva...

PESTANA (À parte) – O frade não é frade!

INÊS – E ele ama-me... e eu o amo, meu padrinho...

MENDES – Un!... agora entendo tudo!... foi a mecha que ficou ao pé do paiol da pólvora! Inês! como diabo vieste a saber que a Antonica da Silva era Benjamim?...

INÊS – Meu padrinho, foi um brinquedo de almas do outro mun-do... eu lhe contarei...

MENDES – Prefiro ouvir a lei da providência. (À parte) É o filho do Jerônimo!... Deus escreve certo por linhas tortas!... e o brejeiro do sacris-tão é bonito rapaz!...

INÊS (Tomando a mão de Mendes) – Meu padrinho!... meu padrinho!...

MENDES – Dou-te a pior das notícias... por ora nem pensar em casamento...

INÊS – Porque?...

MENDES – Teu pai está furioso contra ti: brigou comigo a tal ponto, que a nossa velha amizade quase ficou estremecida..

INÊS – Oh! é incrível...

MENDES – Faze idéia! o compadre foi falar ao vice-rei, e pouco tardará aqui, trazendo ordem para te darem baixa de soldado...

BENJAMIM (À parte) – Ai, ai! se eu pudesse dar-lhe alta...

INÊS – E que será então de mim?...

MENDES – Levada deste quartel em cadeirinha vais ser conduzida para o convento de Santa Tereza...

INÊS – Para o convento?... eu freira?... meu padrinho, sal-ve-me!... salve-me!

MENDES – Ah!... o compadre não me atende mais; brigou comigo de veras, e eu nada posso contra a autoridade de um pai.

INÊS – Freira! agora sim, arrependo-me do que fiz; freira!... meu padrinho!... senhor Benjamim...

BENJAMIM – Sr. Mendes!...

MENDES – Reverendo Antonica!...

BENJAMIM – Quer livrar sua linda afilhada do purgatório do con-vento? ...

MENDES – Quero; mas não sei como..

BENJAMIM – Em cinco minutos (A Pestana) O padrinho da menina me autoriza a levá-la comigo por breves momentos... o senhor deixa?...

MENDES – Eu autorizo.

PESTANA – Não saindo do quartel, fica salva a disciplina. Vá.

BENJAMIM (A Mendes) – Distraia este sargento (Leva Inês até a porta da sala da arrecadação e à porta dá-lhe o hábito de frade; Inês fecha a porta e Benjamim volta)

PESTANA – Vão à casa da arrecadação... que arrecadação ha-verá?

BENJAMIM – Sem dó nem piedade deixou-me em mangas de cami-sa!... Onde me esconderei (Olhando para uma porta) Tarimba!... Serve por enquanto... (Entra).

MENDES – Sr. sargento, desejava falar ao meu amigo Pantaleão da Braga, cirurgião do regimento.

PESTANA – O Despacha? ... está dormindo ali (Mostra) e agora que venha o mundo abaixo, não se acorda.

MENDES – Disso desconfiava eu; conheço-lhe o costume, e tanto que trazia-lhe uma carta para deixar em mão segura.

PESTANA – Quer que lha entregue?...

MENDES – Se me faz favor... (Entrega-lhe a carta).

CENA V

Mendes, Pestana, mulheres e homens que vão chegando, Inês com o hábito de frade.

PESTANA (A Mendes) – Aí vem a súcia de parentes dos recrutas (Volta-se) Temos gritaria?

INÊS —Vamos, meu padrinho...

MENDES – Oh! esta é de frade!... (Alto) Reverendíssimo, eu desejo acompanhá-lo... Sr. sargento, até logo...

PESTANA – Sua bênção, reverendíssimo! (Inês deita-lhe a bênção e vai-se com Mendes) Foi pro formula: não creio em semelhante fradeco.

CENA VI

Pestana, homens e mulheres, depois Benjamim de calções e em mangas de camisa.

UMA MULHER – Quero ver meu filho!

UM VELHO – Quero ver meu neto.

UMA VELHA – Quero ver meu sobrinho.

VOZES (Ao mesmo tempo) – Meu filho, meu neto, meu sobrinho!...

PESTANA – Hoje só depois do meio-dia poderão falar aos recrutas: retirem-se!...

TODOS (Cantam) – É um prender danado

Para soldado!

O povo está sem lei!

E um governo mau
Que leva tudo a pau
O do vice-rei,

PESTANA – Oh, cambada! e quem há de fazer a guerra? (Sussurro: Pestana gesticula no meio da gente).

BENJAMIM (Saindo da sala da tarimba) – A bela Inês foi-se com o padrinho... agora estou em talas... eu podia meter-me entre aquela gente; mas de calções e em mangas de camisa não fujo: (Abrindo portas e olhando) xadrez... safas... (Olhando para um quarto) Oh!... (Vai à sentinela) Cama-rada, quem dorme rocando ali?

SENTINELA – É o Despacha, o velho cirurgião do regimento.

BENJAMIM – E está ainda mais a fresca do que eu...

SENTINELA – E seu costume: mas quem é você?...

BENJAMIM – Vim ver meu irmão que foi recrutado; agora estava admirando como aquele homem ronca (Afasta-se e disfarça) ora... quem não se arrisca não ganha (Entra no quarto).

CORO

— Quem é moço, é recruta;
Sanha bruta
O vice-rei devora
Governo do diabo!
Que dele dêem cabo
Em boa hora!

(Antes de acabar o coro Benjamim sai do quarto com a farda, cabeleira branca, chapéu etc., do cirurgião e vai-se.)

CENA VII

Pestana, homens e mulheres, Pina e logo depois Paula.

PINA – Que motim é este? ... soldados! ponham fora essa gentalha! prendam os que não quiserem sair (Movimento de soldados: a gente vai saindo a empurrões de coice de armas, etc.)

CORO DA GENTE QUE SAI

A' el-rei! á el-rei!
A queixa do povo Paula
Contra o vice-rei
Não é caso novo (Vão-se. Os
soldados saem)

PINA (À parte) – O descontentamento do povo aumenta... o conde da Cunha devia tornar-se mais brando...

PAULA – Não encontrei o Peres nem na casa de negócio, nem no trapiche...

PINA – Pois ei-lo aí: tanto melhor...

CENA VIII

Pestana, Pina, Paula, Peres; logo Fr. Simão, uma cadeirinha e carregadores que esperam.

PERES (Muito grave.) – Trago uma ordem do senhor vice-rei (Entrega a ordem).

PINA (Abre e lê) – Em poucos minutos farei dar baixa e lhe entrega-rei o recruta que com o nome de Benjamim... perdão! Sargento Pestana!

PESTANA – Pronto.

PINA – O recruta que te confiei: imediatamente...

PESTANA (À parte) – E esta?... não me esqueci!... que estará fazendo ainda na arrecadação?... (Vai-se).

PINA (Baixo a Peres) – O Sr. Peres esteja certo que, adivinhando um segredo... fiz observar aqui o mais profundo respeito... (Pestana sai da arrecadação e aflito corre o quartel).

PERES —Obrigado.

FR. SIMÃO (Cumprimenta) – Vim rogar que me seja entregue o noviço que nos fugiu do convento..

PESTANA (Trêmulo.) – O recruta... desertou...

PINA – Que!...

PERES – Fugiu?

FR. SIMÃO – E o noviço?

PESTANA – Esse foi-se logo...

PINA – Chamada geral!... (Pestana corre para o quartel) Sr. Peres, hoje mesmo será plenamente cumprida a ordem do senhor vice-rei (A Paula) Alferes, siga com soldados de escolha... quero preso o desertor!... (Toque de chamada geral, os soldados formam-se: movimento).

FR. SIMÃO – E o noviço?... (Continua o toque e o movimento).

PINA – Ora, reverendíssimo!... que tenho eu com o noviço? mande uma escolta de frades atrás dele!... (Fr. Simão benze-se).

PANTALEÃO (Pondo a cabeça muito calva fora da porta) – Capitão! não posso acudir à chamada, porque me furtaram todo o fardamento e a cabeleira!...

PINA – Sr. alferes Paula, escolha a escolta e siga (Paula obedece) Sargento Pestana!

PESTANA – Pronto!

PINA – Está preso: recolha-se ao xadrez (Pestana aterrado recolhe-se; Paula sai com a escolta) Sr. Peres, vou proceder a indagações...

PERES – E eu esperarei aqui até a noite pelo cumprimento do seu dever..

FR. SIMÃO – E por fim de contas o noviço?...

PINA – Que teima!... por fim de contas faça de conta que o noviço desnoviciou-se.

VOZES (Em coro dentro)

— Á el-rei!... á el-rei!.

A queixa do povo

Contra vice-rei

Não é caso novo!...

PINA – Ainda mais isto!... motim do povo!... (Aos soldados em forma) Firme!... sentido!... (Dá um sinal ou ordem; os tambores e cornetas dão sinal de reunião extraordinária, que se mistura com o coro repetido A el-rei, á el-rei).

ATO QUARTO

Sala na casa de Mendes: À esquerda, três janelas com engradamento de madeira e nele postigos à altura dos parapeitos e outros rentes com o assoalho; porta de entrada, ao fundo; portas à direita, mobília do tempo.

CENA PRIMEIRA

Mendes e Inês com vestido de seu sexo e logo Benjamim.

MENDES – Estou reduzido a ama-seca!

INÊS – Sou-lhe pesada, meu padrinho, bem o vejo.

MENDES – Tu não pesas nada, a começar pela cabeça, que é de vento; mas quebraste-me as pernas: não posso sair, deixando-te só...

INÊS – Mas meu padrinho podia ao menos escrever a alguns amigos seus...

MENDES – Escrever o que?...

INÊS – Bem sabe... a favor... dele... (Vergonhosa)

MENDES (À parte) – Não faz mais cerimônias!... e eu que ralhe!... ora... seria ralhar com a natureza!...

INÊS – Que diz, meu padrinho?... escreve? ...

MENDES – Preciso antes de tudo livrar-te da fúria do compadre...

INÊS – Sim... por certo: entretanto... Benjamim deve estar em torturas naquele quartel...

MENDES – Hei de ocupar-me dele... mas ainda não jantaste...

INÊS – Não tenho fome... pobre Benjamim!

MENDES – Benjamim!... Benjamim! come alguma coisa, menina...

INÊS – Não posso... é impossível, meu padrinho (Sussurro, movimento na rua).

MENDES – Que será isto?... (A um postigo algo).

INÊS – Também quero ver... (Indo).

MENDES – Sim... mostra-te ao postigo... teu pai...

INÊS(Recuando) – Ah! tem razão.

VOZES (Dentro) – Viva o vice-rei! viva o Conde da Cunha!...

MENDES – Que berraria! homens e mulheres a valer!

CORO (Que vai passando)

— Já temos amparo,
Providência e lei...
Viva o pai do povo!...
Viva o vice-rei!...

VOZES – Viva o Conde da Cunha!... viva!...

INÊS – Maldito seja esse vice-rei!... (O povo segue cantando.)

MENDES – Eis aí o que é o povo! hoje de manhã bradava contra... depois do meio-dia canta a favor!...

INÊS – E o infeliz Benjamim nas garras do vice-rei!...

CENA II

Mendes, Inês, e Benjamim ainda fardado.

BENJAMIM (Precipitado) – Quem foge, não pede licença...

INÊS – Oh!...

BENJAMIM – Oh!

MENDES – Homem, você tem faro de cachorro!... mas que impru-dência... esta porta aberta?... (Vai trancá-la).

INÊS (Alegre) – Como pode escapar, Sr. Benjamim?...

BENJAMIM – Descobri num quarto um oficial velho a dormir... furtei-lhe o fardamento, que despira, e também a cabeleira e o chapéu... e saí do quartel a marche-marche...

MENDES – E descobriu também logo a minha casa pela regra de que o diabo ajuda os seus!...

BENJAMIM – Oh! o diabo, não! desta vez quem me ajudou foi... mesmo o Sr. Mendes...

MENDES – Eu?... como é que eu fui o diabo?...

BENJAMIM (Canta.) – Andava em corrida

Por onde não sei,
Sem pedir guarida,
Sem saber de mim;
Mas longe avistei
Pior que um malsim,
Uma grande escolta
Lá do regimento;
Faço meia volta,
Logo em seguimento
Entro em cadeirinha'
Caminha!... caminha!...
Vou sempre dizendo
Talvez meia hora...
Escuto fervendo
O povo a gritar...
Exponho-me a olhar...
Que belo!... é agora
Patuleia grossa,
Viva o vice-rei!
Cadeirinha fora.
Meto-me na troça
Viva o vice-rei!

E na troça a andar
Aqui ao passar
Descubro ao postigo
Daquela janela
Cabeça de amigo;
É o Mendes! digo,
Escapo à seqüela
E zás... corredor;
A escada subi...
E enfim eis-me aqui
Entregue ao senhor.

INÊS – Meu padrinho foi a providência!...

MENDES (À parte) – Logo vi que ela descobria a providência nesta nova embrechada! (Alto) E agora?...

BENJAMIM – É nítido: ou me asila, ou me despede; se me despede, torno para o quartel, para os franciscanos não volto.

INÊS – Asila, meu padrinho, asila, e sabe melhor do que nós o que há de fazer. Já jantou?...

BENJAMIM – Qual! e confesso... estou morrendo de fome!...

MENDES – Ela resolve todas as questões, e decide da minha vontade, como se talhasse um vestido.

INÊS – Eu também tenho muita fome. Meu padrinho, vamos jan-tar?...

MENDES (À parte) – Então?... chegou-lhe de repente o apetite!... o rapaz curou-a do fastio! (A Inês) Eu jantei, enquanto estavas tomando os vestidos do teu sexo. Comam alguma coisa... isso não é jantar... é um petisco (Os dois sentam-se)

INÊS (Enquanto Benjamim serve) – Isto aqui é céu aberto!... meu padrinho tem tudo, e até uma menina sua vizinha, que é por força do meu corpo, e que lhe emprestou vestido completo para mim... (Comem).

BENJAMIM – A senhora não repare no meu assanhamento devora-dor... no convento puseram-me de penitência!...

INÊS – Coma... não se vexa... (Come).

BENJAMIM – Como... como... (Comendo) O vestido da vizinha assenta-lhe muito bem... (Comendo).

MENDES (À parte) – Que dois pombinhos!... é natural! o compadre que vá plantar couves; ele fez a mesma coisa com a comadre.

INÊS – Viva meu padrinho! (Toca no copo).

BENJAMIM – Viva o nosso anjo protetor! (Bebe).

MENDES – Obrigado. (À parte) Fazem-me pau de cabeleira; mas eu deito-lhes água. na fervura. (A Inês) E se chegar teu pai com a cadeirinha?...

INÊS (Levanta-se) – Meu padrinho me defenderá.

MENDES – Teu pai tem a lei por si.

INÊS – Sou capaz de atirar-me da janela abaixo.

BENJAMIM – E eu logo atrás: juro-o! dora avante o que ela fizer, eu idem!...

VOZES (Dentro) – Viva o vice-rei! viva o Conde da Cunha.

BENJAMIM – E a troça que volta (A Inês) vamos acabar de jantar.

INÊS – E maldito seja o vice-rei! (Vão para a mesa).

CORO (Dentro.)

— Viva o vice-rei
Nosso protetor!
Viva o pai do povo
Viva o benfeitor (O coro passa)

BENJAMIM— Oh, pois não!... o Conde da Cunha é boa jóia (Come). MENDES (À parte) – Só o amor honesto e puro merece proteção: Inês está deveras apaixonada; mas... quero fazer uma experiência...

BENJAMIM – Dá licença que eu faça uma saúde à sua linda afilhada?

MENDES – Homem, faça quantas saúdes quiser com a condição de não me pedir licença (À parte) Que diabo de papel querem eles que eu represente!

BENJAMIM – Senhora Inês... não digo mais nada! (Bebe).

INÊS – Sr. Benjamim... (Bebe: levantam-se).

MENDES – Vamos agora ao positivo: eu só vejo um recurso para vocês dois.

INÊS – Proposto por meu padrinho, aceito-o de olhos fechados.

MENDES – Vou alugar já um barco: vocês fogem nele para Macacu, e, lá chegados, tratam logo de casar-se...

BENJAMIM (Olhando Inês) – Espero... que ela fale... já o disse, eu atrás... sempre idem! (À parte) Se ela quisesse!...

INÊS – Perdão, meu padrinho!... (Triste) Não fugirei com um ho-mem que ainda não é meu marido.

BENJAMIM (À parte) – E então?... olhem, se eu me adianto!... nada: agora é sempre depois! o que ela fizer eu idem!.

MENDES (Abraçando Inês) – Reconheço-te! (Aperta a mão de Benjamim) Respondeste, como devias, rapaz! muito bem!...

BENJAMIM – Ora!... pode crer que sou homem muito sério! (À parte) Olhem, se eu me adianto...

MENDES – Podem contar comigo: Inês, hei de casar-te com o... filho do Jerônimo...

INÊS – Mas quem é o filho do Jerônimo?

BENJAMIM – Não é ninguém... sou eu mesmo

INÊS – Oh, padrinho!... (Beija-lhe a mão e abraça-o) Sr. Benjamim, cantemos, saudando a nossa felicidade!. . .

BENJAMIM – Pronto!... cantemos...

MENDES – Vocês já me encantaram bastante; mas cantem! can-tem!...

INÊS (Canta) – Amor é flama ardente: mas cuidado
tenho no fogo ativo;
Amo; mas meu amor é sem pecado;

Sou moça de juízo

E assim gozo o encanto
Do amor que é puro e santo.

BENJAMIM – Amor é flama ardente, e me devora
Como fogo em palheiro;
Sou porém rapaz sério, que ama, adora

E nunca foi gaitero,
Eu amo apaixonado;
Mas puro... sem pecado.

MENDES – Assim é que é... honestidade sempre...

INÊS – Certa é nossa dita

BENJAMIM – Do céu é favor!...

BENJAMIM e INÊS – Padrinho, padrinho

Nós temos juízo!...

Abençoe o siso

Deste nosso amor!...

Padrinho, padrinho,

Abençoe amor!...

MENDES (À parte) – E o brejeiro do Antonica da Silva também já me chama padrinho!... (Alto) Pois lá vai... isto é sério: (Deita a bênção aos dois) E agora quer sim, quer sopas, senhor compadre Peres! (Batem na escada) Oh! diabo! se fosse ele!... (Indo à porta) Quem me honra?...

PANTALEÃO (Dentro) – Pantaleão de Braga.

MENDES – Oh! meu velho Pantaleão!... entra!... (Abre a porta).

CENA III

Mendes, Inês, Benjamim e Pantaleão, de capote de escocês, calções, em manga de camisa, sem cabeleira, e de alto chapéu de Braga.

PANTALEÃO (À porta) – Se não fosse à urgência da tua carta, eu não vinha cá tão cedo (Abre o capote) Vê a miséria em que me deixaram.

MENDES – Como foi isso?...

PANTALEÃO – Apanharam-me dormindo no quartel e furtaram-me todo o uniforme e a cabeleira!..

BENJAMIM (A Inês) – É a minha vítima! eis-me em nova entalação.

MENDES – Entra (Trancando a porta) Fase de conta que o rapaz é meu filho... quanto à menina...

PANTALEÃO (Tirando o chapéu) – Oh!... a menina Inês!... a travessa!... (Inês cumprimenta de olhos baixos) Senhor... senhor... (Fica embasbacado, olhando para Benjamim).

MENDES – Que é? ... ficaste de boca aberta. Pantaleão?...

BENJAMIM (Depois de alguns momentos despe a farda, tira a cabeleira, e as entrega com a espada e o chapéu a Pantaleão) – O senhor pode emprestar-me o seu capote?

MENDES (Rindo) – Ah! ah! ah!... entendo agora o caso!... empresta-lhe o capote, Pantaleão!... o que o rapaz fez não foi por mal... eu te contarei tudo...

PANTALEÃO – Então empresto o capote (Farda-se, toma a cabeleira, etc.; Benjamim veste o capote) A tua carta me foi entregue, quando (Pondo a mão no ombro de Inês) já estava lavrada a baixa do soldadinho, a pesar de desertor...

MENDES – E o verdadeiro Benjamim?

BENJAMIM – É verdade, o Benjamim verdadeiro?... estou curioso de saber o que é feito desse bargante...

PANTALEÃO – Frades por um lado, e soldados por outro dão-lhe caça; mas agora... a cidade está em festa...

MENDES – Sim... grande vozeria e cantos: que novidade há? (Os três chegam-se a Pantaleão).

PANTALEÃO – Pois não sabem? ... O vice-rei acaba de publicar pelas esquinas das ruas ordem para se casarem todos os homens solteiros em idade de tomar esse estado sob pena de recrutamento...

INÊS – É uma lei muito sábia!

BENJAMIM – Eu idem. É muito sábia!...

PANTALEÃO – E isentando do serviço militar os já designados para recruta, e os próprios recruta que ainda não assentaram praça e que tive-rem noivas que com eles queiram casar...

INÊS – Viva o vice-rei Conde da Cunha!...

BENJAMIM – Viva o conde da Cunha vice-rei!...

MENDES (Muito alegre) – Benjamim, estás livre!...

PANTALEÃO – É o Benjamim!... fizeste muito bem em me furtar o fardamento!...

MENDES – Agora o único embaraço é o compadre...

PANTALEÃO – Está desatinado; brigou comigo no quartel; porque procurei consolá-lo... brigou com o capitão Pina... brigou...

MENDES – Hei de ensiná-lo. Pantaleão, podes ir já falar ao bispo em meu nome, e voltar aqui em meia hora?

PANTALEÃO – Estás maluco? ... não sabes que o bispo anda em visita de paróquias e foi para Minas?...

MENDES – Ora... é verdade... saiu há dois dias... que fazer?...

PANTALEÃO – Homem, cai-te a sopa no mel! o vigário geral ficou com o expediente do bispado...

MENDES – Oh! o cônego Benedito!... o nosso parceiro da manilha!... Pantaleão dá um pulo á casa do Benedito... conta-lhe toda a história de Inês e de Benjamim... e diz-lhe que vá esperar-me já... em vinte minutos... na igreja... na igreja...

PANTALEÃO – Do Rosário, que lhe fica a dois passos, e que é a do Cabido...

MENDES – Sim... na igreja do Rosário...

INÊS – Para que, meu padrinho?

MENDES – Para conceder todas as dispensas, e casar-te ele mesmo com o Benjamim...

INÊS – Ah!

BENJAMIM – Pronto! (À parte) Agora adiantei-me.

MENDES (A Pantaleão) – Ainda aqui!... vai!

PANTALEÃO – O Peres é capaz de estrangular-me!

MENDES (Empurrando-o) – Vai depressa, ou não prestas para na-da... anda!

PANTALEÃO – Pois não era melhor irmos já todos à casa do cône-go?

MENDES – Sim!... muito bem lembrado... vamos todos. Vá chamar uma cadeirinha para levar Inês...

PANTALEÃO (Ao postigo) – Ali estão duas...

MENDES (A Inês e a Benjamim) – Vamos... não há tempo a per-der...

INÊS – Meu padrinho... hei de ir casar-me sem levar ao menos véu de noiva?...

BENJAMIM – Sr. Mendes, quer que eu vá casar-me de capote e sem cabeleira?

MENDES – E se chegar o compadre com a cadeirinha?

INÊS – Já, padrinho!... (Batem na escada) Oh!...

MENDES (A porta) – Quem é?...

JOANA (Dentro) – Sou eu, compadre!..

MENDES – Ah, comadre!... num instante (A Inês) Entra aqui, meni-na! (Inês entra num quarto à direita; Mendes tranca a porta e tira a chave) O senhor aqui... (A Benjamim).

BENJAMIM – Quanto luxo de salas e de acomodações! o noivo e a noiva cabiam muito bem num quarto só.

MENDES – Ande (BENJAMIM entra; Mendes tranca a porta) Eu sei lá, se a comadre está de acordo com o marido! (A Pantaleão) Ela entra, e tu sais; agora é força mudar o plano. Traze-me já contigo o nosso Benedito (Vai abrir a porta).

CENA IV

Mendes, Pantaleão que sai, Joana e Brites.

MENDES – Desculpe a demora, eu despedia o Pantaleão... Comadre! menina Brites... (Saudando).

PANTALEÃO – Minha senhora!... menina!... (Cumprimentam-se) Eu ia sair... (Saúda e vai-se; Mendes fecha a porta).

JOANA – Compadre! e minha filha?... sua afilhada?...

MENDES – Quando cheguei ao quartel de Moura, já Inês tinha dali fugido! é uma doida de pedras!...

JOANA – E; mas agora... eu contava tanto com o compadre!...

BRITES – Sr. Mendes... a nossa esperança era a sua proteção...

MENDES – Comadre, seu marido quer por força levar Inês para o convento de Santa Tereza...

JOANA – Já sei... e é sem remissão!... oh! coitada de minha fi-lha!...

MENDES (Á parte) – Bom! bom! (Alto) ela merece todos os casti-gos!... mas sendo freira, não fica por isso menos desacreditada!...

BRITES – E meu pai ameaçou-me com igual destino.

MENDES – Não é só ameaça; é resolução formada.

BRITES – Defenda-nos Sr. Mendes; pelo amor de Deus defenda-nos! eu então que não fiz nada!...

JOANA – Mas onde estará a desgraçada!

MENDES – Criminosa! muito criminosa!...

JOANA – Oh!... também o senhor contra ela?... que é do seu amor de padrinho?... oh, minha filha!

MENDES – E que a comadre não sabe que Inês cometeu outro crime...

JOANA – Qual?... qual?...

MENDES – Fugiu do quartel em companhia de Benjamim!...

JOANA – Ah, maldito sedutor!...

MENDES – Já vê que não há perdão para essa menina... desmiola-da... não há... eu voto contra o convento; mas... cinco anos pelo menos no recolhimento do Parto...

JOANA – Oh!... algozes de minha filha!...

MENDES – Isso é fraqueza maternal! olhe: hoje ou amanhã apanham e prendem o casal desmoralizado... o casal não casado!... não pode haver perdão... não pode... não pode...

JOANA – Pode! no coração da mãe há sempre perdão e amor para a filha infeliz!... oh! só encontro algozes... mas... (A Mendes) saiba... esta mulher fraca humilde... submissa... agora é leoa enfurecida... eu vou correr pelas ruas... (Inês bate na porta do quarto) hei de achar Inês!... hei de achar minha filha! (Querendo sair).

INÊS (Dentro) – Mamãe!... mamãe!... estou aqui...

JOANA – Minha filha!... (Ao mesmo tempo e tido sabendo donde vem a voz).

BRITES – Inês!...

MENDES (Dando a chave) – É ali... é ali... (Mostrando, e querendo chorar) Tabaco... tabaco... (Toma tabaco).

JOANA (Abre a porta) – Minha filha!... (Abrindo os braços).

CENA V

Mendes, Joana, Brites, Inês e logo Benjamim.

INÊS —Mamãe!... (Abraçam-se chorando).

BRITES – Inês! Inês!...

INÊS – Brites!... (Abraçam-se).

JOANA (Ajoelhando diante de Mendes) – Anjo do céu!

MENDES (Muito comovido levanta-a) – Comadre...não faça isso... ah!... eu acabo com as ternuras!!... olhem que falta o epílogo da novela (Abre a porta do outro quarto) Sai, epílogo!

BENJAMIM (Saindo: diz à parte) – Vou apreciar o efeito da minha inocente aparição (Fingindo vexame) Ai! duas caretas!... (De olhos baixos).

JOANA – Oh!... o senhor... (Com ressentimento e dureza).

BRITES (Com desgosto) – O senhor!...

BENJAMIM (À parte) – A resposta lógica era-as senhoras!... mas não respondo, não; o calado é o melhor.

MENDES – Comadre, sem ele o casal ficava incompleto...

JOANA – Que é isto de casal, compadre? ...

MENDES – Não é ainda: mas vai ser casal; se pode arranjar de outro modo as coisas dignamente para Inês, diga o meio, e eu faço voltar para Macacu o Antonica da Silva.

JOANA – Compradre, não me ponha em funduras com o Peres!

MENDES (Batem com força) – Há de ser o Pantaleão com o cônego. (À porta) Quem bate?...

PERES (Dentro) – Sou eu, Mendes. (Voz grave; movimento geral).

INÊS – Meu padrinho... meu padrinho...

MENDES (A Inês e Benjamim) – Escondam-se onde estavam. Tranque as portas, comadre (Vai ao postigo; os dois escondem-se; Joana tranca as portas; mas deixa as chaves) O selvagem trouxe a cadeirinha, mas não me dou por vencido. (Abre a porta) Entra, Peres.

CENA VI

Mendes, Joana, Brites e Peres.

PERES (Entra olhando para todos os lados) – Que vieram fazer aqui?... (A Joana e Brites com dureza)...

JOANA – Peres, sou mãe, vim pedir ao compadre notícias de minha filha.

BRITES (A tremer) – Meu pai, eu acompanhei mamãe.

MENDES (À parte)— Quero só ouvir o que lhes diz o bruto.

PERES – Eu tinha ordenado que não saíssem de casa: quiseram dar-se em espetáculo!... (Áspero).

MENDES – (Saudando) – Muito boa tarde, compadre.

PERES – Não vim fazer cumprimentos; vim dizer-te que me hás de entregar Inês... e já!..

MENDES (Tirando a caixa) – Compadre, toma tabaco.

PERES – Soube enfim o que se passou: a perversa fugiu do quartel com um velho, a quem chamava padrinho; é claro. Trouxeste-a contigo. Quero que me entregues Inês!

MENDES – Peres, vai dormir, e volta amanhã.

PERES – Não me provoques... vê bem!... eu estou fora de mim...

MENDES – E queres que eu entregue minha afilhada a um homem que está fora de si?... compadre, toma tabaco..

PERES – Velho imoral e petulante!...

JOANA – Peres!... é o nosso compadre.. o padrinho de minha filha...

PERES (Violento) – Inês não é tua filha!... a per... ver... sa!... farei dela o que eu quiser... filha?!!! pois bem: é... filha de mim só!...

MENDES – Compadre, isso é asneira! como poderias ter essa filha, tu só e sem concurso da comadre?

PERES (Furioso) – Desgraçado!... quero levar Inês... hei de descobri-la aqui.

MENDES – Pois eu seria tão tolo que trouxesse Inês para a minha casa?... procura-a... anda... (Inês espirra.)

PERES (Voltando-se.) – Alguém espirrou... foi ela! (Comoção de Mendes, Joana e Brites.) Onde? ...

MENDES – Ora, que ilusão!... compadre, ninguém espirrou! Não tens a quem dar dom inus tecum! (Inês espirra).

MENDES – Que espirro fatal! antes Inês não tivesse nariz- mas eu vou recorrer a uma moratória. (Vai-se).

CENA VII

Joana, Brites, Peres e Inês quase arrastada.

PERES – Estás em meu poder, filha indigna! vem... vem!...

INÊS (Quase sufocada) Mamãe!...

JOANA – Peres! é minha filha!... perdão!...

BRITES – Meu pai!...

PERES (Perto da porta da escada) – Arredem-se desonrou-se... desonrou-me... seja-lhe sepultura o convento!

CENA VIII

Joana, Brites, Peres, Inês e Mendes.

MENDES – Podes levá-la, compadre; mas olha, que arrastando-a pe-las ruas que estão cheias de povo, vais expor-te e expô-la às zombarias e às risadas de todos...

PERES – Se ela pusera cabeça fora da cadeirinha, mato-a!...

MENDES (Rindo) – E que, abusando do teu nome, mandei embora a cadeirinha... teus escravos me obedeceram... e foram-se.

PERES – Padrinho corrompido e corruptor!... não faltam cadei-rinhas de aluguel a passar, e vê o que faço a teu despeito e em tua própria casa (A Inês) Filha amaldiçoada, espera aqui! (Abre a porta do quarto onde está Benjamim: empurra Inês para dentro tranca a porta e tira a chave).

JOANA – Peres, aí não, Peres!... (Mendes puxa Joana).

BRITES – Meu pai! nesse quarto, não! (Mendes puxa Brites).

PERES (Ao postigo) – Há de passar alguma cadeirinha...

JOANA – Peres! não sabe o que fez!... (Mendes puxa-a).

MENDES (As duas) – Calem-se!... estão entornando o caldo...

JOANA – Minha filha não pode estar trancada... ali...

BRITES – Não pode, meu pai; atenda!...

PERES (Ao postigo) – Pode e quero!... está muito bem... está perfeitamente naquele quarto! é minha vontade que ali fique... uma. duas horas até que passe uma cadeirinha! (Joana e Brites agitadas).

MENDES – Aprovo, compadre, aprovo, e tomo tabaco. (Toma).

CENA IX

Joana, Brites, Peres, Mendes, Pantaleão, Cônego Benedito e logo, Inês e Benjamim.

PANTALEÃO – Eu e o nosso amigo cônego Benedito (Entram).

MENDES (A Benedito) – Chegou a propósito, meu vigário geral!

BENEDITO (Aperta a mão de Mendes) – Sra. Joana! menina Brites! (Cumprimenta).

PERES – Cônego! (Vem apertar-lhe a mão).

BENEDITO – Peres!... sei que aflição te consome; há, porém, na igreja remédio para todos os sofrimentos. Que é da menina Inês, contava com ela aqui... e vim...

PERES – Inês está trancada por mim naquele quarto; mas quem dispõe do seu destino, sou eu só,

MENDES – Tal e qual, meu amigo, e tanto que ele trancou-a no quarto, deixando-a fechada e só com o seu namorado!...

PERES – Oh!... calúnia infame!... (Abre a porta do quarto e saem dele Inês e Benjamim) Miserável! (A Benjamim, Benedito sustem Peres).

BENJAMIM – Oh, e esta? tenho eu a culpa de que o senhor trancasse a menina no quarto, onde eu estava tão sossegado!...

BENEDITO – Vem cá, Peres!... (A um lado) Não estás vendo, que a providência o quer?...

PERES – Juro que não sabia... que ele estava lá...

BENEDITO – Mas à vista de nós todos... tua filha trancada por ti nesse quarto... saiu dele com um mancebo que a ama, que é amado por ela, Peres!...

MENDES – E que mancebo!... o filho do teu amigo Jerônimo, que te salvou a vida!... (Aos dois).

PANTALEÃO – E que idéia! estamos juntos os quatro parceiros do costume... depois do casamento jogaríamos a nossa manilha!...

PERES – Compadre, dá cá tabaco!

MENDES (Dando-lhe) – Toma! toma! eu tenho plena confiança no teu nariz...

BENJAMIM – Bela Inês!... a nossa felicidade vai sair daquela pita-da... estou quase indo também pedir...

INÊS (A Benjamim) – Não quero... é muito feio... não desejo que o senhor se acostume.

BENEDITO – E então?... Peres!...

PERES – Inês... minha filha, perdôo-te!... abençôo-te!... (Choran-do) Nem pensas, como isto é doce!... Benjamim!... manda dizer a Jerônimo que és meu filho!... Joana!... minha santa velha!... (Abraçam-se Inês, Joana, Benjamim e Peres.)

BRITES (Radiosa) – E eu também livre do convento!...

MENDES – E agora eu, senhor malcriado e insolente compadre Peres!... (Muito comovido).

PERES (Abraçando Mendes) – Mendes!... Mendes!... (Chorando) dá-me mais tabaco!... (Enquanto Joana Brites, Inês, Benjamim, Pantaleão e Benedito se abraçam).

FIM

LUXO E VAIDADE

COMÉDIA ORIGINAL EM CINCO ATOS

Representada pela primeira vez, a 23 de Setembro de 1860, no Teatro Ginásio, pela Companhia Dramática Nacional.

PERSONAGENS:

MAURÍCIO - empregado público.

ANASTÁCIO - fazendeiro.

FELISBERTO - marceneiro.

HENRIQUE - pintor.

REINALDO - coronel.

O COMENDADOR PEREIRA

FREDERICO

PETIT - criado francês.

PRIMEIRO MÁSCARA.

SEGUNDO MÁSCARA.

HORTÊNSIA - mulher de Maurício.

LEONINA - filha de Hortênsia.

FABIANA

FILIPA - filha de Fabiana.

LÚCIA - Filha de Reinaldo.

FANNY - inglesa; mestra de Leonina.

Máscaras de ambos os sexos.

A ação é passada na cidade do Rio de Janeiro.

Época: a atualidade.

ATO PRIMEIRO

Sala, ornada com esmero e luxo; portas, ao fundo e aos lados, dando comunicação para o exterior e para o interior da casa.

CENA I

Fanny, que entra pelo lado direito; Petit, que ao mesmo tempo aparece à porta do fundo.

PETIT (Suspirando) - Miss Fanny!

FANNY (Estremecendo) - Ah!...monsieur Petit! Ficar muito sustada...este non se use n'Ingliterre.

PETIT - Oh! non tem que assusta; eu venha aproveitar momento delicioso de conversa sozinha com miss Fanny em uma tête-à-tête impreciable.

FANNY - Mim ficar muito envoranhada com este conversacion.

PETIT - Oh! miss Fanny, non tem vergonha! vergonha non presta por nada: gente que tem vergonha, non sabe arranja sua vida. (Olhando para dentro) Onde está as senhoras?

FANNY - Poder estar segura: madame fique sentada de frente de toucador, e pinta suas cabelinhas brancas; e mademoiselle estar no janela de sala grande olhando repagão barbude do sobrado de esquina.

PETIT - E senhor Maurício estar em sue gabinete lendo contas de despesa e roendo as unhas: então nosso tête-à tête se prolongue duas horas; porque madame tem muito que pinta, mademoiselle muito que olhe, e senhor Maurício muito que róe.

FANNY - Oh! mas este non se use n'Ingliterre; done deste case ganhe cinco e gaste cinquenta; este família ser gente de imposture: contracta mim para ensina inglês mademoiselle, e non paga minhas ordenados cinco meses! Mim há de faz queixa a ministro inglês.

PETIT - Esta gente non ande direita. Senhor Maurício tem bola virada, e madame non tem bola para virar; non pode gastar e faz ostentação, e tem em casa professora de inglês para mademoiselle, e criado francês para servir na sala; mas também quatro meses que eu non recebe meus salários, e se miss Fanny non mora nesta casa, eu bota logo pés na rua.

FANNY - De même sorte mim non poder ficar separade de monsieur Petit.

PETIT - Oh! este confissão me torne verdadeiramente um grande Petit! Miss Fanny, vamos deixar esta casa, vem dar coroa de felicidade ao meu amor.

FANNY - Oh! Este non se use n'Ingliterre; mim non poder dar coroa de felicidade, sem ver padre católica bota mão de Petit em cima de mão de Fanny.

PETIT - Eu non ponha dúvida em fazer aliança anglo-francesa com miss Fanny...é maior ventura que suspira!

FANNY - Então, mim dar corôa de felicidade: confessa que estar muito desejos e...

PETIT (De joelhos e beijando-lhe as mãos) - Miss Fanny! Oh! quel bonheur!

CENA II

Petit de joelhos, Fanny e Anastácio, que aparece à porta do fundo; vem trajando à viajante e traz botas grandes e esporas.

ANASTÁCIO - Oh lá...que par de galhetas! Parece uma coruja que ouve em confissão a um macaco d'Angola!...

FANNY - Ah! Ficar muito vergonhade!...este non se use n'Inglaterra.

PETIT (Levantando-se) - Que diabo de mineiro! (Indo à porta) Non entra na sala com esses botas que traz lama!...

ANASTÁCIO - Não entra na sala!

PETIT (Firme, diante de Anastácio) - On ne passe pás!

ANASTÁCIO (Ameaçando-o) - Arreda-te, malandro! Quando não...

PETIT (Firme) - La garde meurt, elle ne se rend pás!

ANASTÁCIO (Dando-lhe um murro) - Insolente!...(Entra)

PETIT (Caindo) - Au secours!...au secours!...

FANNY - Mim vai grita quem de rei, e chama dona de casa! Este non se use n'Inglaterra.

CENA III

Petit, Anastácio, e logo Leonina.

ANASTÁCIO - Entrei como Palafox em Saragoça!

LEONINA - Que é isto?...Que aconteceu?

ANASTÁCIO (Á parte) - Que mocetona! É a tal cabecinha de vento, sem dúvida.

PETIT - É este mineiro que arruma soco inglês, e entra à força na sala com essas botas que traz lama.

LEONINA - E por que não havia de entrar, uma vez que vem procurar a meu pai ou a minha mãe? (Com austeridade.) Retira-te.

PETIT (À parte) - Ah! Sapristi!...(Vai-se)

LEONINA - O senhor quer ter a bondade de sentar-se?

ANASTÁCIO (Sentando-se) - Sou capaz de apostar que a menina não adivinha quem eu sou.

LEONINA (À parte) - A menina!...já se vê que este homem é grosseiro. (A Anastácio) Certamente, que não tenho a fortuna de o conhecer.

ANASTÁCIO - Ora aí está, como são as coisas! Eu conheço a menina como as palmas das minhas mãos.

LEONINA (À parte) É um velho doido! (A Anastácio) - Não admira, porque eu sou bastante conhecida, pelo menos na alta sociedade do Rio de Janeiro.

ANASTÁCIO - Pois não deve ufanar-se disso. O que mais convém a uma senhora honesta é que não se fale muito em seu nome, nem em bem e ainda menos em mal; e a uma menina solteira o que melhor assenta é, recolhida no seio da modéstia, fazer-se notar pela virtude que não se ostenta, e que, no entanto, excita a admiração, por isso mesmo que não procura louvores.

LEONINA - Meu senhor, eu prefiro que em lugar de dar-me conselhos, que não pedi, diga-me o que pretende e se deseja falar a meu pai.

ANASTÁCIO - Já agora conversaremos um pouco; hei de provar que a conheço bem: sou um velho feiticeiro que adivinha a vida, os pensamentos e até os segredos do coração das moças! Olha para mim sorrindo-se?...pois escute: a menina chama Leonina, e bem que assevere a todas as suas camaradas que conta somente dezessete anos de idade, vai completar os seus vinte dois justinhos daqui a cinco dias.

LEONINA - Senhor!

ANASTÁCIO - A menina toca alguma coisa o seu piano; canta um pouco mal a sua ária italiana; tem de cor algumas frases do francês; desenha um nariz que parece uma orelha; dança e valsa noites inteiras nos bailes; passeio e conversa

sem vexame com os rapazes, e presume por isso que tem uma educação completa. Engano, menina! A Verdadeira educação de uma moça é aquela que, antes de tudo, deve torná-la uma boa mãe de família; a outra, a educação fictícia, aquela que recebeu, e que muitas recebem, pode dar em último resultado excelentes e divertidas namoradas, porém esposas extremosas e mães dignas deste nome sagrado, palavra de honra que não, minha senhora!

LEONINA - O senhor tem a idéia de ofender-me?

ANASTÁCIO - A sua história é em tudo semelhante à de muitas outras. Cedo, bem cedo foi a menina arrastada para o turbilhão das festas ardentes, onde o delírio segue de perto a alegria, a sensibilidade se embota, e o fingimento usurpa o lugar da inocência; e a menina, na idade em que devia ainda brincar com bonecas, sonhou com amores e conquistas, amou ou supôs amar ao próximo antes de amar a Deus, e só se lembrou da igreja lembrando-se do casamento.

LEONINA - Assim mesmo para um roceiro, o senhor fala corretamente! É provável que seja eleitor e juiz de paz na sua terra.

ANASTÁCIO - Dentro em pouco a vaidade encheu de teias de aranhas essa cabecinha de criança. A menina realmente não é feia, julga-se, porém, a primeira formosura das cinco partes do mundo: critica e murmura desapiedadamente até das suas próprias amigas, e supõe-se por isso muito espirituosa; é filha de pais muito honrados, mas tão plebeus como este seu criado, e presume-se fidalga de sangue azul e torce o biquinho a todo aquele que na tem excelência de jure, e quinze avós ainda mesmo arranjados de encomenda entre os descendentes dos doze pares de França.

LEONINA - Isso é demais! (Levanta-se) Eu vou chamar meu pai, que o fará sair imediatamente desta casa!

ANASTÁCIO - Escute ao menos um segredo do seu coração...

LEONINA - Um segredo! (Com orgulho.) Que pode o senhor saber de mim?...

ANASTÁCIO - Foi, há dois meses; a menina encontrou no Clube Fluminense um elegante mancebo que lhe fez a corte, e, ou porque realmente gostasse do seu novo apaixonado, ou porque não achasse inconveniente em acrescentar mais um nome à lista dos seus namorados, mostrou corresponder ao amor desse jovem; os encontros repetiram-se nos bailes; das conversinhas misteriosas já se tinha chegado aos apertos de mão, e à troca de flores, e é escusado dizer que o papai e a mamãe não viam absolutamente nada; mas em certa noite, ainda no Clube Fluminense, alguém murmurou aos ouvidos da menina as seguintes

palavras: - "Aquele moço que a requesta é um pintor e filho de um marceneiro";
- a terrível notícia acendeu os brios da fidalga, e o namorado plebeu foi condenado ao desprezo. Diga, menina, não é verdade?

LEONINA - Não o nego; mas porventura deveria eu continuar a aviltar-me?...

ANASTÁCIO - Oh! não, não, de modo nenhum; há porém no fim dessa história, uma tristíssima e fatal realidade!

LEONINA - E qual é? Já agora dê o seu recado até o fim.

ANASTÁCIO - É que o miserável pintor, filho do miserabilíssimo mestre marceneiro, é...é...tenho vergonha de acabar a frase.

LEONINA - Nada de reticências; eu quero que diga tudo.

ANASTÁCIO - Pois então lá vai, minha fidalga: é que o miserável pintor, filho do miserabilíssimo mestre marceneiro, é...tenha paciência, é, sem mais nem menos, primo-irmão de Vossa Excelência.

LEONINA - Oh! eu não posso suportar essa ironia insultuosa! (Chamando) Meu pai!...meu pai!... minha mãe!...

ANASTÁCIO - Manchei-lhe o sangue azul com as tintas do meu pintor!... E como ficou irritada!... Menina, façamos as pazes! (Procurando-a) Venha um abraço em sinal de reconciliação!...

LEONINA (Fugindo) - Meu pai!...minha mãe!...

ANASTÁCIO (Seguindo-a) - Há de dar-me um abraço, quer queira, quer não.

LEONINA (Fugindo) - Meu pai! Acuda-me!...

ANASTÁCIO (Seguindo-a) - Pois agora há de ser um abraço e um beijo...

CENA IV

Anastácio, Leonina, Maurício e Hortênsia.

MAURÍCIO - Leonina... (Vendo Anastácio) Oh!...mano Anastácio!...(Abraça-o)

HORTÊNSIA - Meu mano! (Abraça-o por sua vez)

ANASTÁCIO - Sim! Ele mesmo!...depois de dezoito anos de ausência!...ele mesmo!

MAURÍCIO - Que prazer! Que felicidade!...

LEONINA - Pois é meu tio?...é o meu padrinho?...

HORTÊNSIA - Sim, minha filha, é o teu padrinho.

ANASTÁCIO (Chorando) - Conheceram-me logo...amam-me ainda...não se esqueceram do velho rabugento...mas...parece-me que estou chorando...isto é uma vergonha na minha idade... Maurício, mano, outro abraço para esconder estas duas goteiras de casa velha!...(Abraçam-se)

LEONINA - E eu então, meu padrinho?...

ANASTÁCIO - Ah! Já, minha cabecinha de vento?...não te disse que havias de dar-me um abraço e um beijo? (Abraça-a e beija-a na frente) Pois toma dois e três de cada espécie, e estes podes receber e pagar com juro sem dar satisfação à língua do mundo.

MAURÍCIO - Quando chegaste, Anastácio?

ANASTÁCIO - Agora mesmo; apeei-me à porta de tua casa.

HORTÊNSIA - Mas por que gritavas com tanto desespero, Leonina?

LEONINA - Ora...eu não conhecia meu padrinho, vendo-o correr atrás de mim para me abraçar...(Sentam-se)

ANASTÁCIO - Não foi isso, mentirosa! Deves dizer sempre toda a verdade a teus pais: mana, fui eu que, conforme o meu costume, ralhei como um frade velho. Leonina, tenho mais vinte anos do que teu pai, e portanto acho-me com direito de avô. Meus pais desejaram que eu fosse padre, e deram-me uma educação severa e estudos variados e sérios; circunstâncias que agora não vêm ao caso, afastaram-me das ordens sacras; fiquei, porém, com as menores, e, sem ser padre gosto de pregar os meus sermões; dispõe-te pois a aturar-me, que tens muito que ouvir e eu muito que ralhar.

LEONINA (À parte) - Pior está essa! Mas o meu recurso é simples: para um velho que ralha, uma moça que ri.

MAURÍCIO - Sim, ralhe muito com ela e para isso não nos deixe mais nunca.

ANASTÁCIO - Mais nunca?...Havia de ser bonito! E quem me tomaria conta das fazendas em Minas?...cheguei há pouco e sinto que já estou pelos cabelos: a vida da cidade é só para gente vadia.

HORTÊNSIA - Um homem solteiro, quando chega à sua idade e é bastante rico, tem o direito de descansar e gozar.

ANASTÁCIO - Não; o homem ocioso é sempre um peso para a sociedade. O trabalho é uma lei de Deus que se deve cumprir até a morte; sou rico, nunca porém serei vadio, nem perdulário.(Olhando). Mas pelo que vejo, tu andas pelas grimpas, Maurício? Aposto que tens os teus vinte contos de renda anual?.. não...ah! já sei, tens tirado a sorte grande cinco ou seis vezes.

LEONINA - Qual! todos os bilhetes, que papai compra, saem brancos.

ANASTÁCIO - Então, acumulas alguns sete empregos para receber os vencimentos de todos eles, sem cumprir as obrigações de nenhum: acertei! A nação é quem paga o pato, e, coitadinha! Não se queixa, porque já está acostumada. A quanto chegam os teus ordenados?

MAURÍCIO - Tenho só um, Anastácio, e esse e mais achegos dão-me por ano cerca de cinco contos de réis.

ANASTÁCIO - Ao menos esta casa é propriedade tua...

MAURÍCIO - Infelizmente não; e as casas estão por um preço fabuloso: pago de aluguel por esta dois contos de réis.

ANASTÁCIO - E com os três contos que restam dos cinco que ganhas, e vestes com o luxo que vejo a tua família, pagas criados franceses que olham com desprezo para quem traz botas à mineira, e tens salas como esta, mármore, ricas mobílias, e esta grandeza toda?...Maurício!...

HORTÊNSIA - Que quer dizer, meu mano?

ANASTÁCIO - Eu não quero dizer nada: o adágio antigo é que diz uma coisa muito feia, porém muito verdadeira.

LEONINA - Ora, pois meu padrinho há pouco ralhava comigo, e agora já está ralhando com meu pai. (Levanta-se e senta ao pé do padrinho).

ANASTÁCIO - E que tem você que ver com isto?...destas despesas loucas e superiores aos recursos de quem as faz, transpira uma prova de demência ou de imoralidade. Quem despense mais do que ganha, ou cai na miséria ou no

crime...quem...tá...tá...tá...que tenho eu de meter-me com a vida alheia?...Maurício, como está Felisberto?...

MAURÍCIO (Confuso) - Felisberto...

HORTÊNSIA (Confusa) - Felisberto...

ANASTÁCIO - Sim...Felisberto, vocês hesitam? Acaso terá morrido?

LEONINA - Minha mãe, quem é esse Felisberto?...

ANASTÁCIO - Quem é esse?... é teu tio, o irmão de teu pai, o cunhado de tua mãe, é meu irmão; um homem honrado e laborioso, e um mestre marceneiro da primeira ordem.

LEONINA - Marceneiro!...pois isto é verdade, minha mãe? (Vai sentar-se ao fundo muito triste).

HORTÊNSIA (À parte) - Antes nunca tivesse voltado à corte este velho doido.

MAURÍCIO (Levanta-se) - Meu mano...a alta sociedade que freqüentamos...as nobres relações que temos...certo pundonor...os prejuízos talvez...Têm feito com que...a pesar nosso...

ANASTÁCIO - Tu gaguejas?...estás engasgado com alguma indignidade?

MAURÍCIO - Não...nós estimamos sempre muito a Felisberto; mas um simples marceneiro...podia ser encontrado aqui por fidalgos, titulares, grandes personagens enfim, que nos honram com a sua amizade; e por isso...e por um vexame muito natural...

ANASTÁCIO - Fechaste a porta a nosso irmão?...Que miséria!...como deve estar corrompida esta sociedade em que há quem se lembre de quebrar os sagrados laços do sangue e de voltar o rosto a um irmão, só porque ele é um simples artífice! Que sociedade é esta tão estúpida, que não sabe repelir de seu seio esses Cains da vaidade, como Deus repeliu o Caim da inveja!...(A Maurício e batendo com o pé no chão) Caim!...Caim!...

MAURÍCIO - Anastácio!...

ANASTÁCIO - Fidalgo improvisado! O teu castigo é a voz da verdade que soa em tua consciência; e onde quer que vás, onde quer que estejas, eu, eu, que não renego nem o meu passado, nem os meus parentes; eu, enquanto vivo for, bradarei aos teus ouvidos: lembra-te, meu fidalgo, que nosso pai foi um nobre

ferreiro, que durante sessenta anos se chamuscou na forja e bateu na bigorna! Teve por título de nobreza a sua imaculada probidade, e por glória o seu trabalho e a educação da virtude que soube dar a seus filhos; foi deveras um nobre ferreiro, e é pena somente que deixasse um filho doido!

MAURÍCIO - Oh! é muito!

HORTÊNSIA - Meu mano, as coisas aqui na corte não se passam como lá na roça; aqui há certas prevenções...certas considerações...

ANASTÁCIO - Engana-se, minha senhora: lá na roça, como aqui na corte, os tolos de ambos os sexos abundam do mesmo modo.

HORTÊNSIA - Senhor...é quase um insulto!

ANASTÁCIO - Tire-lhe o quase e seja um insulto completo; desagrado-lhes, não é assim?...pois fiquem-se com a sua fidalguia que eu vou direto para casa do marceneiro.(Indo-se)

HORTÊNSIA - Não...não...é impossível que briguemos: não há de deixar-nos assim.

ANASTÁCIO - Nesse caso terão de ouvir-me, e aturar-me.

HORTÊNSIA - Diga o que quiser, já lhe conhecêsemos o gênio; mas não faça injustiças: temos uma filha que desejamos casar bem; e é provável que se viesse a saber que é sobrinha de um marceneiro, não pudésemos arranjar-lhe um noivo de família nobre.

ANASTÁCIO - É a honra que enobrece o homem; e eu juro que não há homem mais honrado do que meu irmão marceneiro: pode bem sentar-se a par do melhor dos seus barões.

HORTÊNSIA - E se o barão fugisse do seu lado?

ANASTÁCIO - Provavelmente o faria envergonhado, por dever-lhe ainda a mobília da sala.

MAURÍCIO (À parte) - E ele tem razão...eu sou um miserável!

LEONINA (À parte) - Marceneiro!...estou definitivamente desacreditada!...

HORTÊNSIA - Deixe estar, mano, que havemos de fazê-lo chegar à razão. No dia dos anos de Leonina vamos dar um baile, e por sinal que será de máscaras, para

aproveitarmos a coincidência da segunda-feira do Carnaval; hoje mesmo receberemos visitas, e o mano há de ufanar-se de ver a brilhante sociedade com que nos achamos relacionados.

ANASTÁCIO - Sim, hei de pôr-me nas pontinhas: jurarei que sou bisneto do imperador da China, e que portanto somos parentes do sol e da lua; creio que vocês por ora se contentam com estas alturas. Ah Gil Brás de Santilhana!...mas...que idéia!...não a devo perder...meus fidalgos, até logo! Vou ver o nosso...o meu irmão marceneiro; contem porém comigo, que ainda hoje hei de fazer brilhaturas!...(Vai-se).

MAURÍCIO (Seguindo-o até a porta) - Anastácio!...

LEONINA (À parte) - Marceneiro!...

CENA V

LEONINA, sentada a um lado; Maurício e Hortênsia; Petit entra, acende velas e retira-se.

MAURÍCIO - E lá se foi correndo!

HORTÊNSIA - Antes nunca tivesse chegado; veio só para envergonhar-nos. Este fatal segredo, que com tanto cuidado ocultávamos de nossa própria filha, ele o revelou, enchendo de amargura aquele coração inocente e o nosso nome e os nossos projetos...

MAURÍCIO - Hortênsia, ninguém pode ignorar que Felisberto é meu irmão...Não é acreditável que não saiba isso, e nós já fazemos demais não o recebendo em nossa casa há dez anos.

LEONINA (À parte) - Marceneiro!...

HORTÊNSIA - Mas por que ferir-nos em ponto tão delicado! Olha, se Anastácio não fosse padrinho de Leonina, e não esperássemos que ele venha a instituí-la sua herdeira, por certo que não me sujeitaria às suas brutalidades.

MAURÍCIO - E no entanto é sempre a verdade o que ele diz! Ainda há pouco anunciou-nos a miséria, e tu sabes, Hortênsia, que a miséria nos está estendendo as garras!

HORTÊNSIA - A que vêm essas tristes idéias?...dentro em breve ajustaremos o casamento de Leonina com o comendador Pereira: a riqueza do genro esconderá a pobreza do sogro; confia em mim.

LEONINA (À parte) - Marceneiro!...

MAURÍCIO - Sim...abracemos a mais leve esperança...esqueçamos o mal que nos ameaça: creio que pouco tardarão as nossas visitas, convém que nos mostremos alegres.

HORTÊNSIA - E que nos retiremos da sala, pode ser que o comendador chegue primeiro do que Dona Fabiana...

MAURÍCIO - Duvido: Dona Fabiana chega sempre cedo demais onde não se precisa da sua pessoa. Eu aposto que ela chega primeiro. (Vão-se)

CENA VI

LEONINA (Sentada e muito triste).

Marceneiro! Marceneiro! Como vão zombar de mim aquelas que não valem tanto como eu! Hão de fazer-me em cem pedaços com o serrote de meu tio marceneiro! Dona Luízinha, que tem olhos cor de vinagre, vingar-se-á de meus belos olhos pretos, repetindo: - marceneiro! - Dona Jesuína, que tem mãos de calafate; Dona Sofia, que tem dentes de tubarão; Dona Leocádia, que tem cintura de abade velho, vingar-se-ão de minhas mãos de princesa, de meus dentes de pérolas, de minha cintura de fada, contando a todos que sou sobrinha de um marceneiro! Oh! é horrível! Quando eu supunha que mais cedo ou mais tarde viria a ser condessa ou pelo menos baronesa...é abominável! (Silêncio) marceneiro!...(Chora) marceneiro!...(Desesperada) marceneiro!...(Ouve-se o rodar de uma carruagem). Oh! um carro que pára! Se forem senhoras, não devem suspeitar que eu padeço; (Enxuga os olhos e arranja os cabelos) folgariam com isso...Oh! Coração, esconde as tuas mágoas! Olhos, brilhai! Boca, sorri! Rosto, expande-te! E agora podem chegar, venham todas, porque eu tenho consciência de que sou formosa.

CENA VII

Leonina, Hortênsia, Maurício, e logo depois Fabiana, Filipa e Frederico.

MAURÍCIO - Então, que te dizia eu?...aí está a Dona Fabiana rompendo a marcha.

HORTÊNSIA - Leonina, Dona Fabiana e sua filha vêm subindo a escada.

LEONINA - Que horrível massada!...(Indo à porta) Chegue Dona Fabiana; chegue Dona Filipa; conheci-as logo pelas pisadas.

FREDERICO (Dentro) - De ora avante usarei de sapatinhos de cetim para ver se um dia mereço igual felicidade.

LEONINA - Não faça tal: Vossa Senhoria mesmo sem sapatos de cetim já se confunde bastante com as senhoras. (Entram os três, cumprimentos, etc).

FREDERICO (À parte) - Decididamente recebi um cumprimento de mau gosto, ou então um epigrama ferino.

HORTÊNSIA - Como passou de ontem, Dona Fabiana?

FABIANA - Sofri um pouco dos nervos: mas nem por isso quis faltar à minha palavra.

MAURÍCIO - É uma fineza de mais que temos de agradecer a Vossa Excelência, mas...creio que sobem às escadas.

FREDERICO - Quem será?...(A Leonina) - Vossa Excelência não adivinha pelas pisadas?

LEONINA - Nem sempre: Dona Fabiana, Dona Filipa, e Vossa Senhoria já aqui se acham.

FREDERICO - Hei de fazer certa experiência, vindo aqui uma noite sozinho.

LEONINA - Dar-nos-á ainda assim muito prazer; mas olhe que se expõe a ser confundido.

FREDERICO (À parte) - Foi epigrama; reconheço-o pela segunda edição.

CENA VIII

Os precedentes, Reinaldo e Lúcia, cumprimentos, etc.

LEONINA e HORTÊNSIA - Oh! Dona Lúcia! Senhor Coronel!

MAURÍCIO - Como vamos, meu caro senhor coronel?...não há que perguntar, sempre remoçando...

REINALDO (Olhando para Leonina) - Passei o resto da noite cheio de saudades e um dia inteiro anelante de esperanças...

LEONINA (Á parte) - Aquilo é comigo. (A Reinaldo). Não precisa dizer mais: o teatro italiano faz-lhe saudades no fim das óperas, e acende-lhe esperanças com os cartazes. Vossa Excelência, creio eu, traz sempre um cartaz no coração!

REINALDO - Minha senhora, dou-lhe minha palavra de honra que não sei o que se cantou ontem no teatro italiano.

LÚCIA - Dona Leonina, meu paizinho levou hoje o dia inteiro a falar no seu fichu à Marie-Antoinette.

REINALDO - E o seu balão, Excelentíssima! O seu balão é capaz de levar a gente às nuvens!

LEONINA (A Filipa) - Você já viu homem mais tolo?...

FILIPA (A Leonina) - Homem não, porém mulher, já vi.

LEONINA (A Filipa) - Quem é?

FILIPA (A Leonina) - A filha, que tem tanto de feia como de desfrutável. (A Lúcia) Dona Lúcia, você é adorável!

LÚCIA - Por que diz isso?...

FREDERICO - Perdão; mas é a nós os homens que pertence dizer esse porquê, visto que somos nós os que o sentimos melhor e mais profundamente.

REINALDO (Que conversava com Maurício) - É possível!...o meu amigo Anastácio? O bom velho que me dava confeitos, quando eu era cadete?

HORTÊNSIA - É verdade, depois de dezoito anos de ausência, chegou-nos hoje de Minas o padrinho de Leonina, o meu cunhado Anastácio. (Cumprimentos).

REINALDO - Ditoso padrinho de tão formosa afilhada! O meu velho amigo!...Minha senhora, amanhã virei pedir-lhe de jantar ...quero jantar com o meu amigo Anastácio.

HORTÊNSIA - Mas Vossa Excelência esquece que o comendador Pereira convidou-nos para passar o dia de amanhã no Jardim Botânico; convenha pois em que todos, que nos achamos presentes, jantemos juntos depois de amanhã para fazer uma saúde ao meu excelente cunhado.

PEREIRA (Dentro) - Com a devida vênia!...

MAURÍCIO (Indo recebê-lo) - Oh! senhor comendador!

CENA IX

Os precedentes e o Comendador Pereira.

Horntênsia - Senhor comendador, Vossa Excelência gosta demasiadamente de se fazer desejar!

PEREIRA - Não é isso, minha senhora, não é isso; é que eu venho desesperado...furioso...

MAURÍCIO - Então que há?

PEREIRA - Um atentado que revolta as leis da natureza! (Levantam-se todos).

REINALDO - Diga depressa, senhor comendador: Vossa Excelência está expondo as senhoras aos ataques nervosos.

PEREIRA - O mundo está perdido!...

LÚCIA - É algum novo cometa, senhor comendador?

FREDERICO - Qual, minha senhora, os cometas abundam tanto, que já não assustam a pessoa alguma.

PEREIRA - É coisa muito pior do que dez cometas juntos: é o esquecimento dos deveres mais sagrados, e da honra das famílias.

HORTÊNSIA - Isso então é muito sério; diga o que foi...

PEREIRA - Mais um passo dado para o descrédito da aristocracia...

REINALDO - Quem vem lá?...Passe de largo!

PEREIRA - Lembram-se de Dona Inocência, a filha de um barão, e descendente de uma nobre casa de Portugal?...

FABIANA - Sim...sim...a baronesinha, como todos a chamam...

PEREIRA - Sangue puro de fidalga! Sangue puro como o de um cavalo árabe!...

FILIPA (A Leonina) - A comparação parece de boleeiro.

PEREIRA - Pois bem...saibam todos: casou-se hoje.

REINALDO (À parte) - Ai! Tenho uma namorada de menos.

VOZES - Casou-se?...mas com quem?...

PEREIRA - Com um negociante de retalhos!!!

HORTÊNSIA - De retalhos?!...coitadinha!

FABIANA - Passou de filha de barão a noiva de retalhos! pobrezinha!...

REINALDO - Mas o pai...matou-se...não é assim?

PEREIRA - Vergonha das vergonhas! Abraçou o genro.

REINALDO - É o progresso!...são as luzes do século!...

HORTÊNSIA (Com fogo) - Não pode haver nobreza, onde os nobres se aviltam misturando-se com a canalha!...

PEREIRA - É inaudito!

MAURÍCIO - Paciência; mas esqueçamos aqueles que se esquecem de si mesmos.

PEREIRA - Nós, porém, lembremo-nos sempre do que somos!...

HORTÊNSIA - Sim! Nós seremos sempre dignos do nome que temos, do sangue que gira em nossas veias, e da nobreza de nossas famílias.

CENA X

Os precedentes, Anastácio, Felisberto, Henrique, e a seu tempo, Fanny e logo Petit.

ANASTÁCIO - Maurício! Mana Hortênsia! (Voltam-se todos). Aqui vos trago comigo o nosso irmão, o mestre marceneiro Felisberto, e o nosso sobrinho Henrique, pintor. (Surpresa geral).

HORTÊNSIA (Desmaiando) - Ah!...

LEONINA (Correndo a Hortênsia) - Minha mãe!

MAURÍCIO - Hortênsia!...desmaiada! meu Deus! Um médico! Petit, um médico!...(Movimento geral: Felisberto e Henrique ao fundo: no meio da confusão Anastácio tira do bolso uma carta, desdobra-a e prepara uma torcida de papel).

FANNY - Um médica! Monsieur Petit, um médica! Oh! este non se úse n'Inglaterra!

PETIT - Le docteur! Le docteur! (Vai-se correndo).

MAURÍCIO - Hortênsia!

LEONINA - Minha mãe!...

PEREIRA - Senhor Maurício, deite-lhe água fria na cabeça!

REINALDO - Isto não é nada; deixem-me aplicar-lhe um globulozinho de beladona.(Tira do bolso uma caixa homeopática).

ANASTÁCIO (Avançando com a torcida de papel) - Afastem-se! eu curo em um instante minha cunhada. (Introduz a torcida no nariz de Hortênsia, e esta espirra). Espirrou!...está salva.

HORTÊNSIA (Tornando a si) - Ah!...(À parte) Malvado!...

TODOS - Minha senhora!

ANASTÁCIO (Erguendo a torcida) - Viva a torcida!...a torcida é um específico infalível para o mal dos faniquitos!...

LEONINA (À parte) - Marceneiro!...

ATO II

O teatro representa um ponto do Jardim Botânico; ao fundo vê-se o lago e a pequena ilha; à esquerda grupos de bambus, à direita aparece sobre o seu outeiro um lado da casa de cedro; árvores e arbustos convenientemente dispostos.

CENA I

Maurício, Hortênsia, Leonina, Fabiana, Filipa, Frederico, Reinaldo, Lúcia e Pereira; uns contemplam o lago, descem outros da casa de cedro, etc: Anastácio, meio deitado na encosta do outeiro.

HORTÊNSIA - Deveras que nunca vi rosa mais bela, nem mais perfeita.

FABIANA - Mas de quem seria a mão cruel que se atreveu a roubar aquela princesa do jardim? Vimos a rosa apenas alguns momentos, e quando voltamos a contemplá-la, tinha já desaparecido!

REINALDO - A tal rosa tem dado que pensar às senhoras! oh! quem pudera transformar-me em um pé de roseira!

HORTÊNSIA - É o mistério de uma flor, um começo de romance que enche de poesia o agradável passeio que nos proporcionou o comendador.

PEREIRA (Á parte) - Conheço agora que sou um homem muito espirituoso!

LÚCIA - E não há quem rompa esse mistério?...

FILIPA - Que mistério! Não há coisa mais simples: quem roubou a rosa foi o senhor Anastácio.

PEREIRA - Não, não; sou capaz de apostar que a rosa se oculta junto de algum coração apaixonado, e está reservada para ser a palma da beleza.

FREDERICO - E que pensa Vossa Excelência?...(A Leonina) Nem mesmo o destino misterioso dessa rosa pode arrancá-la às tristes meditações, de que hoje se mostra apoderada?

FILIPA - E quem tem culpa disso é ainda o senhor Anastácio. (Rindo-se)

HORTÊNSIA - E desta vez adivinhou, Dona Filipa: o mano levou a conversar toda a noite com Leonina, e, certamente, lhe pregou tal sermão, que ainda hoje a faz estar pensativa e triste.

MAURÍCIO - Pois vençamos a sua melancolia obrigando-a a passear; creio que as senhoras já descansaram.

FREDERICO - Sim, e as flores esperam as borboletas.

FABIANA - Vamos, e eu quero ser o cavalheiro de Dona Leonina: hei de conseguir torná-la prazenteira e alegre. (Dá o braço a Leonina).

PEREIRA (Dando o braço a Hortênsia) - Minha senhora! (Vão saindo Fabiana com Leonina pela esquerda e Frederico com Lúcia, Pereira com Hortênsia, e Reinaldo com Filipa pela direita).

CENA II

Maurício, que vai sair, e Anastácio, que o suspende.

ANASTÁCIO - Abre os olhos, Maurício, e atenta bem: não achas que aquela mulher, levando tua filha pelo braço, se assemelha muito a um algoz que arrasta consigo a sua vítima?...

MAURÍCIO - Mas, em tal caso, que papel entendes que eu represento?

ANASTÁCIO - Pior do que um pai tolo: o papel de um pai que desconhece os seus mais santos deveres.

MAURÍCIO - Sempre impertinente, Anastácio!

ANASTÁCIO - Escuta: há vinte cinco anos aquela mulher supunha-se amada por ti, e viu em Hortênsia uma rival preferida, quando com esta te ligaste em casamento. O desprezo de um homem abre no seio da mulher uma ferida envenenada que nunca cicatriza. A ofensa, foste tu que a fizeste, mas a mulher desprezada detesta ainda mais que ao ofensor a rival que triunfou. Assim, pois, diz a lógica, que Fabiana aborrece profundamente a tua esposa.

MAURÍCIO - Viste ainda há pouco como ela beijou-a com ardor?

ANASTÁCIO - Judas também beijou a Cristo poucas horas antes de vendê-lo. Tua mulher escapou outrora à vingança de Fabiana, porque esta, casando com um

oficial do nosso exército, teve de acompanhá-lo para o Rio Grande do Sul donde só voltou há dois anos, depois de viúva.

MAURÍCIO - Estás perfeitamente informado da sua história.

ANASTÁCIO - Estabelecendo a sua residência nesta capital, Dona Fabiana dissipa loucamente a medíocre fortuna que lhe deixou seu marido, e mancha-lhe o nome honrado, conquistando uma reputação tristemente famosa. É uma libertina, para quem são apenas vãos prejuízos alguns dos preceitos que constituem a moral das famílias: sua casa é o ponto de reunião de um círculo licencioso; sua conversação espalha princípios desmoralizadores, e o seu exemplo é uma lição corruptora.

MAURÍCIO - És severo demais, e por isso, sem o pensar, te fazes o eco de indignas calúnias.

ANASTÁCIO - Cometeste o erro de abrir as portas de tua casa à natural inimiga de tua mulher. Tu...que se importa ela contigo?...uma mulher nunca fere um homem, quando tem uma mulher para ferir; minha cunhada está defendida por um passado que a abona, e pela idade precisa para escapar às ciladas de algum galanteio que a leve à desonra; mas Leonina, moça e bela, aí está, e Dona Fabiana, envenenando a vida inteira de Leonina, de um só golpe fará a tua desgraça e a da sua antiga rival. Maurício! Abre os olhos! Por aquela rua foi um algoz arrastando consigo a sua vítima.

MAURÍCIO - Faz-me tremer, Anastácio!

ANASTÁCIO - E, supondo extinto o ódio de Dona Fabiana, não bastam os seus princípios demasiadamente livres e sua reputação dilacerada pelo público, para que o dever te mande afastar Leonina de sua companhia? Um pai que expõe sua filha às conseqüências das relações perigosas, não é um pai, é um louco, para não ser um monstro. Oh! quando uma pobre moça, uma filha pervertida pelas más companhias se deixa corromper, e se avilta, o mundo antes de castigá-la com o seu desprezo, devia primeiro cuspir na face do pai desnaturado que a levou pelo caminho do vício. Era isto, que eu precisava dizer-te: agora podes ir fazer os teus cumprimentos a Dona Fabiana.

MAURÍCIO - Dezoito anos de ausência da corte puderam tornar-te hoje, e apesar da tua instrução, como um estrangeiro no meio dela; desconheces os costumes e os usos da alta sociedade, e confundes a civilização com a licença.

ANASTÁCIO - No Rio de Janeiro, como em todas as capitais do mundo, a alta sociedade conta duas classes de freqüentadores que a deslustram: uma, é dos imorais e libertinos, que dela devia ser expelidos como indignos; a outra, é a dos

elegantes caricatos, ridículos macaqueadores dos grandes; pobres tolos que são castigados em sua própria vaidade: a gente que te cerca, meu irmão, pertence a essas duas classes, e tu fazes parte da última.

MAURÍCIO - Anastácio, é demais!

ANASTÁCIO - Qual demais! Eu tenho ainda que dizer-te um milhão de verdades amargas...

MAURÍCIO - Pois eu não as ouvirei, agora ao menos; e fica certo de que nem sempre são os mais avisados aqueles que presumem ter mais juízo que os outros. (Vai-se)

ANASTÁCIO - Vai, abre porém os olhos, Maurício! (Seguindo-o) Porque por aquela rua foi um algoz arrastando a sua vítima!

CENA III

Anastácio, e logo Henrique.

ANASTÁCIO - Eis aí um homem que tem uma cabeça de ferro; mas tão oca como um cabaço sem miolo!

HENRIQUE - Meu tio, o que vossa mercê praticou hoje comigo chama-se uma traição: foi provocar-me a um passeio no Jardim Botânico, sabendo que vinham aqui passar o dia pessoas que me olham com o mais insultuoso desprezo, e obriga-me, para não encontrá-las, a correr a medo para as alamedas mais solitárias e afastadas, como se eu fora um miserável criminoso.

ANASTÁCIO - E vossa mercê, chegou há quatro meses da Europa com fumaças de artista de gênio; foi ao baile, apaixonou-se por sua prima que o não conhecia, e que voltou-lhes as costas, mal soube que o seu namorado era um pintor; então, lembrou-se vossa mercê do seu tio da roça; correu a Minas, confessou-me o seu amor, pôs-me ao fato da vida que levam seus tios da cidade, e arrancou-me da fazenda, sob o pretexto de que só eu podia salvá-los.

HENRIQUE - E ainda bem que veio...

ANASTÁCIO - Ainda mal, porque estou desconfiando que cheguei tarde. Maurício disparou em tal carreira pela aristocracia adentro que é bem de crer que não pare senão à porta do palácio da Praia Vermelha. No entanto, eis-me arvorado em médico de loucos, e o senhor, que me impôs este mister, vem

agora dizer-me que lhe estou armando traições!...Começo a acreditar que tenho na minha família mais doidos do que pensava...

HENRIQUE - E considera-me talvez no número desses...

ANASTÁCIO - A falar a verdade, ainda não te suponho doido; mas, orgulhoso, olha que és muito, Henrique.

HENRIQUE - É a vossa mercê que devo este meu orgulho: desde os primeiros anos senti arder em minh'alma o amor da arte; e foi meu tio que com a sua riqueza facilitou-me os meios para ir estudar na Europa. Ali, no foco da civilização, e no meio dos grandes mestres, a cada passo que avançava na conquista dos segredos da arte, reconhecia que me ia enobrecendo por ela; e quando depois de doze anos de um estudo incessante, ao apresentar um quadro que me fora inspirado pelas saudades da pátria, meu mestre correu a abraçar-me, chorando, e pintores célebres que têm um nome no mundo, me aplaudiram e me chamaram irmão, tive consciência de que valia alguma coisa; amei a minha palheta como um rei a sua coroa, e apreciei devidamente o meu nome de artista para não curvar a cabeça diante de papelões dourados. Eis aí o meu orgulho: é vossa mercê que o devo.

ANASTÁCIO - Segue-se daí que te mandei estudar para te fazer pintor, e que tu não me borraste a pintura; sê portanto orgulhoso com esses que em sua soberba desprezam o artista que vale mil vezes mais do que eles; quando porém se tratar de tua prima, perdoa-lhe as fraquezas, e humaniza-te com ela, mesmo porque a rapariga é bela como as virgens do teu Perugino.

HENRIQUE - Quer então, meu tio, que eu me sujeite aos desdêns e aos insultos de parentes que se envergonham de mim?...Deseja, por exemplo, que Leonina suponha que eu vim hoje aqui de propósito para admirá-la...para beijar os vestígios de suas pisadas...para...Oh! não, meu tio.

ANASTÁCIO - Amas ou não amas tua prima?...Sim, ou não?...

HENRIQUE - Ameia-a.

ANASTÁCIO - Falo-te no presente, e respondes-me no pretérito?...Tu não sabes gramática.

HENRIQUE - Como quer que lhe responda?...

ANASTÁCIO - Sim, ou não?...amas, ou não amas?...

HENRIQUE - Não devia amá-la.

ANASTÁCIO - Pior: tu não nasceste para pintor; nasceste para advogado e havias de ser grande na chicana.

HENRIQUE - Não devia amá-la porque o seu coração é uma urna impura que guarda os restos de cem amores fingidos; não devia amá-la porque a sua vaidade amesquinha e desbota os seus encantos; não devia amá-la porque...

ANASTÁCIO - Mas, a pesar teu, morres de amores pela rapariga!...

HENRIQUE - Ao menos saberei fugir dela.

ANASTÁCIO - Sim?...pois olha para aquela rua; de quem será aquele balão pavoroso, que não sei como entrou pelo portão do Jardim?...

HENRIQUE - Oh!...é ela...eu fujo...adeus, meu tio...

ANASTÁCIO - Foge, corre depressa; mas eu no teu lugar deixava-me ficar, ocultando-me atrás destes bambus.

HENRIQUE - Tem razão: vê-la-ei sem ser visto; mas não me atraíçoe.(Oculta-se)

ANASTÁCIO - Que ele não fugia, sabia eu muito bem! Os namorados parecem-se todos uns com os outros, com a mão direita com a mão esquerda.

CENA IV

Anastácio, Leonina e Henrique, que se conserva oculto.

LEONINA - Então, meu padrinho, sempre se resolveu a vir jantar conosco!...

ANASTÁCIO - Não, senhora; não sou mulher nem político para andar mudando de opinião da noite para o dia.

LEONINA - Entretanto, nós o viemos encontrar aqui.

ANASTÁCIO - É verdade, mas preferi à companhia dos seus fidalgos a de uma pessoa a quem tributo verdadeira estima.

LEONINA - Sim, creio mesmo que me pareceu ter visto dois vultos, quando agora vinha chegando.

ANASTÁCIO - E encontrou só um, porque espantou o outro com a sua presença.

LEONINA - Palavra de moça, que é a primeira vez em minha vida que assim espanto um homem! Quem é esse senhor espantadiço!...

ANASTÁCIO - É seu primo-irmão. (Silêncio). Sabe quem é seu primo-irmão?...

LEONINA - Demais o sei e todos o sabem; ontem à noite vossa mercê descarregou um golpe terrível na minha vaidade; e embora aqueles, que nos cercavam, nos dissessem depois que raras são as famílias que não tem de envergonhar-se de algum parente menos digno, não pude mais esquecer que um irmão de meu pai é mestre marceneiro, e meu primo-irmão um pintor!

ANASTÁCIO - E perdeu por isso uma noite de sono...coitadinha!

LEONINA - Perdi, sim, meu padrinho, porque a lição que vossa mercê nos deu, e depois a longa conversação que comigo teve, me convenceram de que uma fraqueza de meus pais me fez representar até hoje na sociedade um papel ridículo; porque eu ostentei um orgulho que não me assentava; pois agora eu vejo bem que não sou fidalga.

ANASTÁCIO - Ah! O juízo vai entrando nessa cabecinha de vento?...Mas por que andas hoje tão melancólica?...pensas que perdeste muito com a baixa da fidalguia?...

LEONINA - Oh! meu tio, vossa mercê nunca leu no coração de uma moça. Escute: eu sei que muitas vezes o pergaminho de um nobre não pode disfarçar a torpeza de suas ações; sei que outras tantas, o cofre de um milionário é um abismo cheio de lágrimas derramadas por infelizes, mas a mulher deixa-se sempre deslumbrar por esse ouropel das grandezas e ambiciona o cofre de ouro; porque, com o prestígio da nobreza suplantarás as outras mulheres, e com a riqueza terá brilhantes, sedas, palácios, ostentação e luxo!...oh! nós outras somos as escravas da vaidade, e como todas eu desejava ser bem rica e bem nobre, para humilhar as minas rivais!

ANASTÁCIO - Muito bem, Leonina, essa confissão franca e sincera te absolve; ao menos não és hipócrita; continua, que estás falando perfeitamente.

LEONINA - Quem mais posso dizer-lhe?...esses sonhos ambiciosos acabaram para mim, e de ora avante cumpre que eu abaixe a cabeça diante das outras senhoras, porque nas sociedades que frequento, a menos nobre sou de certo eu.

ANASTÁCIO - Pois levanta a cabeça, menina! Porque tu és honesta e pura, e só as senhoras honestas é que são as mais nobres.

LEONINA - Oh! meu padrinho! O que vossa mercê acaba de dizer é grande e generoso; infelizmente, porém, não são todos que pensam assim.

ANASTÁCIO - Aqueles que negam a primazia à virtude, são uns miseráveis. Já se foi o tempo em que um sandeu valia mais do que um sábio; um depravado mais do que o homem honesto, quando o homem sábio ou honesto era filho de um sapateiro, e o acaso dera ao depravado ou ao sandeu meia dúzia de avós, falsa ou realmente ilustres. Não temos senão uma nobreza, a nobreza da constituição, que é a do merecimento e das virtudes. Já não se reconhece privilégios, graças a Deus, e as portas das grandezas sociais estão abertas a todos os que sabem merecê-las: nobre é o estadista que se consagra ao serviço da pátria; nobre é o estadista que se consagra ao serviço da pátria; nobre é o diplomata que sustenta no gabinete a causa do país; nobre é o soldado que a defende no campo de batalha; nobre é o sábio, nobres são todos aqueles que ilustram e honram a nação, e nobre é, principalmente, a virtude que é a sublime benemérita aos olhos do Senhor!...

LEONINA - Oh! e como há então pessoas que olham com desprezo para um artista?(Com viveza). O artista não pode também chegar a ser nobre, meu padrinho?...

ANASTÁCIO (Á parte) - Como ela vai escorregando para o pintor...(A Leonina) O verdadeiro artista já é nobre de si mesmo, Leonina; e a sua nobreza lhe vem de Deus, que acendeu em seu espírito a flama do gênio.

LEONINA - Oh! meu padrinho? Por que não veio a mais tempo de Minas?...

ANASTÁCIO - Sim?...estás me fazendo supor que já te apaixonou por algum artista...

LEONINA - Eu?...eu nunca me apaixonei por homem algum. (Rumor) Que é isso?...parece-me que senti o ruído que faz alguém, que se aproxima...

ANASTÁCIO (Indo aos bambus) - Qual! Havia de ser o vento. (A Henrique) Fica quieto, pintor desastrado!...(Volta) Continuemos: deixa-te de fingimentos comigo: tu não amas a teu primo, Leonina?...

LEONINA - Por que não tratamos de outro assunto, meu padrinho?...

Anastácio - Porque é exatamente deste que eu quero tratar: dize, tu amas a Henrique?...

LEONINA (Hesitando) - Não, senhor, não.

ANASTÁCIO - Mentirosa! E aquele namoro do Clube Fluminense?...

LEONINA - Foi...foi um namoro, meu padrinho.

ANASTÁCIO - Namoro sem amor? Não compreendo.

LEONINA - Ora! Todos o compreendem perfeitamente.

ANASTÁCIO - Menos minha sobrinha...creio eu.

LEONINA - Mas por quê?...diga

ANASTÁCIO - Porque é principalmente a pureza do coração que torna a donzela quase um anjo na terra.

LEONINA - Tem razão; pois bem...eu lhe digo tudo: eu amei...talvez ame ainda Henrique...(Rumor) Que maldito vento!...(Anastácio vai ao fundo).

ANASTÁCIO (A Henrique) - Não ficarás quieto, plebeu de uma figa!...(A Leonina) Deixa o vento e vamos ao caso: então, amas Henrique...

LEONINA - Sim, foi o primeiro homem a quem amei, será o último a quem ame; amei-o, e quantas o viram invejaram-me o seu amor; mas desde que soube no Clube que ele era pintor e filho de um marceneiro, todas as senhoras riram-se de mim, ou mostraram-se compadecidas do meu erro...a vaidade falou...e a vaidade fez-me esquecer o amor.

ANASTÁCIO - Continua; desta vez o vento não soprou.

LEONINA - Agora, tudo está acabado; e esse amor não passa de um sonho belo...suavíssimo...e ainda assim...bem triste!

ANASTÁCIO - Mas se teu primo ainda te amasse como dantes?...

LEONINA - Embora, a vergonha que me acanha e o ressentimento que ele deve guardar, levantaram entre nós uma barreira insuperável.

ANASTÁCIO - Bravo, Leonina!...

LEONINA - Que estou eu a dizer? Oh! meu padrinho, jure-me que não dirá a meu primo uma só das palavras que me ouviu.

ANASTÁCIO - Juro-te um milhão de vezes; mas desconfio muito que ele já saiba de tudo...

LEONINA - Como?...

ANASTÁCIO - O vento, Leonina, o vento!...

LEONINA - Meu Deus!...

HENRIQUE (Aparecendo) - Adoro-te, Leonina! Adoro-te, como no primeiro dia do nosso amor!...

LEONINA - Ah! Meu padrinho a traiçou-me.

ANASTÁCIO - É a segunda vez que hoje me acusam de traidor...mas...aí temos conosco a velha Fabiana com o ilustre comendador.

LEONINA - Oh! que não me encontrem aqui...

HENRIQUE - Não tenha receio; eu me retiro por este lado...não...lá vejo o coronel Reinaldo...seguirei esta rua...é impossível...iria encontrar-me com seus pais, minha senhora...

ANASTÁCIO - Em tal caso recolhe-te aos bambus; é o recurso que te resta; e adeus, que me resolvi a jantar com Leonina. (Henrique oculta-se) Vem, menina, fujamos...aquela mulher é a peste (Vão-se).

CENA V

Fabiana, e o Comendador Pereira.

PEREIRA - Não é tanto assim, minha senhora; convenho em que um homem na minha posição, um milionário, comendador e em vésperas talvez de ser barão, deva despertar as simpatias das senhoras; mas às vezes elas têm idéias tão extravagantes, que podem chegar até a desprezar uma personagem da minha ordem, por algum doutorzinho, ou mesmo por uma qualquer coisa assim a modo de artista...

FABIANA - Mas, Dona Leonina tem bastante juízo para não cair em tal; fale-lhe em casamento e verá; eu sou muito amiga de Dona Hortênsia e sei em que princípios educou a filha; Dona Leonina é um anjo de virtudes, e o seu único defeito, que proveio da educação que recebeu, é ainda uma garantia para o amor de Vossa Excelência.

PEREIRA - E qual é esse defeito?...

FABIANA - Preferir a tudo a riqueza; se Vossa Excelência fosse pobre, apesar de todo o seu merecimento, duvido que conseguisse ser amado; rico porém como é, pode contar com o amor de Dona Leonina.

PEREIRA - Sim...até certo ponto ela tem razão; porque enfim, o dinheiro é uma grande coisa; mas...por outro lado...isso não me parece muito lisonjeiro...

FABIANA - Pelo contrário...Olhe, quero contar-lhe em segredo: Dona Leonina amava não sei por que ao coronel Reinaldo; o galanteio entre ambos tinha ido além de certos limites; desde porém que Vossa Excelência se apresentou como pretendente, o coronel, embora tenha ainda licença para amar, perdeu já a esperança do casamento.

PEREIRA - Era de prever: desde que se mostrava um homem rico, um comendador, talvez em vésperas de ser barão...mas, pelo que vejo, conta-se comigo...

FABIANA - Se se conta! Dona Leonina não cabe em si de contente: e os pais então! Esses estão entusiasmados: excelente família! É o céu que lhe depara este casamento. Senhor comendador, Vossa Excelência está destinado a ser o salvador desta honrada gente, porque o senhor Maurício, segundo dizem, deve tanto...tanto...que terá de sofrer alguma horrível desgraça, se lhe não valer um genro dedicado e generoso.

PEREIRA - Mas eu penso que um genro não tem obrigação de pagar as dívidas do sogro...

FABIANA - E que há de fazer Vossa Excelência, quando sua esposa, banhada em pranto, lhe pedir que salve a se pai?...que diferença farão em sua fortuna, quarenta ou cinqüenta contos de menos?...Deixemos porém isso, arrependo-me até de ter falado em tal; o que lhe importa saber é que Dona Leonina o ama apaixonadamente.

PEREIRA - Vossa Excelência o assegura com toda a certeza?

FABIANA - Pois se eu já lhe disse que a garantia do seu amor está na sua riqueza, e nas conveniências da família! Dona Leonina é uma menina virtuosa, mas bastante interesseira; deseja ser muito rica para gastar, brilhar, e ter sempre a seus pés um a roda de adoradores. É o que eu chamo ter juízo, sinto bem que minha filha não seja assim! Filipa é uma doidinha que se deixa levar

somente pelo merecimento pessoal. Eu sei que ela ama um homem muito rico, mas a pobre tola abafa a sua paixão com receio de que a suponham ambiciosa.

PEREIRA - Sim...até certo ponto Vossa Excelência tem razão; porque o dinheiro é uma grande coisa; mas também sua filha parece ter bom coração.

FABIANA - Qual! Juízo o de Dona Leonina, que até se entusiasma ouvindo falar em dinheiros, mas...que impertinência! Estou roubando momentos preciosos que pertencem à sua amada; vá, senhor comendador...vá ter com Dona Leonina.

PEREIRA - A companhia de Vossa Excelência nunca pode ser impertinente.

FABIANA - Basta de sacrifícios...(Empurrando-o docemente) Vá...ande...

PEREIRA - Irei...irei...obedecer também é servir. (Vai-se)

FABIANA - A paixão cega este homem; mas ainda assim se ele tivesse o que no mundo se chama honra e dignidade, por certo que teria sentido os efeitos do veneno que lhe lancei no coração.

CENA VI

Fabiana, Frederico e Filipa.

Frederico - Acabamos de encontrar Dona Leonina com o original do tio de Minas.

FABIANA - Não fale assim de seu tio, senhor Frederico!

FILIPA - Como minha mãe conta com o jogo!

FABIANA - É porque se trata de uma partida segura.

FILIPA - E se aparecer alguém que baralhe as cartas?...

FABIANA - Ninguém pode baralhá-las. Maurício está a ponto de ficar de todo perdido. Sei que em breves dias os seus numerosos credores aparecerão decididos a fulminá-lo.

FILIPA - Por que então não esperamos pelo resultado desse golpe?

FABIANA - Porque era possível que o irmão se lembrasse de pagar-lhe as dívidas.

FREDERICO - Como Vossa Excelência calcula e planeja bem!...

FABIANA - É um cálculo que dura há vinte e cinco anos! É uma dívida que tenho de remir e de pagar com usura; não me peça explicações que não as darei; aborreço Maurício e sua mulher e vingo-me em sua filha: se lhe vai aproveitar o meu ódio, tanto melhor.

FREDERICO - Mas o comendador Pereira...

FABIANA - Ontem em casa de Maurício, e aqui mesmo ainda há pouco, disse-lhe tudo quanto convinha dizer-lhe: mas o comendador é um estúpido e não me compreendeu; ou está pronto a sacrificar até mesmo alguns contos de réis por amor de Leonina. Embora! O nosso plano é infalível! Aproveitando a confusão do baile de máscaras, na chácara de Maurício, às duas horas depois da meia-noite levarei Dona Leonina para o caramanchão que fica junto da rua; o senhor aparecerá então; dou-lhe minha palavra de honra que a vítima do rapto não poderá soltar um grito, e a carruagem que deve estar perto o levará com ela para onde lhe parecer.

FILIPA - E depois, minha mãe?

FABIANA - Até aí a desonra, e logo depois em seguida virá a miséria. É a vingança; é a parte que me toca. Depois um casamento inevitável dará ao senhor Frederico direitos à herança do tio e padrinho da noiva; e tu, Filipa, com uma rival de menos, contarás uma probabilidade de mais para conquistar o comendador.

FREDERICO - Tudo bem calculado, quem ganha mais no negócio, sou eu; uma bela moça...uma grande herança em perspectiva...(A Fabiana) Minha senhora, Vossa Excelência é um anjo!

FABIANA - Anjo ou demônio, pouco importa, contanto que eu consiga o meu fim. Dê-me o seu braço senhor Frederico; tu, Filipa, insinua-te no espírito do comendador, e trata de fazer acreditar que o coronel Reinaldo ama com ardor a Dona Leonina: precisamos de um homem, sobre quem recaiam as primeiras suspeitas imediatamente depois do desaparecimento de Leonina. Até logo. (Vão-se)

CENA VII

Filipa e logo Henrique, que tem estado oculto.

FILIPA - Pois as cartas deste jogo serão por mim baralhadas. Ver Leonina mulher de Frederico que é moço, elegante e belo!... oh! não, não! Muitas e até eu ainda mesmo casada com o comendador lhe invejaríamos a sorte: esse casamento o salvá-la-ia da desonra; perca-se, portanto, ou pelo menos veja manchada a sua reputação, e fique solteira. Um rapto que se malogra no momento de executar-se, é de sobra para desacreditar a mulher que se encontra nos braços do raptor...Sim...é isso que deve acontecer; e para que aconteça só me falta um homem...um homem dedicado que eu hei de achar...um homem...que a minha boa fortuna há de mostrar-me...

HENRIQUE - Ei-lo aqui, senhora!

FILIPA - Oh!...o senhor Henrique!

HENRIQUE - Não percamos tempo nem palavras. Ouvei tudo...eu estava ali...ouvi tudo. Estou no domínio do segredo de sua mãe e do seu; poderia destruir os seus projetos; quero porém ser cúmplice neles: sabe que tenho sido profundamente ofendido e que devo estar sequioso de vingança. Eu sou o homem de que precisa. Aceita-me?...

FILIPA - Farei chegar às suas mãos um convite para o baile de máscaras do senhor Maurício. O senhor procederá de modo que não comprometa minha mãe, e ao arrancar Leonina dos braços do seu raptor, provocará com seus gritos o concurso de testemunhas.

HENRIQUE - Fá-lo-ei melhor do que calcula, minha senhora!

FILIPA - A vingança aproximou-nos: unir-nos-á a cumplicidade. Adeus, senhor, até a noite do baile!...

HENRIQUE - Até a noite do baile!...

FILIPA (Indo-se) - Oh!...agora estou segura. (Vai-se)

HENRIQUE - Baralhaste demais as cartas do vosso jogo, minha senhora! A partida não será vossa, e menos de vossa mãe: a partida será minha! (Vai-se)

CENA VIII

O Comendador Pereira.

PEREIRA - O senhor Maurício anda mal de fortuna; isso é tão positivo que ainda há quatro dias descontei com dez por cento esta letra de três contos réis, assinada por ele; não é boa firma, não; mas tem uma filha que vale cem contos com os olhos fechados. Nada tenho com as dívidas do pai; o que eu quero é a filha, e há de ser minha. Segundo ouvi há pouco, ela vem esperar aqui Dona Hortênsia, e eu não hei de perder este ensejo. Vou oferecer-lhe a decantada rosa (Tira-a do seio); mas há de ser uma fineza toda especial. Dona Fabiana assegura que a menina é muito interesseira; pois então, apresentar-lhe-ei a rosa em um cartuchinho feito com a letra de três contos de réis.(Prepara o cartucho). Aposto que o cartucho produzirá mais efeito do que a rosa? Dona Leonina não terá de envergonhar-se, porque o presente será recebido em particular, e, além disso, não posso admitir que o dinheiro envergonhe a pessoa alguma. Ei-la aí.

CENA IX

O Comendador Pereira e Leonina.

LEONINA - Esperava encontrar aqui minha mãe.

PEREIRA - E eu dou-me os parabéns por não ter ainda chegado a senhora Dona Hortênsia; desejava achar-me a sós com Vossa Excelência para testemunhar-lhe o meu profundo afeto, oferecendo-lhe a palma da beleza. (Apresenta a rosa no cartucho).

LEONINA (Recebendo) - Oh! a rosa!... (Deita fora o cartucho).

PEREIRA - Não deite fora o cartucho!...não deite fora o cartucho!...

LEONINA - Mas que tem de singular este cartucho?...

PEREIRA (Apanhando-o e oferecendo-o de novo) - Minha senhora, é que há cartucho e cartucho!...

LEONINA (Recebendo e à parte) - Querem ver que é um bilhetinho amoroso?... (Abre) Oh!!!

PEREIRA - Perdoe-me Vossa Excelência... é um simples sinal...

LEONINA - Senhor! Há dois insultos neste indigno papel! Há dois insultos, porque o senhor fez-me corar por meu pai, e porque ousou fazer-me um presente de dinheiro! Há dois insultos...ou não há insulto algum, porque Vossa Senhoria, senhor comendador, não compreende quanto respeito se deve a uma

senhora. Eis aí o seu papel!...Ei-lo...vê bem que o não posso rasgar; é uma dívida de meu pai.

PEREIRA - Minha senhora...por quem é...

LEONINA - Eis aí a sua letra! Está me queimando os dedos: ei-la aí! E pois que não a vem receber, apanhe-a no chão. (Atira a letra ao chão e volta as costas).

PEREIRA - Perdão, minha senhora, eu sou um bruto. (Apanha a letra).

CENA X

Pereira, Leonina e Hortênsia.

HORTÊNSIA - Oh! a rosa!...a palma da beleza na mão de Leonina!...

LEONINA - A rosa?... é verdade...nem dela me lembrava!...(Desfolha a rosa).

HORTÊNSIA - Que fazes, minha filha?

LEONINA - Oh! minha mãe! Esta rosa tinha espinhos: feriu-me!

ATO III

Sala interior em casa de Maurício; sempre o mesmo luxo e elegância; mesa pequena, mas de rico trabalho, à direita e um pouco ao fundo. Portas laterais e ao fundo.

CENA I

Hortênsia e Maurício, tendo na mão um livro que logo depois vai colocar sobre a mesa.

MAURÍCIO - Não, Hortênsia, as ilusões desapareceram; a hora da desgraça vai soar para nós; já dissipamos toda a nossa fortuna, e legaremos a Leonina a mais horrível miséria.

HORTÊNSIA - Ora, que andas sempre a sonhar futuros pavorosos!

MAURÍCIO - Não, este livro não mente; ele me assinala a ruína e a vergonha, porque me traz à memória dívidas que não posso pagar; ele me lança em rosto um crime, porque em um momento de desvario usei vender escravos que

tinha hipotecado. Estão aqui vestidos de seda que apareceram em uma só noite; brilhantes e enfeites, que importam em contos de réis. Devo às lojas de modas, devo aos joalheiros, devo aos tapeceiros, devo as mobílias e o aluguel das nossas casas; devo tudo e a todos! E o que é mais! Essa hipoteca, que não soube respeitar, me denuncia um crime de estelionato, e não há meio de escapar às suas conseqüências.

HORTÊNSIA - E choras o que gastaste comigo e com tua filha?

MAURÍCIO - Não; mas quando penso que me arruinei para engolfar-me em prazeres que duraram instantes; quando penso que sacrifiquei o futuro de nossa filha a vãs pretensões que só a vaidade inspirava, maldigo mil vezes a loucura que me arrastou à perdição.

HORTÊNSIA - E pretendes lançar-me em rosto essas despesas que somente agora lastimas?...querias que eu fosse a bailes e teatros e neles me apresentasse vestida pobre e miseravelmente, para ficar exposta ao escárnio das senhoras e ao desprezo dos homens?...

MAURÍCIO - Eu não me queixo de ti, Hortênsia; choro apenas a nossa desgraça e maldigo a minha imprudência.

HORTÊNSIA - Fora talvez melhor que tivéssemos vivido ignorados; que uma vez por outra nos reuníssemos com uma ou duas famílias de classe baixa, e que enquanto jogasses a bisca com os maridos, eu conversasse sobre receitas de doces com as mulheres?... Não faríamos dívidas e teríamos a glória de casar Leonina com algum empregado de pouco mais ou menos, se escapássemos de casá-la com o filho de algum marceneiro.

MAURÍCIO - Hortênsia! Não assenta bem tanta soberba em quem está batendo às portas da miséria.

HORTÊNSIA - Ora! O que nós estamos é chegando ao dia do triunfo. O comendador se mostra loucamente apaixonado por Leonina...

MAURÍCIO - Mas o infame procedimento que teve ontem...

HORTÊNSIA - Não pensou no que fez e deu-me a satisfação mais completa. Leonina há de tornar-se às boas com ele e eu te asseguro que o comendador nos pedirá nossa filha em casamento no dia dos anos desta.

MAURÍCIO - Oh! se isso não fosse uma nova ilusão!

HORTÊNSIA - Não o duvides. O próprio comendador mo deu a entender; o que, portanto, nos cumpre é disfarçar a crise que nos ameaça e salvar as aparências por alguns dias.

MAURÍCIO - Entendo; devemos representar o último ato da comédia da impostura.

CENA II

Maurício, Hortênsia e Anastácio, que fica junto à mesa.

ANASTÁCIO - Juntinhos a conversar! Os meus dois fidalgos estão de certo desenrolando a sua genealogia: quero apreciá-los de parte. (Vê o livro e abre-o) Oh! o livro de receita e de despesa! Isto é uma obra rara e proibida na casa do desmazelo e da dissipação. (Examina).

HORTÊNSIA - Tratemos da nossa festa: convêm que seja de estrondo, e que se fale durante um mês inteiro do baile de máscaras dado em honra dos anos de Leonina.

MAURÍCIO - E se esse casamento não se concluir, onde iremos parar, Hortênsia?...

ANASTÁCIO (Batendo com o livro sobre a mesa) - Miserável!...

HORTÊNSIA (Voltando-se) - Meu mano!...

MAURÍCIO (Correndo para o livro) - Oh! leu...sabe tudo!...(Pena no livro).

ANASTÁCIO (À parte) - Desgraçado!...desgraçado!...(Outro tom e à parte) Mas antes assim, meu Deus; eu temia que ele fosse já um infame, e apenas tem sido um louco; antes assim!

HORTÊNSIA - Que tem, meu mano?...

MAURÍCIO - Anastácio, eu compreendo o teu desespero; foi este livro...

ANASTÁCIO - E que tenho eu com esse livro?...pela encadernação parece-me obra moderna, e eu só acredito nos autores do século passado.

MAURÍCIO (Á parte) - Não leu, ainda bem! (Vai guardar o livro num gabinete e volta logo).

ANASTÁCIO (À parte) - Coisa singular!...quer me parecer que este meu irmão ainda tem vergonha!

HORTÊNSIA - Mas por que motivo entrou tão irritado?...

ANASTÁCIO - Porque...porque...ah! querem saber por quê?...pois eu lhe conto. Fui visitar uma família de minha íntima amizade, e a quem como a vocês, não via há dezoito anos, e quando esperava encontrar a prosperidade, encontrei somente a desgraça e a miséria.

HORTÊNSIA - Infelizes!...

ANASTÁCIO - Infelizes, não; infeliz é o lavrador que trabalha meses inteiros e vê num dia o vento impetuoso ou a enchente assoladora destruir-lhe as plantações; infeliz é o negociante a quem a tempestade roubou a riqueza, fazendo soçobrar seus navios; infeliz é o proprietário a quem o incêndio devorou as casas e a fortuna; mas o perdulário, e o dissipador, vítimas somente do luxo e da vaidade, não têm direito à compaixão dos homens; são entes imorais, que pervertem a sociedade com o seu mau exemplo, e que merecem o castigo da desgraça.

MAURÍCIO - Anastácio...levas a austeridade até o excesso...

ANASTÁCIO - Não, eu sou apenas justo: escutem; o meu antigo amigo era empregado público, tal e qual como és, Maurício; casara-se com uma senhora que tendo todas as virtudes, tinha também e, infelizmente, o defeito da vaidade e do amor da ostentação...nesse ponto não sei se ele se parece contigo; mas como a ti, Maurício, também sua esposa lhe trouxera em dote uma fortuna modesta; o homem da mediocridade, impelido por sua mulher e por seu próprio gosto, esqueceu a sua esfera, quis ombrear com os grandes, fruir os prazeres, e ostentar o tratamento dos milionários, e nem os cuidados do futuro de uma filha que o céu concedera a esse casal desvairado, puderam arredá-lo do caminho da perdição. Os anos foram correndo nas asas das festas...a fortuna própria foi dissipada...vieram depois as dívidas, e finalmente chegou o dia da ruína e do opróbrio. Que dizem vocês a isto?...

HORTÊNSIA - É um quadro muito comum hoje em dia.

ANASTÁCIO - Quando eu ainda há pouco chegava à casa dessa triste família, os credores saíam dela levando os trastes penhorados. Vi soldados à porta, entrei; corri aos meus velhos amigos, oh que destino o seu! O marido ia ser levado para a prisão como estelionatário; a mulher para o hospital, porque havia endoidecido; e a filha...a filha tinha diante de si o desamparo, e perto do desamparo a desonra e a prostituição!...

MAURÍCIO - Meu Deus!

ANASTÁCIO - Oh castigo do céu! Castigo de Deus!...eram meus amigos; mas foi muito bem merecido!...

HORTÊNSIA - Meu mano, eu o estou desconhecendo!

ANASTÁCIO - A razão fala pela minha boca: um empregado público que não é rico, que ganha pouco, e vive no seio da opulência e do fausto, ou rouba ao Estado ou aos particulares; porque ou é malversador, ou contrai dívidas que sabe que não poderá pagar. É verdade ou não, Maurício?...

MAURÍCIO - É verdade!

ANASTÁCIO - A mulher casada que impele seu marido a fazer despesas loucas e superiores aos seus recursos; que para trajar brilhantes vestidos e adornar-se com jóias custosas, o expõe ao opróbrio, ao infortúnio, à infâmia, não ama a seu marido, desconhece os seus deveres de esposa, não é somente louca, é ainda altamente criminosa. É verdade ou não, senhora?...

HORTÊNSIA - É verdade.

ANASTÁCIO - E se esse homem e essa mulher têm uma filha, e dão-lhe a educação perniciosa do luxo e da vaidade; se lhes matam a inocência e a abandonam a mil perigos, atirando-a imprudentemente nas garras de sociedades sem escolha; se esse homem e essa mulher ajudam por tal modo a corromper o anjo que o céu lhes concedera; esse homem é um pai desnaturado, essa mulher é mãe depravadora. Pai e mãe, que me ouvis, não é verdade?...

MAURÍCIO - Oh!...

HORTÊNSIA - Meu mano!...

ANASTÁCIO - E os resultados desses erros, que são verdadeiros crimes, ei-los aí no quadro que apresentou a mísera família. Chega um dia em que os credores e a justiça entram na casa da dissipação; os credores apoderam-se dos restos de uma fortuna esbanjada; a justiça arrasta para uma cadeia o homem que perpetrara um delito infamante; a mulher vendo-se sem pão, sem riqueza, sem fasto, cai fulminada pelo raio da vaidade e enlouquece; e a filha, a única vítima inocente, acha-se no mundo só, em abandono, ardendo em desejo de brilhar como dantes, invejando as jóias, os vestidos, e esplendor das outras mulheres, e aí vem um pérfido sedutor, que lhe oferece bailes, teatros, sedas e carruagens, e em troca lhe pede a honra!...oh!...a filha do luxo e da vaidade acaba por abrir

os braços! A serpente da libertinagem morde-lhe o seio...o anjo da pureza a desampara, e a desgraçada escreve o seu nome na lista das mulheres perdidas. Pai, que me escutas comovido; mãe, que me olhas espantada, respondi: quem precipitou essa infeliz na vergonha da corrupção?...Dizei!...

HORTÊNSIA - Ah!!! senhor...

MAURÍCIO - Meu irmão...basta!...

ANASTÁCIO - Não, ouvi-me até o fim; ninguém deplora essa família; ninguém dela tem piedade. O Estado diz ao empregado público: "Empregado malversador! Mereceste a punição do teu crime" Os credores bradam-lhe ressentidos: "Miserável, tu nos arrancaste o nosso dinheiro!". A pátria volta-se contra a mulher e clama: "Insensata! Em tua filha tu me roubaste uma mãe de família!". E a sociedade repele a moça infamada, a essa triste filha, a quem não ensinaram a trabalhar, e que preferiu a desonra com o fausto, à honestidade com o trabalho: e a bela corrompida envelhece; seus encantos murcharam depressa nas orgias da devassidão, e um dia, anos depois, o pai sai da prisão, a mãe sai do hospital, e encontram na rua uma mendiga esfarrapada, com o letreiro da prostituição escrito na face, e que lhes estende a mão, pedindo esmola...oh! não volteis o rosto, pai e mãe dissipadores! Pai e mãe escravos do luxo e da vaidade! Socorrei a mendiga! Socorrei-a, porque é vossa filha!...

MAURÍCIO - Basta!...basta!...

HORTÊNSIA - É horrível!...

ANASTÁCIO (Outro tom) - E que têm vocês com isto?...estarão porventura no mesmo caso?...

HORTÊNSIA - Oh!!! não...não...mas temos uma filha, e o quadro foi medonho.

ANASTÁCIO - Pois corrijam-se dos seus erros, se ainda é tempo. Maurício, a ostentação e o luxo com que tua família se apresenta, desabonam o teu crédito; toda essa gente que frequenta hoje a tua casa; todos esses figurões que te festejam, hão de desaparecer e abandonar-te na hora da adversidade. Mana Hortênsia, é simples o segredo da felicidade: quando por acaso nos sentirmos entristecer por não poder gozar os prazeres que gozam os que são mais ricos do que nós, basta que olhando para baixo, contemplemos aqueles que ainda podem menos do que nós.

MAURÍCIO - Tem razão...nós nos corrigiremos...

HORTÊNSIA - O mano deu-nos uma lição proveitosa; falou-nos com o coração e há de ver o seu triunfo.

ANASTÁCIO - Ainda bem; e principiem a ter juízo desde hoje...

MAURÍCIO - Sim...nada mais de ridículas pretensões...

HORTÊNSIA - Nada mais de falsas amizades; nada mais de vaidades...

CENA III

Maurício, Hortênsia, Anastácio e Petit.

PETIT - Excelentíssimas baron e baronesa do Rio Mirim!

HORTÊNSIA - A baronesa!...ah! eu vou imediatamente... (Vai-se)

ANASTÁCIO - Maldita baronesa! Oh! mana...ouça primeiro...

MAURÍCIO - O senhor barão! Depressa a receber Sua Excelência. (Vai-se)

CENA IV

Anastácio e Petit, ao fundo.

ANASTÁCIO - Maurício! Qual! Deixaram-me por amor dos barões Mirins! Perdi a minha retórica, e está decidido que meu irmão precisa receber uma lição amarga e rude. Desgraçados! Debatendo-se já no fundo do abismo, e tão cegos e tão vaidosos ainda! Oh! é esta sociedade envenenada e corrupta que estraga todos os corações! É esta sociedade que deixando-se escravizar pela paixão do luxo, sacrifica todos os sentimentos e todas as considerações ao ouro; devorada por esta paixão funesta, prefere o ouro à sabedoria, o ouro à honra, o ouro à virtude! É ela que despreza o vestidinho branco da senhora pobre, mas honesta, pelas sedas e pelos veludos das grandes libertinas! É ela que ensina a abafar o pudor, e a menosprezar a própria reputação para satisfazer a paixão do luxo...sim! é uma sociedade depravada, que zomba e ri da consciência, da lealdade, da justiça, da pátria, de Deus, e que violenta se arroja pela estrada da desmoralização, tendo na mente uma única idéia - ouro! ouro! ouro! - (Vendo Petit) Que fazes tu aqui?...estavas ouvindo o que eu dizia, não?...

PETIT - Oh! non pode ser; eu non entende português.

ANASTÁCIO - Que temos então?...

PETIT - Um cavaleire comme il faut quer fala com monsieur Anastace palavra particular.

ANASTÁCIO - Conduze-o para esta sala. (Vai-se Petit) Quem será?...uma palavra particular?...não tenho negócios na corte, e mesmo já perdi as minhas antigas relações. Sou inimigo de segredos e de mistérios; gosto da franqueza, que é a arma do justo, e me acho de muito mau humor para sofrer segredinhos de homem. Diabo!...deixem o cochichar para as senhoras que gostam de falar com a boca fechada.

CENA V

Anastácio e Henrique.

ANASTÁCIO - Henrique!...tu aqui?...

HENRIQUE - É verdade, mas meu tio; desde ontem que vossa mercê não aparece, e eu precisava absolutamente falar-lhe. Foi necessário que se desse uma circunstância bem grave para que eu ousasse entrar nesta casa.

ANASTÁCIO - Pois então senta-te. (Senta-se)

HENRIQUE - Não, meu tio; falarei de pé e depressa, porque devo retirar-me antes que me encontrem aqui, e que me lancem para fora.

ANASTÁCIO - Lançarem-te para fora?! E não vês que sairiam dois ao mesmo tempo?...

HENRIQUE - Embora, ou ainda por essa razão.

ANASTÁCIO - Nesse caso fala de pé; mas eu fico sentado.

HENRIQUE - Meu tio, desde ontem que se prepara uma trama infernal contra minha infeliz prima...

ANASTÁCIO - Eu logo adivinhei que tua prima entrava na história.

HENRIQUE - Trata-se nada menos que de perpetrar um rapto...

ANASTÁCIO (De pé) - E a vítima?...quem é?...

HENRIQUE - Minha prima.

ANASTÁCIO - Leonina?...será possível!...(Outro tom e sentando-se) Vamos adiante; continua.

HENRIQUE - A vítima deve, pois, ser minha prima...Ouviu, meu tio? Leonina...minha prima...

ANASTÁCIO - Sim, tua prima; ouvi perfeitamente.

HENRIQUE - E pode estar ouvindo com essa frieza?...

ANASTÁCIO - Henrique, em regra geral nunca se furta uma moça senão quando ela se deixa furtar.

HENRIQUE - E então...

ANASTÁCIO - E então, quem não é seu pai, nem sua mãe, e apenas seu namorado, deixa-a ir com o raptor, que por fim de contas é o mais enganado, porque julgando levar consigo um tesouro precioso, apenas carrega às costas um saco de moeda falsa.

HENRIQUE - Mas é que meu tio ignora as circunstâncias...

ANASTÁCIO - Pois vamos a elas.

HENRIQUE - No baile de máscaras, que vai dar-se na chácara de meus tios, às duas horas da noite, Leonina será atraída para um caramanchão, que fica junto de uma rua deserta; aí dois máscaras atirar-se-ão sobre a infeliz, abafarão seus gritos e arrastando-a para uma carruagem, que está perto, um dos máscaras desaparecerá com ela.

ANASTÁCIO - E esses máscaras serão uma mulher perversa e um homem libertino: Fabiana e Frederico, não é assim?...

HENRIQUE - Exatamente: mas quem lho disse?

ANASTÁCIO - Eu o tinha previsto...Miserável!...Como descobriste este segredo?...

HENRIQUE - Surpreendi-o, quando me deixou oculto atrás dos bambus, no Jardim Botânico; surpreendi-o, e oportunamente me ofereci à filha de Dona Fabiana, que pedia à sua boa fortuna um cúmplice, que impedisse a realização

do rapto ao tempo em que o escândalo fosse já bastante para manchar o crédito de Leonina.

ANASTÁCIO - Tens em tuas mãos os fios dessa trama criminosa: qual é o teu propósito?...

HENRIQUE - Vim consultá-lo sobre isso. No meu pensamento brilhou a idéia de uma nobre vingança; lembrou-me que podia abater a soberba de meus tios, forçando-os a reconhecer-se devedores da salvação de sua filha a aquele que tão indignamente desprezaram...

ANASTÁCIO - Pobre plebeu! Haviam de dizer-te que às vezes também um naufrago pode ficar devendo a vida a um cão da Terra Nova.

HENRIQUE - Ainda não acabei. Lembrou-me depois, que eu deveria apresentar-me hoje aqui, e patenteando o crime projetado, e nomeando os criminosos, dizer a meus tios: "Eis aí as brilhantes relações de que vos ufanais! Eis a vossa sociedade que arremeda o que não é! Eis aí os vossos falsos nobres, ridículas caricaturas daqueles, com quem procuram confundir-se; ei-los! São infames réus da polícia, são..."

ANASTÁCIO - Tempo perdido! Os três figurões chamar-te-iam caluniador e Maurício correria a dar um abraço a Frederico; Hortênsia a trocar um beijo com Dona Fabiana, e um criado viria mostrar-te a porta da rua.

HENRIQUE - Mas também nenhum desses pensamentos foi aceito pelo meu coração: em qualquer deles transpirava um desejo de vingança, generosa embora, e a vingança, oh!...não cabe em um coração que está cheio de amor! Meu tio, eu quero salvar Leonina, mas quero salvá-la sem que uma suspeita, uma simples dúvida possa deixar a mais leve nuvem no límpido céu da sua vida...quero salvá-la ficando para todos imaculada a sua pureza; quero salvá-la sem que ela o perceba, sem que se fale no seu nome, sem que ela tenha de corar ante a idéia do atentado, de que ia ser vítima; quero salvá-la, como um pai salvaria sua filha!...não quero nem o abatimento da soberba, nem a confusão do crime, nem a vingança, nem a gratidão; quero a reputação de Leonina intacta, e o seu nome saindo de todos os lábios que o pronunciaram, suave como uma harmonia de Haydn, puro e celeste como a oração de um anjo.

ANASTÁCIO - Excelente; mas devemos de levar ao fim a obra modificando um pouco as tuas idéias poéticas. Já fui delegado de polícia em Minas, e quando me denunciavam que se pretendia cometer algum roubo, a minha regra era apanhar os ladrões com a mão na ratoeira.

HENRIQUE - Mas se um descuido qualquer...

ANASTÁCIO - Já cumpriste o teu dever; o cumprimento do meu começa agora. Hás de dar-me amanhã algumas lições de baile mascarado. Uma dificuldade única me embaraça...Com hei de eu tolerar a presença desses tratantes, que vêm hoje aqui jantar?...Já, porém, que é preciso fingir, já que no meio desta gente sem fé, os próprios homens honestos devem às vezes trazer uma boa máscara no rosto, verão para quanto presta este velho roceiro!

CENA VI

Anastácio, Henrique e Leonina.

LEONINA - Meu padrinho...meu padrinho...(Vendo Henrique) Ah!...

ANASTÁCIO - Assustou-se?...pois o rapaz não é feio.

HENRIQUE - Minha senhora...

LEONINA - Perdão, eu pensava que meu padrinho estava só.

ANASTÁCIO - Mas achaste-me bem acompanhado, o que é ainda melhor. Que é isto?...parece que choraste, Leonina?...

LEONINA - Não...não chorei...

HENRIQUE - Eu me retiro... (Anastácio o suspende, segurando-lhe na mão).

ANASTÁCIO - Vieste para confiar-me um segredo, podes falar; em vez de um, tens a teu lado dois amigos.

LEONINA - Meu padrinho...

HENRIQUE - Eu a deixo em liberdade, minha senhora; sei bem que não tenho direito algum à sua confiança...(Indo-se).

ANASTÁCIO - Tu o deixas ir, Leonina?...

LEONINA - Senhor...meu primo, fique.

ANASTÁCIO (À parte) - Com tenho domesticado este bichinho!...(A Leonina) Fala...

LEONINA - Ah! Meu padrinho...tenta-se contra a minha felicidade, contra o futuro da minha vida...

ANASTÁCIO - Como?...

LEONINA - Querem casar-me com um homem grosseiro e mau, cuja única recomendação é a riqueza...

HENRIQUE (À parte) - Meu Deus!

ANASTÁCIO - O comendador Pereira...

LEONINA - Ele mesmo!

ANASTÁCIO - Que dizes tu a isto, Henrique?...

HENRIQUE - Meu tio!

LEONINA - Meu padrinho!

ANASTÁCIO - Creio que ninguém se lembrará de casar-te contra a tua vontade, e menos de te impor à força um marido...

LEONINA - Oh! mas meu pai pede, minha mãe chora, e um pai que pede, obriga: uma mãe que chora, impõe!...

ANASTÁCIO - E além disso trata-se de um fidalgo da gema; e um fidalgo, ainda que seja estúpido, grosseiro, e ainda mesmo tratante, é sempre um fidalgo, minha afilhada!

HENRIQUE - Senhor...meu tio...atenda que ela chora!...

LEONINA - Veja, meu primo, ele zomba de mim, quando as lágrimas correm de meus olhos!

ANASTÁCIO - Tens razão! Fui mau: oh! mas nunca hei de consentir que te façam desgraçada! Leonina, enxuga esse pranto...não quero que chores! Os teus olhos não devem chorar; olha-me, olha-me bem? Sabes?...o teu rosto tem um encanto indizível para mim. Tu tens o rosto de minha mãe, Leonina! Velho, ainda me lembro daquele anjo de amor e de virtudes...oh!...e lembra-me também meu pai, que morrendo nos meus braços, me recomendou Maurício, meu irmão mais moço, e me pediu que por minha vez fosse para ele um pai!...(Comovido) Oh! bom e honrado homem, que hoje gozas a bem-aventurança do céu! Oh meu pai!... eu cumprirei à risca a tua última e santa

vontade! Leonina é a filha de teu filho!...é o retrato de minha mãe...não há de ser, não quero que seja desgraçada!...(Com ternura) Leonina! És também minha filha!...e para fazer-te feliz, eu tenho um tesouro de amor neste seio, que se abre para receber-te...vem! Leonina! Minha afilhada! Minha filha!...
(Aperta Leonina nos braços).

LEONINA - Oh!...meu padrinho!...

HENRIQUE - Que coração o deste homem, meu Deus!

ANASTÁCIO (Soluçando) - Eis aí! Creio que estou chorando!... mas como é doce o abraçar-te, Leonina! Não achas que deve ser muito agradável Henrique?...e querem fazer-te desgraçada, bela menina?...pela alma de meu pai, juro que não!

LEONINA - Ouço vozes...(Observa) Ah! Meu padrinho, contenha-se; aí vêm todos os nossos amigos para o jantar.

HENRIQUE - E vão encontrar-me aqui...é um verdadeiro vexame para mim!

ANASTÁCIO - Entra para o meu quarto e espera. (Leva até a porta do quarto a Henrique que entra) Ora vejam com quem queriam casar minha afilhada!...(Observando).

CENA VII

Anastácio, Leonina, Maurício, Hortênsia, Fabiana, Filipa, Frederico, Pereira, Reinaldo e Lúcia.

VOZES - Senhor Anastácio!...(Cumprimentam-no)

ANASTÁCIO - Minhas senhoras...meus senhores... (À parte) Devo estar com uma cara de enforcado: a presença desta gente irrita-me.

HORTÊNSIA - Meu mano, os nossos amigos vêm dar-nos o prazer de jantar conosco para obsequiá-lo...

FABIANA - A nossa maior ambição é a conquista da sua amizade.

ANASTÁCIO - A minha amizade, Excelentíssima...(À parte) Eu não ofereço a minha amizade a esta fúria, nem que me serrem!

FILIPA - A sua amizade é um tesouro que todos desejamos possuir.

FREDERICO - E eu muito particularmente.

ANASTÁCIO - Por quem são...os senhores confundem-me...(À parte) Está visto...eu não posso fingir...

REINALDO - Eu cá sou amigo velho. (Dá a mão a Anastácio, que deixa apertar a sua friamente).

PEREIRA - E eu desejo merecer um título igual. (Á parte) Este homem não tem espírito.

ANASTÁCIO (À parte) - Reconheço-me incapaz de dizer duas palavras; mas enfim, é indispensável rebentar com alguma coisa. (A todos) Eu...eu sou um agreste roceiro que não presta para nada...(À parte). Até aqui vou bem. (A todos) Porém...ainda assim...protesto e juro a Vossas Excelências e Senhorias... (A Leonina) É assim que se diz, Leonina?...(A todos) Sim...que fui, sou, e serei sempre um bom amigo, bem entendido, de quem merecer a minha amizade.

FREDERICO - E nós faremos tudo por tornar-nos dignos dela.

MAURÍCIO - Desde muito que o são: eu respondo pelo reconhecimento de Anastácio.

ANASTÁCIO - Menos essa! Ninguém responde por mim...quero dizer...que...meu irmão fala muito bem a linguagem cá da cidade, e eu...roceiro, velho e rude...tenho um modo de falar que não agrada a todos...mas tal como sou, aprecio devidamente...(Á parte) Eles hão de pensar que eu sou um estúpido...pois que pensem! (A todos) E os senhores podem ficar certos de que...eu já os conheço tanto...que declaro...sim declaro...(À parte) Ora viva! Eu vou declarar o diabo! (A todos) Declaro...

CENA VIII

Os precedentes, e Petit, da porta do fundo.

PETIT - Madame est servie. (Vai-se)

ANASTÁCIO (Indo a Petit) - Abençoado sejas tu, Petit de uma figa.

HORTÊNSIA - Vamos jantar; senhor coronel, o seu braço. (Toma-lhe o braço) Leonina, pede o braço ao senhor comendador...

ANASTÁCIO - Não é possível; Leonina já está engajada comigo. (A Leonina) É engajada que se diz, não é, Leonina?...

HORTÊNSIA (A Reinaldo) - Meu cunhado é um homem muito vexado. (Vão saindo)

REINALDO (A Hortênsia) - Pois olhe, não era assim no outro tempo. (Saem)

FABIANA (Tomando o braço de Pereira) - É um original!

PEREIRA (A Fabiana) - Não tem espírito...parece-me até idiota. (Saem)

MAURÍCIO (Dando o braço a Filipa) - Venha meu irmão. (Saem e Frederico com Lúcia)

ANASTÁCIO - Eu já os sigo; quero dizer primeiro uma palavra a Leonina. (À parte) Este jantar de hoje não me passa da garganta.

CENA IX

Anastácio, Leonina, e logo Henrique.

LEONINA - Que me quer dizer, meu padrinho?...

ANASTÁCIO - Eu, nada. Quero despedir-me de Henrique.(Vai à porta do quarto) Agora podes sair; e até logo.

HENRIQUE - Adeus, meu tio; minha...prima... (Cumprimenta-a)

ANASTÁCIO - Então como é isso?...não lhe dás a mão, Leonina?...(Leonina dá a mão, e Henrique a beija com ardor). Bravo! Agora sim; jantarei como um frade, e vou até fazer uma saúde ao comendador Pereira. (Vão-se)

ATO IV

Jardim espaçoso e todo iluminado; ao fundo uma casa de campo de bela aparência, assobradada e com escadaria na frente: pelas janelas abertas vê-se brilhar as luzes; bancos de relva no jardim: à esquerda um caramanchão coberto de jasmims; perto dele um portão de grades de ferro.

CENA I

Há um baile de máscaras; música, e ruído de festa; os máscaras sobem e descem pela escadaria, e aparecem às janelas; dirigem-se uns aos outros. Dois Máscaras: o primeiro sentado em um banco, o segundo chega e pousa-lhe a mão no ombro.

SEGUNDO MÁSCARA - Belo máscara, porque deixaste o baile?...esperas ou descansas?...

PRIMEIRO MÁSCARA - A esperança é falaz como a mulher, e o descanso é o marido fidelíssimo da preguiça; aborreço-os a ambos: não espero, nem descanso.

SEGUNDO MÁSCARA - Dá-me então o segredo de tua vida...

PRIMEIRO MÁSCARA - Medito sempre e ainda mesmo quando trago uma máscara no rosto. Agora estava pensando na grande loucura de um baile de máscaras, e procurava determinar com certeza quem é a pessoa que o baile em que estamos, assinala, como tendo menos juízo.

SEGUNDO MÁSCARA - Isso não tem que ver, é o dono da casa.

PRIMEIRO MÁSCARA - Pois enganas-te: é o credor ou são os credores do festeiro, que provavelmente nunca mais tornarão a ver o cunho do dinheiro que emprestaram para as despesas da festa.

SEGUNDO MÁSCARA - És má língua, e te levantas contra o santo, e contra a esmola.

PRIMEIRO MÁSCARA - Esquecia-me dizer-te, que há meia hora perdi um conto de réis ao lansquenete! Parei na dama de copas, que dez vezes consecutivas deixou-se cair no lado direito!...oh!...dama constante assim, é a primeira vez que encontro!

SEGUNDO MÁSCARA - E achas que deves desferrar-te do dono da casa?...

PRIMEIRO MÁSCARA - Desferrar-me?! Pronunciaste uma palavra de bom agouro: voltemos ao baile, e na sala do jogo paremos de parceria na primeira carta...

SEGUNDO MÁSCARA - Menos se a carta for alguma dama, porque as damas...

CENA II

Os dois Máscaras, que logo se retiram: Fabiana, Filipa, Frederico e todos os mascarados.

FILIPA - Fazem o martírio dos tolos; não é assim, belo máscara?...

SEGUNDO MÁSCARA - Ei-las comigo: imagens mundanas, fugité!...(Vai-se)

PRIMEIRO MÁSCARA - Três! Má conta: um sonha; dois suspiram; três conspiram! (Vai-se)

FABIANA - Que horrível calor faz lá dentro! (Tiram as máscaras) Conversemos ao menos alguns instantes aqui no jardim.

FREDERICO - Parece-me ter achado Vossa Excelência um pouco pensativa?...sobreviria algum contratempo?...

FABIANA - Não; tudo vai bem. Um pouco antes das duas horas da noite, Dona Leonina sentirá a cabeça pesada e um sono irresistível, e acompanhar-me-á ao jardim para adormecer logo depois naquele caramanchão.

FILIPA - Mas a explicação desse sono?

FABIANA - Está encerrada nesta caixinha de pastilhas. (Mostra-a)

FILIPA - Oh! minha mãe...

FABIANA - O fim justifica os meios: além disso há de ser um sono de uma ou duas horas e nada mais.

FREDERICO - E dormirá reclinada sobre o meu seio...

FABIANA - E despertará com o movimento da carruagem. (À Filipa) Mas pela tua parte, que tens feito insigne medrosa?...

FILIPA - Nada; o comendador acha-se possuído da mais acerba melancolia, e lança olhares fulminadores sobre o coronel Reinaldo, a quem supõe um rival preferido...

FABIANA - Melhor; tornar-se-á, portanto, mais verossímil uma fuga do que um rapto; e o coronel Reinaldo receberá daqui a pouco uma carta que o fará deixar o baile inesperadamente, dando-me ocasião de fazer sobre ele recair as

primeiras suspeitas do atentado, enquanto o senhor Frederico se põe a salvo. (A Frederico) E a carruagem?...

FREDERICO - Já está no lugar determinado.

FABIANA - O cocheiro?...

FREDERICO - Respondo por ele.

FABIANA - Tudo corre à medida dos nossos desejos: até o velho roceiro teimou em não ficar para o baile.

FREDERICO - Coitado! Apenas acabou de jantar, deitou a correr para a cidade antes que aparecesse alguma máscara: é um montanhês lá de Minas, que ainda tem medo de máscaras!

FILIPA - Foi uma pena que não ficasse, tomá-lo-ia à minha conta a noite toda.

FABIANA - E eu digo que foi muito melhor que se tivesse ido embora. Senhor Frederico, que horas são?...

CENA III

Fabiana, Filipa, Frederico e Anastácio, vestido de dominó preto: os três põem as máscaras.

ANASTÁCIO - É meia-noite.

FILIPA - Que voz! Pareceu-me ouvir o sino grande de S. Francisco de Paula dando horas.

FREDERICO - Belo máscara, quem és tu?...

FABIANA - Qual belo! Quem és tu, feio máscara!

ANASTÁCIO - Todos podem dizer o que foram; poucos o que são; nenhum o que há de vir a ser. O que fui, não vos importa; o que eu sou agora, acabastes de testemunhar; sou o cronômetro vivo que vos anuncia a hora que desejais saber; o que hei de ser ainda hoje...vê-lo-eis.

FREDERICO - Bravo! É um dominó que toca o sublime.

FABIANA - Mas estás me fazendo raiva; porque sou obrigada a reconhecer que és o primeiro máscara do baile.

ANASTÁCIO - Não te desconsales; tu és a primeira máscara do mundo.

FABIANA - Senhor!...

FREDERICO (Dando um passo) - Dominó, confundes o espírito com o insulto!...

ANASTÁCIO - Às vezes, quando a verdade pode ser um insulto...

FABIANA (A Frederico) - Voltemos à sala...este homem assusta-me...

FILIPA (Tomando o braço de Frederico) - Venha, senhor Frederico, venha...

FREDERICO (Voltando a cabeça para trás) - Encontrar-nos-emos de novo, não?...(Vão-se)

ANASTÁCIO (Seguindo-o) - Malgrado vosso, palavra de honra que sim!...

CENA IV

Maurício e Hortênsia. (A música toca uma valsa brilhante; movimento de máscaras. Anastácio, que tem ido até a escadaria, pára, vendo Maurício e Hortênsia; volta, observa-os um momento à distância e retira-se para um dos lados até encobrir-se).

HORTÊNSIA - Maurício...meu amigo...

MAURÍCIO - Deixa-me fugir dessa multidão que me exaspera; eu tenho a morte no coração, Hortênsia.

HORTÊNSIA - Silêncio...cuidado...(Olhando) Talvez nos escutem, Maurício.

MAURÍCIO (Olhando) - Não...estamos sós...livres de todos...menos da desgraça; sabes que recebi hoje uma carta em que o meu principal credor me previne de que amanhã ao meio-dia em ponto se apresentará a para receber quinze contos de réis ou para entregar-me à justiça, como um vil estelionatário?...pois bem: ainda há pouco no meio da confusão e do tumulto, uma voz soou a meus ouvidos, e disse-me: "Amanhã ao meio-dia, Maurício!..."

HORTÊNSIA - E essa voz...

MAURÍCIO - Não sei de quem foi: olhei e vi-me rodeado de máscaras: ouvi zombarias e gargalhadas: zombariam de mim?...Rir-se-iam de mim, Hortênsia?...oh, isto é horrível!...Estas músicas soam a meus ouvidos como um canto infernal; este ruído me ensurdece...eu enlouqueço!...Hortênsia!...Hortênsia!...dize-me uma palavra de esperança...uma palavra que me faça esquecer essa ameaça sinistra: Amanhã ao meio-dia, Maurício!..."

HORTÊNSIA - A nossa situação tornou-se realmente grave: Leonina tem desde ontem tratado com azedume e até com desprezo ao comendador...

MAURÍCIO - Meu Deus! E que recurso então nos resta?...

HORTÊNSIA - Lancei mão do último. Acabo de expor à nossa filha as circunstâncias desesperadas em que nos achamos; apelei para a sua generosidade, e conto vencer a sua repugnância: pediu-me dez minutos para refletir, e eu corro, porque é tempo de receber a sua resposta a fim de comunicá-la já ao comendador.

MAURÍCIO - O sacrifício da vida inteira e da felicidade de Leonina?...oh!...o luxo! A vaidade! Eis aí as suas conseqüências!...

HORTÊNSIA - Nossa filha há de ser feliz, eu te afianço...

MAURÍCIO - Não pareces mãe, Hortênsia!...

HORTÊNSIA - Maurício, é a primeira vez que me maltratas.

MAURÍCIO - Oh! perdoa-me! Eu não sei o que digo...minha cabeça desgoverna...salva-me, Hortênsia...

HORTÊNSIA - Sossega e confia em mim; mas onde encontrarei agora Leonina?...

CENA V

MAURÍCIO, Hortênsia e Anastácio, sempre de dominó.

ANASTÁCIO - Meditando e a chorar junto à última janela da galeria. (Vai-se)

MAURÍCIO - Esta voz!...quem é este máscara?...

HORTÊNSIA - Sabê-lo-emos depois; agora cumpre salvar-nos. (Vai-se)

CENA VI

MAURÍCIO, só - Continua a música alegre.

A música soa festiva e alegre! As luzes brilham! Admira-se em toda parte o luxo, a riqueza, o fausto e a magnificência do baile...tudo isto partiu de mim, e eu sou mais pobre do que o último mendigo!...hoje a festa...e amanhã ao meio-dia a miséria e o opróbrio!...oh! e medroso do infortúnio que eu preparei por minhas mãos; aterrado pela idéia do mais justo castigo; eu, no meio das músicas estridentes, do ruído da alegria, do movimento jubiloso de todos, eu, pai desnaturado e mau, consinto que vão arrojarem minha filha no abismo que cavei debaixo de meus pés!...minha filha!...Leonina!...misericórdia, meu Deus! Sou vil, sou infame, reneguei, desprezei meus parentes...reneguei a honra e a virtude, e ainda vou renegar minha filha!...sinto as ânsias do seu coração, vejo as lágrimas dos seus olhos, e ainda assim com as minhas mãos arrasto-a para o altar do sacrifício...oh! não!...não! este crime, esta abominação, este sacrilégio não há de realizar...não quero...não! não! (Partindo).

CENA VII

Maurício, que logo se retira, e Anastácio.

ANASTÁCIO - É tarde: Leonina deixou-se vencer por sua mãe.

MAURÍCIO - Não! Não...não é tarde nunca para correr um pai e salvar sua filha!...(Vai-se).

ANASTÁCIO - Vai, desgraçado, vai: a obra é tua, não tens portanto que maldizê-la: vai! Enxuga e esconde as tuas lágrimas, esmaga o teu coração e ri, e ri mil vezes aos olhos dessa sociedade mentirosa, em que quase todos são vítimas, e quase todos querem parecer triunfadores!...Oh! que sociedade! Ali dentro daquelas salas há homens que soltam gargalhadas e que têm no seio o fogo do inferno; há mulheres que se festejam e desejariam poder dilacerar-se; há moças que se estão beijando e que têm vontade de morder-se; ali dentro a inveja derrama veneno, a traição forja ciladas, a calúnia despedaça reputações, a corrupção se propaga, a hipocrisia triunfa, e melhor, e mais sublime que tudo isso, a miséria contradança e o calotismo dança a polca! Oh que mundo do diabo! (Sente passos) Quem vem lá?...é ela. (Vai-se)

CENA VIII

LEONINA (Só)

Está lavrada a minha sentença...meu Deus! Não há mais riso para meus lábios, nem felicidade para o meu coração. Máscara! Máscara! Não me deixes mais: agora tu és o meu único recurso. A desgraça feriu meus pais, um crime vergonhoso está a ponto de desonrá-los...oh!...não há que hesitar..é preciso que eu me sacrifique para salvá-los. Coragem! Há por aí tantas como eu vou ser...ânimo! mas, meu Deus, é muito!...uma vida inteira é muito!...Oh! meu Deus, manda-me um anjo que me salve!

CENA IX

Leonina e Henrique - Ambos têm as máscaras nas mãos.

HENRIQUE - Leonina!

LEONINA - Eu te pedia um anjo, meu Deus!...

HENRIQUE - Oh! o amor às vezes é quase um anjo, porque o amor puro e santo é todo cheio de influxo divino!...Leonina, eu amo!

LEONINA - Não mo diga, não...agora é muito tarde, para quem a tempo não quis ouvi-lo! Não é um anjo, não, meu primo! Para mim o senhor é um remorso! Ah! Eu estou no caso dos moribundos, que uma hora antes de expirar pedem perdão àqueles a quem ofenderam; perdão, Henrique!...

HENRIQUE - Leonina, coragem!...nós seremos ainda felizes...

LEONINA - Impossível!...

HENRIQUE - A idéia do impossível é quase um sacrilégio: a esperança somente apaga na alma do ateu.

LEONINA - Mas quando o próprio dever e o mesmo Deus ordenam o sacrifício de uma vida inteira...quando para salvar seus pais o único recurso que tem uma pobre filha é aceitar a mão de um homem que detesta...quando...

HENRIQUE - Não diga mais...eu sei...eu adivinho tudo...o rubor de suas faces revela o que lhe parece um segredo, e o que ninguém ignora...Leonina...vão condená-la a uma desventura eterna...e eu lhe oferecia no meu coração um altar de amor...Leonina!...

LEONINA - E para sentar-me nesse altar, Henrique, já que o sabe, lembre que eu precisaria fazer um degrau da honra de meus pais!...um homem se apresenta para salvá-los...atiro-me nos seus braços...não! não! Eu abraço-me somente com a salvação de meus pais!...

HENRIQUE - Tem razão, é assim mesmo. O santo amor de filha que lhe aconselha tanta abnegação, a engrandece ainda a meus olhos. Tem razão; procede, como deve. Oh! vã filosofia que zombas do poder do ouro! reconhece um tal poder e curva-te diante dele!...ei-lo!...aqui está o ouro comprando uma mulher, e uma mulher vendendo-se nobremente ao ouro por amor da virtude!

LEONINA - Meu primo!...

HENRIQUE - Miserável orgulho de artista!...artista!...de que te vale essa palheta, que amas com um cetro, essa glória, com que sonhas incessantemente? De que te vale o gênio, artista?...Oh!...quem me dá um cofre de ouro por essa palheta, que me custou tantos anos de fadiga? Quem me dá um cofre de ouro pela glória de meus sonhos, pelo talento que me inflama?...Oh! vãs quimeras!...a glória é uma ilusão! O talento é nada! O gênio é a túnica de Nesso, o merecimento, a probidade, a sabedoria são mentiras: há só uma grande verdade, é o ouro!

CENA X

Leonina, Henrique e Anastácio.

ANASTÁCIO - Blasfêmias!... há só uma grande verdade, é Deus; e por Deus são verdades o gênio, o merecimento, a probidade e a sabedoria.

LEONINA - Meu tio!

HENRIQUE - Salve-nos, meu tio! Quem nos reconciliou, quem nos animou com suaves esperanças, deve salvar-nos.

ANASTÁCIO - E hei de salvá-los. Não saí de Minas para assistir ao casamento de minha sobrinha com o comendador Pereira.

LEONINA - Que hei de fazer...ensine-me?...

ANASTÁCIO - Resiste.

LEONINA - Mas eu já dei o meu consentimento à minha mãe...

ANASTÁCIO - Resiste.

HENRIQUE - Ainda é tempo, vá retirar a sua palavra.

LEONINA - É tarde!...ei-los aí...(Anastácio e Henrique põem as máscaras).

HENRIQUE - Lembre-se do nosso amor, minha prima.

LEONINA - Oh! e meu pai?...e meu pai?

ANASTÁCIO - Resiste. (Vão-se Anastácio e Henrique)

CENA XI

Leonina, Maurício, Hortênsia, Pereira, Fabiana, Frederico, Filipa, Reinaldo e Lúcia.

REINALDO - Festa sublime e inimitável! Mas foi o diabo; apesar do meu disfarce conheceram-me logo pelo arreganho militar.

PEREIRA (À parte) - Se eu fosse ministro da guerra havia de reformar este coronel em cabo de esquadra; tenho-lhe um ódio!

LÚCIA - Só o senhor Maurício e a Dona Hortênsia sabem dar bailes com tanta riqueza e tão apurado gosto.

LEONINA (À parte) - Como meu pai está sofrendo!...o meu pobre pai!...

HORTÊNSIA - O esplendor da nossa festa é todo devido ao brilhante concurso que nos veio honrar...

PEREIRA - E eu sou o mais ditoso entre todos os que vieram a ela.

FABIANA - Bem o merece, se o é; porém Dona Hortênsia chamou-nos ao jardim com um ar de mistério que me vai dando que pensar.

HORTÊNSIA - Escolhi os nossos mais diletos amigos, para que fossem eles os primeiros a quem eu tivesse o prazer de participar que o senhor comendador Pereira fez-nos a honra de pedir Leonina em casamento, e que esta correspondeu como devia a tão notável distinção, aceitando ufanosa a felicidade que o céu lhe destinou.

VOZES - Parabéns! Parabéns!

PEREIRA - Falta-me só receber a confirmação da minha dita da própria boca da formosa noiva...

MAURÍCIO - Um momento...devo dizer ainda uma palavra a Leonina; perdão...é o último conselho de um pai. (Leva Leonina para um lado; Hortênsia toma o outro lado da filha, ficando um pouco para trás). Minha filha, eu corri há pouco para impedir uma promessa fatal, e cheguei tarde; agora, porém, o momento é supremo; o teu sacrifício não impediria o meu infortúnio...

HORTÊNSIA (À Leonina) - O comendador jurou-me que salvaria teu pai, Leonina!

MAURÍCIO (À Leonina) - No meio das maiores desgraças, a tua felicidade seria para mim a única e a mais doce consolação...

HORTÊNSIA (À Leonina) - E amanhã a vergonha e a desonra...

MAURÍCIO (À Leonina) - Consentir neste sacrifício fora um verdadeiro crime; minha filha...não ousas falar...falo eu...

HORTÊNSIA (Suspendendo Maurício) - E o estelionato, Maurício!...Salva teu pai, Leonina!

LEONINA (À parte) - Oh!oh!...é muito! Eu não posso mais; meu Deus! Eu cumprirei o meu dever. (A Pereira) Senhor...comendador...serei...sua...ah! (Desmaia).

MAURÍCIO - Minha filha!

HORTÊNSIA - Leonina...Ela torna a si...foi a emoção...o excesso de prazer...

REINALDO (À parte) - Aquela conversa e este desmaio não podem ser de bom agouro para o noivo.

PEREIRA - Minha senhora, eu vou dever-lhe a felicidade da minha vida...

LEONINA - Senhor...

MAURÍCIO (À parte) - Sou eu que sacrifico a pobre vítima!

FABIANA - Poupe o pudor da noiva; é uma impiedade martirizá-la assim. (A Frederico) Vai tudo às mil maravilhas para nós.

FREDERICO (À Fabiana) - Só um estúpido como o comendador deixaria de compreender o que se está passando.

FILIPA - Não esqueçamos o baile: senhor comendador, Dona Leonina ainda não é sua; pertence-nos durante esta noite; voltemos ao baile; eu estou louca por encontrar de novo o dominó preto; já viram o famoso dominó preto?...

PEREIRA - Dizem-me que tem intrigado a todos; mas eu ainda não o vi, nem ouvi.

LÚCIA - Nem eu, e ardo em desejos...

CENA XII

Os precedentes e Anastácio.

ANASTÁCIO - Pois ei-lo aqui, senhores!

VOZES - Oh! ainda bem! Ainda bem!...

FREDERICO - Todos estamos sem máscara; tira também a tua.

ANASTÁCIO - Ainda me assiste o direito de conservá-la no rosto.

HORTÊNSIA - Sem dúvida, e pelo menos até a hora da ceia.

FREDERICO - Desse modo é fácil exercer uma certa superioridade; porque conheces a nós todos, e ninguém ainda pôde descobrir quem sejas.

ANASTÁCIO - Tanto melhor para mim; mas quem vos disse que vos achais sem máscaras?...engano, senhores, todos estais mascarados!...

REINALDO - Excelente! Excelente!

PEREIRA - Pois tira-nos as máscaras, dominó pretensioso.

ANASTÁCIO - Vós o quereis?...

VOZES - Sim! Sim!...

FILIPA - É um máscara singular! Quando todos falam em falsete, ele conversa em baixo profundo!

ANASTÁCIO - Então aí vai: Maurício, a placidez do teu rosto é uma máscara; tu tens na alma o desespero. Também não te devias chamar Maurício, porque o nome que te cabe é a - Fraqueza.

MAURÍCIO - Oh!...

VOZES - Impagável! Impagável!

ANASTÁCIO - Hortênsia, a felicidade que ostentas é a tua máscara; porque o medo te oprime, e o remorso te despedaça o coração. Também não te devias chamar Hortênsia, o nome que te assenta, é a - Vaidade!

MAURÍCIO - Senhor!...

ANASTÁCIO - Leonina, és a única que não trazes máscara; porque o teu pranto e a tua aflição estão a todos dizendo que és uma vítima.

PEREIRA - Que pretendes significar com isso, senhor dominó?...

ANASTÁCIO - Comendador Pereira, a tua nobreza é uma máscara; porque tens tu mesmo consciência da tua nulidade. Também não te devias chamar Pereira, o nome que mereces é a - Fatuidade.

PEREIRA - É...é uma insolência!...

FREDERICO - Qual! É sublime!

ANASTÁCIO - Coronel Reinaldo...

REINALDO - Dispensar...dispensar, absolutamente; eu e minha filha queremos guardar o incógnito...Anda, Lúcia...este dominó traz o diabo no corpo. (Vai-se com Lúcia).

FILIPA - Pois eu não o dispensar.

ANASTÁCIO - Pobre moça! Também a tua leviandade é uma máscara; porque sofres tormentos incessantes; não te devias chamar Filipa, o nome que te compete; é a -Inveja.

FABIANA - É demais!...

ANASTÁCIO - Frederico, esse alegre estouvamento que ostentas é uma máscara; porque a tua alma está enregelada pelo egoísmo, e o teu coração ressecado

pela prática dos vícios. Não te devias chamar Frederico, o nome que te assenta é a - Libertinagem!

FREDERICO - Ah! Ah! Ah! é incomparável, palavra de honra!...

ANASTÁCIO - E o teu agrado, a tua afabilidade, a tua lhaneza são uma tríplice máscara, Fabiana! Porque no teu espírito refervem negras idéias; não devias chamar Fabiana; o nome, que te define, é a - Traição!

FABIANA - Miserável!

PEREIRA - E deixaremos assim impunes tantos insultos...

MAURÍCIO (Avançando um passo) - Protegido pela máscara e pelo indulto da hospitalidade, acabasse de injuriar a todos nós; perdeste portanto os teus direitos, e me impuseste o dever de arrancar-te essa máscara, e de mostrar o teu rosto aos olhos...(Quer arrancar-lhe a máscara e Anastácio suspende-lhe o braço).

ANASTÁCIO (A Maurício) - Amanhã, ao meio-dia, Maurício!...

MAURÍCIO - Oh!...(Deixa cair o braço)

HORTÊNSIA - Este homem é um atrevido, e como tal deve ser expulso da nossa casa...(Anastácio leva Maurício para um lado).

ANASTÁCIO (A Maurício) - Nós vamos entrar de novo na sala do baile, e tua mulher aceitará sem dúvida o meu braço...

MAURÍCIO (Aterrado) - Senhores...é um amigo...zombou de todos nós...mas não houve ofensa...é um amigo...tornemos ao baile...

FABIANA - Como?...depois dos insultos que nos dirigiu...

MAURÍCIO - É um amigo...já disse...respondo por ele...e a prova é, que Hortênsia vai tomar-lhe o braço...

HORTÊNSIA - Eu?...nunca!...

MAURÍCIO (À Hortênsia tremendo) - Toma-lhe o braço, Hortênsia!...

HORTÊNSIA (Tomando o braço de Anastácio) - Meu Deus!... (Vão-se retirando).

FREDERICO (Dando o braço a Fabiana) - Hora e meia!...

FABIANA - Vamos. (Vão-se)

CENA XIII

Filipa e logo Henrique.

FILIPA (Olhando em torno) - Hora e meia!...e alguém me falta...

HENRIQUE (Aparecendo) - Hora e meia!...Estou pronto.

FILIPA - O momento terrível se aproxima, um leve descuido poderia ser-nos fatal; cuidado!

HENRIQUE - Eu velo.

FILIPA (À parte, apertando-lhe a mão) - E eu triunfo! (Vão-se)

CENA XIV

Reinaldo e Lúcia.

LÚCIA - Mas, meu paizinho, isto é intolerável! É revoltante!...

REINALDO - Que queres, minha filha?...o primeiro dever do soldado é a obediência, e principalmente agora que, segundo corre, estamos em vésperas de promoção. O negócio é necessariamente muito grave; a carta é do oficial de gabinete do ministro, e tão atrapalhado escreveu que quase lhe desconheci a letra...

LÚCIA - Ah, meu paizinho, tomara eu que caia este ministério.

REINALDO - Olha, ele está por teias de aranhas...e ao primeiro vento, vai-se como um passarinho; mas enquanto se demora no poleiro, é preciso não faltarlhe com as continências devidas. Às duas horas devo estar em casa do ministro...tenho apenas tempo de deixar-te em casa e de ir apresentar-me à Sua Excelência...Há negócio grave...há negócios grave...anda...vamos...

LÚCIA - Ai! Cá para mim não há ministro que valha um baile.

REINALDO (Saindo com a filha) - Não digo o contrário...porém que remédio! Vamos...e...adeus, minhas contradanças!...

LÚCIA - Adeus, minhas boas valsas!...(Vão-se)

CENA XV

FREDERICO, só - De máscara e com uma capa no braço.

Lá se foi o coronel, e ao menos durante o resto da noite carregará com a responsabilidade do rapto de Leonina. É chegada a hora; cumpre abrir o portão para facilitar a retirada. (Faz o que diz) Oh, que doce peso vou carregar sobre os meus ombros! Que moça encantadora, q eu noite de embriaguez e que bela herança a esperar! Se Dona Fabiana se lembrasse de dar a comer uma boa dose de pastilhas ao tio e padrinho da minha noiva!...Mas... é tempo de esconder-me...É célebre! Parece-me que a despeito de todo este meu entusiasmo, estou começando a reçar as conseqüências deste passo...que puerilidade...avante!...vou ocultar-me entre jasmims para roubar uma rosa. (Oculta-se por trás do caramanchão)

CENA XVI

Frederico, oculto; Fabiana e Leonina.

FABIANA - Venha...o ar da noite e o aroma das flores hão de fazer-lhe bem.

LEONINA - A cabeça pesa-me horrivelmente...como que os olhos se vão fechando...

FABIANA - É um incômodo passageiro; havia de ser a emoção que lhe causou o pedido do casamento...

LEONINA - Não...não...mas é impossível resistir ao sono que sinto; eu vou retirar-me para o meu quarto..

FABIANA - Não faça tal, o calor aumentaria este pequeno incômodo. Olhe, descanse antes ao pé de mim, no banco do caramanchão.

LEONINA - É melhor que eu me vá deitar...não posso...quero dormir.

FABIANA (Puxando-a) - Venha...eu me sentarei a seu lado.

LEONINA (Cedendo) - Oh! é muito! É demais!...

FABIANA - Venha!...(Leva-a para o banco do caramanchão; Leonina reclinase sobre Fabiana)

LEONINA - Pesam-me os olhos...ah...se eu dormir...acorde-me...

FABIANA - Sim...descanse; esta aragem suave que sopra lhe fará bem, durma bem, durma...no meio das flores...como um anjo...como...e dormiu! Dona Leonina! Minha boa amiga! Dona Leonina! Qual! Dorme profundamente. Bem! A hora da ceia deixa o jardim em solidão; eu tinha calculado com isso; mas é preciso não perder um instante. Psiu! Psiu! É tempo.

FREDERICO (Aparecendo) - Pronto; dê-me esse precioso tesouro!

FABIANA - Espere, atemos-lhe primeiro este lenço na boca; podia por acaso despertar, e, se gritasse, ficaríamos perdidos. (Atam o lenço)

FREDERICO - Sim...mas não magoemos estes lábios de rosa...

FABIANA - Como já está zeloso da sua noiva! Ei-lo atado de leve; mas ao primeiro movimento aperte com força o nó.

FREDERICO - Hei de, durante quinze dias, ser o mais apaixonado e constante dos maridos. (Tomando com cuidado Leonina nos braços)

FABIANA - Enfim...ei-la aí.

FREDERICO - Leonina! És minha!

CENA XVII

Fabiana, Leonina, Frederico, Anastácio e Henrique.

ANASTÁCIO - Ainda não.

FABIANA - Oh!...

FREDERICO (Descansando Leonina no banco e avançando com um punhal) - Sempre ele! Miserável, morre!...(Ferindo)

HENRIQUE (Suspendendo o golpe) - Assassino! Somos dois!...(Subjuga Frederico)

ANASTÁCIO (Arrancando a máscara de Fabiana) - Ei-la, a traição!...(O mesmo a Frederico) Ei-lo, a libertinagem!... Infames, fugi!...(Vão-se Fabiana e Frederico. Anastácio e Henrique correm a Leonina) Oh!...este sono é sinistro...

HENRIQUE - Leonina!...meu Deus!...permiti que nós a salvemos.

ATO V

Sala em casa de Maurício; ainda riqueza e luxo; agora porém sinais de alguma desordem; sobre uma mesa vê-se uma pêndula de primoroso gosto.

CENA I

Hortênsia, e logo depois Maurício.

HORTÊNSIA - Só! Abandonada! Debatendo-me se esperança nas garras da miséria e da vergonha! Oh! é horrível! E minha filha...a minha Leonina...meu Deus! Se ao menos me restasse minha filha!...(Silêncio) Todos os meus cálculos destruídos como nuvens desfeitas pelo vento! Misericórdia, meu Deus!...(Vendo entrar Maurício) E Leonina?...e nossa filha?...

MAURÍCIO - Perdi os meus passos, e as minhas lágrimas; ninguém sabe de Leonina.

HORTÊNSIA - O nome do infame raptor ao menos...

MAURÍCIO - Hortênsia, não houve rapto, houve fuga. Qual é a mulher que se deixa roubar sem que solte um grito ou brade por socorro?...Não houve rapto; Leonina fugiu-nos e fez bem; queríamos sacrificá-la e ela salvou-se; fez bem.

HORTÊNSIA - Mas desonrou-se...e desonrou-nos...

MAURÍCIO - Desonrados estamos nós desde o dia em que sem medir os nossos recursos nos atiramos no golfão do luxo e da vaidade, e nos carregamos de dívidas, que não podíamos remir. Hortênsia! Olha aquela pêndula, ela marca onze horas; ao meio-dia, em ponto, virão pedir-me o pagamento de uma dívida sagrada, e os meus credores terão o direito de chamar-me ladrão; porque eu vendi escravos que tinha hipotecado, e me utilizei do seu dinheiro, enganando-os com essa fraude vergonhosa.

HORTÊNSIA - Oh, Maurício! E não temos esperança, não temos recurso algum?...as minhas jóias?...

MAURÍCIO - As tuas jóias! Eis aí o seu produto; importaram em mais de doze contos de réis, e deram-me por elas menos de cinco! Aqui estão; uma gota d'água no oceano!

HORTÊNSIA - Se te dessem algum tempo de espera, Maurício...

MAURÍCIO - E com que fim o pediria eu?...daqui a um ano estarei em melhores circunstâncias do que hoje?... Não, Hortênsia, basta de enganar; em minha própria consciência fui até agora apenas um louco, e de agora em diante seria um velhaco.

HORTÊNSIA - E te u irmão tão rico! Por que não te abres com o mano Anastácio?...no fundo do coração ele é bom.

MAURÍCIO - Meu irmão não pode ignorar em que situação nos achamos, e se quisesse socorrer-nos, não precisava que eu lho pedisse.

HORTÊNSIA - Falaste a algum dos nossos amigos?...

MAURÍCIO - Os nossos amigos! A minha desgraça já é conhecida: bati em dez portas e achei-as todas fechadas, ou glacial frieza naqueles que ainda me quiseram receber. Entendi que não me devia expor a outras desilusões.

HORTÊNSIA - Oh! o mano Anastácio tinha razão.

CENA II

Maurício, Hortênsia e Petit.

PETIT - Senhor barão do rio Mirim não recebe ninguém hoje.

HORTÊNSIA - Também ele!...

PETIT - Senhor conselheiro vai sair fora de cidade quinze dias, madame não faz nem recebe visitas.

MAURÍCIO - Como os outros!

HORTÊNSIA - Abandonada de todos...

PETIT - Oh! non, tem muito gente na escade.

HORTÊNSIA (Com viveza) - Quem são?...

PETIT - Mais de vinte caixeiros que traz contas, e faz bulha de mil diables, dizendo que quer dinheiro por força.

MAURÍCIO - Irei falar-lhes imediatamente.

PETIT - E da minha parte, eu também faz cumprimento a monsieur e a madame, e pede três meses de salário que não recebeu, e agora mesmo vai embora.

HORTÊNSIA - Tal e qual como Fanny ainda há pouco!...até eles nos abandonam!...

MAURÍCIO (Tira a carteira e dá dinheiro) - Toma; vai-te: pelo menos não se dirá que caloteamos até os nossos criados.

PETIT - Eu faz cumprimento e deseja muitas felicidades...

MAURÍCIO - Deixa-nos (Vai-se Petit). Estás vendo a triste posição a que temos descido?...

HORTÊNSIA - E Leonina?...e Leonina?...

MAURÍCIO - Quase que estimo que ela não tenha sido testemunha de tão vergonhosas cenas.

HORTÊNSIA - Até o mano Anastácio nos desampara!...

MAURÍCIO - Paciência. Espera-me, Hortênsia; vou falar aos caixeiros e aos cobradores que me enchem a escada: vou corar diante deles, e entregar-lhes todo o dinheiro, que me renderam as tuas jóias. (Vai-se).

CENA III

Hortênsia e logo Anastácio.

HORTÊNSIA - Oh! meu Deus, quem dissera que eu me veria em tão lamentável situação?!

ANASTÁCIO - Eu lho predisse, minha cunhada.

HORTÊNSIA - Meu mano! Meu mano!...

ANASTÁCIO - Onde está a multidão de amigos que dia e noite enchia as salas desta casa?...de que lhe serviram esses bailes, esses banquetes, essa vida de ostentação, com que enganava o mundo?... que é feito do seu orgulho de nobreza?...oh! as músicas dos saraus e o ruído das festas trocaram-se pela gritaria que levantam ali na escada os caixeiros insolentes; e aos aplausos dos parasitas sucederam as maldições dos credores enganados.

HORTÊNSIA - Meu mano, não redobre os nossos sofrimentos; as desgraça que caiu sobre nós é horrível!

ANASTÁCIO - Essa desgraça é justo castigo da Providência. Consulte a sua consciência, que é a voz de Deus que lhe fala n'alma, e reconhecerá que ela lhe está dizendo: "Mulher, tu és um exemplo doloroso que deve ensinar às esposas e às mães a seguir o caminho da virtude. Mulher, tu foste a causa do infortúnio de teu marido, porque o arrojaste no abismo da dissipação; tu empurraste tua filha para a sua perda, porque lhe deste uma educação pernicioso e fatal. Mulher, tu foste má esposa; mulher, tu foste mãe desamorosa; tu foste parenta ruim: recebe portanto o merecido castigo. O teu vício foi o luxo; fica pois miserável: a tua paixão foi a vaidade; fidalga improvisada! Fica abaixo da plebe!...

HORTÊNSIA - Oh! piedade! Compaixão!...

ANASTÁCIO - Olhe que não sou eu quem lho digo; é a sua consciência que, sem dúvida, lho está dizendo.

HORTÊNSIA - Tem razão, pragueje contra mim; mas nem por isso desconheça que a nossa infelicidade é cruel e atroz.

ANASTÁCIO - Pelo contrário, eu a considero muito proveitosa, e útil.

HORTÊNSIA - O senhor zomba dos seus parentes no infortúnio: é um homem sem generosidade, um homem mau!

ANASTÁCIO - Acima dos meus parentes está a nação que pode colher benéficos resultados da lição que oferece a sua desgraça. A sociedade acha-se corrompida pelo luxo e pela vaidade, e um quadro vivo das conseqüências desastrosas dessas duas paixões talvez lhe seja de prudente aviso. Em Maurício verá o homem de medíocre fortuna e especialmente o empregado público, que a ostentação e o fausto de alguns anos determinam a miséria de todo o resto da vida; nas suas lágrimas de esposa e de mãe, as mães e as esposas verão os horrores a que as pode levar o abuso do amor de um marido extremoso e cego e a falsa educação dada às filhas. A sua triste pobreza proclama a necessidade da economia. A própria desonra de meu irmão ensina que desvairado pela

paixão do luxo, um homem honesto é capaz de arrojarse até o crime. As suas pretensões de nobreza, enfim, dizem ao mundo que o ouropel não é ouro, que a máscara não é o rosto, e que nobre, verdadeiramente nobre é só o que é virtuoso e probo, o que é grande e generoso, o que é digno de Deus e da pátria. Sofra pois, sofra! E de joelhos agradeça a Deus a punição que recebe.

HORTÊNSIA - E minha filha...a minha Leonina...

ANASTÁCIO - Sua filha é uma órfã, porque nunca teve pais que a guiassem pelo bom caminho. Ela é órfã e Deus é o pai dos órfãos.

HORTÊNSIA - Oh! que homem este! Ao ver os nossos martírios somente acha para dizer-nos palavras de amargor e quase de insulto!

ANASTÁCIO - Sou rude, senhora; mas a minha boca não sabe dizer senão a verdade.

HORTÊNSIA - Nem se lembra de que está humilhando e desprezando os seus parentes!

ANASTÁCIO - Orgulhosa fidalga de ontem! Como trataste os parentes de teu marido, durante dezoito anos de vaidade e de presunção?...que fizeste há cinco dias, quando se apresentaram em tua casa teu cunhado, o marceneiro, e teu sobrinho, o pintor?...prova, mulher, prova hoje por tua vez o cálice da humilhação e do desprezo!

HORTÊNSIA (Curvando-se) - Perdão.

ANASTÁCIO - É o castigo de Deus!

HORTÊNSIA (De joelhos e com veemência) - Perdão!...perdão!...

ANASTÁCIO (Sentindo-se comovido) - Levante-se minha irmã; tarde chega às vezes o arrependimento para os homens; mas nunca ele vem tarde para Deus. Que tem feito desde que lhe roubaram sua filha?...

HORTÊNSIA - Chorar.

ANASTÁCIO - As lágrimas são estéreis, senhora; nas maiores aflições o recurso é o Onipotente. Reze.

HORTÊNSIA - Sim...sim...tem razão.

ANASTÁCIO - Não derrame lágrimas sobre a terra; levante os olhos para o céu e espere. Vá orar. Deus é grande.

HORTÊNSIA - Eu vou; é dele somente que agora espero tudo. (Vai-se)

CENA IV

ANASTÁCIO (Só)

Pobre senhora! Fui talvez austero demais: a vaidade germina espontaneamente no coração da mulher; mas é o homem que cultiva e dá vigor a essa planta venenosa. O mais culpado é meu irmão, q eu deveria ser o protetor e o guia de sua esposa; que devera ser forte e prudente, que por sua fraqueza levou sua família a uma ruína completa. Que será feito desse infeliz? Creio que ouço suas pisadas: observá-lo-ei de perto. (Vai-se)

CENA V

MAURÍCIO (Só - depois de alguns instantes de silêncio, observa a pêndula).

A hora se adianta, pouco falta: ao meio-dia o meu opróbrio estará consumado. Não de vir enxotar-me desta casa, e à porta da rua eu encontraria talvez soldados, q eu me levassem à prisão. Coberto de dívidas, desonrado por um crime vergonhoso, desonrado pela desonra de minha filha, lancei uma nódoa indelével no nome de meu pai e na tenho esperança, senão na morte. Não não de arrastar-me a um cárcere; não curvarei a cabeça ao peso de injúrias e de maldições; não!...porque em lugar de um homem, só acharão um cadáver. Acabemos com isto. (Vai buscar uma garrafa d'água e um copo, e deita naquela o veneno que traz em um vidro). Era exatamente pelo suicídio que devia terminar uma vida desgraçada e louca. Perdão, meu Deus! Minha filha, perdão! Ora pois...bebamos a morte. (Pega na garrafa e deita água no copo).

CENA VI

Maurício e Anastácio

ANASTÁCIO - Maurício!

MAURÍCIO (Estremecendo) - Quem é...Anastácio...(Larga a garrafa e o copo)

ANASTÁCIO - Não ouviste um grito de tua mulher?...

MAURÍCIO - De Hortênsia...

ANASTÁCIO - Lembra-te ao menos dela, acode-a depressa.

MAURÍCIO - Hortênsia! Que mais devo sofrer, meu Deus!

CENA VII

ANASTÁCIO (Só)

Um suicídio! Mas de que me admiro? Maurício não é homem fraco? Na hora da adversidade a fraqueza mata-se para poupar-se ao incômodo de lutar. Sublime recurso! Um extravagante enche-se de dívidas, e no dia do vencimento das letras, suicida-se, pregando assim um calote a Deus, além dos que pregou aos credores. Nos cálculos dos dissipadores o único que ganha é o Diabo. Um suicídio! Que bela idéia! O homem despoja-se da vida a pretexto que a honra a isso o briga. Mentira! A honra é o cumprimento do dever. Mas o extravagante abre com o punhal ou com o veneno o caminho do inferno, e no dia seguinte os jornais referem a história da loucura e do crime tão romanescamente, que fazem a outros loucos vontade de imitar aquela ação heróica!...(Deita fora a água da garrafa e enche esta de outra água). Muito bem: vou apreciar os efeitos da água da Carioca.

CENA VIII

Anastácio, ao fundo. O comendador Pereira.

PEREIRA - Chego deitando a alma pela boca...não importa; bato,ninguém aparece; grito, ninguém me responde: eis o que importa muito. Então certos são touros! É uma indignidade e uma infâmia! O homem está perdido, deve os cabelos da cabeça, não tem onde caia morto, e os meus três contos de réis foram devorados! Deixaram-me sem mulher e sem dinheiro! Ainda se eu me casasse com a moça, sofreria com paciência o prejuízo; mas enquanto o pai rebentava financeiramente, a filha batia as asas amorosas, e ambos me pregavam dois calotes desastrados; nada, ao menos quero os meus três contos de réis...isto é uma patifaria, este homem é um...

ANASTÁCIO - Acabe!

PEREIRA - É um...sim...um...um infeliz!

ANASTÁCIO - E o senhor que é?

PEREIRA - Eu?...eu...sou um comendador...

ANASTÁCIO - Não! É somente um miserável!

PEREIRA - Senhor Anastácio...Anastácio...Anastácio não sei de quê...

ANASTÁCIO - Aquele que durante anos foi recebido no seio de uma família honesta, e por ela tratado como um amigo; que jantou cem vezes à sua mesa, que foi objeto de atenções e cuidados penhoradores; que gozou de sua confiança inteira; que mereceu, enfim, ser considerado digno de receber em casamento uma jovem cheia de encantos e virtudes, o anjo querido de seus pais, e que no momento em que essa família cai em desgraça, vem insultá-la, lançar-lhe em rosto a sua miséria, pelo receio vil e mesquinho de perder três contos de réis, é...oh! não é um malvado, não; não é um tigre; é menos do que isso, é um homem vil e abjeto!...é um réptil asqueroso, em que nem mesmo se pisa sem repugnância: não tem coração, não tem alma, não tem... não tem ao menos dignidade fingida para revoltar-se, quando ouve as injúrias que lhe estou atirando ao rosto!

PEREIRA - Tudo isso é bom de se dizer; mas três contos de réis é dinheiro! E se ao menos...

ANASTÁCIO - A sua letra!

PEREIRA - Ei-la aqui; mas que pretende fazer?...

ANASTÁCIO (Tira a carteira e dá dinheiro) - Rasgue-a! que não toque nas minhas mãos um papel que passou pelas suas. (Pereira rasga a letra). Dou-lhe minha palavra de honra, que a sua alma vale este trapo que piso com os meus pés!

PEREIRA - Sim...porém a emoção...a fadiga...o calor...com licença, um copo d'água...(Bebe) Ah! Sinto-me um pouco melhor.

CENA IX

Anastácio, Pereira, Maurício e Hortênsia.

HORTÊNSIA - Meu mano, Maurício imitou-me; rezou também.

MAURÍCIO - Senhor Comendador...

PEREIRA - Meu caro amigo...minha senhora...

HORTÊNSIA - Ainda bem, senhor comendador, que Vossa Excelência não pertence ao número daqueles que esquecem os amigos na adversidade.

PEREIRA - Oh! essa é boa! Isso não está no meu caráter.

ANASTÁCIO - Mas sempre é bom que saibam o motivo que trouxe aqui o senhor comendador.

PEREIRA - Não é preciso. (A Anastácio) Por quem é...poupe-me...

ANASTÁCIO - Senhor comendador, o baile de máscaras foi ontem.

PEREIRA - Sinto-me de novo incomodado...que tonteiras diabólicas...mais um copo de água...(deita água no copo).

MAURÍCIO - Não beba! Não beba!...

PEREIRA - Então por quê?...

MAURÍCIO - Essa água...

PEREIRA - Acabe...esta água...que tem esta água?

MAURÍCIO - Oh! eu tive a idéia infernal de suicidar-me!

HORTÊNSIA - Maurício!

MAURÍCIO - Essa água está envenenada!...

PEREIRA (Deixando cair o copo) - Misericórdia! Eu já bebi!

HORTÊNSIA - Senhor comendador...

PEREIRA - Minha senhora, seu marido suicidou-me!

MAURÍCIO - Isto é horrível!

PEREIRA - Horribilíssimo! Já sinto dores pela barriga...Oh! um médico! Chamem um médico! Eu quero um contra-veneno. Diga-me depressa: qual foi a substância assassina?

MAURÍCIO - Arsênico...

PEREIRA - Arsênico! Estou morto: pois se eu já estou reconhecendo todos os sintomas do arsênico! Um médico! E ninguém me acode! Vou eu mesmo...um médico! Um médico! (Vai-se)

CENA X

Anastácio, Maurício e Hortênsia.

MAURÍCIO - Que fatalidade!

ANASTÁCIO - Não se assustem, a água que ele bebeu é inocente; eu destruí os preparativos para o último ato de loucura de meu irmão.

MAURÍCIO - Ainda bem!

ANASTÁCIO - E não te envergonhas, Maurício, do atentado que ias cometer contra Deus e a sociedade? Nem te lembrou a esposa?

HORTÊNSIA - Ingrato!

ANASTÁCIO - Nem a filha...

MAURÍCIO - Minha pobre Leonina! Se eu a tivesse junto de mim resistiria com mais coragem ao golpe tremendo da fortuna.

ANASTÁCIO - E nada sabes ainda a respeito de Leonina?

MAURÍCIO - Ignoro o principal. Sei que essa indigna Dona Fabiana e Frederico, seu infame cúmplice, estavam a ponto de realizar um plano de antemão forjado, raptando minha filha, quando apareceram dois máscaras que arrancaram a vítima de suas garras; mas depois eles por sua vez me roubaram Leonina. Eis tudo quanto pude descobrir; e além disto, nada...nada mais!

ANASTÁCIO - Maurício, tu desprezaste pelos falsos os teus verdadeiros amigos, e eles se vingaram de ti, salvando tua filha.

HORTÊNSIA - Onde está minha filha?

MAURÍCIO - Anastácio! Minha filha...onde está minha filha...

ANASTÁCIO - Junto de sua tia...da mulher de Felisberto...

MAURÍCIO - Ah! Que felicidade tão grande! E quem a salvou?...

ANASTÁCIO - Olha!...

CENA XI

Os precedentes, Leonina e Henrique.

LEONINA (Correndo a abraçá-los) - Meu pai!...mãe!...

HORTÊNSIA - Minha filha!

MAURÍCIO - Leonina!...

ANASTÁCIO (À parte) - Pior está essa...penso que já vou ficando com os olhos molhados...pois se eu sou um chorão!...

MAURÍCIO - E o teu salvador...onde está ele?... (Vendo-o) Henrique!

HORTÊNSIA - Meu sobrinho...nos meus braços. (Abraça-o)

ANASTÁCIO - Sem a menos dúvida, a desgraça dá juízo aos parvos...

LEONINA - Minha mãe, meu primo é o mais nobre e honrado dos cavalheiros...

ANASTÁCIO - Saiu ao pai que é tal e qual, apesar de ser mestre marceneiro.

HENRIQUE - Cumpri em tudo o meu dever de parente e de homem de bem.

MAURÍCIO - Henrique, desprezei-te, quando me iludia ostentando grandezas fictícias, e hoje na mais cruel adversidade, hoje na miséria, e quase perdido pela desonra, eu te peço que sejas o esposo e o protetor de minha filha!

HORTÊNSIA - Chama-me tua mãe, Henrique!

HENRIQUE - Juro que farei a felicidade de Leonina! E de joelhos eu vos agradeço a esposa que me dais, e que vai transformar a minha vida, em um paraíso!

MAURÍCIO - Meu filho!

HENRIQUE - Oh! meu pai! Minha mãe!...(Abraçam-se).

LEONINA - Meu padrinho, como somos ditosos!...

MAURÍCIO - Ditosos!...(Dá meio-dia - Aterrado) Meio-dia!...

HORTÊNSIA - Meio-dia...é a hora terrível...

MAURÍCIO - Justo céu! Sobem a escada...

ANASTÁCIO - Pois que subam! Agora podem subir...

HORTÊNSIA - Meu mano...

ANASTÁCIO - Pois que subam...repito!

LEONINA - Que é isto?...

CENA XII

Os precedentes e Felisberto.

MAURÍCIO - Felisberto!

ANASTÁCIO - Felisberto!

LEONINA - Meu tio!

HENRIQUE - Meu pai!

HORTÊNSIA (À parte) - Eu tremo de confusão...

FELISBERTO - Bom dia, Maurício; Deus a guarde, minha senhora.

ANASTÁCIO - Com que cara vens tu, Felisberto?

FELISBERTO - Venho dizer-te, Anastácio, que tu és um homem mau.

ANASTÁCIO - Heim?...como é lá isso?...

FELISBERTO - Homem mau, sustento ainda. Tu és rico, mesmo até muito rico; não és casado, nem tens filhos, sobram-te pois os recursos; nosso irmão te recebia em casa, e és o padrinho de sua filha; no entanto esquecido de nossos pais, do nosso sangue, do nosso amor de crianças, e do mais santo dever, tu consentias que nosso irmão passasse pelo maior vexame do mundo! És um homem mau, um avarento, um parente ruim. (A Maurício) Maurício, foi

somente há uma hora que eu soube de tua desgraça; eu sou um pobre marceneiro, e trinta e cinco anos de economias deixaram-me apenas ajuntar estas oitos apólices de conto de réis. (Apresenta-as) Eu as reservava para meu filho...mas vejo que precisas muito...oito contos de réis talvez não cheguem...diabo! não tenho mais vintém; arranja-te, porém, conto com isto, enquanto eu trato de vender a minha casinhola, que nos dará ainda uns cinco ou seis contos. Nada de cerimônias...por fim de contas tu és meu irmão...anda...toma...aceita, Maurício; aceita...e meu filho que trabalhe...

MAURÍCIO (Chorando) - Felisberto!...

LEONINA (Abraçando Felisberto) - Meu querido pai!...

HENRIQUE (Abraçando-o) - Abençoado sejas, meu pai!...

FELISBERTO (Confuso) - Que algazarra por uma coisa tão natural!

HORTÊNSIA (Curvando-se) - Meu irmão, perdoe-me o mal que lhe tenho feito!

FELISBERTO - Minha senhora...então que é isto?...o passado, passado; viva Deus! A mulher de meu irmão é minha irmã...Abro-lhe este peito... é rude, é grosseiro, mas venha...pode vir que é um peito de madeira de lei! (Abraça Hortênsia)

ANASTÁCIO - E eu então, Felisberto?

FELISBERTO - Toma lá (Indo a ele) Mas tu és um homem mau.

ANASTÁCIO - Alto, senhor mestre marceneiro! Dobre a língua, guarde a suas apólices; o que veio fazer, já está feito.

LEONINA - Meu padrinho...

ANASTÁCIO (Dando papéis a Leonina) - Toma esta escritura de hipoteca, e estas letras, Leonina, entrega-as a teu pai, e dize-lhe que para o futuro tenha mais juízo.

HORTÊNSIA - Maurício! De joelhos aos pés destes dois anjos! (Vão ajoelhar-se aos pés de Anastácio e de Felisberto, e eles os suspendem)

ANASTÁCIO - De joelhos, a Deus, meus irmãos! De joelhos a Deus e agradecei-lhe a lição que recebestes, e a felicidade de vossa filha!

O PRIMO DA CALIFÓRNIA

ÓPERA EM DOIS ATOS

Foi à cena na abertura do Ginásio Dramático, em 12 de abril de 1855.

Imitação do francês

PERSONAGENS

ADRIANO GENIPAPO, jovem professor de música

PANTALEÃO, amigo taberneiro

FELISBERTO, alfaiate

ERNESTO, amigo de Adriano

CELESTINA

BEATRIZ, criada de Adriano

Dois amigos de Adriano

A cena passa-se no Rio de Janeiro

ATO PRIMEIRO

O teatro representa uma sala modestamente ornada; uma mesa com gavetas; um piano, um violão, papéis de música, etc.; uma porta ao fundo abrindo para a rua.

CENA PRIMEIRA

BEATRIZ (Em pé, engraxando um botim) – eis-me aqui pagando os meus pecados!... eu sou uma espécie de *verbi-gratia* das mudanças desta vida. No tempo do vice-rei chamavam-me a nenê da rua das Flores; quando o rei chegou, já eu era conhecida pela formosa Beatriz: depois que me apareceu o primeiro cabelinho branco, tiveram o desaforo de tratar-me por tia Beatriz; felizmente ainda a sorte me deparou um soldado inválido que quis casar comigo; mas veio a febre amarela, que deu baixa eterna ao meu querido Pancrácio, e eu fiquei viúva, e viúva sem filha, e sem vintém! Não tive remédio senão recorrer aos Diários, e anunciar uma criada para homem solteiro ou viúvo: tive a esperança de me tornar meia-dona de casa; mas por fim de contas fiquei simples criada, e criada muito ordinária: isto é, criada de um músico!... Eis aqui portanto a bota de um músico engraxada pelas mãos da formosa Beatriz!... Oh! Eu só conheço

três coisas tão desprezíveis como as botas de um músico: uma barretina de soldado, um capote de estudante, e uma casaca de meirinho! E eu sempre a engraxar estas botas, botas de um músico, de um músico que tem a pouca vergonha de me estar a dever cinco patacas de despesas miúdas!... (Canta)

No tempo da ventura
Chamavam-me formosa;
E agora nem airosa
Alguém, que eu sou, me diz!...

Engraxa, engraxa as botas,
Engraxa, Beatriz!

Meus olhos, minhas faces
Cobriam de louvores;
E agora... adeus amores,
Já torcem-me o nariz!

Engraxa, engraxa as botas,
Engraxa, Beatriz!

CENA II

BEATRIZ E CELESTINA

CELESTINA – Bom dia, senhor Beatriz; o senhor Adriano não está em casa?...

BEATRIZ – sumiu-se logo depois do almoço: também é provável que não esperasse pela sua visita, porque a senhora tem passado dois dias sem aparecer.

CELESTINA – não me tem sido possível.

BEATRIZ – Sim... sim... entendo isto às mil maravilhas! E, quanto a mim, minha menina, julgo que faz muito bem em ir pondo o anzol a outro peixinho.

CELESTINA – O que quer dizer com isso, senhora Beatriz?...

BEATRIZ – Eu nem de leve pretendo ofendê-la; minhas intenções são muito boas; e olhe, menina, tal como aqui me vê, já tive meus trinta e seis anos de idade, e então cometi a fraqueza de deixar o meu coração prender-me na patrona de um cabo-de-esquadra; oh! Quanta sedução que tinha!...

CELESTINA – O que, senhora Beatriz?... a patrona?...

BEATRIZ – Não, menina; o cabo-de-esquadra.

CELESTINA – E deixou-se enganar por ele?...

BEATRIZ – Também não, e a prova é que ele me desposou; mas passei uma vida de trabalho e pobreza, porque o triste Pancrácio apenas tinha de mais que os outros cabos-de-esquadra uma pequena pensão; mas também tinha de menos que os outros uma perna... era a direita; logo a direita!... a mais bonita de suas duas pernas!...

CELESTINA – mas eu não compreendo que relação...

BEATRIZ – Não compreende?... mas, minha menina, a moral da história está mesmo saindo pela ponta dos dedos! Em uma palavra, moça e bela, como a senhora é, não deve votar-se sem mais reflexão ao amor de um mancebo, que não tem aquilo com que se compram os melões; olhe, o senhor Adriano padece a moléstia mais feia e mais terrível deste mundo.. tem a tísica das algibeiras.

CELESTINA – Ah! Era isso?... pois é precisamente porque Adriano é pobre, que eu gosto, quero e hei de amá-lo sempre e cada vez mais. (Canta)

Minh'alma foi sempre rude,
Nunca aprendeu a contar;
Não serve pra guarda-livros;
O que sabe é só amar!

O meu Adriano é pobre,
Mas não indigno de mim;
Eu amo a sua pobreza;
"Gosto bem de ser assim!"

BEATRIZ – Sim... sim... idéias romanescas, poesias, e pensamentos generosos; mas o diabo me leve se a senhora for capaz de fazer ferver uma panela no fogo com um soneto, ou com uma idéia generosa.

CELESTINA – Mas bem que o senhor Adriano não esteja em muito boa posição: o que prova que ele seja tão pobre, como a senhor o diz?...

BEATRIZ – Quando se está devendo cinco patacas a sua criada, minha menina...

CELESTINA (à parte) Pobre moço!... (A Beatriz) Eis aí como se faz uma acusação injusta!... ele me havia encarregado de lhe entregar essa quantia, e eu não tendo vindo aqui há dois dias, deixei de cumprir tal comissão. (Dá dinheiro)

BEATRIZ (recebendo) – É singular! Ainda ontem falei-lhe nesta continha, e ele nada me disse.

CELESTINA – Poder-se-ia ter esquecido, ou não queria falar no meu nome.

BEATRIZ (À parte) – Aqui há coisa! Mas como já tenho nas unhas o meu dinheiro, fica o exame desta geringonça para depois.

CELESTINA – E Adriano sem voltar!...

BEATRIZ – Não pode tardar... foi dar lição de música à filha do senhor Pantaleão, o proprietário desta casa: isto basta para o fazer suar! A filha de um antigo taberneiro, ridículo, exigente, e vaidoso da sua fortuna! O ventas de mono não tem na boca senão – a sua fortuna!... – Porém... ouço os passos e a voz do senhor Adriano...

CENA III

BEATRIZ, CELESTINA E ADRIANO

ADRIANO (Que vem cantando)

Quem por não ter dinheiro
Não vive com prazer,
Não pode ter miolo,
Quer cedo envelhecer!

É tolo, é tolo, é tolo:
Eu não o quero ser.

Sou pobre como Job;
Mas faço o que convém:
Amar, e rir-me busco,
E passo muito bem:

Patusco, e bom
[Patusco,
Como eu não há

[Ninguém.

Bravo! Oh! Que boa companhia! Linda Celestina... é verdade, senhora Beatriz, queira fazer-me o favor de ir ver se eu estou escondido em algum canto do seu quarto..

BEATRIZ – E se não o encontrar lá?...

ADRIANO – Terá a bondade de esconder-se atrás da porta para agarrar-me de improviso, quando eu lá entrar.

BEATRIZ – Entendo... entendo... (À parte) Como é insuportável obedecer a um musicozinho de dó-ré-mi, quando já se foi mulher de um cabo-de-esquadra!

ADRIANO – Então?... não julga conveniente ir procurar-me?...

BEATRIZ (Indo-se) – Sim, senhor; pondo-me ao fresco. (à parte). É um músico desafinado!

CENA IV

CELESTINA E ADRIANO

ADRIANO – Bem; agora que a velha bruxa nos deixou em paz, permite que eu beije essa mãozinha de anjo. (Beija-a) Ah! Que louco que sou! Eu tinha assentado de pedra e cal que devia brigar contigo, e cometi a incoseqüência de te beijar a mão... veja só que tolo!

CELESTINA – Brigar comigo?... e por quê?...

ADRIANO – Porque de algum tempo a esta parte eu te vejo menos vezes.

CELESTINA – Adriano, é preciso que eu te dê tempo para trabalhar.

ADRIANO – Mas, amiga de minh'alma, eu só trabalho bem quando estás presente: teu olhar me inspira, o sorrir de teus lábios enche de fogo minha imaginação, teu falar meigo derrama doçura angélica em minhas melodias, teu coração me exala o suspiro, que quando estou só, procuro debalde... e se para completar um pensamento, ou pôr o remate em uma harmonia, uma nota me falta, acho-a sempre nas covinhas de tuas faces.

CELESTINA – Sim... sim... mas também tu me abraças muitas vezes e isso te faz perder o compasso.

ADRIANO – É possível. Conversemos, porém sobre outro assunto; por que motivo vejo eu em alta noite luz no teu quarto?...

CELESTINA – Luz?...

ADRIANO – Creio que não me enganei: dali descobro a tua janela: será, que me deixas de noite para ir celebrar um comércio clandestino com espíritos e duendes?... haverá feitiçarias em teu quarto?... hem, Celestina?... Celestina, fala; tira-me deste labirinto em que me vejo perdido.

CELESTINA – Ah!... sim... se tens visto luz no meu quarto... é porque... eu tenho medo de estar só de noite no escuro, e conservo acesa uma lamparina.

ADRIANO – Lamparina?... que má lembrança! Tens medo de ficar só de noite?... por que então me não chamas para te fazer companhia?...

CELESTINA – Que dizes, Adriano?... pois esqueces...

ADRIANO – é Verdade... é verdade... seria isso inconvéniente... inconveniente... prejudicial, e muito próprio para dar que fazer às más línguas: eu não sou assaz licencioso, Celestina, para brigar contigo por este motivo; e seu para ser teu inseparável companheiro não te ofereço já o meu nome, meus dois nomes até, Adriano Genipapo, é que não desejo que venhas partilhar comigo de pão mal amassado, o único que me concede este mundo patife!

CELESTINA – Mas quando se ajuntam dois, ajuda um ao outro a carregar a pobreza e reúne-se o pouco que cada uma ganha de sua parte.

ADRIANO – Sim... é isso... não há dúvida nenhuma; mas quando desses dois uma ganha somente – nada – e o outro de seu lado traz para o monte unicamente um – zero -, por mais que se somem as duas parcelas quinhentas vezes por dia, o resultado da operação dá sempre – coisa nenhuma – e isso é o diabo, Celestina!

CELESTINA (Suspirando) – Tens razão; é necessário esperar...

ADRIANO – Esperar... esperar... é exatamente o que eu recomendo aos meus credores; desconfio, porém, que tanto lhes recomendarei que esperam, que acabarei por não ter quem me fie um pão e uma gota d'água!...

CELESTINA – Coragem! Ninguém como eu tem mais direito a aconselhar a coragem: tu o sabes já; nasci no seio da riqueza; mas era filha natural, e quando

meu bom pai morreu, os parentes dele e meus queimaram o testamento, e enxotaram-me para o meio da rua.

ADRIANO – E a vítima foi olhada como uma criatura desprezível! E os laráprios, que queimaram o testamento, transformaram-se com a rica herança, que roubaram, em homens de bem e de gravata lavada!... É preciso confessar que o maior maluco deste mundo é o mesmo mundo!

CELESTINA – Fecharam-se-me todas as portas, e todos me repeliram; desanimava já, quando ouvi soar a meus ouvidos: "Eis uma mulher perdida!" Levantei a cabeça, e disse: "Não me perderei": corri a uma igreja, e rezei por meu pai, e por mim; quando saí da igreja, tinha já o coração cheio de esperança e de coragem; trabalhei... sabia bordar, bordei; sabia desenhar, desenhei; cosi, copiei manuscritos, e música, e finalmente vi que podia com o meu trabalho viver independente de todos, e pura aos olhos de Deus; hoje desprezo os meus verdugos, amo-te, Adriano; mas amo-te honesta, casta e virtuosa para ser digna de ti quando me deres a mão de esposo, se o nosso amor for abençoado por Deus. Assim pois, Adriano, coragem! Coragem, e trabalho!

ADRIANO – Oh! Tu me animas sempre! E animemo-nos ainda mais agora, Celestina, porque aproxima-se o momento, que deve realizar nossos sonhos de ventura.

CELESTINA – Como então?...

ADRIANO – Meu editor me espera daqui a pouco para ajustar comigo o preço de uma composição que ontem lhe enviei, e ao mesmo tempo espero vender uma ópera ao teatro Provisório, e conto com um lugar na orquestra do teatro de S. Pedro.

CELESTINA – Se tudo isso se puder realizar...

ADRIANO – Realizar-se-á, estou seguro; tenho todas as condições que se requerem. (canta)

A fortuna é Qual moça galante,
Que nos traz em constante lidar;
Já provoca, já foge, e já volta,
Té que sempre se deixa apanhar

E contando já com o meu próximo adiantamento, receberei aqui visitas esta noite.

CELESTINA – E que visitas?...

ADRIANO – Alguns amigos camaradas de colégio: o que havia de ser, Celestina?... na última corrida de cavalos interessei-me por um maldito mouro de crinas brancas e de cauda preta; tinha-me esquecido que de um mau mouro não se pode fazer bom cristão, e ainda mais era um diabo de cavalo que pertencia a todos ao mesmo tempo, porque tinha todas as cores: era um cavalo que fazia furor, um cavalo da moda! Apostei por ele e perdi! Perdi um bolo inglês e doze garrafas de champanhe! Nunca mais confiarei em animais, que pertençam a todas as cores.

CELESTINA – E portanto pagas hoje o bolo inglês e o champanhe?...

ADRIANO – É verdade! Faço esse obséquio aos meus amigos: também eles têm-me recebido tantas vezes em suas casas, que hoje por minha parte quero também recebê-los: o pior é que os meus amigos são ricos, e eu pobre; oh!... não é inveja, é orgulho: quando eu vejo que eles se deitam sobre bilhetes do banco, e eu não possuo coisa nenhuma, Celestina, daria sem hesitar tudo, absolutamente tudo quanto possuo, para ter uma renda de cem contos de réis.

CELESTINA – Vou deixar-te em sossego para que te ocupes dos preparativos do teu bolo inglês; mas olha, toma cuidado em ti, Adriano; tu tens a cabeça muito fraca... não te adiantes muito pelo champanhe...

FELISBERTO (Entrando) Ora graças, que uma vez o encontrei!...

CENA V

ADRIANO, Que acompanha CELESTINA até à porta, e FELISBERTO

ADRIANO – Oh! Caro e preclaro amigo Felisberto!... (Acompanha Celestina).

FELISBERTO (à parte) – Exatamente... a nova rua, que a Câmara Municipal projeta abrir, deve passar por aqui, e se eu consigo comprar esta casa, hei de vendê-la com um lucro de trezentos por cento, pois que tenho bons padrinhos.

ADRIANO – Às ordens do meu amigo Felisberto!

FELISBERTO – o senhor adivinha sem dúvida os motivos que me trazem aqui...

ADRIANO – Oh! Incomparável alfaiate! Vem seguramente ver se tenho necessidade de alguma roupa; chega bem a propósito... a minha roupa mais nova mostra já os cordões diabolicamente, e exige a todo transe uma reforma.

FELISBERTO – E o senhor pensa...

ADRIANO – Em lhe encomendar roupa nova... pois que duvida?... tenho inteira confiança na sua tesoura magistral; o senhor é o alfaiate de minha confiança; não lhe pose retirar o meu voto.

FELISBERTO – Eu suponho; quando se é o alfaiate do corpo diplomático...

ADRIANO – Ah!... então o senhor é o alfaiate dos diplomatas?... por que não mo disse há mais tempo?

FELISBERTO – Tenho essa honra; porém, voltemos ao que mais importa; o senhor diz que quer roupa nova?... bem; mas a respeito da velha, que lhe fiz...

ADRIANO – Já não presta para nada, meu querido Felisberto!

FELISBERTO – Estou por isso; é, porém, necessário que nos entendamos acerca de...

ADRIANO – Da cor provavelmente?... é verdade; qual é a do último gosto?...

FELISBERTO – Não há cor dominante agora; mas não é isso... o que eu quero é que...

ADRIANO – Já lhe disse que o senhor é o alfaiate da minha confiança; escolha portanto as fazendas, corte, cosa, vista-me! Eu me entrego em suas mãos... Que mais pode desejar?...

FELISBERTO – O que eu desejo é que finalmente falemos sobre...

ADRIANO – Sobre os botões, não é isso?... meu amigo, prefiro os de metal, porque o metal...

FELISBERTO – Exatamente é por causa do metal que eu aqui venho; o meu metal, meu senhor, é muito raro... não aparece nunca... o meu cobrador já cansou de o procurar, e agora venho eu próprio a ver se sou mais feliz: então?...
(Canta)

Está perdendo o seu tempo,
Se finge não me entender;
Pague já o que me deve,
Que eu tenho mais que fazer.

Não sou criado do povo;
Quem trabalha, quer comer;
Pague já o que me deve,
Que eu tenho mais que fazer.

ADRIANO – Qué!... será possível que por alguns magros réis o alfaiate do corpo diplomático se abaixasse a subir a um terceiro andar?... o alfaiate do corpo diplomático!... que miséria!... que miséria!...

FELISBERTO – Mas é que o senhor chama magros réis a uma soma de...

ADRIANO – Pare... pare... não pronuncie o total... lembre-se que sou músico, e que o som produzido por um total é capaz de esfolar-me os ouvidos!...

FELISBERTO – Senhor, basta de gracejos; creio que devo ser pago, visto que não seria com o único fim de lhe obsequiar, que há dois anos o tenho vestido dos pés à cabeça; lembre-se que está coberto com os meus panos?

ADRIANO – Alfaiate do corpo diplomático! Sabe música?...

FELISBERTO – Não, senhor.

ADRIANO – Em tal caso lhe farei ouvir uma composição, que deve elevar-me à imortalidade! Compreendo perfeitamente que enquanto não chega a imortalidade é necessário ter de que viver; mas não é tarde... sim, caro, preclaro, e preclaríssimo Felisberto; eu vou estrear na minha arte... o senhor já esteve na sua... a única diferença está nas nossas divisas; o senhor tem a tesoura, e eu vou ter a batuta... o senhor entende isto suficientemente, não é assim?... eu sou rapaz de consciência... O senhor deve ser um homem de paciência... eu... não pretendo enganar a pessoa alguma... oh! Não... nunca!... porém, por ora... falemos sério... (Batendo nos bolsos) Estou a tocar matinas!... por consequência, caro e preclaro Felisberto em suma.... em uma palavra... em último resultado... para dizer tudo... agora?... não pode ser; amanhã... veremos, espere sempre; (À parte) é impossível... ninguém satisfaz um credor melhor do que eu!

FELISBERTO – Senhor! Se se acha em más circunstâncias, tanto piro para a sua pessoa, quanto a mim, nada tenho com isso, nem pretendo intrometer-me em negócios alheios.

ADRIANO – Todavia convém que fique sabendo, que me vão imprimir uma magnífica coleção de composições musicais.

FELISBERTO – Faço idéia... algumas valsinhas...

ADRIANO – Nada... nada... coisa mais alta; vou concluir o meu ajuste com o editor, e espero em breve pagar-lhe a insignificante continha, que o senhor teve a baixeza de julgar tão elevada.

FELISBERTO – Porém, quando, senhor? Quando?...

ADRIANO – Mais cedo do que talvez espera.

FELISBERTO – Juro que não será mais cedo do que desejo.

ADRIANO – Oh! Que semelhança em nossos pensamentos, caro e preclaro Felisberto!

FELISBERTO – Adeus, senhor; como não nasci para andar toda a minha vida correndo atrás do seu dinheiro, cá lhe enviarei outra vez o meu cobrador.

ADRIANO – Ele achará a porta da minha casa tão aberta e franca, como para o senhor o está sempre a porta do meu coração

FELISBERTO

– Preciso é pagar;
O triste credor
Não pode esperar;
Quem compra fiado,
E quer ser honrado,
De pagar os meios
Calcula e prevê;
Preciso é pagar,
Arranje com quê.

ADRIANO

– Preciso é pagar?...
O duro credor
Não pode esperar?...
Eu comprei fiado,
Quero ser honrado;
Mas que os meios faltam
O senhor bem vê;
Preciso é pagar?...
Não tenho com quê.

CENA VI

ADRIANO (só) – Preciso é pagar... boa dúvida! Que é preciso pagar, sei eu; mas como é que um homem sem dinheiro pode pagar suas dívidas? É o segredo que eles me deviam ensinar. Dinheiro... dinheiro... os diabos me levem se eu não o desejo mais do que eles: ora é boa! Tenho eu culpa de não ter nada de meu?... a fortuna é uma rapariga a quem tenho namorado toda minha vida, e a ingrata teimado sempre em dar-me de tábua; mas agora espero ficar às boas com ela. Corramos à casa do meu editor... fica perto... ali defronte; e o bolo inglês?... ah! Chamamos a impagável Beatriz... ei-la que chega a propósito... senhor Beatriz! Senhora Beatriz!...

CENA VII

ADRIANO e BEATRIZ

BEATRIZ – Aqui estou, senhor; mas por quem é, não me mande procurá-lo em parte nenhuma.

ADRIANO – Esta noite reúno aqui os meus amigos; vá ao hotel de França e receba lá um bolo inglês, e algumas garrafas de vinho, que lhe entregarão, e durante a minha ausência disponha tudo o que é necessário para esta solenidade um pouco extraordinária em minha casa.

BEATRIZ – O que é isto pois?... bolo inglês e vinho?... então o senhor tirou a sorte grande no vigésimo, que comprou no outro dia?

ADRIANO – Sim, modelo das criadas!... (Canta)

O diabo atrás da porta
Não devia sempre estar.

BEATRIZ – Mas que fortuna foi essa?...

ADRIANO

– Minha sorte vai mudar.
Sinto já por tal ventura
O juízo a me voltar;
E a prova de que estou doido
É que chego a te abraçar!

BEATRIZ (Sem recusar) – Senhor Adriano, não comece com essas graças.

ADRIANO – Não tenha receio... Oh! Certamente deve confiar em si mesma... adeus... não esqueça nada. (Vai-se)

CENA VIII

BEATRIZ, e depois PANTALEÃO

BEATRIZ (Suspirando) – Sempre pensei que tivesse o atrevimento de me abraçar! Também de que me servia o abraço de um musicozinho das dúzias?... se eu não recuo tão depressa... mas deixemos estas asneiras. Uma ceia!... ainda trabalho... e depois deita-se a gente tarde... perde-se a noite... e isto acontece à Beatriz formosa, por causa de um músico de meia cara!... ora enfim vamos a ver o que se arranja. (Abre a gaveta) Bem... copos cinco, exatamente, e cada qual de sua qualidade: pratos... nove, entrando dois rachados: aqui há de tudo, desde a louça da China, até...

PANTALEÃO – Olhem lá em que ela se ocupa... dá de língua como deputado!... Velha rezingueira, é assim que cumpre o nosso contrato?... eu te pago meia moeda por mês, fora os caídos, para observares o procedimento da minha súcia de inquilinos, e entretanto um deles está pondo os trastes da porta para fora sem pagar o que legitimamente me deve, e eu nada sei do que se passa!... olha, que te suspendo o ordenado!

BEATRIZ – E quem é que está fazendo esse desaforo?...

PANTALEÃO – O locatário do terceiro andar, que acaba de fazer descer as escadas a dois enxergões e uma esteira!...

BEATRIZ – já sei o seu destino, senhor; os enxergões vão se encher de novo e a esteira, que já está muito velha, mandaram-na atirar à praia.

PANTALEÃO – Aceito a explicação; mas sustento o que disse: eu quero que não durmas, e que de dia e de noite observes o que se passa na minha propriedade: olha... põe-te alerta principalmente de madrugada: quando eu tinha as minhas duas vendas era de madrugada que eu fazia o melhor negócio com os pretinhos: aquilo, sim! Hoje era um cordão de ouro por meia pataca, amanhã uma colher de prata por quatro vinténs, depois de amanhã um anel de brilhantes por um martelinho de infusão de gengibre, que eu chamava aguardente... oh! Tudo isso sem bulha, sem matinada, e muito honradamente, muito honradamente!...

BEATRIZ – Senhor Pantaleão, eu cumpre como posso as suas ordens; mas Vossa Senhoria bem sabe que eu sou também criada do musicozinho...

PANTALEÃO – Tudo isso mudará, e principiarei hoje por mandar pôr os quartos na rua a esse insuportável arranha-notas...

BEATRIZ – Olhe, não hei de ser eu que me ponha diante dele para lhe impedir a retirada: pois o insolente não quis ainda há pouco dar-me um abraço?... e se eu não recuo tão depressa...

PANTALEÃO – Enfim... devo proceder desse modo; pois o que é esse músico?... um habitante de um terceiro andar: somente farroupilhas moram em tais alturas: dever-se-ia proibir os terceiros andares... eles só servem para alojar inquilinos que nunca pagam ao senhorio.

BEATRIZ – Eis aí o que é falar bem: cá eu sempre fui inimiga de canalha.

PANTALEÃO – Sim... é isso mesmo: essa gente que não tem real de seu é uma verdadeira canalha!... Mas agora deixa-me só, que ouço os passos do meu inquilino farroupilha: anda, vai-te!

BEATRIZ – Eu sou uma criada sempre pronta a obedecer a Vossa Senhoria por cuja felicidade rezo sempre nas minhas bentas contas! (À parte) é um jagodes muito ordinário; mas é preciso fazer-lhe cortesias, porque dizem que tem dinheiro, como farinha! (A Pantaleão) Sou uma criada de Vossa Senhoria Excelentíssima... (Vai-se)

CENA IX

PANTALEÃO e ADRIANO desesperado

PANTALEÃO – Usemos do meu direito de proprietário para tratar a este mequetrefe como convém.

ADRIANO (Atirando com o chapéu, e um rolo de músicas) – Estúpido editor! Falta-me à palavra! Recusa minhas músicas!... é necessário, diz ele, que eu tenha um nome... um nome!... um nome preciso eu para qualificar tão indigno procedimento!... e eu, que calculava com isso. (Sentidamente) obrigado a empenhar o meu relógio... a última lembrança de minha mãe! (põe uma clareza ou papel sobre a mesa) Porém, ele está seguro, e apenas puder tirá-lo do Monte de Socorro...

PANTALEÃO – Penso que, enfim, o senhor se resolverá a prestar-me dois minutos de atenção!

ADRIANO – Ah! É Vossa Senhoria, senhor Pantaleão?... perdoe-me, não o tinha visto... chegou muito a propósito...

PANTALEÃO – A propósito?... então está de maré cheia?...

ADRIANO – Sim; em maré cheia de tristeza... de angústias... de cólera... de...

PANTALEÃO – É moeda que não corre em minhas propriedades.

ADRIANO – Pois vejamos: o que quer o senhor de mim?...

PANTALEÃO – Duas coisas muito simples: primeira, despedi-lo de inquilino de uma das minhas propriedades; segunda, despedi-lo de mestre de música de minha filha Ifigênia Pantalôa.

ADRIANO (À parte) – Como via tudo a melhor! Queda!... em cima de queda, coice... em cima de coice... um dardo, que atravessasse a esta súcia toda! Estou bonito! Estou mesmo a ver jurar testemunhas!... (A Pantaleão) Suponho que tenho o direito de perguntar-lhe os motivos de duas despedidas tão súbitas, como intempestivas.

PANTALEÃO – Pois não! Eu lhe satisfaço: não me convém que o senhor continue a dar lições de música à minha filha, porque vejo que ela nenhum progresso faz; gasto em sua educação seiscentos mil réis por ano, e isto dura já há dez anos, o que perfaz a quantia de seis contos de réis, que com juros compostos, iam muito longe, e minha filha se vai tornando muito cara!

ADRIANO – E tenho eu a culpa de que Dona Ifigênia não tenha disposições para a música?...

PANTALEÃO – Quê! Pois a filha de um homem rico, de um homem que já teve duas vendas e que é hoje senhor de tantas propriedades, deixaria de ter disposições para a música?... ela tem habilidade... mesmo habilidade rara, o que lhe falta é um mestre de capacidade.

ADRIANO (À parte) – E ature-se lá um estúpido destes! (A Pantaleão) Então é este o único motivo por que sou despedido?...

PANTALEÃO – Além disso ela tem coração... esse coração tem suas fraquezas... e eu tenho reparado que minha filha quando olha para o senhor fica sempre vermelha como um camarão.

ADRIANO – Sim?... talvez aperte muito o espartilho.

PANTALEÃO – Em suas lições de desenho ela não faz um nariz, uma orelha, um olho, que eu não encontre o seu mesmo nariz, a sua mesmíssima orelha, e até o seu mesmíssimo olho!... em bom português: desconfio que minha filha está se apaixonando pelo senhor.

ADRIANO – É possível... e realmente isso não me faz mal nenhum.

PANTALEÃO – Mas a mim faz muito: eu, que já tive duas vendas, e que sou hoje senhor de tantas propriedades; eu que tenho uma certa posição, que sou capitão da guarda nacional, não havia de ir entregar minha linda filha a um pobre músico, que nem ao menos paga o aluguel da casa em que mora.

ADRIANO – Não brigemos por isso: pagarei o aluguel desta casa...

PANTALEÃO – Pagarei, pagarei, e pagarei, está o senhor a me dizer há três meses!... e eu devo afirmar-lhe que por este terceiro andar acabam de me oferecer mais quatro mil réis por mês, além do que o senhor me devia pagar, e portanto...

ADRIANO – Pois bem, eu cedo; dê-me um pequeno quarto, uma mansarda qualquer em relação com os meus poucos meios, e amanhã mesmo estarei mudado; pode crer: dou-lhe palavra de honra que em menos de um quarto de hora mudarei toda a minha mobília... a minha louça... os meus trastes de luxo... enfim, tudo... tudo...

PANTALEÃO – Devera?... eis aí um corretivo ao mau procedimento que tem tido comigo: há aqui por cima deste sobrado, um sótão em que o senhor se acomodará perfeitamente.

ADRIANO – Ah! É num buraco que fica aqui por cima?... pois está tratado; serve-me às mil maravilhas... vou transformar-me em rato... Que bom agouro... os ratos quando são grandes, são tão felizes e respeitados!...

PANTALEÃO – Mas insisto sempre no que lhe disse a respeito de minha filha, e quero que me pague o que me deve: preciso de dinheiro, senhor, e de muito dinheiro: vou entrar em negociações importantes; o monopólio da carne fresca e do toucinho é uma mina aberta, e os homens de bem não devem perder a pechincha; vou portanto abrir de novo as minhas vendas, e tornar a viver entre as pipas e os paios, e sobre as mantas de carne seca!

ADRIANO (À parte) – Donde nunca deveríeis ter saído, taberneiro de um figa!

PANTALEÃO – Não se esqueça do que acabo de lhe dizer; ficaremos amigos como dantes, logo que me pagar o que me deve! (À parte) minha filha

apaixonada de um farroupilha: que humilhação!... (A Adriano) Jovem músico, locatário insolúvel, dinheiro quanto antes, e adeus... (Canta)

Da carne fresca e toucinho
No monopólio me empenho;
Chore o povo muito embora,
Eu com isso nada tenho;
Quero dinheiro e depressa,
Que o monopólio começa.

ADRIANO

– Da carne seca e toucinho
No monopólio se empenha;
Em tais biltres é preciso
Que a polícia os olhos tenha;
Polícia, acode depressa,
Que o monopólio começa.

CENA X

BEATRIZ e ADRIANO logo depois

ADRIANO – "É necessário pagar; eu quero o meu dinheiro!" Tal e qual como aquele indigno alfaiate: "Meu dinheiro!" Que gente estúpida! Só tem na boca uma palavra, não sabe dizer senão isto: "Meu dinheiro!" é fastidioso... maçante... diabólico... vai-te, miserável taberneiro.

BEATRIZ (Trazendo uma cesta e uma bandeja) – Senhor, eis aqui o que me entregaram no hotel... vim carregada como um preto do ganho.

ADRIANO (Examinando) – Muito bem: bolo inglês... champanhe... vinho de Reno... madeira seco... Experimentemos este; afoquemos os pesares em copos de vinho (Bebe); não está mau!...

BEATRIZ – Mas como o vejo triste, senhor: ah! Adivinho, que já lhe deram a notícia...

ADRIANO – Notícia de que, mulher?...

BEATRIZ (Arranjando a mesa) – Eu sou discreta... porém, como não é mais um mistério... o senhor Juca do armário o tem publicado por todo o quarteirão.

ADRIANO – O quê?... o quê! Diga de uma vez, ande...

BEATRIZ – Enfim, ele é suficientemente rico para fazer a fortuna de uma moça: olhe, só em consultas gratuitas, tem ganho rios de dinheiro!

ADRIANO – Mas então o que há?... desembucha, velha dos meus pecados.

BEATRIZ (À parte) – Velha! Pois espera, que eu te curo. (A Adriano) Eu me explico: o doutor Oliveira, médico homeopata, que, como todos sabe, está muito rico, e que vende cada vidrinho das suas feitiçarias a cinco mil réis, fez suas proposições à senhora Dona Celestina, que depois de algumas dúvidas acabou por dizer, que sim.

ADRIANO – Celestina?!?! É uma ignóbil mentira!

BEATRIZ – O senhor está no seu direito duvidando; mas a notícia é oficial; falta só aparecer no Jornal do Commercio, e nos fatos diversos do Mercantil.

ADRIANO – Senhora Beatriz, retire-se, deixe-me!...

BEATRIZ – Senhor!

ADRIANO – Retire-se... retire... aliás...

BEATRIZ – Está furioso: tal e qual como o meu defunto Pancrácio quando tinha ciúmes de sua formosa Beatriz! (Vai-se)

CENA XI

CELESTINA e logo ADRIANO

ADRIANO – Esta velha mente! Mente por força! Mas não... deve ser verdade... as desgraças hão de continuar a cair sobre mim... todos devem abandonar-me... aborrecer-me: eu sou o mais vil dos homens, isto é... sou pobre!

CELESTINA – Meu Deus! Que tens?... ah! Eu o adivinho; o editor rejeitou tuas músicas...

ADRIANO – Sim, Celestina, ele faltou à sua palavra: é muito mal feito faltar à palavra que se dá, não é assim?...

CELESTINA – Sim, sim; é muito mal feito.

ADRIANO – Não é verdade, que quando se tem feito uma promessa, essa promessa se deve cumprir?...

CELESTINA – Sim, sempre; mas a que fim semelhantes perguntas?...

ADRIANO – Ah! Celestina! É que tu te condenas por ti mesma; tu me fizeste uma promessa sagrada... juraste que serias minha mulher à face da igreja, e agora?... oh!... mas não... tens razão... era necessário esperar... sabe Deus quanto tempo!... e ganhará com que dar-te belos vestidos de seda... que só teria para ti profusão de amor, e de ternos cuidados?!!! Pensas bem... é melhor um homem rico, que te encherá de brilhantes e de jóias preciosas; que te levará ao teatro, aos espetáculos, aos passeios em seu vistoso carro!... tens razão, Celestina; aceita o homem rico, esquece o pobre músico; somente uma coisa te peço: quando correres pelas ruas em tua carruagem, se encontrares o mísero artista, recomenda ao teu cocheiro, que o não salpique de lama... isso será um obséquio feito a quem morrerá pronunciando o teu nome.

CELESTINA (Chorando) – Adriano! Que acabas de proferir?... ah! Despedaçaste-me o coração.

ADRIANO (Cantando)

Não chores; podem no rosto
Traços de pranto ficar,
E esses sinais de amargura
Teu novo amor desgostar.

Tem valor, porque bem cedo
Para ti vindo a riqueza,
Esquecerá, sem remorso,
Quem te adora na pobreza.

CELESTINA – Ah!... Adriano... és muito cruel!

ADRIANO – Como?... ainda em cima sou eu que não tenho razão?... ora não falta mais nada!... tuas ausências, essa luz que em horas mortas vejo em teu quarto... esse maldito homeopata, que te faz propostas sedutoras: tudo isso será um sonho de minha imaginação?...

CELESTINA – Eu queria te ocultar a razão por que velo; mas já que me acusas, falo e provarei tua injustiça: essa luz que tens visto em horas mortas, esclarece minhas vigílias; eu aprendo a gravar música... se não me acreditas, posso mostrar-te os meus trabalhos...

ADRIANO – Celestina? É possível?...

CELESTINA – O meu bom Adriano... disse eu a mim mesma, merece ser feliz, e é desgraçado! Bem... eu não lhe serei pesada... ele tem talento; porém, não querem aceitar suas produções... pois eu as gravarei... nós as espalharemos pelo mundo... finalmente, far-lhe-ão justiça, e eu terei feito alguma coisa para lhe chegar mais cedo a glória e a fortuna, que por força deve ter um dia.

ADRIANO – Ah! Celestina! Tu tens tantas virtudes, como aquela jovem mulher que outrora conduzia pela mão a Belisário cego! Mas esse indigno homeopata...

CELESTINA – Ele quer casar comigo.

ADRIANO – Casar contigo?

CELESTINA (Dando uma carta) – Eis a minha resposta; eu lhe ia enviar; podes lê-la; a carta ainda não tem obreia.

ADRIANO (Depois de ler) – Recusas, Celestina?... tu recusas um brilhante futuro?...

CELESTINA – Sim; e queria também ocultar-te isso.

ADRIANO – Ah! Que eu não mereço um anjo, como tu és! Quanto mais sobre mim pesa a pobreza, mais tu te prendes à minha má fortuna: ah! Velha bruxa Beatriz de uma figa!

CELESTINA – Não falemos mais nisso.

ADRIANO – Ah! Que eu não mereço um anjo, como tu és! Julgado mal de ti, me oprime tão fortemente o coração, que me acho quase em termos de, por indisposto, transferir o bolo inglês, que ofereci aos meus amigos.

CELESTINA – Bolo inglês?... e o dinheiro?...

ADRIANO – Eu ainda tenho... uns... dezessete mil réis.

CELESTINA – Sim?... e como os arranjaste?...

ADRIANO – Como os arranjei?... sim... é verdade... foi... um caso muito engraçado; encontrei um amigo, que mos devia e que mos pagou; o procedimento certo que é pouco usado; mas... esta senhora Beatriz... (Indo à porta)

CELESTINA (Junto à mesa e vendo a clareza) – Uma clareza!... o seu relógio no Monte de Socorro!... ah! Eu compreendo tudo agora (Guarda a clareza)

ADRIANO – Sinto as pisadas da minha velha e insolente criada.

CELESTINA – Eu te deixo.

ADRIANO – Sem ressentimento, minha Celestina?...

CELESTINA – Oh! Sim! Amando-te mais ainda!

ADRIANO (Cantando)

Adeus, pois o meu ciúme
Ofendeu teu coração;
Mas do amor, que me consagras,
Alcansei fácil perdão.

O ciúme é um pecado,
Que sempre de amor provém:
Sem ciúmes não se ama;
Só quem não ama os não tem

CENA XII

ADRIANO e BEATRIZ que acompanha CELESTINA até a porta

BEATRIZ (pondo no piano copos, pratos, etc.) – Creio, que esta sirigaitazinha olhou-me assim com um ar de desprezo... isto já me vai passando os limites da familiaridade!

ADRIANO (Voltando) – Senhora Beatriz, a senhora é uma velha Prosérpina!

BEATRIZ – Prosérpina! Prosérpina!... e o senhor é um... é um... é um Prosérpino!
(À parte) Entendo isto perfeitamente... a menina untou-lhe mel pelos beiços, e ele caiu como um patinho... como é crédulo, coitado!...

ADRIANO – Então tudo está pronto?... mas faltam duas facas...

BEATRIZ – Foram essas as únicas que encontrei na gaveta da mesa: e note que uma já está desconjuntada.

ADRIANO – Não importa: os meus amigos são ricos, e estão acostumados ao luxo; é bom que vejam um dia e bem de perto como se passa na pobreza: divertir-se-ão ainda mais com isso.

BEATRIZ – Devo, porém, dizer, que o meu defunto Pancrácio era bem pobre, mas quando queria dar o seu banquete, mandava-me pedir louça emprestada à mulher do sargento Luizinho...

ADRIANO – Silêncio! Sinto que sobrem os meus amigos: limite-se às suas funções; e que se não perceba, que eu discuto com os meus criados.

BEATRIZ (À parte) – Criados! Vejam como é insolente este farroupilha.

CENA XIII

ERNESTO, EDUARDO, ADRIANO, BEATRIZ e dois amigos

Adriano os recebe na porte

Os Amigos

– Eis-nos prontos para a súcia,
Pra comer, beber, folgar;
Queremos rir e brincar;
Eis-nos prontos, bem o vês;
Venha o vinho de Champanhe,
Venha o nosso bolo inglês.

ADRIANO

– Bem vinda seja esta súcia,
Disposta a rir e folgar;
Eu também quero brincar,
E brincarei como três:
Eis aqui o bom champanhe,
Eis o nosso bolo inglês.

ERNESTO – Bem vês, que somos exatos!

ADRIANO – Eu vos agradeço... vamos, tratemos de sentar-nos. Senhora Beatriz, por ora dispensamos os seus serviços; retire-se...

BEATRIZ (À parte) – Há trinta anos passados esta súcia de brejeiros me convidaria a tomar parte na patuscada. (Vai-se)

CENA XIV

Os Mesmos, menos BEATRIZ

ADRIANO – Sirvamo-nos de bolo inglês!...

ERNESTO – Proponho que se dê carta de naturalização a este bolo; parece estar tão gostoso, que vale a pena fazer-se dele uma conquista nacional.

ADRIANO – Os vossos copos, senhores...

EDUARDO – Eu cá tenho um copo de meio quartilho.

ERNESTO – E eu um de labores dourados!...

ADRIANO – Perdoai-me, senhores, o meu aparelho se acha m pouco desprovido...

EDUARDO – Isto dobrará ainda o nosso prazer...

ADRIANO – Misturemos o champanhe como o Reno e o madeira; viva quem mais beber! (Bebe)

ERNESTO – Excelente bolo!... mandarei o meu groom aprender com Adriano a fazer bolo inglês.

EDUARDO – Ah! Tu tens um groom?

ERNESTO – Desta altura... (Fazendo sinal de pequeno tamanho) inglês de puro sangue...

ADRIANO (À parte) – E eu?... só tenho por groom a velha Beatriz!... nada... vou embebedar-me. (Bebe)

ERNESTO (A Eduardo) – A propósito: sabes, que comprei um cabriolé?... oh! Coisa encantadora.

ADRIANO (À parte) – E eu?!!! Eu cá tenho os ônibus ou as gôndolas em lugar do cabriolé... oh! Sorte endemoninhada!...

EDUARDO – Eu pretendo ter um carro magnífico, logo que herdar de meu tio, o conselheiro, trinta contos de réis de renda anual!... nada menos que isso.

ADRIANO – Então tu tens um tio com trinta contos de réis de renda?... (Bebe)

ERNESTO – Eu conto que minhas tias me deixarão muito mais do que isso... Florindo e Júlio têm igualmente belas heranças em perspectiva... oh! Que belo uso faremos de tanto dinheiro!...

ADRIANO (À parte) – Todos eles têm parentes milionários... e eu?... eu tenho as algibeiras em trapos, e nunca me acontece cair-me o dinheiro por elas abaixo! Nem passado, nem parente, nem futuro, sou um pinga na extensão da palavra! Ora isto faz ferver o sangue! (Bebe)

ERNESTO – E quem será tão desgraçado que não tenha tios, ou tias ricas?...

ADRIANO – Apoiado! Qual será, qual esse desgraçado?

ERNESTO – Então, tu também os tens?...

ADRIANO – Ora seguramente! (À parte) É boa! Então por que não posso ter também os meus parentes?

EDUARDO – Onde mora teu tio?...

ADRIANO – Eim?... (Bebe)

EDUARDO – Teu tio onde existe?

ADRIANO – Meu tio?... não é precisamente um tio... é um primo... oh! Um parente de desempenho! (À parte) Que mentira tão miserável!

TODOS – Um primo!...

ADRIANO – Sim... um primo, que habita na Califórnia... Paulo... Cláudio... Genipapo... tal qual... e eu que sou o seu único herdeiro. (À parte) todos eles têm tios ou tais, não é muito que eu arranje um primo para mim. (Bebe, e já meio tonto aos outros) Vocês bebem muito sofrivelmente!

ERNESTO (Aos outros) – Eis aqui um parente, cuja existência me parece contestável: (A Adriano) então teu primo é muito rico?... o senhor Paulo... Cláudio... Genipapo?...

ADRIANO – Oh! Imensamente rico! Foi há quatro anos para a Califórnia, e hoje possui nada menos que dois mil contos... cinco milhões. (À parte) Eu arranjo esta fortuna toda com a maior facilidade... é uma riqueza, que não me custa nada.

ERNESTO – E tu, sem dúvida, entreténs com ele a mais viva correspondência...
Mostra-nos algumas de suas cartas.

ADRIANO – Nada... ele não me escreve há muito tempo; simples delicadeza de sua parte... não quer arruinar-me com os portes do correio.

ERNESTO (Aos amigos) – Vejam que desculpa! (A Adriano) Pode ser que teu primo já tenha morrido.

ADRIANO – Qual! Se ele tivesse morrido já me tinha mandado participar...

ERNESTO – Pois então bebamos à sua saúde!...

ADRIANO (Bebendo) – Sim... bebamos! Isto não pode fazer mal nenhum a meu primo.

ADRIANO

– Sofrido tenho até hoje
As privações da pobreza;
Mas em breve irei gozar
Todo o luxo da riqueza.

TODOS

– Oh! Vem depressa,
Feliz herança!
Tu nos prometes
Grande folgança.

TODOS – Viva! Viva!

ERNESTO – Oh! Que soberbo futuro!...

ADRIANO (Enfraquecendo) – Sim... o futuro... é meu, não tem dúvida; eu sou muito amido do futuro... oh! Que belo primo!

EDUARDO – A saúde das nossas namoradas!... viva!

TODOS – Hip! Hip! Hip! Urrha!

ADRIANO – Viva... meu primo... oh! Sim... meu rico primo...

ADRIANO

– Morre já, querido primo,

E deixai-me o teu dinheiro;
Sobe p'ra o céu direitinho,
Mas que eu seja o teu herdeiro

TODOS

– Oh! Vem depressa
Feliz herança!
Tu nos prometes
Grande folgança.

EDUARDO (Mostrando Adriano) – Oh! Ei-lo adormecido!

ERNESTO – Efeitos do champanhe! Pobre rapaz, não está habituado.

ADRIANO (Balbuciando) – Excelente... oh!... o que eu tenho... é... o que eu não tenho... ah! ah! como eles engoliram a história do primo da... Califórnia... ah!... ah!...

ERNESTO – O que é que ele está dizendo?

EDUARDO – Oh! Eis aqui como é a grande herança do nosso pobre Adriano!...

ADRIANO – Ah!... como é... doce... do... doce (Adormece)

ERNESTO – Meus amigos, uma idéia!

TODOS – Qual?...

ERNESTO – Vós sabeis que eu tenho amigos na redação de todos os jornais; pois bem, graças à imprensa, vou dar em um mesmo dia vida e morte a esse primo fantástico imaginado por Adriano; eu quero realizá-lo a fim de o poder matar.

TODOS – Excelente idéia!...

ERNESTO – Amanhã Adriano contará com esta herança imaginária; essa riqueza lhe durará talvez um dia: nós nos divertiremos com a sua surpresa e com a sua alegria; ele pretendeu divertir-se à nossa custa; pois bem, seremos nós que nos divertiremos à custa dele!

TODOS – Apoiado! Apoiado!

ERNESTO – Ele está profundamente adormecido: venha uma pena e papel... ides admirar a beleza do meu estilo. (Escreve) "Uma carta da Califórnia, datada de 25

de outubro próximo passado, anuncia com certeza a morte de um brasileiro... "
O nome e sobrenome do fabuloso primo?...

EDUARDO – Paulo Cláudio Genipapo.

ERNESTO (Escrevendo) – "De nome Paulo Cláudio Genipapo, estabelecido na Califórnia há quatro anos: morreu sem deixar filhos, ficando único herdeiro de sua fortuna, que sobe a cinco milhões, um primo – Adriano Genipapo – jovem músico estabelecido no Rio de Janeiro".

TODOS – Muito bem! Muito bem!

ERNESTO – Amanhã esta notícia aparecerá publicada nos três jornais diários da Corte.

TODOS – Bravo!

ERNESTO – Ah! meu pobre Adriano!

EDUARDO – Ei-lo que abre a boca!

ERNESTO – ele sonha talvez com a sua pobreza; amanhã sonhará ainda, mas sonhará em completa vigília, então terá um verdadeiro sonho de ouro!

EDUARDO – Mais um copo de vinho!

ERNESTO – Sim, à saúde de Adriano, e da sua riqueza! (Enchem os copos)

ERNESTO

– Em pobreza adormecido
Há de rico amanhecer;
Mas no fim de poucas horas
Pobre outra vez há de ser.

TODOS

– Que viva o herdeiro
Dos cinco milhões,
Milhões que não valem
Nem cinco tostões!

TODOS - Hip! Hip! Hip! – Urrha!...

ATO II

O teatro representa a saleta baixa, irregular e pobre de uma mansarda; os traste e mobília da sala do primeiro ato estão em desordem.

CENA PRIMEIRA

ADRIANO e BEATRIZ

ADRIANO – Eis-me aqui em uma mansarda! Por cima de um terceiro andar! Se vou neste subir continuado, em pouco tempo mandam-me morar nas montanhas da lua! Não pode haver dúvida nenhuma, eu me acho em uma alta posição! Brigam tanto por esse mundo por causa das altas posições... e eu me vejo sossegadamente de posse da que me concedeu o meu amigo do monopólio do toucinho!... Vamos, senhora Beatriz, acabemos com isto.

BEATRIZ – É necessário não ter muita pressa; já estou bastante moída, e fique sabendo, que se me não tivesse pago o mês adiantado, não era capaz de me obrigar a subir até este buraco.

ADRIANO – Pois a viagem não é das mais longas... do terceiro andar a este meu novo palácio não há senão uma escada.

BEATRIZ – Mas quando se tem já subido dez vezes!...

ADRIANO – Sempre lhe acho de mau humor, senhora Beatriz!

BEATRIZ – E queria que estivesse muito derretida?... é boa!... uma senhora, que era no outro tempo chamada a formosa Beatriz, e que depois foi casada com um cabo-de-esquadra, ver-se enfim reduzida a representar o papel de criada de um músico!

ADRIANO (À parte) – A maldita velha é mil vezes pior que uma maitaca! E eu forçado a sofrer seus maus modos, e suas insolências! Oh! Sorte de uma figa!...

BEATRIZ – Toda vossa mobília se reduz a isto, ou tendes mais alguma coisa lá embaixo?...

ADRIANO – Senhora Beatriz, no que diz respeito à mobília, dixit! Mas lá embaixo ainda está o que eu tenho de mais precioso, o meu violão e as minhas músicas.

BEATRIZ – As músicas?... assim mesmo talvez que algum fogueteiro as quisesse comprar para fazer bombas, e desse por elas duas ou três patacas; e se além disso o senhor vendesse estes trastes a algum belchior, poderia ser que...

ADRIANO – Silêncio! A senhora parece haver prometido aos santos de sua maior devoção o não abrir a boca hoje, que não seja para dizer parvoíces; fique pois grunhindo sozinha, que irei eu mesmo buscar aqueles inapreciáveis objetos. (Vai-se)

CENA II

BEATRIZ (Sentando-se) – Havia de ter que ver, se eu me fatigasse por um músico tão ordinário: nada... vou ler o jornal, que o barbeiro da esquina me emprestou; já há de estar desesperado por ele: em quanto aos arranjos desta mansarda, o senhor musicozinho pode muito bem esperar. Vejamos. (Tira o jornal, põe os óculos e lê) "Guerra do Oriente... os Russos e os Turcos... " Ah! quem me dera ver esta súcia de Turcos toda ela enforcada!... eu cá sou Russa... Russa até os cabelos!... não posso levar a paciência, que hajam homens, cada um dos quais se case com cinqüenta mulheres!... todas as senhoras devem ser Russas. (Lê) "Fala-se em mudança de ministério..." Que me importa?... para mim suba quem subir é sempre a mesma coisa! Quem vê um, viu todos. (Lê) "ontem estiveram expostos durante todo dia no campo da Aclamação um burro, dois cachorros, e três gatos mortos..." Ora que asneira! Pois o campo da Aclamação não é mesmo o lugar do despejo público?... (Lê) "Uma carta da Califórnia, datada de 25 de outubro próximo passado, anuncia com certeza a morte de um Brasileiro de nome Paulo Cláudio Genipapo..." Genipapo?... é o mesmo nome do tal musicozinho das dúzias. (Continua a ler baixo e espantada) Oh! Meu Deus!... será possível!... era seu primo!... e ele fica seu único herdeiro!... só se eu me engano... (Ergue-se e esfrega os óculos) Vejamos... vejamos... (Lê) Não... está aqui!... impresso!... em letra redonda!... o senhor Adriano milionário!... e eu chamá-lo musicozinho... não, língua danada! É um musicozão, maior que Rossini, que Donizetti, e que toda essa gente da casa da ópera! É maior que... que... é maior que tudo enfim: o senhor Adriano milionário, vai ter uma casa... criados... é bem capaz de me tomar para sua criada grave... Que inconseqüência havê-lo tratado sem o devido respeito... então eu... eu que sempre tive ao senhor Adriano a maior amizade... mesmo uma amizade que faria desconfiar, se eu já não fosse maior de cinqüenta... vamos pois... zelo... cuidado... trabalhemos com boa vontade... (Arruma os trastes com ardor)

Eu não sou velha enfezada,
Menos beata fingida;
Sou uma boa criada,
Que gosta da vida.

E o amorzinho que eu tenho
É bom como um serafim,
É uma jóia, um tesouro,
Um cupido de alfenim.

CENA III

BEATRIZ e ADRIANO, trazendo o violão e as músicas.

ADRIANO – Finalmente, eis aqui tudo.

BEATRIZ (Correndo a ele) – Oh! Senhor Adriano, meu amorzinho do coração da minha alma! Para que tomou o trabalho de ir buscar tanta coisa lá embaixo?... era eu quem devia ir... eu tinha obrigação disso...

ADRIANO (Espantado) – O que é isto, senhora Beatriz?... a senhora está deveras falando comigo?...

BEATRIZ – Certamente: por ventura não sou criada de Vossa Senhoria?

ADRIANO – Senhora?!?! Senhora Beatriz, diga, está em seu perfeito juízo?...

BEATRIZ – Nunca me senti melhor.

ADRIANO – Nada... a senhora não está no seu estado normal.

BEATRIZ – Sim, senhor... estou mesmo no natural da minha natureza!

ADRIANO – Todavia... esta esquisita urbanidade... os obséquios que agora me está fazendo... esta mudança do preto para o cor-de-rosa operada em um instante... tudo, tudo é um fenômeno em nossas relações quotidianas.

BEATRIZ – Talvez que, às vezes, eu me tinha achado de mau humor... é necessário perdoar os pesares internos que me atormentam: quando se tem recebido uma certa educação, e se chegou a ser...

ADRIANO – Ah! sim... sim...

BEATRIZ – É duro ver-se depois a gente reduzida a uma triste posição: tirando disto, eu não sou má, e, olhe, tive sempre por Vossa Senhoria a mais decidida predileção...

ADRIANO – Senhora outra vez!... enfim, seja como for, antes como está, do que como estava.

CENA IV

BEATRIZ, ADRIANO e CELESTINA, trazendo manuscritos de música e chapas de cobre.

CELESTINA – Bom dia, Adriano; trago-te as minhas chapas de música, para que admires os meus progressos.

BEATRIZ – Oh! Que calamidade! Mãos tão delicadas carregando semelhante peso! Dê-me isso, senhora, dê-me... ande... sente-se... eis aqui uma caixa... descanse...

CELESTINA (Admirada) – Obrigada... agradecida... senhora Beatriz; (A Adriano) Adriano, como se explica isto?...

ADRIANO (A Celestina) – Celestina, isto como se explica?...

CELESTINA – Senhora Beatriz, olhe bem para mim: a senhora está bem certa de quem eu sou?

BEATRIZ – Oh! Se estou! A senhora é a moça mais bela, mais modesta e mais perfeita das vinte províncias do Império do Brasil, e isto é o que eu tenho sempre dito e sustentado.

ADRIANO – Senhora Beatriz, pois que enfim a senhora acaba de fazer ponto, concluindo a oração com um sentido perfeito; aproveito o ensejo para pedir-lhe que vá lá para baixo procurar por mim, e ver se me descobre escondido em algum canto.

BEATRIZ – Pois não, meu senhor, eu deixo Vossa Senhora em liberdade; (À parte) vou em um pulo dar a notícia ao senhor Pantaleão.

CELESTINA (À parte, pondo uma caixa de relógio na gaveta) – Ele não me está olhando... aproveitemos o momento.

BEATRIZ – Se Vossa Senhora tiver necessidade de mim, basta um simples aceno; estou e estarei sempre pronta a servi-lo com gosto; (A Celestina) sua serva... (A Adriano) senhor... (A Celestina) senhora... (A Adriano) senhor... (Vai-se fazendo mil cumprimentos, e sem jamais dar as costas)

CENA V

ADRIANO e CELESTINA

CELESTINA – Eu não posso compreender isto...

ADRIANO – Consola-te comigo, minha amiga; é um prodígio, é um fenómeno estupendo para quem está no último apuro do infortúnio, como eu: sim... porque tudo o estás vendo, é impossível que eu desça mais abaixo, por quanto estou morando quase em cima do telhado.

CELESTINA – Fizeste algum presente à senhora Beatriz?

ADRIANO – Qual! Apesar do meu gênio um pouco extravagante, numa me veio ao pensamento semelhante asneira; mas, enfim, deixemos a minha grotesca criada; dize: como achas o meu novo domicílio?...

CELESTINA – Excelente.

ADRIANO – Muito pequeno, não é isso?...

CELESTINA – Não vejo razão para que te estejas lastimando (Canta)

No rico palácio
De outro fulgente
Nem sempre o vivente
Encontra o prazer.

As vezes num rancho
De palha formado
Se vê, como o fado
Dá grato viver.

Ah, sim, que se goza
O néctar mais puro,
Se no rancho escuro
Dois podem caber.

ADRIANO – É assim, certamente que é assim; mas sempre com a condição de caberem dois no tal ranchinho; e este é o meu rancho... e se algumas economias me fossem possíveis, eu daria aqui mesmo um lugar a ti, como minha legítima mulher.

CELESTINA – Isso é verdade, Adriano?... bem verdade?... Ah! tu não compreendes como esse pensamento é doce para o meu coração!

ADRIANO – Não tenho te dito já, Celestina, que logo que as circunstâncias o permitam...

FELISBERTO (Dentro) – Mais acima?... obrigado.

ADRIANO – Ainda este maçante alfaiate!...

CELESTINA – Eu me retiro...

ADRIANO – Não, pelo contrário, demora-te: talvez que a tua vista lhe diminua a ferocidade; ah! que demônios seriam os que inventaram os credores!!!

CELESTINA – Sem dúvida, Adriano, foram os devedores.

CENA VI

FELISBERTO, ADRIANO e CELESTINA

FELISBERTO – Dá licença?...

ADRIANO – Oh! Pois não! (À parte) Entra, diabo.

FELISBERTO – Eu estou desesperado por me ver obrigado a parecer importuno!

ADRIANO (À parte) – Mais desesperado do que eu não está, certamente ele.

FELISBERTO – Passando por acaso por diante desta casa...

ADRIANO (À parte) – Os credores passam sempre casualmente por defronte da porta dos devedores.

FELISBERTO – Meu caro amigo, ontem eu fui por demais apressado... não estava em mim... um negócio importante me preocupava tanto, que o deixei de repente e sem lhe tomar medida, ao acordar hoje, lembrei-me do meu bom amigo, como sempre me acontece, porque realmente e lhe tributo verdadeira estima; lembrei-me, pois, e disse comigo mesmo: o meu caro Adriano precisa de minha tesoura e... eis-me aqui... (Desdobrando a medida)

ADRIANO (À parte) – Ora esta agora ainda é melhor!... eu estou no mundo da lua!... (A Felisberto) Então o senhor diz...

FELISBERTO – Vestido preto, completo, não é assim?...

ADRIANO – Senhor Felisberto... então eu... e o senhor... sim... o senhor e eu... como ontem... era ontem... e hoje... (À parte) Eu não sei mesmo o que lhe hei de dizer... isto é uma charada indecifrável.

FELISBERTO – Mas o que pretende fazer-me entender?...

ADRIANO – Eu?... pois se exatamente sou eu, que não entendo nada, homem!

FELISBERTO (À parte) Ainda não sabe... tanto melhor; isto me fará honra... (A Adriano) Nada há mais inteligível; quero tomar-lhe medida.

ADRIANO – Contudo, ontem o senho negou-se a isso, e creio mesmo, que chegou a ameaçar-me.

FELISBERTO – Eu?... eu?... como?... o senhor me confunde com outro: eu ameaçar ao meu maior amigo?... a aquele, em cuja defesa eu me deixaria fazer em postas, morreria até, exclamando no momento de morrer – oh! Glória! Morro por um amigo! – amicus est alter ego!!!

ADRIANO (À parte) – Começo a me persuadir que estou com o juízo virado! Quem sabe se ainda me dura a mona de ontem?... porque é impossível, eu juro, que tudo isto que acontece esteja realmente acontecendo.

CELESTINA (À parte) – Aqui há mistério, seja ele qual for.

FELISBERTO – Nós dizíamos, pois – vestido preto...

ADRIANO – Nada: a roupa preta é muito cara, e estraga-se muito depressa; antes quero azul.

FELISBERTO – Por consequência, preta e azul; a azul em verdade tem seu lugar; atualmente, porém, o senhor Adriano há de precisar de preta.

ADRIANO (À parte) – Ah! entendo: este mequetrefe tem na loja alguma porção de pano preto velho, e como se vê em termos de mandá-lo atirar à praia, prefere fazer-me roupa com ele. (Felisberto toma a medida e canta).

FELISBERTO –Deixe que eu tome a medida...

ADRIANO – Sim, senhor...

FELISBERTO

– Fique direito.
Nunca vi moço mais lindo,
Mais garboso, e mais bem-feito.

ADRIANO – Ora, até já sou bonito!

FELISBERTO – Sempre o foi

ADRIANO
– Inda mais essa!
Ou estou doido ou este amigo,
Quer pregar-me alguma peça.

AMBOS

FELISBERTO
– Fazer esta roupa
Que gosto me dá!
Que linda casaca
Não lhe sairá!

ADRIANO
– A tal roupa nova
Cuidado me dá;
Que cara casaca
Não me sairá!

ADRIANO – Mas já de antemão lhe vou declarando que duvido muito, que lhe possa pagar, ouviu?... não sei se lhe poderei pagar, entendeu?...

FELISBERTO – Oh! E quem foi que lhe falou aqui em dinheiro, meu amigo?...

ADRIANO – Nada! Não posso mais viver com tal mistério! Senhor Felisberto, explique-se: ontem, eu não lhe merecia um ceitel de crédito e hoje...

FELISBERTO – Oh! Sim! Ontem, hoje, amanhã o senhor tem sido, é, e será sempre o meu amigo do coração: eis a única explicação, que pode dar uma alma sensível como a minha.

ADRIANO (A Celestina) – Celestina, vai pedir que me preparem um quarto no hospício dos alienados da Praia Vermelha.

FELISBERTO – Enfim, o meu caro amigo Adriano me dará a honra de tomar um lugar no meu caleche, e iremos juntos à minha casa escolher o mais finos panos.

ADRIANO – A melhor! Quer que eu lhe faça a honra de tomar um lugar no seu caleche!... então que me dizem a esta?...

FELISBERTO – Nada de cerimônias... verá como ele é elegante... talvez que lhe dê na cabeça comprar-mo... olhe... pode se quiser, ficar com ele, e com os cavalos, que são magníficos, por três contos de réis, é quase de graça...

ADRIANO – E esta?... pois o homem não quer me vender o caleche?!!!

FELISBERTO – Não percamos tempo... o seu chapéu. (Dá-lhe o chapéu) a sua bengala... pois não tem bengala?... é indispensável eu lhe cedo a minha... tenho outras em casa... esta custou-me sessenta mil réis; olhe, é de unicórnio, e tem rico castão de ouro; eu lhe cedo pelo custo...

ADRIANO – Então eu hei de dar sessenta mil réis por isto? Estou quase gritando ah! quem d’El-Rei!... esta gente quer pôr-me doido...

FELISBERTO – Oh! Sessenta mil réis... que vale isso?... o senhor não pode fazer caso de semelhante bagatela. (Canta)

Querido amigo, enfim,
É tempo de pôr casa,
Fazer não pode vasa
Vivendo sempre assim
Meu caro, eu já lhe acudo,
Porquanto tenho tudo
Que possa desejar;
Oh! Venha me comprar
Mobília nova e linda
De França há pouco vinda,
Cadeiras de lavores
Quatorze aparadores,
Divãs, sofás e mesas
De formas e belezas
Em tudo variadas:
As mesas regulares
Redondas, ou quadradas,
E até triangulares;

Por uma ninharia
Lhe cedo a livraria,
Que bem cara comprei!
Também lhe venderei
O meu melhor carrinho,
E até o fardamento
Pra um lindo joqueizinho,
E tudo a bom contento;
Sim, sim, venha comprar.
Que em tudo que lhe vendo,
Amigo, o que pretendo
É só gosto lhe dar.

ADRIANO – Ora, louvada seja a Providência! Pois que, enfim, conheço que quem está doido não sou eu, é ele!

FELISBERTO – Vamos, vamos depressa, amigo do coração.

ADRIANO – Adeus, Celestina, eu me deixo levar para ver isto em que dá.

CENA VII

Os mesmos, e PANTALEÃO que aparece apressado

PANTALEÃO (A Adriano) – Um instante!...

ADRIANO – O taberneiro monopolizador do toucinho! Agora sim, estou apertado... (Querendo sair) Desculpe, senhor Pantaleão...

PANTALEÃO – Não o posso deixar assim... tenho um negócio mais importante, do que o próprio monopólio da carne fresca.

FELISBERTO – Conclua os seus negócios, meu amigo; não lhe quero ser incômodo; vou esperá-lo em minha casa....

ADRIANO (Querendo sair) – Nada... já agora eu também vou

PANTALEÃO (Retendo-o) – De modo nenhum... os momentos são preciosos...

ADRIANO (À parte) – Como me safarei eu das unhas deste gavião!...

FELISBERTO (À parte) – A sós conferenciando,

Ambos vão aqui ficar;
Que tratada será esta?...
Que irá disto resultar?...

ADRIANO – A sós conferenciando,

Nós vamos aqui ficar;
Que maldito taberneiro,
Que maçada me vai dar!

PANTALEÃO – A sós conferenciando,

Nós vamos aqui ficar;
Não me escapa o milionário,
Eu o hei de conquistar

CELESTINA – A sós conferenciando,

Eles vão aqui ficar;
Anda nisto algum mistério,
Que eu não posso desnublar.

CENA VIII

ADRIANO e PANTALEÃO

PANTALEÃO – Meu jovem e prezado amigo, agora que estamos sós, eu me posso desabafar...

ADRIANO (À parte) – Oh!... pis também o taberneiro?... Que diabo quer dizer isto?... estarei dormindo... ou... ou... querem ver que grassa na cidade alguma peste de loucura!...

PANTALEÃO – Mas, antes de tudo, consinta Vossa Senhoria...

ADRIANO (Estupefato) – Vossa Senhoria!!! Eles acabam hoje por dar-me excelência!...

PANTALEÃO – Consinta Vossa Senhoria que eu lhe abrace, e que faça correr por suas faces uma lágrima de dor, que Vossa Senhoria ajuntará àquelas que, sem dúvida, já tem derramado hoje!...

ADRIANO – Eu, senhor?... eu ainda não derramei hoje uma única lágrima!

PANTALEÃO (Chorando) – Isso depende dos temperamentos; cá eu choro como um bezerro!...

ADRIANO (À parte) – Há de ser conseqüência da profissão.

PANTALEÃO – Vossa Senhoria, sem dúvida, é duro para chorar...

ADRIANO – Mas, sou eu algum bobo para andar chorando à toa?... chorar por que, homem dos meus pecados?!

PANTALEÃO – Comigo é inútil o fingimento... eu sei tudo!...

ADRIANO – Está mais adiantado do que eu, que ainda não sei nada.

PANTALEÃO – Pois, vá que não saiba: mudemos de assunto, e tanto mais que vou propor-lhe um negócio importante. Senhor Adriano, estou decidido de pedra e cal a meter-me com unhas e dentes no monopólio do toucinho e da carne fresca; mas para isso é, como lhe dizia ontem, necessário dinheiro grosso.

ADRIANO (À parte) – Entendo agora: o maldito taberneiro untou-me mel pelos beiços para acabar pondo-me fora deste buraco!...

PANTALEÃO – Sou, portanto, obrigado a vender as minhas propriedades; ora, como Vossa Senhoria não o ignora, eu sou proprietário de uma filha muito bem edificada, e pai de uma casa perfeitamente educada... ora... quero dizer...

ADRIANO – Entendo... entendo... é isso mesmo, trocando a casa pela filha.

PANTALEÃO – Na nova posição em que Vossa Senhoria se acha...

ADRIANO – Que posição, senhor!... (À parte) eu creio que esta caçoada já vai passando a desaforo... e se me chega a mostarda ao nariz, eu caio de soco inglês nesta súcia toda.

PANTALEÃO – Basta de gracejar... falemos seriamente... Eu sou um homem sério, e muito honrado.

ADRIANO (À parte) – Oh, pois não! E tanto o é, que meteu-se com unhas e dentes no monopólio do toucinho.

PANTALEÃO – Na sua nova posição tem Vossa Senhoria necessidade de uma casa e de uma mulher: Vossa Senhoria meu amigo do coração, conhece minha filha, e esta casa; venho, pois, rogar-lhe que me compre a propriedade, e que se case com a rapariga...

ADRIANO (Estupefato) – A casa... e a moça?... ora isto só pelo diabo: é demais! É pouca vergonha! Senhor Pantaleão, o senhor supõe que deve divertir-se à minha custa?! (À parte) estou quase atirando-me a ele!

PANTALEÃO – O que, senhor?... Pode Vossa Senhoria ficar certo, de que lhe ofereço um brilhante partido. (Canta)

Minha casa é um palácio;
Minha filha é um peixeão;
Compre a casa, aceite a moça
E verá como ambas são;
E verá que eu dou-lhe provas
Da mais ardente afeição.

Não rejeite este partido,
Por quem é não dê um não;
Se rejeita, cai a casa,
Fica a moça em convulsão,
E eu julgando que duvida
Da minha ardente afeição.

ADRIANO – E ontem, Senhor Pantaleão?... e ontem?...

PANTALEÃO – Oh! Meu prezado amigo! Não falemos no dia de ontem... eu tinha tomado uma carraspana... ontem foi ontem, e hoje é hoje.

ADRIANO – Isso agora é a pura verdade: pode mesmo ir adiante, e declarar-me muito solenemente, que amanhã será amanhã.

PANTALEÃO – Ontem, já o disse, que estava eu fora de mim; mas despertando esta manhã, meu amigo, abri os olhos...

ADRIANO – É provável que o fizesse; eu lhe creio.

PANTALEÃO – E disse então com os meus botões: minha filha e minha casa podem cair em mãos desconchavadas; o senhor Adriano é um varão nobre e ilustrado, e portanto habitará bem a casa, e dará boa vida à rapariga.

ADRIANO – Nada! Não posso mais; agora ou há de explicar-se, ou eu atiro-me a ele como um danado (A Pantaleão) Senhor Pantaleão, peço a palavra.

PANTALEÃO – Oh! Vossa Senhoria pode falar tanto quanto desejar: quem seria tão atrevido, que ousasse cortar-lhe a palavra?...

ADRIANO – Pois vamos ver: escute-me:

PANTALEÃO – Sou todo ouvidos, para servir a Vossa Senhoria...

ADRIANO – Há uma boa hora que o senhor me fala de lágrimas, de casa e de casamento; desde hoje de manhã eu sou uma espécie de obelisco, envolvem-me em charadas... em logogrifo...

PANTALEÃO – Para que dissimular por mais tempo?... oh! Eu li, u li o jornal!...

ADRIANO – Que jornal, homem de todos os diabos?...

PANTALEÃO (Tirando o jornal) – Tenho-o ainda no meu bolso tome... tome... veja...

ADRIANO (Lendo) – O!... que é isto?... na Califórnia... um primo... Paulo Cláudio Genipapo... cinco milhões... eu Adriano seu herdeiro... que... que... que quer dizer isso?... (Interdito)

PANTALEÃO – Pois não o sabia?... Quanto sou feliz por ser o primeiro! Abracemo-nos, meu bom amigo do coração! (Abraça Adriano, que fica imóvel)

ADRIANO – Senhor Pantaleão... permita que eu me assente... (Pantaleão corre a buscar uma cadeira) por cinco minutos: quando se recebe uma notícia destas, a gente sempre se assenta por cinco minutos. (Enquanto Pantaleão fala, Adriano conta pelos dedos, falando consigo mesmo)

PANTALEÃO – Vossa ilustre senhoria vai saborear todos os prazeres da fortuna, todas as vantagens sociais, que ela facilita: se se quiser dar ao comércio, meu amigo do peito, vossa Senhoria tem fundos suficientes para meter-se sozinho no monopólio do toucinho, da carne fresca, da farinha, do milho e do feijão... Oh! Que feliz e felicíssimo mortal!

ADRIANO (Sem prestar atenção) – Cada milhão... quatrocentos contos... são cinco milhões... cinco vezes quatro, vinte... são vinte cem contos!... que são dois mil contos... dois mil contos são cinco milhões... cinco milhões são dois mil contos!... Isto faz andar a cabeça da gente à roda!... dois mil contos!...

PANTALEÃO – E se preferir a política, Vossa Senhoria será eleitor... juiz de paz... comandante da guarda nacional... deputado... e até barão!... isto é muito agradável ao amor próprio!

ADRIANO (Levantando-se) – Muito obrigado. (À parte) Am!... tudo agora se desembrulha! As delicadezas, as amizades, as senhorias, os oferecimentos... oh! Dinheiro!!! (A Pantaleão) Senhor Pantaleão, eu sou um rapaz muito bem criado para que me atreva a declarar que o senhor e este jornal faltam à verdade; mas...

PANTALEÃO – Eu não quero saber disso, vim aqui para perguntar a Vossa Senhoria se quer comprar esta casa.

ADRIANO – Eu ia dizendo que...

PANTALEÃO – Perdoe-me Vossa Senhoria: minha casa lhe convém?

ADRIANO – Certamente que sim. (À parte) Quanto à filha, nem pelo diabo! É uma maitaca que fala até pelas pontas dos dedos.

PANTALEÃO (Tirando um papel do bolso) – oh! Eu o adivinhava: acabemos portanto já com este negócio...

ADRIANO – Mas se eu não tenho real de meu, senhor.

PANTALEÃO – Oh! Não falemos em dinheiro... Vossa Senhoria tem crédito na praça: acabo de redigir este contrato, pelo qual Vossa Senhoria me compra esta casa, e se obriga a dar-me por ela doze contos de réis, pagos no fim de seis meses, e com o direito de desfazer o contrato no fim de um mês; e eu, pela minha parte, no caso de arrendamento, me obrigo a pagar-lhe para reaver o imóvel, dois contos de réis. Serve assim?... (Adriano lê o contrato) Este mundéu não vale oito contos... e se ele aceita...

ADRIANO – Pois vá; assinarei este papel, que finalmente a nada me obriga: mas veja que é a pesar meu. (Assinam ambos dois papéis, cada um guarda o seu)

PANTALEÃO – Quanto a isto, estamos arrançados; a respeito da rapariga, brevemente falaremos: o meu amigo não se arrepende destes dois negócios: uma mulher excelente... uma propriedade que não o é menos... ainda jovem e formosa... Vossa Senhoria a fará rebocar... a propriedade é deliciosa... cheia de talentos e de graças: e que nariz, senhor!!! A rapariga então é um portento! É toda feita de pedras de talha... ótimas madeiras... e finalmente... sim, amigo do coração, adeus! Eu sou um mortal imensamente afortunado! Oh! Sim!... Vossa Excelência aperta a mão de um mortal imensamente afortunado... (À parte) Oh!

Ifigênia, tu serás milionária e eu entrarei no monopólio com o dinheiro do genro!... (A Adriano) adeus, amigo do peito, adeus!

ADRIANO – Oh! Dinheiro! (Cantam)

PANTALEÃO (À parte)

– Eu também sou como os outros,
Não é por ser marralheiro;
Mas me derreto em ternuras
Ao pé de quem tem dinheiro.

ADRIANO (À parte)

– Este é como alguns que eu sei
Adulador, marralheiro;
Os favores, que me oferece,
São foscas ao meu dinheiro.

CENA IX

ADRIANO (Só) – Agora sim, entremos em nós... conversemos um pouco com a consciência... estou em um perfeito juízo... estou, não há dúvida! Não me acho bêbado, nem doido! Tenho... ou tive um primo... na Califórnia... Paulo Cláudio Genipapo... na minha árvore genealógica, nos anais de minha família, eu encontro um tio, que enquanto vivo foi patrão de uma sumaca... chamava-se ele mestre Leonardo Genipapo... ora, quando se tem tido um tio, não é nenhum impossível, que depois a gente venha a ter não só um, como até cinqüenta primos... todos querem que eu seja o único herdeiro de um primo, que deixou milhões... a imprensa proclama isso por suas mil bocas... não é por conseqüência admissível, que todos se enganem... (Depois de um instante de silêncio) tolo, e muito tolo sou eu em não dançar, em não saltar por esta sala: é verdade! Sou rico! Tenho dinheiro! Sou milionário!... oh!... (Canta e dança)

Enfim, o senhor destino
Ser justo quis uma vez;
De suspirados milhões
Feliz herdeiro me fez.

Sou rico! Sou rico!
Já tenho outro rosto!
Sou rico! Sou rico!
Não caibo de gosto!

Vejam já quantos amigos

Mal me deixam respirar!
"que cambada de marrecos
pega neles p'ra capar."

Sou rico! Sou rico!
Já tenho outro rosto!
Sou rico! Sou rico!
Não caibo de gosto!

CENA X

CELESTINA e ADRIANO

ADRIANO – Ah! és tu, Celestina?... vem ajudar-me a gozar esta alegria desordenada! Eu sou rico, Celestina, eu sou milionário!...

CELESTINA – Já o sei.

ADRIANO – Leste algum jornal?...

CELESTINA – Não; foi a senhora Beatriz.

ADRIANO – É o mesmo; ela é a verdadeira gazeta do quarteirão; mas desta vez a senhora Beatriz falou a verdade, o que certamente é um pouco extraordinário. Sim, eis aqui o jornal, o bem-aventurado jornal!... Celestina, tu vais ser feliz.

CELESTINA – Eu feliz!... pois vê, como sou criança; tua inesperada riqueza quase que me tem causado aflição.

ADRIANO – Oh! Não sejas tu a primeira que maldigas a minha fortuna: tu vais deixar o teu pequeno quarto para morar num sobrado cheio de espelhos de doze pés de altura!

CELESTINA – não sou ambiciosa: esta modesta câmara me viu tão feliz com o teu amor, que jamais a poderei deixar sem saudades.

ADRIANO – Oh! Os espelhos de doze pés de altura nada será ainda: terás móveis de mogno, ricas porcelanas, vasos de Sèvres, fortes-pianos e pianos-fortes; vestidos de seda, chapéus de plumas, xales de toquim, adereços de brilhantes, jóias preciosas, ouro, coralinas, esmeraldas, o diabo, Celestina, terás o diabo a quatro: e quando te virem passear comigo de carruagem, eles... esses sujeitinhos todos que nos torciam ainda ontem o nariz, hão de abaixar os olhos,

e dizer: "Aquela moça deve estar bem contente por ter um amante; que com extremo tal a adora!"

CELESTINA – Um amante!... mas ainda esta manhã, Adriano, tu dizias um marido! Não é a riqueza, é a verdadeira felicidade que eu aspiro, Adriano, estarás tu mudado?...

ADRIANO – Eu mudado?... oh!... não... não... mas... Celestina, isso é puerilidade: um amante... um marido... veremos... mais tarde... veremos é simplesmente uma mudança de palavra.

CELESTINA – mas essa palavra, senhor, é tudo para a mulher honesta; reconheço já que a vossa nova posição vos tornou outro: a pobre Celestina não é mais a mulher que se vos faz necessária...

ADRIANO – Eu não disse isso... todavia, falas de um modo que...

CELESTINA – Tendes razão, senhor, eu compreendo, eu adivinho tudo! (Canta)

Pobre me olhavas
Digna de amor;
Mas hoje rico,
Mudas, senhor.

Eu sou a mesma,
Não mudarei;
Qual vos amava
Vos amarei.

ADRIANO – Mas, Celestina, que motivo...

CELESTINA – (Canta e chorando vai-se)

P'ra vós mudar,
No pobre quarto
Me ireis achar.

Constante e pura
Sempre serei,
Pobre de novo
Vos amarei.

ADRIANO – Que teima! Quem te disse que eu te desprezo?...

CELESTINA (Canta e chorando vai-se)

Rico vos deixo,
Pura me ausento;
Mas levo n'alma
Cruel tormento

Vossa ventura
Façam os céus.
Adeus... eu parto;
Senhor, adeus!

CENA XI

ADRIANO e FELISBERTO

ADRIANO – Celestina! Celestina! Eis aqui como são as mulheres! Deitam-nos sempre água na fervura.

FELISBERTO – Ainda eu!

ADRIANO – Senhor Felisberto, eu lhe rogo que para outra vez se faça anunciar; não se entra na casa de um homem da minha hierarquia, como aí na espelunca de qualquer...

FELISBERTO – Perdão! Mil vezes perdão: porém, um negócio da maior transcendência... (Enquanto Adriano procura uma cadeira e senta-se, diz Felisberto à parte) Tenho presentemente a certeza de que esta casa se acha no alinhamento da rua projetada, e portanto ela me é necessária por todo preço.

ADRIANO (Sentado) – Então que temos?...

FELISBERTO – Senhor Adriano, Vossa Senhoria me faz um grande mal.

ADRIANO – Deveras?...

FELISBERTO – Sim: acabo de sair da casa do senhor Pantaleão, que me assegurou ter vendido esta propriedade a Vossa Senhoria.

ADRIANO – É certo; e que mais?...

FELISBERTO – Mas é que Vossa Senhoria não sabe, que eu tenho absoluta necessidade desta casa: eu a desejo ardentemente... certas recordações de família...

ADRIANO – Sim... sim... tudo isso é muito possível; mas também eu tenho aqui minhas recordações, e portanto conservarei a propriedade.

FELISBERTO – Quê! Pois Vossa Senhoria não quereria ceder-ma!

ADRIANO – O que há de ser! Veio-me o desejo de representar o papel de proprietário: despediram-me tantas vezes de casas onde morava, que tenho vontade de pôr também os outros no meio da rua; é mais agradável ter inquilinos do que sê-lo; e olhe, não se pode aturar inquilinos! Põem um homem doido... não pagam ao senhorio!

FELISBERTO – E se eu desse por esta casa quatorze contos de réis?...

ADRIANO – Quatorze contos?... o que são nesta vida quatorze contos de réis?...

FELISBERTO – Oh! É dinheiro, que se custa a ganhar!...

ADRIANO – Ah! ah! ah!... a quem diz o senhor isso?...

FELISBERTO – Está bem, darei dezesseis contos à vista...

ADRIANO – Dezesseis contos!... (À parte) É verdade que todos me falam de milhões, que eu possuo, mas confesso, que não me desagradaria ter já e quanto antes alguns bilhetes do banco no bolso... (A Felisberto) – Pois bem.... quero ser condescendente... aceito.

FELISBERTO – Dentro em meia hora trago-lhe o dinheiro; é negócio concluído.

ADRIANO – Eu lhe dou a minha palavra... também... olhe: por ora é a única coisa que eu tenho para dar.

FELISBERTO – Ela me basta, honrado amigo.

FELISBERTO (Canta)
– Que bom negócio,
Que vou fazer;
Oh que ventura!
Oh que prazer!

ADRIANO

– Que chuva de ouro
Está-me a chover!
Oh que ventura!
Oh que prazer!

FELISBERTO
– Parto depressa
Sem mais tardar,
E o seu dinheiro
Vou já buscar.

ADRIANO
– Parta depressa
Sem mais tardar
E o meu dinheiro
Vá já buscar.

CENA XII

ADRIANO, só.

Eu disse uma chuva... qual chuva! É uma inundação! É um dilúvio de prosperidade! Entremos na investigação das necessidades do nosso toilette, e primeiro que tudo ponhamos nossas antigas misérias no meio da rua! (Abre a gaveta e vê o relógio) oh! O que quer dizer isto!... o meu relógio?... o relógio, que eu havia empenhado no Monte de Socorro?... aqui anda obra do gênio do bem ou do pé-de-carneiro; mas... oh! Que raio de luz!... sim, é o gênio do bem... Celestina! Não há dúvida... foi ela... com o fruto do seu trabalho... sim, foi ela! E eu fiz chorar aqueles belos olhos! Ah! eu sou um rico orgulhoso e mau! Graças, porém a Deus, que tudo se pode ainda reparar. Senhora Beatriz! Senhora Beatriz! morta ou viva, e ainda que rebente no caminho, a senhora Beatriz irá buscar-me Celestina... senhora Beatriz! Ela me há de trazer a minha bela celestina! (Aparece Beatriz e Celestina, Adriano cai aos seus pés.)

CENA XIII

CELESTINA, ADRIANO e BEATRIZ. – CELESTINA recua, ficando ADRIANO de joelhos aos pés de BEATRIZ

ADRIANO (De joelhos e com os olhos baixos) – E eu cairei aos seus pés pedindo-lhe o meu perdão, e lhe direi: Tu que és bela como um anjo, pura como um raio de sol, meiga como a pombinha do vale, perdoa-me!... esqueci por um instante

que tu eras cheia de graças, e se sentimentos nobres, e que só querias, antes de tudo, um nome, o nome daquele a quem amas... oh! Bem... eu te ofereço o meu nome e a minha mão! (Toma a mão de Beatriz e beija-a) Ah! tu me perdoas!... (Levanta a cabeça) Ora... e esta! Com que estava eu falando!... (Vê Celestina) Ah! tu estás aí!

CELESTINA – E te compreendi bastante, Adriano.

BEATRIZ – E eu também, senhor Adriano, e se não fosse tão escrupulosa já teria abraçado a Vossa Senhoria excelentíssima! (À parte) Nunca ouvi tantas ternuras do meu defunto Pancrácio.

ADRIANO (Mostrando o relógio) – Minha Celestina, eu adivinhei tudo!

BEATRIZ – Consegui retê-la no meu quarto: suas lágrimas puseram-me o coração em cinco pedaços, e como sei por experiência própria que os namorados brigam e fazem as pazes trinta vezes por dia...

ADRIANO – Mas agora, Celestina, tu me desprezas?

CELESTINA – Não, não, meu amigo, tudo está esquecido.

ADRIANO – Eu te desposo, minha Celestina, e a felicidade entrará em nossa casa com o ato do nosso casamento.

CELESTINA – E ficará para sempre morando conosco.

BEATRIZ (Limpendo os olhos) – E eu ainda a chorar... vejam só! E isto me fazia esquecer, que hoje o excelentíssimo senhor meu amo tem sido procurado por toda a cidade em peso: tenho lá dentro um balaio cheio de cartas e bilhetes de visita: eu vou buscar. (Entra e volta logo)

ADRIANO – Que nova miséria será esta?...

CELESTINA – Não é miséria, Adriano; são os milagres do dinheiro, que é o senhor onipotente de quase todos.

BEATRIZ (Trazendo um balaio cheio de cartas e bilhetes) – Eis aqui as provas de que Vossa Senhoria excelentíssima tem a seu favor a opinião pública.

ADRIANO – Vejamos: misericórdia! Um balaio de cartas e de bilhetes de visitas!... Oh! Dinheiro! Oh! Miséria da humanidade!... ora, comecemos pelas cartas: (Tira uma e lê) oh! A primeira é do tal editor, que rejeitou minhas músicas: (Lê) miserável! Vê, Celestina, agora, agora ele me envia uma escritura,

pela qual se obriga a imprimir pelo preço que pedi as mesmas composições que ontem rejeitava, sob pena de uma indenização de um conto de réis pago por aquele que se arrepende!...

CELESTINA – Que ventura! Tuas composições vão, portanto, aparecer! Tu vais ser conhecido... todos te vão aplaudir, e te fazer justiça.

ADRIANO (Depois de ler outra carta) Esta também não é má! Sou admitido na orquestra o teatro de S. Pedro de Alcântara pelo competente diretor com todas as condições por mim propostas: eis aqui o contrato assinado! Havia de ser bonito se eu aparecesse agora tocando tímpanos ou ferrinhos!...

CELESTINA – E essa carta?... será ainda algum novo obséquo?...

ADRIANO (Depois de ler) – Oh! Lá se é! Nada menos do que a empresa do Provisório que me compra a propriedade da minha ópera por dois contos de réis, e que se obriga a pô-la em cena dentro de um ano!...

CELESTINA – Oh! Isto sim é que é uma grande felicidade! Todos apostaram sobre quem mais faria para te colocar a salvo da pobreza!

ADRIANO – Sim! Agora que já de nada disso preciso, curvam-se todos ante o meu dinheiro: oh! Sim! Abrem-me os braços, quando já estou acima de seus favores: este mundo, Celestina, tem uma alma de bilhetes de banco, e um coração de monjolo!

CELESTINA – Paciência... é preciso sofrê-lo, porque é o mundo que temos... e pela minha parte por ora não desejo mudar-me para outro.

ADRIANO (Vendo e atirando fora os bilhetes de visita) - E esta nuvem de bilhetes de visita! Oh! Que povaréu, que multidão veio visitar os meus cinco milhões!... vejamos sempre; (Tira um) comendador fulano dos anzóis carapuça... Não conheço, fora com ele; (Outro) O Deputado... Misericórdia! Deputado é uma coisa que custa muito cara à nação; (Outro) o brigadeiro... Fora, que pode brigar comigo; (Outro) o doutor... Pior está essa! Doutores longe de minha porta; (Outro) Mr. De tal, cabeleireiro, tem pomada de urso e água dos amantes... Ao fresco; (Outro) pílulas vegetais... E esta! Pois já tão depressa não me querem dar pílulas a engolir?... (Outro) trastes, mármore e porcelanas... entendo! (Outro) frei Laverno faz os seus cumprimentos... Ah! é um frade!... chegou a minha fama aos conventos... rua; (Outro) o barão de qualquer coisa... Irra! Não posso mais!... (Atira com todos os bilhetes fora) Eis ali rolando pelo chão não sei quantos diplomas da vergonha humana!... desprezavam o artista e vêm beijar os pés do milionário!... Miseráveis! Vândalos!... isto ou é para desesperar, ou para rir!

CELESTINA – Pois então é melhor rir... riarmo-nos!

ADRIANO – Vá feito... riarmo-nos!... (Canta)

Vejam já quantos amigos
Mal me deixam respirar!
"Que cambada d marrecos
"Pega neles p'ra capar!"

Sou rico! Sou rico!
Já tenho outro rosto!
Sou rico! Sou rico!
Não caibo de gosto!

CENA XIV

EDUARDO, ERNESTO, ADRIANO, CELESTINA, BEATRIZ e os amigos.

ERNESTO – Oh! Muito bem, Adriano; como vamos de fortuna?...

ADRIANO – Vinde, meus amigos, vinde tomar parte da minha alegria: eu estou nadando em um mar de ouro!

EDUARDO – Nós sabemos tudo.

ERNESTO (Tristemente) – Teu primo é morto, não é assim?...

ADRIANO (Como querendo chorar) – Ah!... é verdade!...

BEATRIZ (O mesmo) – Ah! é verdade! Era muito bom moço!

EDUARDO – Então estás muito aflito?...

ADRIANO – Sim tenho chorado... este é já o terceiro lenço; os outros ficaram ensopadinhos de lágrimas; e contudo eu conhecia muito pouco a meu primo... apenas nos tínhamos visto, quando mamávamos: porém, a morte é sempre uma separação dolorosa.

ERNESTO – Escuta, Adriano; tu és sensível?...

ADRIANO – Ao menos tenho essa pretensão, e as minhas lágrimas sinceras...

ERNESTO – E eras muito amigo de teu primo?...

ADRIANO – Oh! O mais que é possível...

ERNESTO – Abraça-me, pois, meu amigo, enxuga o pranto; ele não está morto.

ADRIANO (Estupefato) – Não... não... não... não está morto?!!

BEATRIZ – Não está morto?... isso era o diabo agora!

CELESTINA – Como o sabe, senhor?...

ERNESTO – Não está morto, porque nunca estive vivo.

ADRIANO – Isto não é brincadeira; creio que é negócio muito sério!

ERNESTO – Ontem, aquecido pelo champanhe, tu te gabaste de ter na Califórnia um primo senhor de milhões...

ADRIANO – Eu... eu disse isso?... é possível; porquanto não me lembro de coisa alguma!

ERNESTO – E querendo zombar de nós, apenas nos lembraste a idéia de uma caçoada.

ADRIANO – Uma caçoada!... como?... este artigo do jornal?...

ERNESTO – Não passa de uma invenção nossa!

ADRIANO – Pobre outra vez!... (Caindo numa caixa) Eu... morro agora por força!

CELESTINA – Meu Deus! Adriano não está bom!

BEATRIZ – E eu a gastar políticas com um musicozinho tão ordinário! com uma bisca, com um farroupilha desta qualidade!... Vou já participar ao senhor Pantaleão. (Vai-se)

ERNESTO – Que é isto, Adriano?... sê homem: se tivéssemos previsto, que sentirias tanto um simples gracejo de amigos...

ADRIANO – Ah! meus amigos, eis aqui uma comédia muito capaz de acabar em tragédia... Eu estava tão feliz!...

CELESTINA – Eis-nos de novo em nossa boa mediocridade.

ADRIANO – Não! Não posso suportar semelhante desgosto! Isto é um salto mortal! É muito melhor atirar-me de uma janela abaixo! (Corre e esbarra-se com Felisberto)

CENA XV

FELISBERTO e os ditos

FELISBERTO – Oh! Que me rebenta o nariz!

ADRIANO (Submisso) – Eu lhe fiz mal... ofendi-o?...

FELISBERTO – Não foi nada... trago o dinheiro a Vossa Senhoria.

ADRIANO – A minha senhoria... a minha senhoria acaba de receber a sua demissão.

FELISBERTO – Não o compreendo, meu prezado amigo.

ADRIANO – Digo, que agora aparecem suas dúvidas a respeito do negócio.

FELISBERTO – Que, senhor Adriano! Vossa Senhoria quereria faltar a palavra!... (À parte) Diabo! E eu que já tratei a cessão da casa com vinte por cento de lucro!

ADRIANO – Não é isso, mas devo dizer...

FELISBERTO – Nada quero ouvir: tenho a sua palavra, e um homem honrado, senhor, não tem senão uma palavra: eis aqui o contrato de venda para assinar.

ADRIANO – Todavia...

FELISBERTO – Ah! senhor Adriano! É possível que tenha em tão pouco a sua palavra?...

ADRIANO – Senhor Felisberto!...

FELISBERTO – Esta hesitação me dá o direito de dizer o que disse.

ADRIANO – E o senhor não se arrepende deste contrato?...

FELISBERTO – De modo nenhum.

ADRIANO – E aconteça o que acontecer não se queixará de mim?...

FELISBERTO – Eu queixar-me?... e de quê?... assine, tenha Vossa Senhoria a bondade de assinar.

ADRIANO (À parte) – Com efeito... posso bem fazer este negócio... a casa é minha, e eu ganho nesta venda quatro contos de réis; (Assinando) vamos, pois que o senhor o exige, eu assino.

FELISBERTO – Para lhe provar que o negócio me convém, ajuntei ao dinheiro, que lhe entrego, um recibo de conta que me devia, e portanto estamos quites.

ADRIANO (Recebe e conta o dinheiro) – Como?... minha conta também?... ah! Celestina, eis aqui um remorso de adversidade!

FELISBERTO – O que quer dizer com isso?...

CENA XVI

Os ditos, PANTALEÃO e BEATRIZ

PANTALEÃO – Isso é um horror! É uma ladroeira!... uma infâmia!...

TODOS – Que aconteceu?...

PANTALEÃO – O senhor músico, meu locatário, é vítima de uma mistificação! Ele é tão rico, como aqui, a velha Beatriz!

FELISBERTO – Que diabo é isto?... quem me dará um fio para sair deste labirinto!

PANTALEÃO – O fio é que eu continuo a despedir desta casa e de mestre da minha filha ao tal senhor Adriano Genipapo!

ADRIANO – Senhor Pantaleão! O senhor tem um coração abjeto... o senhor é indigno do nome de homem que usurpa!

PANTALEÃO – Parece-me que o senhor me quer insultar!

ADRIANO – Sair desta casa! Sairemos dela ambos, miserável taberneiro! Porquanto acabo de vendê-la ao senhor Felisberto...

PANTALEÃO – Eu vou levá-lo já ao chefe de polícia!

ADRIANO – Oh! Pois não! Irei mesmo com prazer; tenho que referir ao chefe de polícia uma certa história de monopólio de toucinho e carne fresca... Ah! já se cala?... acabemos com isto: senhor Pantaleão, eu lhe pago a casa que lhe comprei, e o mais que lhe devo e por minha vez, senhor, ouvi todos, ouvi: senhor Pantaleão, rejeito a mão de sua filha que ainda há pouco me ofereceu!

PANTALEÃO – Ah! ah! ah! e pensava, que eu ainda tinha as mesmas disposições?...

ADRIANO – Celestina, esta gente não tem vergonha, não?... (Outro tom) – Eu não sei se me devo rir deles!... miseráveis! Vós que me desprezais, lembrai-vos, que abaixastes a cabeça diante de mim! Estúpidos! (Outro tom) Estúpidos?... estúpido sou eu... eles pensam e praticam, como quase todos, isto é a moda... é a época... é o mundo... atualmente o que melhor se sabe do padre-nosso, é o venha a nós!

CELESTINA – Senhores, vós o vedes, vosso gracejo teve boas conseqüências...

ERNESTO – Tanto melhor para ele não-lo perdoar.

ADRIANO – De todo o coração, que até vô-lo agradeço.

FELISBERTO – Mas então o único, que aqui fica com cara de pau, sou eu?... juro, que ainda não compreendi nada desta moxinifada.

CELESTINA – Pois é muito simples... o primo da Califórnia...

FELISBERTO – Não está morto?...

ADRIANO – Nem nascido, mestre Felisberto!

FELISBERTO (À parte) – Ai que cabeçada!... e a conte que ele me devia!

ADRIANO – Mas graças a esta invenção, graças à só presunção, de que me achava rico, fui cercado de respeitos, de obséquios, e de amigos; ofereceram-me casa, mulher e dinheiro!...

CELESTINA – Obrigaram-se a imprimir suas músicas, contrataram-no para uma orquestra, e compraram-lhe uma ópera!

ADRIANO – Puseram-me a salvo das privações da pobreza...

BEATRIZ – Ora, o que tem isso?... lembremo-nos do adágio antigo: a água corre para o mar.

ADRIANO

– O dinheiro é um feitiço
Que a todo mundo enlouquece;
Aos ricos todos festejam,
O pobre nada merece.

CELESTINA

– As senhoras melhor sabem
Do dinheiro o valimento;
Moça rica que tem dote,
Nunca perde casamento.

PANTALEÃO

– O rico nunca tem frio,
Traz sempre a barriga cheia;
E até por coisas que eu sei
Jamais visita a cadeia.

FELISBERTO

– Homem pobre é sempre feio
Bicho mau e desprezado;
Quem tem dinheiro é bonito,
É sábio, sempre engraçado.

CORO GERAL

– Dinheiro! Venha dinheiro!
Dinheiro é tudo na terra;
Dá prazeres, glória, amores,
Faz a paz e move a guerra.

REMISSÃO DE PECADOS

TEATRO S. LUIS

Anda atualmente em cena neste teatro uma comédia em 5 atos do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, a Remissão de pecados. Apesar da designação de comédia, segundo a idéia que geralmente se liga à palavra, não é esta uma composição ligeira principalmente destinada a recrear e divertir, ocupando-se ao mesmo tempo mais ou menos com a reforma dos costumes. A ação é toda dramática, envolvendo paixões fortes e situações violentas.

Remissão de Pecados escreveu o autor no alto da sua comédia, e com efeito encontramos aqui diversos pecados e pecadores remitidos ou perdoados uns pelos outros. Adriano consome no jogo a fortuna que lhe trouxera sua mulher, e quase esquece esta, que é um anjo de virtude e candura, pela louca paixão que lhe inspira uma criatura indigna. Destes dois feíssimos pecados e seus estragos é ele não sabemos se remitido ou remido pelas exortações e dinheiro de Clarimundo. Esta mesma remissão dá ocasião a que Clarimundo, oculto pai de Adriano, reconheça o filho e case com Úrsula, de quem o houvera, oferecendo-nos o quadro de mais dois pecadores perdoados. Apenas se poderia dizer que a remissão de tão grandes pecados é um tanto facilmente obtida.

Escrita no estilo brilhante e muitas vezes sarcástico do sr. dr. Macedo, a comédia abunda em bons ditos. Tem vários lances que impressionam fortemente, e delineadas por mão experimentada, as cenas sucedem-se naturalmente, mantendo vivo o interesse do espectador.

O primeiro ato passa-se numa casa de jogo, cujos tenebrosos mistérios são desvendados em toda a sua hediondez. É um belo quadro de costumes, em que se patenteiam muitas chagas sociais, entre as quais principiamos a perceber o fio da ação do drama, Fábio, no intuito de seduzir Helena, esposa de Adriano, já precipitara este na voragem do jogo, e agora forma um pacto infame com o dono da espelunca, Bráulio, que deve fazer com que Dionísia, uma rapariga perdida, que ele faz passar por sua sobrinha, induza Adriano, já apaixonado por ela, a raptá-la, a fim de que o escândalo dado pelo marido aplane o caminho ao sedutor da esposa.

O segundo ato passa-se no salão do Teatro Lírico, cena excelentemente pintada, e que não pode dar senão a melhor idéia do novo pintor do teatro, o sr. Rocha. A vista foi muito aplaudida, e com razão; a perspectiva é de uma ilusão perfeita, e se em alguma coisa peca é por excesso, sendo talvez demasiado o fundo. Aqui Clarimundo, que fora o tutor de Helena, começa a perceber, apesar dos

protestos desta, que no casal nem tudo é felicidade. A pobre esposa, resignada e calada, sofre muito, e a vista de Dionísia vem aumentar-lhe o martírio.

Passamos para a casa de Adriano, onde temos uma bela cena entre ele e Helena, que não se queixa de ver esbanjados todos os seus haveres, mas só lamenta ter perdido o amor do esposo. Clarimundo obriga Adriano a prometer-lhe que se regenerará, refazendo pelo trabalho a sua fortuna, e restaurando a felicidade doméstica pelo esquecimento de Dionísia. Não se fiando, porém, muito nas promessas do pecador, ele exige de Cincinato, caráter estouvado, mas franco e leal, que faça desaparecer a rapariga levando-a consigo para qualquer parte.

Para execução deste plano voltamos no 4º ato à casa de jogo, onde o venal Bráulio e a não menos venal Dionísia aceitam sem dificuldade a proposta de Cincinato, que oferece maior quantia do que Fábio prometera. No momento da fuga ainda Cincinato consegue fazer-se substituir por um amigo condescendente, livrando-se assim de um trambolho, e pregando uma peça a Bráulio, que perde o direito ao prêmio, visto quem devera pagar-lho dar-se por traído.

O fim, porém, está alcançado, e removida a serpente, Adriano no 5º ato volta aos braços da esposa. Clarimundo paga-lhe as dívidas, reconhece-o por filho, casa com Úrsula, como dissemos, e desce o pano, deixando todos felizes e contentes.

Expondo assim rápida e sucintamente o entrecho, é claro que não podíamos reproduzir todas as belezas do drama, derramadas pelo diálogo e pelo encadeamento das cenas. O mesmo desenlace assim exposto poderia talvez não parecer inteiramente satisfatório, mas para bem julgar um drama é mister vê-lo representar, quando é para isso que foi escrito. A representação pode dar-lhe um brilho e um encanto, de que somente com a própria vista se faz idéia. A indiferença do público é o maior inimigo com que lutam as letras; um drama firmado por um nome conhecido deveria despertar em todos a curiosidade de vê-lo ao menos uma vez; ficando então ao gosto de cada um voltar ou não, conforme a composição lhe houvesse agradado.

Cuidadosamente ensaiada e posta em cena com esmero e capricho, a Remissão de pecados foi representada de modo que não pode merecer senão elogios, traduzidos por nós em palavras como o foram pelo público em palmas à cena.

O sr. Furtado Coelho no papel de Cincinato criou um tipo delicioso, mistura feliz de estouvamento com as mais nobres qualidades do coração. Os srs. Amoedo (Adriano), Guilherme (Clarimundo), Paiva (Fábio), Gusmão (Bráulio), e as sras. Leolinda (Helena), Rosinha (Úrsula), e Virgínia (Dionísia) sustentaram bem as

suas partes, formando um conjunto que agradou a todos. O sr. Graça no papel de usuário apenas estaria uns cinco minutos em cena, mas foi quanto bastou para arrancar aplausos gerais, tornando notável uma das personagens mais insignificantes do drama.

O autor, assistindo à segunda representação, foi vitoriado pelo público e agradeceu do seu camarote estas demonstrações não só de simpatia, mas também de merecida homenagem ao talento.

PERSONAGENS

HELENA.....	Ismênia
ÚRSULA.....	Rosinha
DIONÍSIA.....	Virgínia
GERTRUDES	
ADRIANO.....	Amoedo
CLARIMUNDO.....	Guilherme
CINCINATO.....	Furtado
FÁBIO.....	Paiva
BRÁULIO.....	Gusmão
DEMÉTRIO.....	Pinheiro
VENCESLAU.....	Graça
O DR.GONÇALVES.....	Lima
LOURENÇO.....	Caminha
SILVEIRA.....	Costa
D.DONALDO.....	Timóteo
JOSÉ.....	Torres

Criados da casa de jogo – Jogadores – Senhoras e Cavalheiros.

A ação se passa na cidade do Rio de Janeiro.

Época a atualidade.

ATO I

Sala muito modesta; mesa com candeeiro a querosene; sofá; porta à esquerda, abrindo para aposentos interiores; outra à direita, comunicando com a sala de jogo; portas ao fundo, que abrem para a sala principal que, apenas se vê e onde há piano no qual se ouve tocar e cantar.

CENA I

BRÁULIO, vindo da direita, FÁBIO, entrando pelo fundo.

FÁBIO (Para a sala do fundo.) – Cante muito; a sua voz dá-me felicidade (A Bráulio.) Como vai a sessão?... (Conversam ambos à meia voz.)

BRÁULIO – Ameaçando tempestade: as cartas arranjaram-se e d. Donaldo na primeira tripa fez maravilhas: a segunda tripa começou agora.

FÁBIO – As cartas falhas são pois quatro, seis e o rei...

BRÁULIO – E nos baralhos novos, se os pedirem, passam a ser três, dama, e, principalmente, sete e às.

FÁBIO – Sei: e além de mim e do capitão há mais feitos?...

BRÁULIO – Nenhum: não convém estender a confiança mesmo entre os cavalheiros honrados, alguns têm o defeito de dar à língua por gabolice.

FÁBIO – Creio que me demorei bastante para excluir qualquer idéia de conluio; antes, porém, de ir jogar, urge dizer-lhe duas palavras: Adriano...

BRÁULIO – Não chegou até agora...

FÁBIO – Pouco importa: não é mais o jogo, é sua sobrinha que o deve escravizar, e a ocasião para a última cartada é agora; amanhã, ou ao mais tardar depois de amanhã, Dionísia se fará levar daqui por Adriano; depois de amanhã ou nunca.

BRÁULIO – O prazo é muito curto... mas...

FÁBIO – Basta que Dionísia queira e exija: Adriano já não se governa; o senhor sabe o que tem a ganhar; depois de amanhã ou nunca... disponha sua sobrinha... se quiser logo conversaremos; agora tenho pressa. (Vai-se pela direita.)

CENA II

BRÁULIO e logo GERTRUDES

BRÁULIO – Gertrudes! (Entra Gertrudes.) é preciso que Dionísia hoje mesmo obrigue Adriano a estar pronto para levá-la consigo depois de amanhã à noite... e veremos até lá.

GERTRUDES – É coisa feita: o pobre rapaz está pelo beijo... então o senhor Fábio...

BRÁULIO – Acaba de dar-me as suas ordens em tom de meu amo... digo-te que me aborrece muito o ar que ele toma comigo; mas o diabo paga bem.

GERTRUDES – Arranjemos a nossa vida: durma eu quente e ria-se a gente.

BRÁULIO – Rir?... outros talvez podem rir: ele não; confesso... o nosso procedimento... não é bonito; mas o de Fábio é mil vezes pior.

GERTRUDES – E para um homem limpo... de boa sociedade...

BRÁULIO – É de arrepiar os cabelos! arrastou o outro para o jogo, preparou-lhe artatamente a paixão por Dionísia; fê-lo estragar a fortuna, agora vai manchá-lo com um escândalo público, e apanhando a mísera esposa um abandono, conseguirá talvez seduzi-la!... e é um homem destes que me fala com tanta altivez!

GERTRUDES – Mas se ele paga bem...

BRÁULIO – Ele? com o dinheiro da irmã... e que me importa?... o certo é que paga; eis o essencial; o mundo é assim... o sr. Fábio faz dessas, e ainda mais, está lá dentro passando a perna a uma dúzia de jogadores paios, e ganhando de sociedade comigo, que arranjei as cartas, e amanhã há de chamar-me miserável e mesmo canalha, e meia capital do Império o festejará como homem de bem e nobre cavalheiro!... o mundo é assim: arranjemos pois a nossa vida; viva o dinheiro, venha ele como vier; anda, vai pôr Dionísia de sobreaviso... ainda...

GERTRUDES – E já, que aí chega o maldito Quebra-louça: parece que perdeu no jogo... bem feito! (Vai-se pelo fundo.)

CENA III

BRÁULIO e CINCINATO, que sai da direita, assoviando.

BRÁULIO – Deu o basta, sr. Cincinato?...

CINCINATO – Questão duvidosa; mas com certeza fico para ceia: faça de conta que é pausa de suspensão; palpite de refrescar; em honra, porém, de meu nome romano, quando deponho a ditadura, pego logo na charrua: acabei de depor o lasquet, quero uma garrafa de cerveja.

BRÁULIO – Vou fazê-lo servir... (Indo-se e volta à voz de Cincinato.)

CINCINATO – Um momento: sou inimigo das falsificações de nacionalidades; temos tantas latas de sardinhas de Nantes de Jurujuba, tantas caixas de charutos de Havana da Bahia, tantas maravilhas de fora arranjadas cá dentro, como garrafas de cerveja Bass de Liverpool da Rua do Riachuelo, e de Munich mesmo da Baviera da Guarda-Velha; ora, em matéria de cerveja suspendi as garantias do meu patriotismo. Quero uma garrafa de cerveja de Liverpool da Inglaterra.

BRÁULIO – Legítima! na nossa casa não há contrafações.

CINCINATO – Olhe que também não ataco a indústria dos letreiros que é a arte de vender gato por lebre: qual é mesmo o letreiro da sua casa?... “Casa de penhores de objetos de prata, ouro e brilhantes” e aqui há contrafações: atesto na fé do meu título; Cincinato Quebra-louça, assinado por cima de estampilha. Venha a cerveja.

BRÁULIO – Já podia estar servido. (Indo-se.) sr. Demétrio! como passou?... (Cumprimenta e vai-se pela esquerda.)

CENA IV

CINCINATO e DEMÉTRIO, que entra pelo fundo.

DEMÉTRIO (Cumprimenta.) – Amável Cincinato...

CINCINATO – Adeus, prodígio.

DEMÉTRIO – Que é isso de prodígio? ... (Senta-se à esquerda.)

CINCINATO – Vocês não me chamam Quebra-louça?... pela mesma regra eu te chamarei prodígio, e o és, palavra de honra: figurino de Paris no vestir; muçulmano no amor das ninfas mais caras; gastrônomo a romano da decadência; pagodista e jogador, como herdeiro do conde de Monte-Cristo, ofício, benefício, ou fonte de rendimentos não constam do Almanaque de Laemmert: és prodígio ou não és?... (Entra um criado trazendo cerveja.)

DEMÉTRIO – Sou um dardo que te atravesse. (O criado abre a garrafa.)

CINCINATO – O pior é que os teus parentes prodígios vão abundando muito na capital! como se arranjam vocês?... despesas a abarrotar, receita conhecida zero, déficit jamais!... (Ao criado.) Não faz espuma, diabo! (A Demétrio.) Demétrio, tu deves ser ministro da fazenda...

DEMÉTRIO – Não jogas hoje? ...

CINCINATO – Infandum, regina, jubes renovare dolores! ...

DEMÉTRIO – Perdeste?...

UMA VOZ (Dentro.) – Levante!

CINCINATO – Aquele grito é de algum caído.

OUTRA VOZ (Dentro.) – Eu sou sete...

FÁBIO (Dentro.) – Eu sou dama.

CINCINATO – Milagre do lasquenet: o Fábio tornou-se dama.

DEMÉTRIO – Joga por fora. Quem ganha?...

CINCINATO – Prodígio, toma o meu conselho; não joga esta noite. Queres cerveja?... (Bebe e faz uma careta.) nem por isso.

DEMÉTRIO – Por que? ...

CINCINATO – É que chocou, passando a linha: traficâncias do equador...

DEMÉTRIO – Que me importa o equador?... porque aconselhas a não jogar?

CINCINATO – Ainda caso de astronomia; descobri no horizonte a cauda de um cometa: do tamanho da língua dos lambedores da alfândega.

DEMÉTRIO – Quem é?

CINCINATO – O adventício da penúltima sessão: d. Donaldo Cabalero Salzedo Cuencas da Silva Escalona de los Montes e Pincaros de Hermosa e de las Torres de Calatrava Bivanco de la Mancha Mançanares Barbuda e Rui de Aragão e Castella...

DEMÉTRIO – Basta... o espanhol?... e então?...

CINCINATO – Na primeira tripa lambeu-me trezentos mil réis que fui parando para experimentar... desconfiei da experiência e vim tomar cerveja por consolação...

DEMÉTRIO – E não pensas em desforra?...

CINCINATO – Nada: a desforra é rapariga muito provocadora, mas de ordinário quem vai atrás dela perde-se no caminho...

DEMÉTRIO – Pois eu te mostro como se faz frente ao espanhol (Vai-se)

CINCINATO (Seguindo-o até a porta.) – Avante, prodígio! eu fico na retaguarda, que é a guarda reta dos generais prudentes. (Deita-se no sofá.)

CENA V

CINCINATO, que fuma e bebe cerveja, depois BRÁULIO.

DIONÍSIA (Cantando dentro.) – Casta diva qu'inargente Queste sacra, etc.

CINCINATO (Acompanhando com a mesma música.) – Bela moça qu'enfeitiças

Esta casa do barato,

Vem, consola o pobre paio

Que pagou bem caro o pato.

DIONÍSIA (Dentro.) – Ah, bello à me ritorna

Del fido, etc.

CINCINATO (Acompanhando.) – Ai, triste, o meu dinheiro

Não volta ao bolso meu;

Consola-me, Dionísia,

Dá-me um beijinho teu.

UMA VOZ (Dentro.) – Levante!

OUTRA VOZ (Dentro.) – É o quinto rei à direita!... faz desconfiar! (Sussurro.)

BRÁULIO (Entrando.) – Aqueles senhores fazem muita bulha por pouca coisa!

CINCINATO – São republicanos que querem por força o rei à esquerda: é preciso denunciá-los à polícia.

BRÁULIO – E o senhor quer dormir em vez de jogar?...

CINCINATO – Efeitos da harmonia: sua sobrinha por excesso de afinação desafinou-me; ouvindo-a cantar a Casta diva, caí no sofá desafinado, isto é, desafinado no sofá.

BRÁULIO – É lisonja de cavalheiro amável... porém... o senhor não joga mais hoje? ...

CINCINATO – Tranqüiliza-se; já concorri bastante para o barato: agora tenho outros cuidados... cerimônias à parte e segredo entre nós... ela é deveras sua sobrinha?...

BRÁULIO – Que pergunta! que supõe então o senhor?...

CINCINATO – Em fato de suposições o infinito é direito dos maliciosos; mas, na hipótese do parentesco, leve o diabo quem se arrepender... o sr. Bráulio quer-me para sobrinho honorário em casamento provisório com a terça parte do barato por dote temporário?...

BRÁULIO – O senhor abusa... e me obrigará talvez a pedir-lhe o favor...

CINCINATO – De não voltar à gaiola onde gorjeia o rouxinol?... veja o que diz, tio Bráulio... é isso?... veja o que diz...

BRÁULIO – Pois é isso.

CINCINATO (Bebe cerveja e levanta-se) – Ali defronte há um sobrado de dois andares com escritos: amanhã alugo-o e estabeleço ao primeiro andar não uma, porém três sobrinhas, e no segundo lasquenet na frente, e bacarat, vulgo pacão, nos fundos; concorrência dupla no andar de baixo e no andar de cima; condições de supremacia: em baixo as sobrinhas sem tio, em cima o lasquenet e o pacão sem barato; no primeiro andar vulcões número três, no segundo sorvetes grátis e à vontade para refrigerar. Tio Bráulio, concedo-lhe duas horas para merecer o meu perdão. E tenho dito. Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha. (Vai-se pela direita.)

CENA VI

BRÁULIO, e logo DIONÍSIA e GERTRUDES.

BRÁULIO (À porta do fundo.) – Vocês não têm peso nem medida: em toda parte mostram o que são.

DIONÍSIA – Não perco nada, mostrando o que sou, porque ainda ninguém me achou feia.

GERTRUDES – Mas que alvoroço é este?...

BRÁULIO – Como é que dás confianças ao Quebra-louça quando estamos quase a ganhar a demanda com Adriano?

DIONÍSIA – É falso: eu a nenhum dou confianças; mas não sei como é que todos as tomam! quanto ao Quebra-louça, além de feio, é rio sem peixe; não me apanha corda.

BRÁULIO – E o atrevimento com que fala de ti?... propôs-me que o tomasse por sobrinho honorário, dando-te a ele em casamento provisório com a terça parte do barato por dote temporário: já se viu zombaria mais insolente?!!

DIONÍSIA (Desatando a rir.) – Ah! ah! ah! ah!

GERTRUDES – Por isso o descarado, quando passa por mim, sempre me trata de mamãe Gertrudes!

DIONÍSIA (Rindo.) – Ah! ah! ah! ah!

BRÁULIO – E ris ainda!

DIONÍSIA – Achei-lhe graça: é pena que o demônio seja tão feio.

UMA VOZ (Dentro.) – E escandaloso! há trapaça evidente!... (Sussurro.)

LOURENÇO (Dentro.) – Não perdi, roubaram o meu dinheiro!... (Rindo.)

BRÁULIO (A Gertrudes.) – Vai tocar! (Vai-se Gertrudes e logo toca.)

CENA VII

BRÁULIO, DIONÍSIA, LOURENÇO e depois GERTRUDES.

BRÁULIO – Sr. Lourenço... ainda infeliz esta noite...

LOURENÇO – Infeliz não, roubado! nunca fui jogador! mas... (olhando Dionísia.) a traição, fingendo-se amor, quis que eu tomasse o jogo por pretexto, e em breve o pretexto se tornou vício e a falsidade depôs a máscara; na sua casa tudo é infame! deixo neste golfão a fortuna que há um ano herdei de meu honrado pai... minha ruína é justo castigo; porque eu recebi a educação da honestidade, e menti a ela vindo aqui manchar-me com duas corrupções!... (Vai-se arrebatado.)

BRÁULIO (Friamente.) – Amanhã à noite ele volta para jogar.

GERTRUDES (Entrando.) – Que furioso! fugi de medo...

D. DONALDO (Dentro.) – Trezentos mil réis!

UMA VOZ (Dentro.) – Levante.

FÁBIO (Dentro.) – Eu sou rei.

OUTRA VOZ (Dentro.) – Eu sou quatro.

GERTRUDES – Olha que em alguma noite o barato há de te sair caro.

BRÁULIO – Eu não obrigo a jogar.

VOZES (Dentro.) – O rei... quinze sortes!...

OUTRAS VOZES (Dentro.) – Há maço! há maço! venham baralhos novos! (Rindo.)

CENA VIII

BRÁULIO, DIONÍSIA, GERTRUDES, um CRIADO e logo SILVEIRA.

CRIADO (Correndo.) – Cartas novas...

BRÁULIO – Leva as que estão sobre a mesa do meu quarto. (Vai-se o criado à esquerda.)

SILVEIRA – Sr. Bráulio... uma palavra (A um lado.): perdi quanto trazia... filho-família não ousou expor-me a alguma negativa, querendo jogar sob palavra... empreste-me só duzentos mil réis... juro-lhe que em três dias...

BRÁULIO – Filho-família... estamos na mesma; porém... o seu relógio de ouro e o alfinete de brilhantes... note que é somente pelo desejo de servi-lo...

SILVEIRA – Oh! mas amanhã... amanhã... meu pai...

BRÁULIO – E quem lhe diz que não se desfarrará esta noite?... (Ao criado que passa.) Que levas aí?...

CRIADO – Baralhos novos. (Vai-se pela direita.)

BRÁULIO – Vê? ... cartas novas... a fortuna deve mudar...

SILVEIRA (Tremendo e rápido.) – Aí os tem.... (Dá o relógio e o alfinete)

BRÁULIO – Em um instante... (Vai-se pela esquerda.)

VOZES (Dentro.) – Vejamos agora!

DEMÉTRIO (Dentro.) – Cincinato! à desforra!

CINCINATO (Dentro.) – Não pegam as bixas: quero ver primeiro como corre a tripa.

DIONÍSIA (A Silveira tornando-lhe a mão.) – Para que joga?...

SILVEIRA (Confuso e rindo à força.) – Para apostar pelas damas.

GERTRUDES – Que te importa que o senhor jogue ou não?

DIONÍSIA – Tão mocinho e tão bonito devia só amar. (Com doçura a Silveira.) Não jogue.

BRÁULIO (Voltando e dando a Silveira dinheiro e um papel) – O dinheiro e a cautela: há de ver que nos juros houve fineza de amigo.

SILVEIRA (Recebendo) – Obrigado... obrigado... (Vai-se pela direita.)

DIONÍSIA – Nem se quer me disse adeus... pois que se perca...

BRÁULIO – Deixa o menino, perversa: tratemos de Adriano; Gertrudes já te preveniu do que há?...

DIONÍSIA – Estou ciente: favas contadas... Adriano é minha propriedade; já lhe pus feitiço; depois de amanhã fujo com ele... e, adeus, titio... por três meses pelo menos...

BRÁULIO – Estás bem certa de obrigá-lo a esse extremo?

DIONÍSIA – Certíssima; mas da sua parte não se deixe lograr pelo Fábio que é bisca; olhe: dói-me servir ao trama de semelhante homem... cuidado com ele...

DEMÉTRIO (Dentro.) – O sr. d. Donaldo tem olhos nas unhas!... (Rindo.)

D. DONALDO (Dentro.) – Que quer dizer? é uma injúria!...

VOZES (Dentro.) – Não! não! sim! sim! (Alarido.)

BRÁULIO (A Gertrudes e Dionísia.) – Vai tocar! vai cantar! e fortíssimo! fortíssimo!... (Vai-se Gertrudes; Bráulio detém Dionísia pelo braço, vendo Adriano; Gertrudes toca forte e depois suave ao serenar o ruído.)

CENA IX

BRÁULIO, que logo se retira, DIONÍSIA, ADRIANO e SILVEIRA.

BRÁULIO – Senhor Adriano...

ADRIANO – Minha senhora... sr. Bráulio... chego hoje muito tarde...

BRÁULIO – E vem achar a sessão tumultuosa... porque, não sei...

UMA VOZ (Dentro.) – Ainda!... isto não é verossímil... as cartas foram preparadas... (Alarido.)

SILVEIRA – Sou uma das vítimas... perdi o que não podia perder; mas é infame quem abusa da boa fé da gente honesta! (Grande alarido; Silveira atravessa a cena precipitado e vai-se.)

ADRIANO – Que desordem!...

BRÁULIO – Perdão... vou seguir este moço para impedir algum ato de desespero. (Vai-se)

DIONÍSIA – Onde esteve até agora? ...

ADRIANO (Aproximando-se) – Foi-me impossível vir mais cedo.

DIONÍSIA (Afastando-se.) – Atraiço a ao mesmo tempo a esposa e a mim; a ela não me importa; porém a mim!... onde esteve?...

ADRIANO (Querendo tomar-lhe a mão.) – Dionísia.

DIONÍSIA – Não me toque! o senhor me trata indignamente: sinto o seu desprezo na liberdade em que me deixa...

ADRIANO – Ingrata!

DIONÍSIA – Confessei-lhe as misérias da minha vida: porque não se contentou com o meu aviltamento?... para que me falou de amor, e me inspirou amor?... para que me fez chorar arrependida do meu passado!... para que me levou a sonhar com o impossível?...

ADRIANO – Mas eu te adoro, Dionísia!

DIONÍSIA – Que amor é o seu? ... amor baixo e vil que me abandona e me condena a ser escrava de outro homem!... isso é amor?... que amor é o seu?

ADRIANO – Queres sabê-lo? é o amor violento e fatal, o amor crime, a paixão raiva! oh! é a pesar meu que te amo... adúltero possesso, eu me prendo a teus pés, demônio de fascinação!... maldigo de ti e te adoro, maldigo deste amor e sou teu escravo!...

DIONÍSIA – Que paixão!... eu porém toda do meu amor quis ser, pedi, peço ainda para ser só tua... só tua... e tu... e o senhor me obriga à mais vil infidelidade; porque me deixa em poder de um falso tio... amante que hoje abomino, e que...

ADRIANO – Ah!... tens razão... é para enlouquecer... mas, Dionísia, eu sou casado...e o dever... as conveniências...

DIONÍSIA – Portanto a minha infâmia e a sua hipocrisia!... não me sujeito a tal abjeção... depois que amei... oh! não me sujeito mais: não me queixo... sou o que sou pelo que fui; é irremediável... mas... sua e de Bráulio... .oh!...não! esqueça-me...farei por esquecer-lo...

ADRIANO – Esquecer-te?... eu?... Dionísia, tu me atordoas, me exasperas e sempre me dominas: eu te peço... dá-me algum tempo...

DIONÍSIA – Algum tempo?... para quem o pede?... para Bráulio... ou para si?...sr. Adriano, não acha que isto é indigno e vil?...

ADRIANO – Em oito dias te livrarei deste inferno... serás minha só...

DIONÍSIA – Oito dias?... que pressa! amada por Bráulio, posso esperar um ano...

ADRIANO – Dionísia!

DIONÍSIA (Voltando-lhe as costas.) – Boa noite.

ADRIANO – Pois bem será como quiseres... quando quiseres... amanhã à hora da sesta de Bráulio receber-me-ás e marcaremos o dia...

DIONÍSIA – Amanhã?... sim...venha; mas com a condição de levar-me depois de amanhã para o teto mais humilde, onde caibamos nós dois... e onde eu seja tua só... depois de amanhã... veja bem... tua só, meu Adriano... sim?...

ADRIANO – Oh!... perdição!...

DIONÍSIA (Abrindo os braços.) – Sim, meu Adriano?... sim?... tua só?...

ADRIANO – Sim!... sim!... (Abraça-a.) tu és como Dejanira e me arrojias ao vulcão! (Curva-se, beija-lhe a mão, Dionísia afaga-lhe os cabelos.)

DIONÍSIA – Fica assim!...como és belo! como te amo! como serei feliz!...

ADRIANO – Feiticeira! fazes-me esquecer tudo! eis os pendentos que ontem me pediste (Tira do bolso uma caixinha e dá-a.) São do teu gosto?...

DIONÍSIA (Abrindo a caixa.) – Magníficos! para que tão ricos?... não quero que te arruines por mim: lindíssimos!... mas, jura que depois de amanhã...

ADRIANO – Juro-o...

DIONÍSIA (Sorrindo.) – Vem, pois, amanhã à tarde... vem, formoso e feliz ladrão da sesta!... e agora, pobre ladrão da noite, queres beijar-me os olhos que dizes ser tão bonitos? ...

ADRIANO – Oh! minha Dionísia!... (Abraça-a e beija-lhe os olhos.)

CENA X

DIONÍSIA, que vai-se logo, ADRIANO E CINCINATO.

CINCINATO – Eu sou míope: podem continuar que não vejo coisa que me espante.

DIONÍSIA – Ah! (Vai-se correndo e rindo.)

ADRIANO – Importuno!

CINCINATO – Ainda em cima do serviço que te prestei?... é caso em que água fria na fervura livra de pelação infalível. Esta Dionísia é uma espécie de polvo...

ADRIANO – É uma mulher alucinadora, e irresistível... Cincinato, meu amigo, meu irmão... é a fatalidade!... tem sido e são inúteis os teus conselhos... estou perdido...

CINCINATO – Ainda é tempo.

ADRIANO – É muito tarde... a miséria pelo jogo... o frenesi, a loucura pela paixão criminosa... oh! eu sou um desgraçado... eu reconheço o mal que faço e me arrasto para o abismo.

CINCINATO – Não dou um bilhete das barcas Ferry pelo teu juízo... eu quebro louça, porém, assim não.

ADRIANO (Pensando,) – E depois de amanhã... (Súbito.) vou jogar. (Indo-se.)

CINCINATO – Hoje não jogas: há mouros na costa; o espanhol apurou a ladroeira: Demétrio e outros já estão a toda isca. Adriano! sê homem! foge desta espelunca... e volta para o lado de tua bela e nobre esposa...

ADRIANO – Para que a lembras?... sou algoz... eu sei... mas bem vês que desatino...

CINCINATO – Lá o ninho do amor puro... lá beleza, paciência, suavidade, virtudes... aqui... pior! vou caindo na sensibilidade e saio do meu elemento... Adriano! sabes onde estamos?...

ADRIANO – Em uma casa de jogo, cujo empresário é um miserável.

CINCINATO – Sim... casa de jogo magistral. Quadro primeiro: sala da frente iluminada a gás; mobília de mogno e piano de jacarandá; personagens, uma

velha que toca, e uma moça que canta; a velha representa o papel de bumbo, pratos e campainhas para não se ouvir da rua a balbúrdia do fundo da casa; a moça namorando de dia e cantando de noite representa o papel de alçapão e isca para apanhar passarinhos.

ADRIANO – Impacientas-me... (Ruído dentro: soa o piano)

CINCINATO – Em? lá está a velha no ofício. Quadro segundo: esta sala, escarpa do precipício, caminho do inferno, passagem do desespero, gabinete que medeia entre o frontispício da hipocrisia, e o interior da furna do vício, e uma vez por outra em cada noite, gaiola de passarinhos, a quem a moça, que canta, dá abraços e beijos por engodo, e os deixa com água no bico depois de depená-los muito à sua vontade. Exemplo: certo episódio que vi ainda há pouco.

ADRIANO – Cincinato... pensas que algum outro homem...

CINCINATO – Não respondo: porque me perguntas no singular. Quadro terceiro: sala resplendente de luzes e carregada de sombras negras; mesa grande e cercada de jogadores risonhos poucos, turvos muitos, sinistros alguns, desconfiados todos; se não estão ao pau, estende-se a tripa: é o mesmo; voltam-se as cartas... há pulmões que não respiram... o estrabismo da suspeita entorta todos os olhos... a atmosfera é pesada... ouvem-se juras, insultos, rugidos... rola o dinheiro e evaporam-se fortunas, e na mesa horrível sem que o vejam, sem que o sintam, prepara-se o roubo do amo pelo caixeiro, a perversão do filho-família, que furtará as jóias de sua mãe e a firma de seu pai, a miséria da família pela ruína do seu chefe, a prevaricação do empregado público, a falência inexplicável do negociante, a desonra, a chave da prisão, o punhal ou o revólver do suicida... (Um jogador atravessa a cena em desespero e vai-se.) Vês aquele que furioso se retira? Adriano! é talvez esposo da mais honesta senhora, a quem reduz à miséria pelo jogo, e a desesperado abandono pela paixão adúltera e vergonhosa...

ADRIANO – Cincinato! (Sussurro dentro.)

CINCINATO – Escorreguei para o romantismo sentimental, mas volto ao meu elemento no quadro quatro que é o melhor. Quadro quarto: palácio do sono perpétuo na solidão da indolência; na sala do desmazelo há um leito de papoulas, e dorme nele per omnia secula seculorum... adivinha quem... (Sussurro.)

ADRIANO – Quem? (Aumenta o sussurro.)

CINCINATO – A polícia. (Forte ruído.)

ADRIANO – E tu!... como estás aqui!...

CINCINATO – Eu quebro louça em toda parte. (Grande ruído.) Oh, lá! gritem sem receio que a polícia dorme sempre como o animal condenado por Maomé! (Voltando da direita.) O Demétrio já tem um dos olhos vermelho-brasa e o outro azul, como sangue de fidalgo puro. (Estrepitoso ruído.)

ADRIANO – Que tempestade... vou ver...

CINCINATO (Segurando-o.) – Não hás de ir...

CENA XI

ADRIANO, CINCINATO e BRÁULIO; canto e piano, alarido e movimento até o fim do ato.

BRÁULIO – Que é isto? (Vai à direita, volta à porta do fundo.) Fortíssimo! fortíssimo!... (A Adriano e Cincinato.) Que homens loucos! (Ao fundo.) Fortíssimo!...

CINCINATO – Não tenha medo, a polícia não desperta.

BRÁULIO (Ao fundo.) – Fortíssimo! (Corre à direita e quase o lançam por terra os que saem em tumulto.)

CENA XII

ADRIANO, CINCINATO, BRÁULIO, D. DONALDO, DEMÉTRIO, FÁBIO, JOGADORES: confusão, grita e música até o fim.

D. DONALDO – Caramba!... hei ganhado honestamente.

VOZES – Não! sim! ladrão! é falso! silêncio! (Vozes encontradas.)

DEMÉTRIO – Silêncio! ouçam-me! quero falar! (Silêncio). Este homem roubou-nos e deve restituir-nos o nosso dinheiro... aqui está a tripa, onde há cartas falhas... podem examinar... houve além disso feitos e olheiros... e todos viram há pouco a empalmação do... (Mostrando as cartas.)

D. DONALDO – O senhor mente!...

DEMÉTRIO – Larápio!... (Atira com o monte de cartas sobre d. Donald, os jogadores seguram e separam os dois: confusão.)

D. DONALDO – Perro! encomenda a tua alma, que eu hei de te matar dez vezes!...

BRÁULIO – A ceia! a ceia está na mesa! a ceia! a ceia! (Confusão.)

CINCINATO (Na frente.) – A ceia!... o governo da casa contém os furores da maioria, falando-lhe à barriga! está em regra: a ceia! a ceia!

ATO II

Salão da frente do Teatro Provisório: portas ao fundo comunicando com o corredor dos camarotes da segunda ordem.

CENA I

FÁBIO E ÚRSULA, que entram

FÁBIO – Que é isto, Úrsula?... deixaste arrebatada o camarote, como se fugisses ao bote de uma serpente.

ÚRSULA – Sim... eu vi, não uma serpente, mas um homem que eu supunha bem longe daqui: é ele... eu o reconheci no fundo do camarote de Adriano.

FÁBIO – Quem? ...

ÚRSULA – Clarimundo... o antigo tutor de Helena...

FÁBIO – Clarimundo! então chegou hoje no paquete do Rio da Prata: mas... que comoção, Úrsula! estás convulsa... (Chega uma cadeira.)

ÚRSULA (Sentando-se.) – A surpresa... eu não esperava... oh!... esse homem...

FÁBIO – Tão profunda sensação!...(Úrsula estremece.) ah! já compreendo: receias que ele venha destruir a minha obra...

ÚRSULA – É isso mesmo... adivinhaste.

FÁBIO – Ora!... enriqueceu muito, negociando no Rio da Prata; mas por último arruinou-se em uma grande e desastrosa especulação: li há poucos dias cartas,

em que ele se lastimava do seu infortúnio: pobre como chega não pode salvar Adriano, e por pouco que me auxilies, Helena abandonada pelo marido...

ÚRSULA (Em pé.) – Escuta aqui mesmo e já. (Olhando em torno.) Meu único irmão, meu único amor na terra, tenho-te amado com fraqueza de mãe... pobre e ocioso, jogador e libertino tens achado alimento para teus vícios na riqueza que herdei de meu marido...

FÁBIO – É melhor deixar esse sermão velho lá para casa.

ÚRSULA – Além do esbanjamento da minha fortuna, um dia me impuseste cruel sacrifício: pretextando intimidade de relações com Adriano, obrigaste-me a procurar a amizade de sua esposa; jurei-te que em outros tempos um abismo de ódio me separara da mãe de Helena: resisti, chorei; porém tu venceste.

FÁBIO – E daí?

ÚRSULA – Oh! pérfido amigo de Adriano, tu me querias para vil instrumento da sedução de sua esposa; colocaste-me na mais triste posição, porque todas as aparências me condenam como tua cúmplice.

FÁBIO – E daí?

ÚRSULA – E a minha consciência também me acusa, porque com o meu ouro pagas a perversão de Adriano, e eu, ainda imprudente, preveni Helena de paixão criminosa de seu marido.

FÁBIO (Rindo.) – E por último propuseste-lhe vir esta noite ao Teatro Provisório, no que Helena conveio logo, porque uma cartinha anônima levada pelo correio urbano já lhe havia anunciado em que camarote poderia ver a rival feliz.

ÚRSULA – Oh! Fábio... tu és mau e me sacrificas sem piedade; agora porém não me submeto mais: eu te peço... por quanto amor me deves, deixa em paz Helena, abafa essa paixão insensata e condenável; liberta-me de um remorso que me punge...

FÁBIO – Estás fora de ti... isso é nervoso, minha irmã...

ÚRSULA – Ingrato que me ridicularizas! vê bem: eu romperei o véu desta intriga... Helena saberá tudo, e ainda mais... eu me compadeço de Adriano, e posso vingar-me de ti, estendendo-lhe mão amiga, e desvendando-lhe os olhos...

FÁBIO – Que revolução!... o simples encontro inesperado de Clarimundo!...

ÚRSULA – Sim... é isso mesmo; Clarimundo conhece as razões da inimizade que houve entre mim e a mãe de Helena, e na fraqueza imperdoável de tua irmã ele veria somente a perversidade do ódio velho... do ódio de além túmulo... do ódio da mulher demônio...

FÁBIO – Tens medo desse homem... (Aparece Bráulio à porta do fundo.)

ÚRSULA – Medo!... oh!... seja medo... supõe o que te parecer... imagina embora que eu me confundo nos turvos segredos dessa sociedade brilhante, onde às vezes se escondem traições e vergonhas nas dobras dos ricos vestidos de seda; mas, eu to disse já, não abusarás mais de mim...

FÁBIO – Isso passa... são recordações da mocidade... pecados veniais do outro tempo...

ÚRSULA – Fábio! tu me insultas!...

FÁBIO – Estamos entendidos: Clarimundo é um inimigo demais, e tu uma aliada de menos; ele, porém, é homem sem dinheiro, baluarte sem pólvora, fortaleza sem soldados, e tu uma alma ingrata que me embaraças a felicidade com os teus casos de consciência. Zombo do inimigo e dispenso a aliada. Agora só preciso de um auxiliar, é Bráulio.

CENA II

ÚRSULA, que logo se retira, FÁBIO e BRÁULIO.

BRÁULIO (A Úrsula.) – O último dos criados de v.ex.! (A Fábio.) Às ordens de v.s.

FÁBIO (Apresentando) – O sr. Bráulio...

ÚRSULA (Saudando com desdém.) – Ah...

FÁBIO – Estava então aí... de perto?...

BRÁULIO – Passava por acaso, quando ouvi pronunciar o meu nome; mas de perto, ou de longe sou como o diabo, acudo logo à primeira evocação.

ÚRSULA (A Fábio.) – Voltemos ao camarote.

FÁBIO (A Bráulio.) – Espere-me aqui um instante (A Úrsula.) Vamos, Úrsula.

ÚRSULA – Posso ir só. Fique. (Vai-se.)

FÁBIO – O senhor escutava-nos... confesse.

BRÁULIO – É claro que ainda que estivesse escutando, não faria a confissão; mas eu não disputo o direito da suspeita: V.S. pode pensar o que quiser.

FÁBIO – Não se ofenda: nós somos bons amigos e a sua chegada foi muito oportuna; ontem à noite naquela desordem em que acabou o jogo, não pude informar-me do que sua sobrinha conseguiu de Adriano, e agora é ainda mais urgente...

BRÁULIO – Amanhã à meia noite Adriano me roubará Dionísia.

FÁBIO (Apertando a mão a Bráulio.) – Ah! ainda bem! com tanto que ele não se arrependa.

BRÁULIO – Ele?... está acorrentado pelo coração; mas outra pessoa... talvez...

FÁBIO – Outra pessoa?... quem então poderia arrepender-se?...

BRÁULIO – Eu, por exemplo. Sejamos francos: v. s. tem tudo a ganhar e eu muito a arriscar. É certo que já recebi seiscentos mil réis, e que outro tanto me está garantido e sem dúvida receberei logo que se realizar a hipótese.

FÁBIO – Foi o que ajustamos, e nem eu fiz questão da quantia...

BRÁULIO – É verdade: tenho, porém, calculado que Dionísia vale mais. Dionísia é a minha sereia.

FÁBIO – E voltará ao seu mar, quando ela o quiser.

BRÁULIO – Sr. Fábio; jogo franco e cartas sobre a mesa: eu vou sofrer na reputação da casa... haverá baixa no barato; além disso, o coração da gente é de carne... hei de por força sentir saudades; e, enfim, quem me assegura que Dionísia não se tomará de paixão pelo novo amante?... em caso de dúvida não arrisco por tão pouco a fazenda.

FÁBIO – Como?... e a sua palavra?...

BRÁULIO – Mais um conto de réis e negócio feito. É evidente que preciso de justas compensações.

FÁBIO – É evidente que na hora suprema o senhor põe-me uma faca aos peitos: isto é escandalosamente imoral!.

BRÁULIO – Convenho: não me diz nada de novo; ambos nós porém rolamos juntos na imoralidade, razão maior para jogo limpo e cartas sobre a mesa.

FÁBIO – É uma extorsão!.

BRÁULIO – Meu senhor, não se comem trutas a bragas enxutas; além disso, eu não o obrigo a dar-me o dinheiro que peço; pelo contrário, estou pronto a restituir a quantia que já recebi e rompemos a negociação.

FÁBIO – Mas a sua palavra?... a sua palavra?...

BRÁULIO – Ora, sr. Fábio! pois um homem que se presta a entrar em negócio desta ordem pode ter escrúpulo de faltar ao ajustado?...

FÁBIO – Que franqueza repugnante!

BRÁULIO – Perdão... neste assunto nenhum de nós injuriaria o outro sem injuriar-se... e note bem: eu quero lucrar sem intenção de fazer mal, e V. S. paga para atingir a fins sinistros...

FÁBIO – Sr. Bráulio!... (Aplausos dentro.)

BRÁULIO – Faz-lhe conta o que propus? é resolver até amanhã.

VOZES (Dentro.) – À cena! à cena!...

FÁBIO – Repito... é uma extorsão... e há de arrepender-se da sua má fé...(Aplausos dentro.)

CENA III

FÁBIO, BRÁULIO e CINCINATO.

BRÁULIO – Que é isto?... Vem o teatro abaixo?... (Aplausos.)

CINCINATO – Não vem abaixo, porque é Provisório, se fosse permanente já tinha caído: o Brasil é o Império das inseqüências; prova: a permanência do Provisório na Praça da Aclamação.

BRÁULIO – Mas que trunfo é esse?

CINCINATO – Apoteose das pernas postiças de duas dançarinas do Alcazar; é de direito: o can-can saiu extraordinariamente da Rua da Vala para aristocratizar-se no campo, e o respeitável quebra as mãos, aplaudindo os pontapés atirados à lua por dois cometas velocípedes do sexo feminino que vão rir pelos calcanhares de tanto entusiasmo por pernas que não são delas.

BRÁULIO – E o senhor fugiu à apoteose?

CINCINATO – Arrepios de inocência e confusões de pudor... as duas ninfas começavam a acalcanhar-me o coração e tive medo de apaixonar-me pelos seus dedos mindinhos.

BRÁULIO – Medo de se apaixonar pelos dedos?

CINCINATO – Sim; mas o medo não era realmente dos dedos... era das unhas.

BRÁULIO – Pois eu vou pedir mais completa informação da apoteose... até logo.

FÁBIO (Baixo a Bráulio.) – Amanhã à hora aprazada receberá o conto de réis. (Assentimento de Bráulio.)

CINCINATO (Pelo outro lado.) – Cada qual tem os seus segredos... (A Bráulio.) tio Bráulio! lembranças à prima. (Vão -se Bráulio e Fábio.)

CENA IV

CINCINATO, CLARIMUNDO e HELENA.

CINCINATO – Oh! oh!... sr. Clarimundo!...

CLARIMUNDO (Abrindo os braços.) (Abraço apertado.) Cincinato!...

CINCINATO – Perdão, minha senhora! (Aperta a mão a Helena.) Mas o sr. Clarimundo aqui...

CLARIMUNDO – Meu Cincinato! perpétuo Quebra-louça! sempre o mesmo alegrão!... (Abraça-o outra vez.)

CINCINATO – E sempre quebrando louça, até que a morte me quebre este boião vazio que trago em cima do pescoço e que por costume chamam cabeça, sr. Clarimundo...

CLARIMUNDO – Haverá três horas que cheguei, e apenas desembarcado, corri imediatamente à tua casa.

CINCINATO – E não me achou... é claro! como sou encontrado em toda parte, era preciso que houvesse um ponto de exceção, onde ninguém me encontrasse: escolhi a minha casa para lugar de ausência; é cômodo e econômico por causa dos amigos: mas o senhor volta remoçado... vendendo saúde.

CLARIMUNDO – E, já o sabes, com a bolsa vazia depois de a ter tido abarrotada! não importa... nunca desanimei; torno ao seio da pátria com esperança de ainda ser feliz; poderei sê-lo?... ardia por falar-te... (Dominando-se mal.) sobre... sobre aquele meu negócio... aqui é impossível... eu o vejo... mas... uma palavra só... chego a tempo?...

CINCINATO – Antes tarde que nunca... todavia... a fazenda está muito avariada.

CLARIMUNDO – Cincinato – Há caso de contrabando... obrigações não cumpridas... agravação do comércio ilícito, de que o informei... precisamos conversar amanhã...

HELENA – Sem cerimônia... eu esperarei à janela...

CINCINATO – Oh, não, minha senhora; aqui não posso explicar-me com o sr. Clarimundo; trata-se de negócios comerciais complicados... jogo na praça... baixas de câmbio... contratos secretos... falência eminente... empresa anônima com letra aberta no banco da pouca... quero dizer da nenhuma vergonha... perdão minha senhora...

CLARIMUNDO – Basta... eu devia ter vindo mais cedo... prenderam-me compromissos... mas... amanhã... amanhã... (Outro tom.) este desastrado está sempre a doidejar... é o seu costume... (Aflito.)

HELENA – Nem sempre: colação de Adriano, tem sido para mim o irmão mais delicado, e o amigo mais respeitoso...

CINCINATO – É que só me apresento a falar-lhe, quando me sinto em horas lúcidas.

CLARIMUNDO – Estarias sempre lúcido, se não fossem as más companhias... oh! as más companhias!... (Outro tom.) quem são os dois figurões que saíram daqui, quando entrávamos?... vi-os no corredor e pareceu-me reconhecê-los.

CINCINATO – A um sem dúvida conhece: é o mais feliz dos capitalistas; porque sem fonte de renda tem inesgotáveis fundos de reserva nos cofres da fraternidade: é Fábio o irmão de d^a. Úrsula.

CLARIMUNDO – Fábio!... e o outro?

CINCINATO – O outro lhe é desconhecido: chama-se Bráulio, venerando tio de uma sobrinha de quem não é tio... perdão minha senhora; é o rei do barato; em reino de casa de jogo o barato significa sangria, e o reino é de sanguessugas; porque, além do barato, que é veia aberta, há ali a sobrinha do tio de quem não é sobrinha, e tornando-se prima mesmo de quem não for seu primo... perdão, minha senhora.

HELENA – Como se chama ela?...

CINCINATO – Dionísia (Movimento de Helena.) uma carta de jogo que anda fora do baralho e que às vezes embaralha de modo... não sei como o diga... perdão minha senhora, eu me vejo muito embaralhado para poder explicar... mas ela é na verdade mazela.

HELENA – E formosa, pelo menos bonita?...

CINCINATO – Hoje em dia a beleza tornou-se equívoca... perdão, minha senhora, nem sempre; em regra, porém, misericórdia! pastas de pó de arroz no rosto, no colo, nas espáduas, o diabo em dez tintas enganadoras, e além da caiação e da tinturaria postigos a desnaturar a natureza: a três passos de distância há velhas que arrebatam pelo fulgor da primavera.

CLARIMUNDO – Má língua!

CINCINATO – Acresce que atualmente o belo é o arco-íris combinado com o aleijão: para o aleijão tacões enormes de botinas a empurrar o corpo para diante e anquinhas deformes a puxá-lo para trás; arco-íris em vestido com duas saias, uma azul e outra cor-de-rosa, com apanhados amarelos, enfeites pretos e corpinho cor de agapanto com fitas verdes e rendas brancas, afora os laços monstros e...

HELENA – Mas essa moça... Dionísia...

CINCINATO – Beleza equivoquíssima; em perpétuo toilette de carnaval destemperado: tez pálida... rosada... clara... morena a capricho da variedade, cabelos negros... castanhos... cinzentos... louros conforme os dias da semana; é bela? é ponto controverso entre os dias da semana.

CLARIMUNDO – Já tagarelaste demais, e estás estorvando o meu passeio com Helena; vai almoçar comigo amanhã às nove horas precisas... hotel Provenceaux segundo andar.

CINCINATO – Hotel Provenceaux... segundo andar... sem falta. seremos três a almoçar; porque eu sou dois à mesa dos amigos. Minha senhora... (Aperta a mão de Helena.) Sr. Clarimundo, até amanhã. (Aperta a mão de Clarimundo.)

CLARIMUNDO – Às nove horas... ou antes... (Vai-se Cincinato.)

CENA V

CLARIMUNDO e HELENA.

CLARIMUNDO – Excelente mancebo! tipo de lealdade e honra; é pena que desame o trabalho e tão estouvado às vezes se mostre.

HELENA – Vive na abundância com o que possui; não tem ambições e o seu estouvamento a ninguém prejudica; comigo, embora colaço de meu marido, leva o respeito a condições de cerimônia, e é um amigo de fidelidade exemplar.

CLARIMUNDO – É, posso dizê-lo; mas... como se acha?...

HELENA – Estou muito melhor... (Passeiam.)

CLARIMUNDO – Vim encontrá-la um pouco abatida... evidentemente padece; quando há três anos fui para o Rio da Prata, deixei-a mais alegre e gozando melhor saúde: não é feliz?...

HELENA – Muito feliz, Adriano... é tão bom para mim!...

CLARIMUNDO – Sabe como estimo seu marido: é um perfeito cavalheiro; mas às vezes entre jovens casados basta a sombra de uma suspeita para anuviar a felicidade.

HELENA (Trêmula.) – Eu confio no amor de meu marido: Adriano me trata com a mais extremosa delicadeza.

CLARIMUNDO – Pareceu-me que se perturbou... eu tenho o direito...

HELENA – Oh! enganou-se, não posso queixar-me de Adriano: sou feliz.

CLARIMUNDO – Seu marido é muito moço e a mocidade é sujeita a imprudentes desvios: mas... eu respondo pelo coração do homem a quem confiei o seu futuro... a sua vida; (comovido.) se o ímpeto de idade... um erro... alguns dias de desvario... não sei... mas se por acaso Adriano mentiu ao seu dever, a virtude da esposa o regeneraria com o perdão.

HELENA – Por que me diz isto?... eu não deixei ainda transpirar leve desconfiança da lealdade de meu marido... amo e sou amada... que mais posso desejar?...

CLARIMUNDO – Mas responde-me a tremer, e está a ponto de chorar: o leviano sou eu... a ocasião é a mais imprópria...

HELENA – É que estou incomodada... sofro...

CLARIMUNDO – Para que então veio ao teatro?

HELENA – Não devia ter vindo... não devia... tem razão; eu, porém, havia prometido vir à melhor das minhas amigas.

CLARIMUNDO – E quem é a melhor das suas amigas. minha filha?...

HELENA – D^a. Úrsula, a senhora viúva, de quem se falou há pouco.

CLARIMUNDO – Ah! conheço-a: podia ser sua mãe; para a melhor das suas amigas é bem desigual em anos: desde quando se relacionou com ela?

HELENA – Há poucos meses. Que pensa de d^a. Úrsula?...

CLARIMUNDO – Eu?... nem bem, nem mal: apenas a conheci nas sociedades do meu tempo.

HELENA – Ela tem falado de vossa mercê com elogio e estima...

CLARIMUNDO – Santa criatura!... pensei que nem se lembrasse de mim. E... de Adriano... que diz d^a. Úrsula?...

HELENA (Estremecendo.) – De Adriano!... que poderia ela dizer-me de meu marido?...

CLARIMUNDO – Perguntei por perguntar: e Fábio?...o irmão de d^a. Úrsula?...

HELENA – Não faço bom juízo dele: tenho-o por fátuo e vaidoso; e, embora Adriano o considere seu amigo, não admito a sua intimidade... apenas o encontro por acaso.

CLARIMUNDO – Penso que procede com acerto, mas nesse proceder quem a inspira?... o instinto da antipatia, o conselho da reflexão, ou... diga a verdade, ou o justo ressentimento da suspeita de uma afronta?...

HELENA – Senhor...

CLARIMUNDO – Muito bem, minha filha: quer voltar ao camarote?...

HELENA – Ainda não; o ar aqui é mais leve, e me reanima: não me acha melhor?... passemos pelo corredor dos camarotes... vamos por este lado...

CLARIMUNDO – O ar ali menos puro... talvez lhe seja nocivo...

HELENA – Não... vamos por ali... quero distrair-me: desejo ver a moça de quem o sr. Cincinato falou-nos, dizem que é bonita.

CLARIMUNDO – Como sabe que ela está no teatro?...

HELENA (Confundida.) – Como sei?... mas... o sr. Cincinato nomeou-nos o tio... não se lembra!...

CLARIMUNDO – O tio podia ter vindo só ao teatro: como sabe que o camarote é na segunda ordem e daquele lado?...

HELENA (Mais perturbada.) – Como sei... ora...era fácil sabê-lo... olhavam... (Quase a chorar) todos olhavam... todos... adivinhei...

CLARIMUNDO – Minha filha!... minha filha!...

HELENA (Chorando e apoiando o rosto no ombro de Clarimundo.) – Perdão!...

CLARIMUNDO – Perdão... ah! sim! perdão! é perdão que eu te peço!... perdão para ele!...

HELENA – Meu bom pai!... sou muito desgraçada!...

CLARIMUNDO – Adriano chega, dissimula a aflição e conta comigo.

CENA VI

CLARIMUNDO, HELENA e ADRIANO.

ADRIANO – Ah! passeiam... (Cuidadoso a Helena.) Que tens, Helena?...

HELENA – Ligeiro incômodo... uma vertigem que passou... dá-me uma cadeira... (Adriano vai buscar a cadeira.) veja o corredor donde ele vem!... (A Clarimundo.)

ADRIANO (A Helena que se senta.) – Estás melhor?... dize... estás melhor?... (Helena encara-o trêmula.) Que tem ela?... (A olhar)

HELENA – Estou boa.

CLARIMUNDO – Foi má idéia trazê-la hoje ao teatro... sua mulher estava sofrendo.

ADRIANO – Ela o quis... exigiu... pela primeira vez resistiu aos meus conselhos... eu não queria...

HELENA – Oh! sem a menor dúvida..... ele não queria que eu viesse hoje ao teatro... não queria... (Rir nervoso.) ele não queria!...

CLARIMUNDO – Helena! (A Adriano.) E prudente levá-la para casa.

ADRIANO – Por certo... (A Helena.) Helena... vamos?... convém que nos retiremos... precisas descansar...

HELENA – Pensas?

CLARIMUNDO – Oh, senhor! mande chegar o carro... (Em tom um pouco severo.) Helena!...

HELENA – Vamos... manda chegar o carro... (Adriano dirige-se para o lado do camarote de Bráulio.) Oh! não! (Em pé.) estou boa... quero ficar...

ADRIANO – É impossível...eu vejo que me escondes talvez padecimento sério... procuras poupar-me... e atormentas-me... sr. Clarimundo, Helena está mais doente do que diz...

CLARIMUNDO – Também o creio; mas é preciso acabar com esta cena que seria ridícula, se não fosse dolorosa... esta sala é de todos... muitos estão passando por aquele corredor... alguns podem entrar aqui, e... seria triste que suspeitassem de uma disputa entre marido e mulher.

ADRIANO – Não há porém disputa...

HELENA – Nem pode haver... nunca... nunca... disputa não... (A Clarimundo com intenção.) disputa... Não! (A Adriano.) Adriano, estou muito melhor, eu te peço; consente que eu me demore... é tão bonita a ópera... Orphée aux enfers... consente...

ADRIANO (A Clarimundo.) – Que hei de fazer?...

CLARIMUNDO – Ficar. Helena se apraz de demorar-se nos infernos... faça-lhe o gosto: ela quer ver, contemplar, admirar, e nelar o diabo... pois bem, é capricho de mulher... dá-lhe o gozo envenenado do diabo, e peça a Deus que também o livre da tentação...

ADRIANO – Chegam d^a. Úrsula e Fábio...

CLARIMUNDO – Quando eu falava no diabo!... pois não me lembrava estes.

CENA VII

CLARIMUNDO, HELENA, ADRIANO, ÚRSULA e FÁBIO.

ÚRSULA – D^a. Helena! oh! Sr. Clarimundo! que surpresa feliz!

FÁBIO – Sr. Clarimundo! que fortuna!

CLARIMUNDO – Minha senhora, um velho pajem que volta ao serviço de v. ex.! Sr. Fábio... (Aceitando-lhe a mão.)

ÚRSULA – Abençoção pois duas vezes a minha vinda ao teatro esta noite. (Dá a mão a Clarimundo, que a beija curvando-se.)

ADRIANO (A Helena.) – Como estás, Helena?...

HELENA (A Adriano.) – Boa... perfeitamente boa.

CLARIMUNDO – Além da imensa graça de beijar-lhe segunda vez a mão, terei a honra de ir em breve pedir a v. ex. um favor especial.

ÚRSULA – Um favor? se quiser, eu tomarei o anúncio prévio do pedido por dívida sagrada contraída por mim.

CLARIMUNDO – É o segredo precioso para se ter sempre vinte anos de idade.

ÚRSULA (A Helena.) – Já viu que lisonjeiro?...

CLARIMUNDO – É vaidade de velho que conserva a vista perfeita.

ÚRSULA – Não zombe: ao menos ainda não me envelheceu o coração; pergunte à d^a. Helena como a amo.

HELENA – Já lho disse, e também...

CLARIMUNDO – Que V. Ex. tem a memória igualmente jovem... lembra-se muito do passado!... nem se esqueceu de mim...

HELENA – E talvez que isso contribuísse não pouco para a amizade que devo a d^a. Úrsula...

CLARIMUNDO – Talvez... sim... (Olhando para Úrsula.)

ÚRSULA – Ah, não! D^a. Helena merece tudo por si... o passado e o senhor... nada tem com a amizade que lhe voto...

ADRIANO – Creio que subiu o pano: vamos?...

FÁBIO (Voltando do fundo.) – Não: o pano já tinha subido e acaba de descer: parece que houve novidade... penso que algumas famílias já se estão retirando. (Movimento.)

CENA VIII

CLARIMUNDO, HELENA, ADRIANO, ÚRSULA, FÁBIO, CINCINATO; algumas famílias passam, retirando-se pelo corredor, outras entram no salão; senhoras tomam seus mantos, etc.

CINCINATO – Era o caso de se chamar o médico do inferno...

ADRIANO – Que houve?

CINCINATO – Um ataque de cabeça em Orfeu por ciúme de Júpiter... faniquitos de Eurídice em consequência... e suspensão do espetáculo até outra noite infernal... mas onde está o médico do inferno? é indispensável recorrer a Plutão e Proserpina que o devem conhecer... Plutão e Proserpina... oh! parece que chegam.

CENA IX

CLARIMUNDO, HELENA, ADRIANO, ÚRSULA, FÁBIO, CINCINATO, BRÁULIO e DIONÍSIA; movimento de famílias que se retiram e que entram no salão.

BRÁULIO – Que contratempo!... que infelicidade!...

DIONÍSIA – Titio, Eurídice está em perigo de vida?...

CINCINATO – Não se assuste, minha senhora, as Eurídice são imorríveis. (Helena avança um passo e chega-se a Úrsula.)

ADRIANO (A Helena.) – Vamos... vamos... (Helena tem os olhos em Dionísia.) vamos, Helena... (Dionísia olha para Helena.)

HELENA (Trêmula.) – Vamos... (Imóvel e apertando a mão de Úrsula) D^a. Úrsula... vamos... (Imóvel)

CLARIMUNDO (A Helena) – O meu braço, minha filha... (Clarimundo toma o braço de Helena, e leva-a; saem logo Adriano, Úrsula e Fábio.)

DIONÍSIA – Que olhar me deitou aquela moça! (Movimento de repulsão das famílias que se afastam.)

ATO III

Sala decentemente ornada na casa de Adriano: ao lado esquerdo, janelas com sacadas de grades de ferro; ao fundo, porta de entrada e porta para o interior da casa; ao lado direito, porta que abre para um gabinete.

CENA I

ADRIANO, e HELENA, reclinada em uma otomana.

ADRIANO – O sr. Clarimundo mandou-me dizer que vem imediatamente.

HELENA – Para que o incomodaste?

ADRIANO – Ele te ama tanto! E... deixa-me dizer-te, preciso de quem possa ajudar-me contra ti, que fora do teu costume estás teimosa. Vejo que o sono te fez bem, e que te achas muito melhor...

HELENA – Oh! sim... muito melhor... podes sair...

ADRIANO – Quem te fala em sair, minha Helena?... eu queria dizer, que, ainda assim, preciso tranquilizar-me, ouvindo um médico, e tu rebelde, e obstinada...

HELENA – Mas, se não há necessidade de médico!

ADRIANO – Há, passaste uma noite cruel: ansiedade... vômitos, e uma síncope, embora ligeira... isto pode ser grave...

HELENA (Rindo triste.) – Foi contágio... Eurídice desmaiou no teatro e eu em casa: desmaios de comédia.

ADRIANO – Não me fales nesse tom de ironia... não me olhes desse modo tão triste... pareces uma vítima... que serei eu então?...

HELENA – Tu?... eu juro que nunca te ouvi uma palavra acerba, e que advinhas os meus desejos para realizá-los.

ADRIANO – Só isso Helena?...

HELENA – Oh! e muito amor e imensa felicidade te mereci, Adriano!

ADRIANO – Mereceste!... como se não merecesses ainda!... queres fingir-te má?...

HELENA – Por que me fazes falar?... eu não me queixo: se às vezes vêes-me triste, é a pesar meu: tem paciência... as senhoras são assim... exigentes demais. Entretanto, diante de estranhos, no teatro, no baile, recebendo visitas... eu me rio... eu me ostento feliz... oh!... (Com voz alterada.) não basta o véu? ...

ADRIANO – O véu!!! Mas... não fales... não te exaltes: sossega.

HELENA (Serena.) Perdoa-me: poucos casados têm, como tivemos, dois anos de bem aventurança na terra. Vivi dois anos no céu! olha: não vêes todos os dias nos espetáculos públicos, nas sociedades tantas senhoras casadas alegres... radiantes... festivas?... fingimento, Adriano! não vêes tantos maridos cercando de cuidados e de expansões de amor às esposas? (Em pé e forte.) falsidade!... o paraíso não passa do respeito devido às conveniências sociais; mas, no segredo do lar, está o tormento de lutas desabridas, às vezes indecorosas, ou, Adriano... o inferno da resignação e do martírio profundo... mundo... horrível!... (Com fogo.)... – E o meu?... (Fria.) desculpa, isto é moléstia: estou nervosa... eu falava das outras... de que posso queixar-me? amaste-me; amas-me... e se me não

amasses mais, seria pior querer obrigar, o que não se obriga. Tu és bom para mim.. . e má sou eu... Adriano, estou muito melhor: porque não sais?...

ADRIANO – Tens razão... confesso: no desatino da fatal paixão do jogo eu te esqueço longas noites e frenético esbanjo a fortuna que me trouxeste.

HELENA – E que me importa o jogo?

ADRIANO – Perdão, Helena! arrastei-te à pobreza; mas, eu te juro. não jogarei mais... vou trabalhar...

HELENA – Já maldisse do jogo: hoje, que me importa? rio-me da miséria! queres jogar? falta-te o dinheiro?... dou-te as jóias; dou-te os brilhantes que ainda me restam, vende-os e joga...joga... joga...

ADRIANO – Helena!

HELENA – Joga! que me importa o jogo?... oh!... há só uma penúria que a esposa que ama seu marido não pode suportar... é a penúria do amor... e eu te amo, Adriano! eu te amo! e tu, e tu... (Avançando em desespero.) e tu... e tu...

ADRIANO – Helena!...

HELENA (Terrível e com voz surda.) – Tu amas outra mulher!... amas Dionísia!...

ADRIANO (Leva Helena para a otomana.) – Oh! pobre mártir!... eu te amo!... Helena, minha Helena... (Em aflição.) porque não morro! (Abraçando-a) sossega! eu te adoro sempre! és o meu anjo!...

CLARIMUNDO (Dentro...) – Vou subindo e entrando sem cerimônia.

ADRIANO – Helena!

HELENA (Em pé e enxugando as lágrimas.) – Podes sair.

CENA II

ADRIANO, HELENA e CLARIMUNDO.

CLARIMUNDO – Vim a correr: adeus Adriano (Avança e observa) menina! evidentemente ela passou mal...

ADRIANO – Sofreu muito durante a noite, sofre ainda e teima em não consentir que se chame o médico.

HELENA – É que não vale a pena: tudo passou...

CLARIMUNDO – Não vale a pena? (Silêncio.) ainda bem: vá descansar um pouco.

HELENA – Dormi três horas... descansei bastante e acho-me forte.

CLARIMUNDO – Então mande-me preparar o almoço, contando com o Cincinato, a quem no hotel deixei recado para vir encontrar-me aqui.

HELENA – Almoçaremos juntos... agradeço-lhe este prazer.

CLARIMUNDO – Quero mais: enquanto se prepara o almoço, vá para o seu toucador: peça-lhe um toilette simples, mas elegante, e no penteado aqueles anéis de cabelos soltos, de que eu tanto gostava; talvez não seja moda; é, porém, capricho meu... vá... e muito bonita ao almoço... ande... vá....

HELENA (Rindo.) – Vou já... há de ver que faceirice! (A Adriano.) Não te constranjas por mim... bem vês que podes sair... adeus! (Vai-se.)

CENA III

ADRIANO e CLARIMUNDO.

ADRIANO – Obrigado! o senhor é o melhor dos médicos para Helena.

CLARIMUNDO – É que ela tem confiança em mim: e o senhor? e tu, Adriano?...

ADRIANO – Precisa perguntá-lo?...

CLARIMUNDO – É claro que afastei Helena, para que ficássemos a sós.

ADRIANO – Ah! e então?...

CLARIMUNDO – Conversemos um pouco. Eu te conheci menino em casa dos pais de Cincinato, a cuja porta foras enjeitado; achaste ali amor e educação, e crescestes bom, honesto e laborioso; apreciando o teu carácter, dei-te há três anos por esposa uma bela jovem, de quem era tutor, Helena, minha filha adotiva, a filha do melhor amigo que tive.

ADRIANO – Entendo... e agora...

CLARIMUNDO – Não vim ralhar; mas é natural que eu te peça contas da fortuna e da felicidade de Helena. Quero poupar-te a confissões penosas. Cheguei ontem, e hoje sei já tudo. Tens perdido em uma casa de jogo quanto possuías; e tudo quanto possuías, Adriano, era o dote ou a fortuna de tua mulher.

ADRIANO – Tem razão, sr. Clarimundo; é verdade o que diz.

CLARIMUNDO – Não te confundas: somos dois amigos a conversar com expansão. Eu também fui moço: quebrei a cabeça algumas vezes; mas tu eras um moço velho: como, de repente, enlouqueceste a ponto de te tornares jogador?...

ADRIANO – Ah! foi uma hora de infernal felicidade que me perdeu! eu estava no baile e entrei por curiosidade na sala do jogo... Fábio jogava, e me provocou a imitá-lo.

CLARIMUNDO – Ah! Fábio...

ADRIANO – Sim: desde algumas semanas ele se relacionara comigo...

CLARIMUNDO – E freqüentava a tua casa?

ADRIANO – A princípio; mas Helena, aliás já amiga de d^a. Úrsula, não o recebia com agrado, e o afugentou.

CLARIMUNDO – Por que? Helena é tão afável...

ADRIANO – Capricho de senhora; antipatiza com ele.

CLARIMUNDO – Ah! então Fábio te provocou a jogar.

ADRIANO – E outros com ele... zombaram da minha resistência...e enfim eu tive como vexame de parecer mesquinho: joguei... tomei as cartas... ganhei... oh!... senti as emoções do jogo... ganhei muito, e levantei-me inebriado... febricitante.

CLARIMUNDO – E depois? ...

ADRIANO – Ouvi Fábio e alguns outros emprazarem-se para a noite seguinte em uma casa de jogo... pedi explicações, e exaltei-me ouvindo a descrição desse abismo... oh!... sr. Clarimundo... eu estava envenenado pelo favor da fortuna... fui jogar e ganhei ainda na primeira noite... depois... depois... eu reduzi minha mulher à miséria e minha reputação de probidade à... à... desgraçado!...

CLARIMUNDO – Pelo trabalho o homem regenera a riqueza perdida: se és capaz de não tornar a jogar... se ainda tens honra no coração, eia! reanima-te. Eu estou pobre: mas tenho amigos... pedirei para mim... e faremos maravilhas; mas... Adriano! és capaz de não jogar?...

ADRIANO – Oh!... sim! eu não jogarei mais; porém, salvar-me... é impossível! caí no fundo do precipício!

CLARIMUNDO – Tem coragem, e tornemos à Helena: tu a olvidaste muito, quando em noite de frenesi queimaste ao jogo a fortuna que ela herdara de seus pais; estou certo, porém, que a amas em dobro, empobrecida por ti.

ADRIANO – Helena... criatura angélica... uma santa...

CLARIMUNDO – Eu estava seguro dos teus sentimentos; o contrário seria horrível... imagina: um mancebo tomar por esposa uma donzela rica, formosa, tesouro de virtudes e de amor, não ter dela a mais leve queixa, a menor dúvida de sua dedicação, e do seu recato... – tens de Helena?

ADRIANO – Meu Deus! não... não... é um anjo...

CLARIMUNDO – E depois de levá-la até perto da fome pelo completo desbarato da sua riqueza na paixão vergonhosa do jogo, amesquinhar suas virtudes, ultrajar sua beleza, assassinar o seu amor, atraíndo-a pelo adultério, aviltando-a pela preferência ou pela competência de uma rival qualquer... talvez mulher indigna... ah! não... não... eu sabia que desse atentado... desse crime tu eras incapaz.

ADRIANO – Basta! basta! (Correndo à porta e, observando, volta.) eu sinto que me castiga... não me defendo... sou infame algoz... e nos remorsos de uma paixão que me desonra não preciso de juiz que me condene, porque já tenho o meu patíbulo na consciência.

CLARIMUNDO – Desgraçado! e a razão, de que te serve?...

ADRIANO – Os loucos não a têm. Eu não lhe encubro nenhum dos meus ignóbeis erros... insulte-me, despreze-me... está no seu direito: sou um infeliz pervertido...

CLARIMUNDO – Miséria humana! a paixão desvaira o homem: Adriano, eu te desculpo, mas a loucura há de passar e Helena te perdoará. Aproveita a lição da experiência para também seres fácil em perdoar aos outros, desatinos iguais.

ADRIANO – Sim... eu não posso mais ser severo... não há vontade que domine a violência da paixão.

CLARIMUNDO – Bem, meu amigo, o ensejo é o mais oportuno para te confiar o verdadeiro motivo da minha vinda a esta capital. Vamos deixá-la quanto antes: estás enganado sobre a causa da tristeza de Helena.

ADRIANO – Que quer dizer?

CLARIMUNDO – Ânimo e prudência: um amor irresistível... fatal...

ADRIANO – Minha mulher!...

CLARIMUNDO – A infeliz esqueceu o dever... e desassisada... perdão!...

ADRIANO (Lançando-se para a porta.) – Infâmia!...

CLARIMUNDO (Contendo-o e friamente.) – E a paixão que desculpa o adultério?... há pois duas leis diversas para a fidelidade dos esposos?...(Silêncio.)

ADRIANO – Oh!...o senhor foi cruel!... meu Deus!... como Helena deve ter sofrido!...

CLARIMUNDO – E é mulher, e a mulher vive só de amor, Adriano!... vê como estás matando Helena!...

ADRIANO – A minha Helena! meu pai! eu vou ser digno dela!... obrigado... o senhor me regenera... obrigado, meu pai!... (Abraça-o.)

CLARIMUNDO – Teu pai!... pois bem... chama-me assim... Adriano... chama-me teu pai... mas... corrige-te... trabalha... volta a Helena... ouviste... sê bom, meu filho!... eu quero chamar-te meu filho!. (Profunda comoção: novo abraço.)

CINCINATO (Dentro e batendo palmas.) – Removido do hotel Provenceaux para a casa de Adriano, prevenção: fome de quinze dias.

CENA IV

ADRIANO, CLARIMUNDO e CINCINATO.

CLARIMUNDO – Entra.

CINCINATO (Entrando.) – Perdão, minha senhora... ah! não está presente?...
(Aos dois.) Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha.

ADRIANO (Triste.) – Adeus, Cincinato...

CINCINATO – Cara de lua nova em noite de chuva... não gosto: sr. Clarimundo... salvo o respeito devido, cara de eclipse visível.

CLARIMUNDO – Compensação: Adriano vai devorar o almoço que nos estava preparado no hotel, enquanto Cincinato almoçará aqui comigo e Helena. Vai, Adriano, deixa-nos.

ADRIANO – Empurram-me para fora de minha casa?...

CINCINATO – Ocasão de ir fazer impunemente travessuras nas casas dos outros. (Olhando para dentro.) Perdão, minha senhora; ele é incapaz disso... mas vai... hotel Provenceaux, segundo andar... vai, demônio!

ADRIANO – O sr. Clarimundo quer conversar com Cincinato... eu os deixo... até logo... (Vai-se.)

CINCINATO (Seguindo-o.) – Isso e o que tu querias era a mesma coisa. (Volta.) Pobre Adriano!...

CENA V

CLARIMUNDO e CINCINATO.

CINCINATO – Como passou a noite?

CLARIMUNDO – Mal: levei a refletir até o amanhecer.

CINCINATO – Eu lho predisse, mas o senhor teimou em aproveitar a noite que a interrupção do espetáculo nos deixara livre... eis como a aproveitou.

CLARIMUNDO – Não perdi de todo o meu tempo: creio que tenho meios de saldar as dívidas de Adriano, se o teu cálculo é exato...

CINCINATO – Certamente; mas se veio com essa intenção para que chegou, chorando pobreza?

CLARIMUNDO – Porque o jogo é um sorvedouro sem fundo, e eu não darei um real, se ele persistir em jogar; mas ainda tenho confiança no seu coração... Adriano se corrigirá...

CINCINATO – E Dionísia?...

CLARIMUNDO – Esse é o perigo que me assusta: uma mulher dissoluta, quando chega a inspirar paixão, é o demônio a fascinar: o homem se corrompe no foco da corrupção... há veneno e embriaguez na taça do vício infrene; refleti toda a noite.

CINCINATO – E então?

CLARIMUNDO – Essas mulheres não amam. Supões que Dionísia ame Adriano?...

CINCINATO – É natural que goste de um rapaz bonito; há de porém dizer-lhe adeus, logo que farejar bolsa vazia.

CLARIMUNDO – E elas têm faro! ainda bem: Dionísia terá sentido a ruína de Adriano. Mudemos de assunto: este me aflige. Ainda não me informei de ti. Como vais de fortuna?

CINCINATO – Idem, sempre idem: quatro moradas de boas casas e cinqüenta apólices; setecentos e oitenta mil réis de renda mensal; podia ser mais, se dois amigos não me ajudassem a comer o aluguel das casas.

CLARIMUNDO – Quem são!

CINCINATO – O seguro, e o tesouro público: quanto ao meu sistema financeiro, dez por cento em fundo de reserva, e o mais para a folgança.

CLARIMUNDO – E vida em folia constante...

CINCINATO – Quebra louça imutável sem ir além da receita faço caretas à morte, desfrutando a vida.

CLARIMUNDO – E ainda como dantes fazes estraladas divertidas, tendo em pouco o reparo público?...

CINCINATO – Não está em mim: achando ocasião, quebro-louça.

CLARIMUNDO – Cincinato, podes salvar Adriano, quebrando louça.

CINCINATO – Dois proveitos em um saco? está salvo. Como é a história?...

CLARIMUNDO – É ao teu zelo e às tuas cartas, que devo achar-me hoje aqui...

CINCINATO – Detesto os prefácios, vamos ao essencial.

CLARIMUNDO – Se empalmasses Dionísia... se a roubasses a Adriano?

CINCINATO – Esta só lembra ao diabo; mas tem seu lugar... era de fazer rir às pedras!... mas qual! Ela não cai.

CLARIMUNDO – E o encanto do dinheiro?... de muito dinheiro?...

CINCINATO – Estou pronto a queimar os meus navios: quanto às casas não posso por causa do seguro.

CLARIMUNDO – Não te ofendas... carta branca... despende o que for preciso.

CINCINATO – Mas... o recurso é de inspiração, palavra de honra! o sr. Clarimundo aproveitou a noite! o caso é de quebrar louça... a Dionísia não é feia... deixo o Adriano de boca aberta, e bato a linda plumagem com a rapariga.

CLARIMUNDO – Salvas teu irmão...

CINCINATO – E no fim de quinze dias faço-me viúvo! é de arrebatat e de encher a cidade com a minha fama; sr. Clarimundo, ganhei ultimamente ao lasquet três contos de réis, que tenho de reserva; se precisar mais, bater-lhe-ei à porta. Vou praticar uma boa ação executada em andamento de maroteira. Esta noite Dionísia fugirá comigo: fica resolvido. Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha.

CLARIMUNDO – Serás a nossa providência (Batem palmas.) pior!

CINCINATO – Pior sem dúvida; porque urge entrar em campanha, e sem almoço não dou contas de mim.

CENA VI

CLARIMUNDO, CINCINATO e JOSÉ, que vai à porta.

CLARIMUNDO – É sem dúvida alguém que procura Adriano, e como ele não está em casa...

CINCINATO – Que seja assim ou protesto: estou rebentando de fome.

CLARIMUNDO (A José que volta.) – Quem é?...

JOSÉ – O sr. Fábio que, não encontrando meu senhor em casa, insta por falar já à minha senhora.

CLARIMUNDO – Fábio?... insta...

JOSÉ – Diz que é negócio grave...

CLARIMUNDO – Fábio! (A José.) dize à senhora que eu e Cincinato saímos, e que voltaremos daqui a uma hora para almoçar. (Vai-se José.)

CINCINATO – Daqui a uma hora? pela minha parte almoço no caminho.

CLARIMUNDO – Silêncio, entra comigo neste gabinete; a ação é má; as circunstâncias, porém, a desculpam. (Indo.)

CINCINATO (Seguindo-o.) – Ah!... o senhor também quebra louça!... (Entram no gabinete.)

CENA VII

JOSÉ, que logo se retira, FÁBIO e logo HELENA.

JOSÉ (À porta.) – Minha senhora não tarda: queira entrar e sentar-se.

FÁBIO – Assegura-lhe que eu sinto incomodá-la; mas o caso é urgente. (Vai José.) Minha senhora... (Vendo Helena.)

HELENA – Sr. Fábio... tenha a bondade de sentar-se. Procurava meu marido?

FÁBIO – Não o encontrei no seu escritório, e sendo indispensável que eu lhe fale quanto antes... se v. ex. pudesse indicar-me...

HELENA – Infelizmente não posso...

FÁBIO – V. ex. não compreende como é lamentável, como pode ser funesta qualquer demora... perdão... sei que v. ex. não se apraz da minha presença e só um caso extraordinário me obrigaria..

HELENA – Meu marido não está em casa, e ignoro onde o possa encontrar fora do seu escritório.

FÁBIO – Oh! não é por embaraços da minha vida, é por seu próprio marido, que vim sujeitar-me a importunar a v. ex... é preciso que ele me fale quanto antes... ocorre um infortúnio... uma contrariedade gravíssima.

HELENA – Em relação a Adriano? ...

FÁBIO – A situação é tal que... em desespero talvez v. ex. ache um recurso em suas amizades... eu devo falar...

HELENA – De que se trata?

FÁBIO – Achando-se em grandes apuros, o sr. Adriano assinou um depósito de seis contos de réis, que deve restituir amanhã... Tínhamos a promessa de um mês de espera; mas o malvado usurário faltou a ela, e exige o seu dinheiro.

HELENA – E então?...

FÁBIO – O sr. Adriano... não tem em si aquela quantia... e se não achar quem lha empreste...

HELENA – As conseqüências?

FÁBIO – Um depósito... oh! é ao sr. Adriano que me cumpre falar... (Como para sair) minha senhora... minha senhora...

HELENA – Mas... se isto é verdade, eu quero saber tudo...

FÁBIO – Não... não, minha senhora; talvez ainda seja possível...

HELENA – Veio então só para amargarar-me?...eu quero saber...

FÁBIO – Tem razão... e v. ex. conta prestimosos amigos... e só quem pode impedir a maior desgraça; porque amanhã... a prisão... a desonra...

HELENA – Oh! a prisão de Adriano!...

FÁBIO – Cumpre-me prevenir à v. ex. que os recursos do sr. Adriano estão esgotados e que ele não achará quem lhe empreste...

HELENA – Oh! se o sr. Clarimundo não estivesse em pobreza... os meus brilhantes... mas valem tão pouco... meu Deus!... isso é verdade, senhor...

FÁBIO – Minha senhora, se não tem entre os seus amigos um, que para poupá-la a maior dor, honre a firma de seu marido, habilitando-o para restituir o depósito. resigne-se: o sr. Adriano deve ocultar-se, fugir hoje mesmo.

HELENA – Fugir?... e a desonra?...

FÁBIO – E a prisão amanhã?

HELENA – Meu marido!... oh!... isto é horrível...

FÁBIO – Confesso: eu não vim procurar o sr. Adriano; vim prevenir a v. ex. de que é indispensável obrigá-lo a fugir esta noite...

HELENA – Fugir não!

FÁBIO – Conta pois com algum amigo?... veja bem...

HELENA – Oh! Adriano! meu marido!... (Cai sentada chorando.)

FÁBIO – Não se consterne... não posso vê-la assim... atenda... minha irmã é rica... muito sua amiga... e basta uma palavra de v. ex. para que nem mesmo lhe seja preciso passar pelo vexame do pedido... (Com ternura.)

HELENA (Levantando-se e fugindo.) – Oh!...

FÁBIO – Uma palavra, uma ordem sua, e eu...

HELENA (Levanta a cabeça e em silêncio vai até a mesa e toca a campainha.)

FÁBIO – D^a. Helena!

CENA VIII

FÁBIO, HELENA e JOSÉ.

HELENA – Entrega a este senhor o seu chapéu. (José obedece.)

FÁBIO – Minha senhora...

HELENA (Sem olhar estende o braço e aponta com o dedo a porta.) – José! convida este senhor a sair. (Fábio toma o chapéu e sai arrebatado.)

CENA IX

HELENA, CLARIMUNDO e CINCINATO.

CLARIMUNDO – Filha abençoada!... exulta!...

HELENA (Rompendo em soluços.) – E Adriano!... e meu marido!... (Nos braços de Clarimundo.)

CLARIMUNDO – Eu o salvarei.

CINCINATO (De joelhos toma e beija a mão de Helena.) – Perdão, minha senhora! beijo-lhe o santo dedinho indicador que mostrou a porta da rua ao diabo.

ATO IV

A mesma decoração do primeiro ato.

CENA I

BRÁULIO e GERTRUDES.

BRÁULIO – Assim é que é: sessão cheia! pensei que o espanhol me tivesse desacreditado a casa, e hoje acudiu ainda mais gente! eu tinha chegado a calcular com a necessidade de mudar de acampamento.

GERTRUDES – Ora... a polícia aqui é tão boa!

BRÁULIO – Em sinal de gratidão não falemos nela.

GERTRUDES – E Dionísia? em que ficamos?...

BRÁULIO – É uma entrosga difícil! quem diria que o Quebra-louça em um abrir e fechar de olhos nos poria em revolução!... três contos de réis!... é um homem de bem: por mim estou resolvido a faltar a palavra ao Fábio, que é um impostor,

e tanto mais que se arranja o negócio de modo que me deixam com cara de logrado, o que me serve para desculpar-me com ele.

GERTRUDES – Eu desconfio do Cincinato: é um estróina que se diverte a debicar-me.

BRÁULIO – Ele nos pagará: basta entregá-lo a Dionísia.

GERTRUDES – O pior é que Dionísia tem sua queda para Adriano.

BRÁULIO – Razão demais: isso indica ponta de capricho e ameaça de ligação demorada que não nos convém. O Quebra-louça há de desesperá-la em três dias, e não será capaz de sofrê-la três semanas: antes de um mês recolheremos Dionísia.

GERTRUDES – Então vou ralhar com ela, e convencê-la de que deve preferir o Cincinato. (Vai a sair)

BRÁULIO – Ao contrário: vai dizer-lhe cobras e lagartos do Quebra-louça, e sustentar a candidatura de Adriano; mas fala sempre na riqueza do outro: verás que ela muda de parecer: vocês todas são uns demônios de contradição...

GERTRUDES – Ora o Cincinato! quando mal se esperava...

BRÁULIO – É um homem de ouro! paga à vista e ao portador:

conquista como César, (Sussurro dentro.) começam...

UMA VOZ (Dentro.) – Basta, Cincinato?

CINCINATO (Dentro.) – Jogo por fora para ter direito aos eclipses: faço um entre-parêntesis para avaliar o que ganhei na tripa.

OUTRA VOZ (Dentro.) – Vai, malvado!

BRÁULIO – Ele chega... debes ir tocar; daqui a pouco faze Dionísia cantar algum lundu provocador.

CENA II

BRÁULIO, CINCINATO e GERTRUDES, que se vai.

CINCINATO – Adeus, mamãe Gertrudes! (Ao encontrá-la.) GERTRUDES – Que diabo de homem! (Vai-se.)

BRÁULIO – Aborreceu-se de jogo?

CINCINATO – Venho triste: feliz no jogo, infeliz no amor; não apostei que não ganhasse... vou perder com a bela Dionísia... não é?...

BRÁULIO – Tenha mais confiança em si: merece muito e sabe querer as coisas; é pena que não procure recomendar-se melhor a Dionísia.

CINCINATO – Eu tomei por caminho a linha reta: procurei chegar ao coração da sobrinha, fazendo escorregar a mão pela bolsa do tio; sou da escola realista: falei claro.

BRÁULIO – E eu lhe respondi que talvez arranjássemos tudo a contento.

CINCINATO – Talvez é o vago e o escuro: talvez é o animal que tem a cabeça escondida no sim, e a cauda enrolada no não. Eu fui mais positivo... no que falei, apresento... olhe... é só para mostrar... (Abre a carteira e mostra.) seis notas de quinhentos...

BRÁULIO – Novas e bonitas... vejo bem; mas podem se fazer as coisas decentemente... o senhor é escabroso... exprime-se de modo...

CINCINATO – Nítido e transparente: resolva a questão.

BRÁULIO – Dê as suas ordens para que esteja pronto e à nossa porta o carro à meia-noite. Hei de convencer Dionísia.

CINCINATO – Convença-a; porque o carro chegará às onze horas; tenho o costume de preparar a couve antes da carne; mas pelo que me disse haverá em tal caso à sua porta dois carros para o mesmo fim, o de Adriano, e o meu: e se, por engano, a bela Dionísia... olhe, sr. Bráulio, tudo pode acontecer, menos somente uma coisa...

BRÁULIO – O quê?

CINCINATO – Ficar o senhor com o meu dinheiro, e eu sem a rapariga: declaração formal. Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha.

BRÁULIO – Pode estar tranqüilo: o senhor trata com um homem de bem.

CINCINATO – Isso está fora de questão; mas, em todo caso, há de ser como lhe disse: três contos de réis à portinhola do carro, estando o passarinho dentro.

BRÁULIO – De acordo; mas... o senhor nem respeita as conveniências...

CINCINATO – Quais? as suas?... e esta! quando lhe vou dar três contos de réis!...

BRÁULIO – Não é isso: é que o senhor nunca namorou seriamente Dionísia... nem mesmo hoje...

CINCINATO – Como é que se namora sério?... o namoro sempre me pareceu passatempo ridículo... eu gosto do positivo.

BRÁULIO – Ajude-me: faça a corte à Dionísia sentimentalmente; ataque-lhe o coração.

CINCINATO – Sentimentalmente, e atacando-lhe o coração?... vá feito: protesto que hei de tocar-lhe na tecla.

BRÁULIO – Sobretudo não comprometa o negócio, fazendo alguma das suas costumadas estúrdias: é o seu único defeito (Soa o piano em prelúdio.) ouça... creio que ela vai cantar, deixo-lhe o campo livre. (Vai-se.)

CENA III

CINCINATO e, depois do canto, DIONÍSIA.

DIONÍSIA (Cantando dentro: lundu)

– Bonita e marotinha.
Eu sou como andorinha
Que, só, não faz verão.
Voando a sós no espaço,
Cair quero no laço
Que prende o coração.

CINCINATO (Canta.)

– Caído e enrabichado
Sou peixe, teu pescado,
Com o anzol no coração.
Não fiques mais sozinha,
Vem cá, minha andorinha,

Vamos fazer verão.

DIONÍSIA (Rindo-se dentro.) – Ah! ah! ah! ah! (Canta.)

O amor de uma andorinha
Na sombra se amesquinha,
Quer lúcido esplendor.
Voando a sós no espaço,
Só cairei em laço
De enleio encantador.

CINCINATO (Canta.)

– Meu laço é um tesouro,
Jóias, brilhante, ouro,
Súcia, teatro, ceia,
Sedas, e até veludo,
Coques, anquinhas, tudo,
E a bolsa sempre cheia.

DIONÍSIA (Canta dentro.)

– Sou terna e já me inflama
Aquela viva flama.
Que abrasa o coração:
Pressinto que a andorinha
Não fica mais sozinha.
E vai fazer verão...

CINCINATO (Canta.)

– Por mim estou em brasas...
Se queres, bate as asas,
Me deixa ser ladrão;
Vamos tecer um ninho,
Voa, meu passarinho,
Vamos fazer verão.

DIONÍSIA (Dentro.) – Ah! ah! ah! ah! (Rindo-se.) mamãe, já viu moço mais engraçado! (Cincinato vai para a frente, mas observa.)

GERTRUDES (Dentro.) – Que te importa o moço?... tens às vezes modos que não parecem de uma menina recatada! (Cincinato põe a mão na boca para conter o riso e vendo que Dionísia vem, tira a carteira e põe-se a contar o dinheiro.)

DIONÍSIA (Chegando.) – Ah! era o sr. Cincinato! que bela voz!

CINCINATO – Minha linda senhora... a sua voz é que é estupenda mesmo quando não canta; mas devo confessar que neste momento me atrapalhou!

DIONÍSIA – Como?...

CINCINATO – Fez-me errar a conta... eu dava balanço no capital e nos lucros desta noite e já não sei, se estava em cinco ou em sete contos... é claro que com a senhora a meu lado não me é possível somar... e ainda menos poderei multiplicar o dinheiro... diminuir há de ser fácil, não acha?... (Guarda o dinheiro que Dionísia olhava.)

DIONÍSIA – O senhor é original.

CINCINATO – Dizem isso: mas eu não creio. Que formosa moça!... (Toma-lhe a mão.) Que mãozinha de cetim! (Beija-a.)

DIONÍSIA – Deveras o senhor ama-me? ...

CINCINATO – Com furiosa paixão; eu, porém, sou franco e nítido: não sei alambicar finezas como o feliz Adriano... vou logo direito ao coração, e ao sentimento... encantadora Dionísia! queres ajudar-me a devorar em poucas semanas o miolo desta carteira, e mais três dúzias de contos de réis que tenho depositados no tesouro?... é logo sim ou não para poupar emoções... sim ou não, andorinha?...

DIONÍSIA – O senhor ou brilha pela franqueza, ou perde pela zombaria. Falemos seriamente: que pensa de mim, e como é o seu amor?...

CINCINATO – Penso que tens enganado a cinqüenta, e que contas comigo para enganar a cinqüenta e um. Eu te adoro apesar disso; mas não respondo pela constância do meu amor... fica a teu cuidado perpetuá-la.

DIONÍSIA – Mas o senhor fala ainda melhor do que canta!

CINCINATO – É que conheço as claves, e canto conforme a letra, e o espírito da música. Proponho-te um acordo filosófico e sentimental: tu amar-me-ás apaixonadamente enquanto eu tiver dinheiro para gastar, ou não te der o vento para outro lado; eu te adorarei, enquanto não me esfriar esta paixão eterna: em

caso de arrependimento de qualquer dos dois... bons dias ou boas noites, e viva a liberdade!

DIONÍSIA (Pondo-lhe a mão no ombro.) – És um anjo, meu Cincinato!...

UMA VOZ (Dentro.) – Isto é escandaloso!... (Sussurro.)

CINCINATO – Aquilo não é conosco; podes tranquilizar-te.

OUTRA VOZ (Dentro.) – Eu jogo franco e liso... cem mil réis!

CINCINATO – Aquilo sim, é comigo; franco e liso.

OUTRA VOZ (Dentro.) – Aceito!

CINCINATO – E tu aceitas, ladrão?

DIONÍSIA – À meia-noite batemos as asas!

CINCINATO – E saudades a Adriano!

DIONÍSIA – Ora!... que bata a outra porta... é um tolo. Adeus! até meia-noite... devo tomar algumas disposições... estou doida por ti. Meu Quebra-louça; conta comigo. (Dá a mão a Cincinato e vai-se.)

CENA IV

CINCINATO, que acompanha DIONÍSIA até a porta, e volta coçando a cabeça, como contrariado, e DEMÉTRIO.

DEMÉTRIO – Esta casa é um covil de laráprios! depenaram-me.

CINCINATO – E estão para me depenar: consola-te.

DEMÉTRIO – Acho-me em singular e doloroso embaraço...

CINCINATO – E eu!... nem fazes idéia... estou com uma corda ao pescoço...

DEMÉTRIO – Perdi quatrocentos mil réis...

CINCINATO – E eu daria oitocentos para livrar-me de ganhar certa partida...

DEMÉTRIO – Sofri indigna afronta...

CINCINATO – E eu acho-me dez mil vezes mais afrontado... tenho um pesadelo horrível...

DEMÉTRIO – Quis jogar sob palavra e torceram-me o nariz! foi um insulto!... e quando eu tinha a certeza de ir ganhar!... e quando eu tinha a certeza de ir ganhar!... Cincinato... empresta-me duzentos mil réis? antes da ceia tos restituo.

CINCINATO – Prodígio, não me fales em dinheiro: é coisa que me irrita os nervos; olha, na primeira todos caem; na segunda, só os tolos; na terceira, só os doidos: jurei não passar contigo do segundo grau.

DEMÉTRIO – Por causa de alguns miseráveis centos de mil réis maltratas um amigo que por ti se tem comprometido em não sei quantas alhadas perigosas...

CINCINATO – Tu por mim nunca meteste prego sem estopa... tu... mas... ora esta!... que boa idéia!..

DEMÉTRIO – Empresta-me duzentos mil réis e me acharás pronto sempre a todos os sacrifícios da amizade; empresta-mos...

CINCINATO – Pois bem escuta, Prodígio: és capaz de quebrar louça hoje comigo?...

DEMÉTRIO – Sou: é experimentar.

CINCINATO – Não te empresto, dou-te já duzentos mil réis, e com eles ganha ou perde que pouco me importa; mas dez minutos antes da meia-noite a um sinal meu deixarás o jogo, receberás mais trezentos mil réis, e irás com uma bonita rapariga patuscar alguns dias fora da cidade, tendo para o resto desta noite hotel pago, e ceia a espera. Queres?

DEMÉTRIO – Que patifaria é essa?

CINCINATO – A rapariga é de pouco mais ou menos; não há receio de intervenção policial. Os duzentos mil réis já sob compromisso de honra; (Contando o dinheiro.) os trezentos mil réis na hora aprazada... queres?...

DEMÉTRIO – Mas... se não há risco de bulha com a polícia, dinheiro e moça bonita é ouro sobre azul... eu quero...

CINCINATO – E ainda mais uma rapariga de truz e por quem andas de queixo caído...

DEMÉTRIO – Aceito sem restrições: moça e dinheiro aceito.

CINCINATO – Toma, Prodígio; (Dá-lhe o dinheiro.) verás que a estralada é ainda melhor do que imaginas... a rapariga é Dionísia... segredo!

DEMÉTRIO – Oh!.. . será possível!...

CINCINATO – Fácilimo: eu te explicarei tudo, e te darei as necessárias instruções... agora vamos jogar... (Indo-se.)

DEMÉTRIO – É sublime!...mas explica-me...

CINCINATO – Temos tempo: vamos jogar? (Vão-se.)

CENA V

FÁBIO e ADRIANO, que entram.

FÁBIO – Aposto que se eu não chegasse, não deixavas Dionísia?...

ADRIANO – Hoje mesmo jurei não tornar a vê-la, e vim arrebatado cair a seus pés... esta mulher é a minha perdição... ah! se a visses e a ouvisses há pouco... é irresistível.

FÁBIO – Mas pareces aflito...

ADRIANO – Toca a hora de uma ação indigna, que repugna a minha consciência, e a que me arrasta o delírio da paixão; vou insultar publicamente minha mulher, dando a Dionísia casa e tratamento! É uma revolta contra a sociedade e contra Deus.

FÁBIO – Que puerilidade! até ontem exagerei as proporções e conseqüências do erro que vais cometer: porque era dever de amigo procurar impedi-lo; mas agora... digo-te a verdade; não praticas uma boa ação; o teu pecado porém é o mais comum dos pecados.

ADRIANO – E Helena?...

FÁBIO – Fará como tantas outras no seu caso: a princípio, lágrimas e desespero, logo depois, consolação nos teatros e bailes.

ADRIANO – Não! eu sinto que a minha traição será fatal a Helena! eu o sinto... e ainda assim... Oh! basta o primeiro passo na ladeira escorregadia das paixões!...

imprudente, o homem conta demais consigo... cedendo a capricho insensato, ousa uma vez levar aos lábios a taça do vício... e a embriaguez lhe anula a vontade... deprava-lhe os sentidos... e o escravo do demônio, embalado o clamor da consciência, vai de roxo caminho de opróbrio e de condenação!

FÁBIO – Eu conheço mais de cinquenta maridos que rir-se-iam muito da tua ingenuidade!

ADRIANO – Fábio!

FÁBIO – Tua paixão por Dionísia é talvez um favor da Providência, porque te arrancará ao frenesi do jogo que te arruinou. Trabalharás, e, com o concurso da minha amizade, hás de reerguer o teu crédito abalado no comércio. Não torna a jogar: tens muito que despende com Dionísia...

ADRIANO – Tens razão; mas jogarei esta noite pela última vez, Meu Deus!... se eu ganhasse muito hoje!

FÁBIO – Adriano, cuidado! (Sussurro dentro.)

ADRIANO – Pesa-me sobre o coração o depósito de seis contos de réis que amanhã não poderei restituir.

FÁBIO – Pela terceira vez te asseguro que o usuário me prometeu a espera de um mês... é negócio concluído...

ADRIANO – Meu amigo, tu me salvas... e nem pensas do que me salvas.

FÁBIO – Vou jogar... se absolutamente queres também fazê-lo, vem.

ADRIANO – Vamos... até a meia-noite... ah! se eu ganhasse muito!... (Vão-se.)

UMA VOZ (Dentro.) – Eu jogo com as cartas viradas... cem mil réis na dama!

CINCINATO (Dentro.) – O dote é provocador; mas eu prefiro ficar solteiro.

CENA VI

DIONÍSIA e GERTRUDES.

DIONÍSIA – Coitado! adora-me, como um cãozinho à sua dona! se o outro fosse bonito assim!... o Cincinato é feio que espanta; mas tem a carteira tão cheia que faz gosto ver!

GERTRUDES – E além da carteira tem quarenta casas de sobrado de dois andares para cima...

DIONÍSIA – Diabo do feio! Hei de ser um incêndio que lhe queimará em quarenta dias os quarenta sobrados. Há de me pagar caro o sacrifício do belo Adriano.

GERTRUDES – Esse é que é bom rapaz; já é porém um crivo de dívidas, é uma esteira velha de pobreza.

DIONÍSIA – Pois olhe mamãe, por mim não foi, comigo pouco despendeu: cinco vestidos de seda, um colar de pérolas e outro de brilhantes, dois pares de brincos, e uma flor das mesmas pedras, duas pulseiras, este relógio de ouro, um *toilette* completo de veludo carmesim, um leque de madreperola, e este pince-nez... creio que não passou daí... eu o amo tanto que trago de memória os seus presentes...

UMA VOZ (Dentro.) – Cinquenta mil réis.

CINCINATO (Dentro.) – Agora sim; eu sou dez.

OUTRA VOZ (Dentro.) – Cincinato joga por fora para pescar de caniço.

CINCINATO (Dentro.) – O pior é que muitas vezes vocês me comem a isca.

GERTRUDES – Cuidado com o Quebra-louça, Dionísia. Vê como ele é ladino...

DIONÍSIA – Está destinado a viver num inferno... começarei por obrigá-lo a convidar Adriano para cear conosco três ou quatro vezes por semana...

CENA VII

DIONÍSIA, GERTRUDES e BRÁULIO.

BRÁULIO – A hora se aproxima... os dois carros já estão à porta. Dionísia, não nos deixes por mais de um mês... eu irei fazer as pazes contigo... tu voltarás.

DIONÍSIA – Desta vez com toda a certeza; porque vou-me com um homem tão feio, que é mesmo de obrigação reduzi-lo em pouco tempo a cambista de teatro.

BRÁULIO – Sangue frio e rapidez na execução da fuga: Fábio não nos atrapalha, porque conta com o negócio, mas Adriano está com os olhos no relógio...

DIONÍSIA – Coitadinho!

BRÁULIO – Dois minutos antes da meia-noite fuge; acharás à porta da rua dois carros, sobe para aquele que é puxado por cavalos... olha, não te enganes.

DIONÍSIA – Bem: e depois?

BRÁULIO – O Cincinato, levando o rosto coberto com um lenço branco que é o sinal ajustado, subirá a assentar-se a teu lado... o carro partirá, e... adeus pombinhos! feliz viagem, e boa noite.

DIONÍSIA – Com o diabo do feio!...

BRÁULIO – Que parvoíce! vai cantar, se quiseres: aposto! vamos.

GERTRUDES – Anda, afortunada rapariga! (Vai-se Bráulio para a esquerda.)

DIONÍSIA (Indo-se e cantando.) Batendo a linda plumagem

O amante passarinho

Exala ternos queixumes

Com saudades do seu ninho. (Vão-se pelo fundo.)

CENA VIII

CINCINATO e DEMÉTRIO – CINCINATO olha em torno cuidadoso.

DEMÉTRIO – Ora! quando o vento me soprava!... ganhei só trezentos e vinte mil réis.

CINCINATO – Tens, pois, quinhentos e vinte, e dou-te mais trezentos mil réis;avas dinheiro para oito dias de pagode rasgado: esta noite hotel ainda à minha custa, e amanhã sem falta segue com Dionísia para Petrópolis.

DEMÉTRIO – E se ela não quiser? ...

CINCINATO – Mostra-lhe a carteira e verás como ela aplaude o caso. Vai: espera na rua... o lenço branco no rosto... salta para dentro do carro, logo que Dionísia embarcar, e o mais o cocheiro sabe.

DEMÉTRIO – Esta é mesmo de Quebra-louça.

CINCINATO – Vai, feliz substituto! dou-te dinheiro e amor.

DEMÉTRIO – Hás de ver o desempenho!... adeus. (Vai-se pelo fundo.)

CENA IX

CINCINATO e BRÁULIO.

BRÁULIO – O Demétrio se retira cedo... parece que perdeu.

CINCINATO – Qual! ganhou: não faz idéia que perverso é ele! esta noite incomodou-me muito... digo-lhe que Demétrio e Dionísia se namoram... creio que os apanhei em segredinhos... e com certeza riram-se um para o outro com ar de inteligência!...

BRÁULIO – Dionísia é vaidosa e o senhor é ciumento: não faça caso disso. Ela está perdida pelo senhor; mas... é quase meia-noite: ultimemos a nossa transação particular.

CINCINATO – Os três contos de réis?... conte com eles à porta da rua, e quando Dionísia estiver dentro do carro. Sem o pássaro na gaiola não caio.

BRÁULIO – O senhor duvida da minha probidade? (Dá meia-noite.) Meia-noite!

CINCINATO – Um minuto para Dionísia descer a escada... e corro...

BRÁULIO – E o meu dinheiro?...

CINCINATO – À porta da rua... venha comigo...

CENA X

CINCINATO, BRÁULIO e GERTRUDES.

GERTRUDES – Dionísia foi-se...

CINCINATO – A pontualidade me entenece... vamos...

BRÁULIO – E o meu dinheiro?

CINCINATO – À porta da rua, (Roda um carro.) um carro que parte... oh! vamos!... (Vão-se Cincinato e Bráulio correndo.)

CENA XI

GERTRUDES e ADRIANO.

ADRIANO – Dionísia!...

GERTRUDES – Já desceu: sem dúvida o espera; mas...

ADRIANO – Oh! (Quer correr e Gertrudes o impede.)

GERTRUDES – Olhe que meu irmão correu a persegui-la... não se deite a perder.

ADRIANO – Deixe-me! ela me espera... (Partindo).

CENA XII

GERTRUDES, ADRIANO, CINCINATO e BRÁULIO.

BRÁULIO – É uma infâmia!...

CINCINATO – Patifaria descomunal!... Dionísia fugiu com Demétrio! e o senhor... o senhor... (Em simulado furor.)

ADRIANO – Dionísia! oh! Dionísia!... (Vai-se, correndo.)

CENA XIII

GERTRUDES, CINCINATO e BRÁULIO.

GERTRUDES – Minha filha!... não entendo...

BRÁULIO – Entende! você é abelha mestra! você entrou nesta pouca vergonha!... (Gertrudes fica espantada) entrou!...

CINCINATO – E eu!... atraído... ameaçado no meu dinheiro... ferido no coração... o golpe foi profundo... ingrata Dionísia!... fica declarado que ela... e os senhores... firma industrial, Dionísia & Cia me assassinam... fica declarado... Cincinato Quebra-louça assinado por cima de estampilha. (Cai, fingindo desmaiar) ah!...

BRÁULIO – E ainda em cima a zombaria!... foi uma conjuração... o senhor me há de pagar!... é um estelionato!...

CENA XIV

CINCINATO, GERTRUDES, BRÁULIO, CRIADO apressado.

CRIADO – Com urgência... com urgência... (Dá uma carta a Bráulio.)

BRÁULIO (A um lado e Gertrudes lendo pelo ombro de Bráulio.) – “Por amor da bela Dionísia: dentro de meia hora a polícia cercará a sua casa; há denúncia de que aí está jogando um caixeiro que falsificou a firma do amo em letras que descontou na praça. Previna-se: queime este bilhete.” Inda mais esta!... a polícia!... (Corre para a direita.)

GERTRUDES – Misericórdia!...

CINCINATO (Levantando-se.) – Dionísia foi presa?...

GERTRUDES – Não... não... é a polícia que vem cercar-nos a casa!...

CINCINATO – A polícia?... em casa de jogo?... a velha dormente?... oh! enquanto ela pinta os cabelos, põe as anquinhas, e calça as botinas, eu toco a retirada em passo ordinário sem receio de encontro perseguidor. (Vai-se: ansiedade de Gertrudes.)

CENA XV

GERTRUDES, BRÁULIO, FÁBIO E JOGADORES todos em susto e desordem, falando precipitados e quase a um tempo.

VOZES – A polícia! a polícia!...

GERTRUDES – A casa já está cercada!

VOZES – Tranque-se a porta! (Trancam-se as portas.)

VOZES – O asilo do cidadão é inviolável.

GERTRUDES – Ouço passos na escada.

UM VELHO – Sou oficial da Ordem da Rosa e tenho honras de coronel... hão de respeitá-las...

UM JOVEM – É meu pai! é meu pai!...

UMA VOZ – Oh! que desgraça!...

VOZES – Que foi? ...

A MESMA VOZ – Um moço atirou-se da janela abaixo!...

VOZES – Infeliz!... é o caixeiro!...

OUTRAS VOZES – Fugamos pelos fundos da casa!...

BRÁULIO – Senhores!... a casa ainda não está cercada...

GRITO GERAL – Fugamos!... (Corrida geral.)

ATO V

A mesma decoração do terceiro ato.

CENA I

CLARIMUNDO, JOSÉ que entra, e logo CINCINATO.

CLARIMUNDO (Vendo José.) – Enfim!

JOSÉ – O sr. Doutor já não estava em casa: deixei a carta.

CLARIMUNDO (Impaciente.) E Helena poderá esperar?...

CINCINATO (Entrando.) – Boletim da batalha de ontem...

CLARIMUNDO (A José.) – Vai-te. (A Cincinato.) Tu aqui?... e essa maldita mulher.

CINCINATO – Estamos livres dela: pensou que fugia comigo e achou-se em caminho com um substituto que arranjei do pé para a mão.

CLARIMUNDO – E Adriano?

CINCINATO – Ainda não voltou?...

CLARIMUNDO – Desde ontem de manhã... o ingrato!... enquanto a esposa ameaçada talvez da morte.

CINCINATO – D^a. Helena!

CLARIMUNDO – Passou horrível a noite: o médico deixou-a adormecida ao amanhecer; ela, porém, despertou uma hora depois em novo ataque nervoso, e esperem lá o doutor!... agora dormiu outra vez... embora... eu quero um médico à sua cabeceira.

CINCINATO – Em dez minutos está servido... (Tomando o chapéu.)

CLARIMUNDO – Merece confiança? (Para um carro.)

CINCINATO – É moço; mas vale um velho sábio... um carro... e talvez o médico...

CLARIMUNDO – Que seja... vai buscar o outro... um há de ficar aqui.

CINCINATO – Vou como se fosse em velocípede. (Vai-se.)

CENA II

CLARIMUNDO, que acompanha Cincinato até a porta – ÚRSULA.

CLARIMUNDO (Ao ver Úrsula.) – Ah! minha senhora...

ÚRSULA (Entrando.) – Sr. Clarimundo. (Dá-lhe a mão) d^a. Helena?... o seu médico, que também é o meu, acaba de dar-me notícias que me afligiram... e corri...

CLARIMUNDO – Que pensa ele?...

ÚRSULA – Por ora nada de positivo; porque, pelo que diz, nem pode fazer perfeito exame da doente no estado em que ela se achava..

CLARIMUNDO – É verdade... terríveis fenômenos nervosos...

ÚRSULA – E agora? como está d^a. Helena?

CLARIMUNDO – Dorme sossegada.

ÚRSULA – Se o permite, esperarei que ela acorde.

CLARIMUNDO – Oh! eu agradeço muito a v. ex. o interesse que toma por Helena... o dia vai ser talvez de amargurado pranto... v. ex. também há de chorar... pois que é sensível... quer ver... minha filha no horror dos seus tormentos... Adriano sobe a escada... venha... entre...

ÚRSULA – Sr. Clarimundo...

CLARIMUNDO – Por quem é... (Oferece-lhe a mão.) Desejo ficar só com Adriano.

CENA III

CLARIMUNDO, que conduz Úrsula até à porta e volta severo de braços cruzados – ADRIANO pálido e desfigurado.

ADRIANO – Sr. Clarimundo... (Silêncio de Clarimundo.) foi-me de martírios a noite... (Silêncio.) tenho sofrido muito... (Silêncio.) porque me olha assim?... poupe-me... (Silêncio.) ah sr. Clarimundo... (Clarimundo vai fechar e tira a chave da porta do interior) Por que fecha essa porta?...

CLARIMUNDO – Ontem um homem que eu supunha honrado, e a quem ofereci o perdão de vergonhosos desatinos, prometeu-me solenemente não tornar a jogar, e ser digno de sua esposa; e ontem mesmo ele jogou, e mentiu à fidelidade conjugal, à honestidade, e ao brio: como é que devo hoje qualificar esse homem?...

ADRIANO – Sr. Clarimundo! v. s. me insulta!...

CLARIMUNDO – Fale baixo...

ADRIANO – Abusa do respeito talvez excessivo...

CLARIMUNDO – Desgraçado! Helena está em perigo de morte, e aos gritos do algoz.

ADRIANO (Correndo à porta.) – Helena!... (Volta.) a chave daquela porta!... a chave!...

CLARIMUNDO – Jogador desenfreado e vicioso, deixa que morra em paz a tua vítima antes de sentir a fome e o horror da miséria a que a reduziste! amante da mundanaria: adúltero ostentoso, o teu lugar não é mais ao lado da honestíssima esposa que ultrajaste, é no lodo do lupanar e nas orgias da devassidão!...

ADRIANO – Oh!... é muito!... é muito!... mas... a chave daquela porta! eu quero ver Helena...

CLARIMUNDO – De joelhos, réprobo da sociedade e de Deus! de joelhos! e verte lágrimas que te queimem tanto as faces, e rompe em gemidos, que te rasguem tanto o peito, que possam merecer o perdão da tua ignomínia!...

ADRIANO – Sr. Clarimundo! é demais!... quaisquer que sejam os meus erros... as minhas loucuras, só meu pai poderia impunemente injuriar-me assim... proíbo-lhe que me fale desse modo!

CLARIMUNDO – Teu pai!... teu pai se envergonharia de tal filho... teu pai te amaldi... talvez te amaldiçoasse... se eu fosse teu pai...

ADRIANO – Não! não!... meu pai não me falaria tão cruelmente!... meu pai se arrependeria de me haver deixado vinte e seis anos no deserto do desprezo e sem a sua bênção!... meu pai encontrando-me envilecido, culpado, se faria meu juiz; mas só para absolver-me num grito do coração!...

CLARIMUNDO – Desgraçado!... e tu... (Em crescente comoção.)

ADRIANO – Não! não!... meu pai não seria execrador implacável; meu pai sentiria no seu seio os tormentos que dilaceram o seio de seu filho!... meu pai, revoltado contra mim, no ímpeto de cólera justíssima levantaria a mão para amaldiçoar-me; mas a sua mão descendo sobre a minha cabeça, faria o sinal de bênção...

CLARIMUNDO – Adriano!... (Vivíssima comoção.)

ADRIANO – Não! não! meu pai... ah! para que falou de pai ao enjeitado... ao proscrito da família, ao inocente condenado no ventre materno?... se eu tivesse meu pai! Oh!... meu pai não enjeitaria segunda vez o infeliz que não tem culpa de ter nascido!...

CLARIMUNDO – Adriano!... Adriano!...

ADRIANO – Não! não! não! meu pai, vendo-me na maior desgraça, na aflição mais despedaçadora, meu pai... oh!... meu pai não me amaldiçoaria, meu pai

me estenderia os braços, me diria perdão!... choraria comigo... meu pai, que sem dúvida amou minha mãe, não me negaria a chave daquela porta... (Chorando.) meu pai...

CLARIMUNDO (Chorando também.) – Mas... eu sou teu pai!... meu filho!... eu te perdô!...meu filho!

ADRIANO – Oh!... oh!... meu pai!... (Cai de joelhos: abraçam-se.)

CLARIMUNDO – Adriano!... meu filho!... meu filho!...

CINCINATO (Dentro.) – Eu e o meu doutor... (Clarimundo e Adriano enxugam as lágrimas, etc.)

CENA IV

CLARIMUNDO, ADRIANO, CINCINATO e o DR. GONÇALVES.

CINCINATO – O dr. Gonçalves...

CLARIMUNDO e ADRIANO – Sr. doutor...

GONÇALVES – Meus senhores... estou às ordens...

CLARIMUNDO – A nossa doente dorme depois de longo sofrer: teve esta noite vômitos, síncope, delírio, e ataques nervosos que nos alvoroçaram; o sr. doutor verá o que receitou e lhe fez aplicar o seu colega assistente; nós, porém, queremos um médico, que vele ao pé da nossa querida Helena.

GONÇALVES – Esperarei junto dela pelo meu colega. O sono, sendo tranqüilo e reparador, é de bom agouro; mas também é em certos casos muito conveniente observar o sono.

CLARIMUNDO – Venha, sr. doutor; conte-nos seus raciocínios com a mais forte emoção moral... tenha a bondade de entrar... (A Adriano que se adianta.) Fica, Adriano, eu to peço. (Vai-se com Gonçalves.)

CENA V

ADRIANO e CINCINATO.

ADRIANO – Vês?... eu sou um miserável condenado!... minha mulher está mal e me fecham a porta do seu quarto... isto quer dizer que eu fui o miasma da infecção... que eu sou o assassino de Helena!

CINCINATO – Tem paciência e espera: nas senhoras os nervos são revolucionários que fazem muito fumo com pouco fogo; cá por mim não te proibia a entrada na câmara de Helena; pelo contrário, para ressuscitar a moribunda receitava um abraço e um beijo do marido.

ADRIANO – Cincinato! (Vai a porta e volta com aflição.)

CINCINATO – Falo sério; desde que se falou em fenômenos nervosos, fiquei mais esperançoso. Deus nos conservará d^a. Helena... e com tanto que te cures também da...

ADRIANO – Basta...

CENA VI

ADRIANO, CINCINATO e CLARIMUNDO.

CLARIMUNDO – Helena continua a dormir tranqüilamente; o doutor ficou à sua cabeceira, e exige que esperes o seu chamado para te mostrares a tua mulher.

ADRIANO – E que julga ele?

CLARIMUNDO – Parece animado: observando o sono, a respiração e a fisionomia de Helena, mostrou-se contente...

ADRIANO – Oh! que ela viva!... é de sobra para meu castigo o que estou sofrendo; porque é castigo, é punição que Deus me inflige... (Batem palmas.) pode entrar.

CENA VII

ADRIANO, CINCINATO, CLARIMUNDO e VENCESLAU.

ADRIANO – Ah!

VENCESLAU – Criado muito humilde de v. ex.

CLARIMUNDO (A Cincinato.) – Quem é este maltrapilho?

CINCINATO (A Clarimundo.) – Um ratazana... usurário petrificado...

VENCESLAU (A Adriano.) – Criado muito humilde que vem receber as ordens de v.ex. ... como não o encontrei no escritório...

ADRIANO – Desculpe; o meu amigo Fábio assegurou-me que se tinha entendido com o senhor sobre o nosso negócio...

VENCESLAU – O sr. Fábio nem me falou, nem me apareceu, e com a devida vênia, não havia de que falar; porque o prazo é fatal.

ADRIANO (Perturbado.) – Fábio!... é impossível!...

VENCESLAU – É tão possível, como é certo que o prazo fatal... chegou... e...

ADRIANO – Senhor... eu pensava... (Agitadíssimo.) tenha a bondade de acompanhar-me... (Indo.)

VENCESLAU – Pois não! eu sou o mais humilde criado de v. ex.... (Indo.)

CLARIMUNDO – Para que segredos inúteis? ... (A Venceslau.) senhor... senhor...

VENCESLAU – Venceslau Inocência da Caridade para servir a v. ex.

CLARIMUNDO – Sr. Venceslau, o sr. Adriano não pode atender hoje a negócio algum... tem a esposa entre a vida e a morte!...

VENCESLAU – Que desgraça! juro que sinto minto... mas o prazo é fatal.

CLARIMUNDO – E quem lhe pede que sinta ou não sinta? (Consulta o relógio.) Ao meio-dia em ponto pode ir no escritório do sr. Adriano levantar o seu depósito de seis contos de réis. (Confusão de Adriano.)

VENCESLAU – Humilde criado de v. ex.... como o prazo era fatal... ah! ah! ah! (Rindo.) eu não desconfiava... mas nos casos em que o prazo é fatal... humilde criado de v. ex.... (Vai-se.)

CLARIMUNDO – Esperem-me ambos. (Entra no gabinete.)

CENA VIII

ADRIANO e CINCINATO.

CINCINATO – Coragem! o maior perigo vai passar...

ADRIANO – Oh!... e como!... este depósito... eu não tenho dinheiro...

CINCINATO – Tinha-o eu... não para o jogo, nem para Dionísia... tinha-o eu, e te esquecias de mim; mas o sr. Clarimundo não está pobre... é rico, e isso é muito melhor para nós ambos...

ADRIANO – Rico!... e salva-me!... (Silêncio.) mas... se não fosse ele... Cincinato! há seis meses eu era o mais feliz dos esposos e o meu crédito igualava à minha probidade; vida serena em casa, estima geral no público, fortuna próspera abençoavam a minha honra, o meu amor e o meu trabalho: oh!... porque não morri há seis meses!...

CINCINATO – Para d^a. Helena não ficar viúva... em toda esta meada eu sinto a mão de Deus sobre a cabeça do anjo.

ADRIANO – O jogo e uma mulher perdida, destruíram em breves semanas, como dois incêndios, a minha fortuna, a minha honra e mancharam o meu amor... e pelo jogo, que é vício aviltante, e por essa mulher, que todos podem comprar, hoje um usurário me faria recolher à prisão e marcar na minha frente o selo da maior ignomínia; porque hoje ele poderia ter-me chamado... estelionatário... ladrão... Oh!... eu começo a pressentir que estou salvo; mas a vergonha e o opróbrio estão aqui! (Aponta o coração.) na consciência algoz.

CENA IX

ADRIANO, CINCINATO e CLARIMUNDO.

CLARIMUNDO (Dando um papel a Adriano.) – Entrega esta carta de ordem à casa comercial a que é dirigida, e que a espera desde ontem: em meia hora no teu escritório, em uma aqui. Se tens a desgraça de dever a Fábio, manda imediatamente pagar-lhe: Cincinato, acompanha-o e volta com ele. Vai... apresenta-te... (A Adriano.) então?... vai! (Adriano ajoelha-se.) Que é isto? ...

ADRIANO (Trêmulo e comovido.) – Helena... que eu não vi... (Soluçando.)

CINCINATO – Ele tem razão!... (Enternecido.)

CLARIMUNDO (Comovido.) – Vem... um instante só... da porta do quarto... (Leva-o pela mão; e logo depois volta, trazendo-lhe um pouco à força.)

CINCINATO (Comovido.) – Querem atirar-me no sentimental... eu protesto.

CLARIMUNDO (Abraçando Adriano.) – Vai com Deus!... (Cincinato vai-se, levando Adriano.)

CENA X

CLARIMUNDO e logo JOSÉ.

CLARIMUNDO (Acompanha os dois até à porta; enxuga as lágrimas; senta-se, parece sofrer; levanta-se, vai à porta do interior e chama com voz abafada.) – José! (Entra José.) Dize à sra. d. Úrsula que eu lhe peço o favor de dar-me uma palavra. (Vai-se José; Clarimundo vai trancar a porta de entrada e senta-se até que Úrsula entra.)

CENA XI

CLARIMUNDO e ÚRSULA.

ÚRSULA – Aqui estou.

CLARIMUNDO – E Helena dorme ainda?...

ÚRSULA – Dorme: deixei a criada no quarto para que ela, no caso de despertar, não se assuste, vendo-se a sós com o doutor que lhe é desconhecido. (Clarimundo vai trancar a porta do interior) Porque tranca a porta?...

CLARIMUNDO – Para que ninguém perturbe a nossa conversação. v. ex. faz-me a graça de sentar-se? (Aproximando sua cadeira.)

ÚRSULA (Sentando-se.) – E o senhor?

CLARIMUNDO – Ficarei de pé.

ÚRSULA – O senhor me confunde...

CLARIMUNDO – Confundi-la-ei talvez. O que me trouxe do Rio da Prata, minha senhora, foi o cuidado da sorte de Helena e de Adriano; a este vim achar arruinado pelo jogo e pela ligação com uma mulher corrupta; àquela encontrei

resistindo nobremente a um plano infame de sedução e martirizada pelo conhecimento da infidelidade do marido. É v. ex. quem me pode explicar completamente estes fatos.

ÚRSULA – É uma inquirição! com que direito?...

CLARIMUNDO – Com o direito do passado que a acusa nas circunstâncias do presente! v. ex. não há de matar impune uma virtuosa esposa.

ÚRSULA – Senhor!... (Levantando-se).

CLARIMUNDO – Há vinte e seis anos v. ex., que então contava com dezessete, casou (Com abalo.) com um velho... miserável milionário... de quem enviuvou dois anos depois, herdando-lhe toda a fortuna...

ÚRSULA – Meus pais pobríssimos me impuseram esse sacrifício... sabe-o!...

CLARIMUNDO – Não me importa isso! mas v. ex, viúva, bela e rica, apaixonou-se pelo mais nobre e distinto cavalheiro, por Maurício de Araújo, que teria sido seu marido, se não fosse eu, que o arredei desse enlace, e que o fiz desposar a linda, a fiel e honestíssima Helena...

ÚRSULA – Sr. Clarimundo!

CLARIMUNDO – Daí dois ódios... a mim, ódio à rival preferida! v. ex. não o pode negar, perseguiu Helena com a intriga, com o aleive, procurou nodoá-la, atentou contra a mais pura amizade e chegou ao ponto de denunciar-me a Maurício como o amante de sua mulher...

ÚRSULA – Oh!... eu o acreditei e tinha raiva, porque eu me supunha duas vezes ofendida... duas vezes... e era demais para uma mulher que havia sido amada!

CLARIMUNDO – E agora?... eu fui desde vinte anos o tutor de Helena, filha da pobre Helena que morreu como seu nobilíssimo esposo há vinte anos; e agora? que explica esse ódio de além túmulo?... por que agora é v. ex. que se finge amiga de Helena, e é seu irmão que perverte Adriano, e que se empenha em seduzir-lhe a esposa?... por que agora é v. ex. que excita aos ciúmes da infeliz filha da sua antiga rival, e é o seu dinheiro, minha senhora que paga as traições de Fábio, e o envenenamento moral de Adriano?... Úrsula! és tu, Úrsula, que estás assassinando Helena!...

ÚRSULA – Não! por Deus, eu juro que não! odiei Helena, a mãe, eu amo Helena, a filha... sr. Clarimundo, é verdade: Fábio me arrastou a esta casa... me comprometeu... me expôs a injustíssimas suspeitas... oh! tudo mais é falso...

dou dinheiro a meu irmão, porque é ele só o único amor que me deixaram no mundo! mas eu não atraíçoei Helena! é falso!...

CLARIMUNDO – E Adriano... o perverso...

ÚRSULA – Não sei... não sei... mas... Adriano... Adriano...

CLARIMUNDO – Verdade, Úrsula!...

ÚRSULA – É seu protegido... talvez seu filho... eu queria detestá-lo...e não posso!

CLARIMUNDO – Úrsula!... tu foste má... tu és... tu mentes, e Deus te castiga, Úrsula! antes do teu casamento nós nos amamos.

ÚRSULA – Clarimundo! eu quero sair... abre-me a porta...

CLARIMUNDO – Houve em nosso amor uma hora de delírio...

ÚRSULA – Oh! eu quero sair.. . abra-me a porta, ou grito!

CLARIMUNDO – O fruto do amor criminoso que se escondeu ao mundo, me foi confiado... depois a traição do casamento com a riqueza do velho milionário fulminou o meu amor... o que eu senti então foi ódio e raiva... Úrsula! eu te supus mãe desnaturada, e vinguei-me!... recebeste o anúncio da morte de nosso filho... mas...

ÚRSULA – E... então?... (Ansiosa.)

CLARIMUNDO – Meu filho... não... não... tu foste má... tu és má... (Indo abrir a porta.) podes sair...

ÚRSULA – Oh! não!... fala!... não quero sair... acaba!

CLARIMUNDO – Pois bem... eu menti... nosso filho vive!...

ÚRSULA – Meu filho!...

CLARIMUNDO – Castigo de Deus! tu lhe cavaste a perdição... procuraste perverter-lhe a esposa... armaste contra ele com o teu dinheiro a perversidade de teu irmão...

ÚRSULA – Adriano!... meu filho!...

CLARIMUNDO – Castigo de Deus! é completa a ruína de nosso filho, e hoje, atraído por Fábio, perseguido pelos credores, já suspeito de um crime... a prisão... a desonra.

ÚRSULA – Oh! é falso! é impossível! inda há pouco ele estava aqui...

CLARIMUNDO – Sim e foi escapar à perseguição que o ameaçava aqui mesmo...

ÚRSULA – E tu que és seu pai... e tu?...

CLARIMUNDO – Não te disseram que estou pobre? ...

ÚRSULA – Oh! tanto melhor! eu ainda sou rica... eu somente o salvarei! onde está meu filho?... onde está?...

CLARIMUNDO – Úrsula! os compromissos são enormes...

ÚRSULA – Não excederão ao que possuo... e Adriano é meu filho... é... eu o sinto no coração... e tu não sabes talvez... mas tenho um sinal para reconhecê-lo... onde está ele?... depressa... eu quero ter a dita de salvar meu filho!...

CLARIMUNDO – Úrsula!... serás capaz de tão grande sacrifício?...

ÚRSULA – Tudo... tudo... tudo... e não é sacrifício... é glória... depressa...

CLARIMUNDO – Deus negou-te essa consolação: sou mais rico do que tu, Adriano está salvo.

ÚRSULA – Ah!... embora!... abençoado sejas!... abençoado em nome de meu filho...

ADRIANO (Batendo devagar) – José... abre, José!

ÚRSULA (Querendo correr.) – Meu...

CLARIMUNDO (Detendo-a.) – Contenha-se: Adriano sabe já que sou seu pai, mas deve ignorar quem é sua mãe, até que Helena esteja livre de perigo. (Em meia voz.)

ÚRSULA (Abatendo-se.) – Ah!

ADRIANO (Batendo devagar) – José... José...

CLARIMUNDO – É preciso mesmo que ele a não encontre ao lado de Helena: profundamente ressentido da mais vil perfídia de Fábio, volta sem dúvida suspeitoso... desabrido... e seria cruel para todos nós... e sobretudo para ti... Úrsula.

ÚRSULA – Meu Deus!... meu filho me aborrece...

ADRIANO (Dentro.) – Quem fala aí?... José! abre.

CLARIMUNDO – Confia em mim, Úrsula: entra neste gabinete e espera-me.

ÚRSULA – Tenha compaixão da mãe de seu filho. (Entra no gabinete.)

CENA XII

CLARIMUNDO, que abre a porta, e ADRIANO.

ADRIANO – Meu pai! e Helena?

CLARIMUNDO – Não há novidade.

ADRIANO – Ah!... (Respirando.) mas quando cheguei à porta do quarto antes de sair, estava lá d^a. Úrsula... já se retirou?...

CLARIMUNDO (Afastando-o do gabinete.) – Fala baixo: porque o perguntas?...

ADRIANO – Eu não quero a irmã de Fábio junto de minha mulher.

CLARIMUNDO – Mais baixo: que sabes de d^a. Úrsula?

ADRIANO – Acabo de abrir os olhos... fui indignamente comprometido e atraído por Fábio; não creio que essa mulher seja alheia...

CLARIMUNDO – Simples desconfiança... eu também desconfiei; mas reconheci que fui injusto. D^a. Úrsula está inocente; deves respeitá-la.

ADRIANO – É irmã de Fábio: rogar-lhe-ei o favor...

CLARIMUNDO – Adriano... quero que ames e veneres essa senhora...

ADRIANO – Oh! mas é impossível!... meu pai... ela deve sair da minha casa.

CLARIMUNDO – Silêncio! És capaz de dominar-te para obedecer-me?...

ADRIANO – Meu pai...

CLARIMUNDO – Tu não podes fechar a porta de tua casa a d^a. Úrsula... debes respeitá-la e amá-la, porque... silêncio... domina-te... ela é tua mãe... (Em voz muito baixa.)

ADRIANO – Oh!... minha... (Grande comoção.)

CLARIMUNDO – Silêncio! Há vinte e seis anos que eu a fiz acreditar na tua morte... agora escuta: as emoções do reconhecimento da mãe e do filho poderiam ser fatais a Helena; tu, Adriano, domina-te: filho do amor misterioso, não podes ser o primeiro a romper o segredo do teu nascimento, envergonhando tua mãe e abatendo-a na sociedade. Espera que Úrsula fale... é o seu dever de mãe, e o seu direito de senhora....

ADRIANO (Com esforço.) – Obedecerei... ela porém... (Com doçura.) minha mãe já sabe... que eu sou seu filho?...

CLARIMUNDO (Pronto.) – Não... e portanto bem vêes que não podes... oh! sinto rumor lá dentro...

ADRIANO – Eu vou..

CLARIMUNDO – Espera a ordem do médico: o rumor não é de aflição... foi Helena que despertou... eu volto para levar-te. (Vai-se.)

ADRIANO – Meu Deus...

CENA XIII

ADRIANO e logo ÚRSULA.

ADRIANO (Aflito segue Clarimundo até à porta e volta a um sinal deste, passeia agitado; Úrsula sai, hesitando, do gabinete; silêncio de ambos... luta íntima... Úrsula quer ir-se e volta... olham-se, tremem, ânsia de ambos: não podem mais conter-se, atiram-se um ao outro.)

ÚRSULA (Grito abafado.) – Meu filho!...

ADRIANO (O mesmo.) – Minha mãe!... (Abraçam-se.)

ÚRSULA (Abre a camisa de Adriano e examina o peito esquerdo.) – Oh!... é meu filho! é meu filho!... (Abraçam-se: pranto de ambos.)

CENA XIV

ADRIANO, ÚRSULA e CLARIMUNDO.

CLARIMUNDO – Helena despertou... o doutor está rindo-se... ah! e os senhores aqui fora faltavam-me ambos à palavra!...

ADRIANO – Que felicidade meu pai!

ÚRSULA – Que seja completa! oh Clarimundo! dá-me o pai de meu filho para que eu o apresente a todos!

CENA XV

ADRIANO, ÚRSULA, CLARIMUNDO, DR. GONÇALVES e logo HELENA, pálida, cabelos soltos e vestida de branco.

GONÇALVES – Parabéns! a moléstia revelou doce glória! a doente é uma esposa abençoada por Deus; e o marido, se foi leviano como dizem, tem o perdão pela dita, e vai em breves meses ser preso por mais um laço!...

ADRIANO (Correndo.) – Oh, minha Helena!... minha Helena!...

HELENA (Aparecendo à porta e abrindo os braços.) – Adriano!... meu marido!...

ADRIANO (De joelhos.) – Anjo de amor! de perdão! anjo de bem-aventurança na terra!

CENA XVI

ADRIANO, ÚRSULA, CLARIMUNDO, DR. GONÇALVES, HELENA e CINCINATO.

CINCINATO – Tudo feito! perdão, minhas senhoras... mas eu que por aqui arranjam-se as coisas ainda melhor, do que eu as arranjei lá fora!...

CLARIMUNDO – O doutor fica sendo um amigo da família; Cincinato já o é; saibam pois o que em breve saberá a sociedade: Minha Helena! abraça o pai e a mãe de teu marido!...

HELENA – Ah! como sou feliz!... (Abraçam-se os quatro.)

CINCINATO – Por esta não esperava eu!... mas eis aí como pode ter sua poesia um casamento de velhos... que disse eu?... perdão minha senhora, isto é só com o noivo!

ÚRSULA (Apresentando Helena e Adriano.) – Meu filho! adora-a!... Helena é santa... (Adriano abraça Helena.)

CINCINATO – Se o é!... (Comovido.) Este milagre Deus fez só por ela!... (Soluçando.) Estou fora do meu elemento... declaro-me enternecido e fica declarado: Cincinato Quebra-louça... assinado... por cima de estampilha.

ROMANCE DE UMA VELHA

COMÉDIA EM CINCO ATOS

PERSONAGENS

VIOLANTE
CLEMÊNCIA
IRENE
ACROBATA
BRAZ
CASIMIRO
MÁRIO

PORFÍRIO
AUGUSTO
LEOPOLDO
POLIDORO
LAURIANO
TIMÓTEO
Criado

Multidão – concurso de senhoras e cavalheiros.

A ação da comédia se passa na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1869.

ATO I

Chácara em um dos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro: Jardim espaçoso, que parece estender-se para o lado direito, onde fica em meio elegante casa, de que aparece a varanda de colunas e com escada para o jardim; ao lado esquerdo, gradil e portão de ferro, que abre para a rua; bancos de relva; perto do portão, cadeiras rústicas.

CENA I

VIOLANTE, em luto aliviado trajando decentemente, mas fora da moda, e trazendo touca a antiga e óculos fixos; BRAZ, vestido com igual decência, mas sem pretensões a elegância. Vem ambos conversando para o lado do portão; logo depois CASIMIRO, no maior apuro da moda, de luvas e bengalinha, desce da varanda.

VIOLANTE – No outro tempo não era assim! por fim de contas tudo está mudado.

BRAZ – Tudo, madrinha; e para no-lo provar basta um espelho et coetera. (Sentam-se) Como Casimiro vem chic!

VIOLANTE (A Casimiro e depois de benzer-se) Estás de ponto em branco, e trazes uma gravatinha que te assenta, como a minha touca assenta-ria na cabeça de tua filha.

CASIMIRO – Vou dar um curto passeio e volto já para tomar café.

VIOLANTE – Vais ver a nossa vizinha? para velho tens bom gosto; mas Deus te perdoe a intenção.

BRAZ – Não apoquente o rapaz, madrinha! anda, Casimiro, aproveita a mocidade.

CASIMIRO – Também tu?...

BRAZ – Defendo a nossa causa; nascemos no mesmo ano, quando o Brasil subiu a reino, descemos ou nos fizeram descer para este vale de lágrimas: 1815! meio século e mais quatro anos só! é a estação das flores! Vai ver a bela vizinha, rapaz.

VIOLANTE – Por fim de contas das três uma: ou namoras por vaidade, ou queres casar, ou pretendes seduzir.

CASIMIRO – Escolha à sua vontade qualquer das hipóteses.

BRAZ – Que suave condescendência! ouviu, madrinha? ele está por tudo; aceita a linda vizinha em todas as hipóteses.

VIOLANTE – Se namoras por vaidade, cais em cheio no grotesco: um velho namorando uma menina, o inverno rendendo finezas à primavera, é como...

BRAZ – É como um general brincando com bonecas, e um frade barbadinho dançando a polca... entretenimentos inocentes...

CASIMIRO – Então casa-me?

VIOLANTE – Viúvo, com dois filhos, e tendo cinqüenta e quatro anos, se casasses com uma menina de dezoito, merecerias que a própria noiva no fim de poucos meses te desse de palmatória.

BRAZ – Et coetera, madrinha, et coetera.

CASIMIRO – Resta a sedução: arvore-me em Fanblau ou em Casanova.

VIOLANTE – É nos casavelhas que a sedução se mostra mais perversa e imperdoável. Por fim de contas, Casimiro, toma cuidado: quem tem telhado de vidro, não atira pedradas.

CASIMIRO – Não a entendo.

BRAZ – Nem pode entender: pois se a madrinha está falando em português!

VIOLANTE – Lembra-te de Clemência, que também é donzela e pobre.

CASIMIRO – Mas, graças a meus desvelos, perfeitamente educada. É capaz de pô-lo em dúvida?

VIOLANTE – Sou.

BRAZ – Magnífico!

CASIMIRO – E esta? Violante, você é a mais impertinente das velhas.

VIOLANTE – Clemência é boa menina por dotes que deve à natureza; tu, porém, deste-lhe uma educação que faz pena; preparaste nela uma boneca e não uma senhora, um atavio de sociedades e não um tesouro do lar doméstico; não a ornaste, afeitaste-a; e por fim de contas tomaste-a jóia falsa, resplendendo por fora, como diamante, e valor intrínseco nulo. Nem ao menos a ensinaste a amar a Deus; mas, em compensação, ela parece amar o próximo desesperadamente.

CASIMIRO – Que quer dizer, Violante?

VIOLANTE – Clemência aceita a corte de quantos lha querem fazer, e sorri a todos os mancebos; é verdade que por fim de contas ela tem bonitos dentes.

CASIMIRO – Minha filha sabe ser agradável sem comprometer-se.

VIOLANTE – Cumpria que fosse mais recatada. As donzelas devem ser como as flores cultivadas em estufas.

CASIMIRO – Para irmãs de caridade? nós cultivamos essas flores ao ar livre da boa sociedade. Você é um anacronismo vivo: quer que tudo se passe como no tempo do rei.

VIOLANTE – Se dirigiu mal a filha, ao filho muito pior.

CASIMIRO – Vamos lá: que acha em Mário?

VIOLANTE – É um vadio: está abandonado à mãe dos vícios, à ociosidade; aos vinte e três anos de idade Mário só se ocupa de andar trocando as pernas.

CASIMIRO – Há um ano que me empenho por obter para ele um emprego no tesouro ou na alfândega; isso, porém, hoje é tão difícil!

VIOLANTE – O irmão da vizinha não é empregado público e sustenta a mãe e a irmã com o seu trabalho.

BRAZ - Mas não tem a honra de sentar-se à mesa do orçamento; é um original que com a vacina do trabalho independente preservou-se da emprego mania. Casimiro é sábio. Mário deve andar trocando as pernas até que o governo lhe dê, à custa do Estado, um par de muletas.

CASIMIRO – Não os posso sofrer mais: vocês entendem-se admiravelmente: nasceram um para o outro: foi pena não se terem casado... Vejam se ainda é tempo.

VIOLANTE – Antes uma boa morte.

BRAZ – De acordo, madrinha. (Casimiro sai pelo portão).

CENA II

VIOLANTE e BRAZ.

VIOLANTE – Por fim de contas no meu tempo não era assim.

BRAZ – A madrinha dá forte e rijo, mas há de cansar. Casimiro é incorrigível, e nesta casa toda a família padece, porque a cabeça desatina: eu já cansei de ralhar; a madrinha também há de cansar.

VIOLANTE – Não hei de; sou teimosa, cumpro meu dever, e agora tenho privilégio.

BRAZ – Privilégio? para ralhar?

VIOLANTE – Sim; enquanto fui pobre, se tivesse vindo morar com eles, creio que seria bem tratada; mas a campanha das minhas censuras acabaria por aborrecê-los, e eu me curvaria à imposição de silêncio; prudente, deixei-me sempre na companhia do meu bom tio e padrinho, e hoje, e desde quatro

meses rica herdeira de quinhentos contos de réis por morte desse meu segundo pai, são eles, meu irmão e sobrinhos, que moram comigo, e a velha celibatária elevou-se a irmã e tia veneranda com direito de dizer tudo quanto lhe vier à cabeça.

BRAZ – Anda por aí boa dose de injustiça: Casimiro e seus filhos nunca a esqueceram nem a desamaram.

VIOLANTE – Agora, porém, adoram-me... por fim de contas...

BRAZ – Alto lá, madrinha! fui triste enjeitado que seus pais adotaram e educaram, e a lembrança do benefício não me permite ouvir levantar aleives ao filho e aos netos de meus pais de adoção: são uns cabeças de vento, mas corações de ouro sem liga.

VIOLANTE – Sabes que os amo; não confio porém no juízo deles, e a prova é que não foi a Casimiro, e sim a ti que entreguei a administração dos meus bens e a guarda da minha riqueza.

BRAZ – Deus sabe se teve razão: só o futuro lhe poderá dizer que imenso miolo de hipocrisia e de egoísmo se esconde por baixo desta bonita casca fisionômica.

VIOLANTE – Por fim de contas farei a experiência.

BRAZ – Pois que me preferiu a seu irmão legítimo, que é um velho gaiteiro, mas homem honrado, merecia que, em minha qualidade de procura-dor de causas, eu aproveitasse na administração da sua fortuna a lição do epigrama de Bocage. Ah! mal pensa no que fez e ao que se expôs! a madrinha não sabe o que vai pelo mundo; a falta de dinheiro tem desenfreado a sagrada fome, sacra fames auri, que é coisa nunca vista; olhe há uma epidemia de pouca vergonha, um frenesi de viver à custa alheia, uma choleramorbis de velhacaria et coetera, et coetera, que a cidade do Rio de Janeiro está cheia de... et coetera, madrinha, et coetera.

VIOLANTE – Pões-me tonta.

BRAZ – E é para tontear! quero dizer que em caso de epidemia ninguém é atacado por sua vontade: as gentes não são de ferro, e a madrinha, confiando-me a gerência da sua riqueza, expôs-me cruelmente ao contágio epidêmico.

VIOLANTE – Tens língua de serpente, Braz; mas fala-me sério: o mundo chegou de veras a tanta baixeza?

BRAZ – Sim, madrinha; o mundo subiu a essas alturas.

VIOLANTE – Santo Breve! no meu tempo não era assim.

BRAZ – Era; cada época tem suas moléstias sociais; no nosso tempo de outrora havia deformidades que horrorizavam; o meu tempo de hoje é outra coisa: é uma estragação que faz gosto! à parte a epidemia reinante, de que há pouco falei, brilham os costumes com todo o esplendor da lua da civilização em quarto minguate e com todo o impulso do progresso em andar de caranguejo.

VIOLANTE – Por fim de contas...

BRAZ – As idades se confundem: salvas as exceções importunas, os meninos vão para a escola pendurados em grandes charutos, e marcam as lições com as cartinhas das namoradas; os jovens fumam ao lasquet, instruem-se no alcazar, e ceiam em colégios noturnos; os velhos agarram-se à mocidade postiça e no furor de remoçar tropeçam no ridículo e jogam as cambalhotas, como na infância; é o mundo às avessas: não acha que tem sua graça?

VIOLANTE – E as senhoras?

BRAZ – São invioláveis e sagradas; para mim elas fulguram pela irresponsabilidade. Não tenho notícia de costumes censuráveis, de educação falsa, e de erros de senhoras, que não provenham da influência masculina; na vida social os homens fazem-se, as senhoras são feitas; por consequência, pecado de senhora, penitência ao homem. Mas... não atassalhem a sociedade: eu gosto de dar à língua; porém, a justiça deve começar por casa: a madrinha quer cortar na pele dos seus parentes?

VIOLANTE – É o teu ofício: mãos a obra!

BRAZ – Que tem que dizer de Casimiro? estaria rico, se não fosse esbanjador; mas que quer? há duas paixões em moda: é pecar no sexto e ainda em outro dos mandamentos da lei de Deus, e é regra de bom gosto que, quanto mais velho, mais pecador. Como Casimiro há tantos!...

VIOLANTE – É desmoralização! aqueles que deviam ensinar com o seu exemplo...

BRAZ – E ensinam, a pecar pelo menos. Mário não cuida em outra coisa: namora, joga, extravagância, e disse: não; faz mais: passeia em cavalo de raça que é a ocupação das suas horas vagas.

VIOLANTE – E Clemência?

BRAZ – Inviolável e sagrada; para que lhe deram o nome de Clemência? não tem culpa de ser muito clemente; asseguram-lhe todos que é formosa; ora, o trabalho e a fadiga são nocivos à formosura, e, portanto, ela passa os dias a limpar e a delgaçar as unhas que usa crescidas, como a imperatriz da China; o pai se ufana de vê-la realçar-se nas sociedades; é lógico pois que ela despenda com vestidos e enfeites muito mais do que o vaidoso está no caso de gastar com a filha. Eu não vejo que censurar em Clemência.

VIOLANTE – Hás de repetir tudo isso diante deles.

BRAZ – Seria a milésima edição de uma obra, de que não se tivesse vendido um só exemplar das novecentas e noventa e nove; mas vire agora a folha e leia no verso: Casimiro é um negociante modesto, porém honradíssimo; Mário é generoso e sensível; Clemência é honesta, paciente e de ótimo caráter na vida doméstica; são três anjos pelos corações que parecem três diabos pela falta de juízo.

VIOLANTE – Por isso ralharei até rebentar ou corrigi-los.

BRAZ – Tratarei de preparar o meu luto; porque a madrinha rebenta.

VIOLANTE – Braz, é deles que hoje me preocupo; há na vida três idades: a idade em que se vive pelos outros, a idade em que se vive com os outros, a idade em que se vive para os outros; estou nesta última: aos sessenta e dois anos chegaram-me as nozes, quando já não tenho dentes; a minha riqueza é apenas um depósito, pertencerá a vocês mais tarde.

BRAZ – Que tentação! madrinha, não repita isso, que faz calafrios... as cócegas da herança são capazes de fazer-me ir conversar com algum químico sem consciência.

VIOLANTE – Ainda não fiz testamento.

BRAZ – É o que lhe vale: declaro-me inofensivo provisoriamente.

VIOLANTE – O gracejo é de mau gosto.

BRAZ – Gracejo! o caso é muito sério e os dois animais mais sérios deste mundo são o burro e o dinheiro; creio que foi por isso que se chamou burra a arca pecuniária.

VIOLANTE (Vendo Clemência.) – Até que enfim.

CENA III

VIOLANTE, BRAZ e CLEMÊNCIA, vestida com exageração da moda.

BRAZ – Amanheceu.

CLEMÊNCIA – Engana-se; a hora é quase do crepúsculo da tarde. (Chega ao portão.)

BRAZ – Segue-se que me enganei na hora; mas não me enganei com o Sol: sinto que o crepúsculo preceda apenas ao ocaso.

CLEMÊNCIA – Não se aflija; há sóis que brilham também de noite. (Senta-se.)

VIOLANTE – Modéstia até aí! Clemência, o Braz está se divertindo contigo: tu mesma, se te julgasses formosa, como o Sol, não levarias tanto tempo a enfeitar-te diante do espelho.

CLEMÊNCIA – Que erro! só as feias fogem do espelho. O toucador tem encantos!... é claro que não falo de mim; quando, porém, uma moça bela e gentil, em pé, defronte do espelho, se embevece, contemplando a sua imagem, ao mesmo tempo que com suave e preguiçoso pente alisa as ondas de seus formosos cabelos, e admira o contraste da negrura deles com o marfim de seus ombros magníficos, e sorri de indizível satisfação que ainda se exalta com o reflexo da graça do seu riso, do mimo da sua boca, da brancura e pureza de seus dentes, da flama celeste, irresistível do seu olhar... é claro que não falo de mim... criatura feliz, privilegiada, rainha de corações... oh! o tempo corre e ela o não sente... as horas passam no gozo do êxtase... da bem aventurança da consciência...oh! o espelho é tão doce!... tão embriagador!... tão feiticeiro!... titia, às vezes eu fico aí presa manhãs... tardes inteiras...

BRAZ – É claro que ela não fala de si.

CLEMÊNCIA – Só conheço um enlevo igual a esse.

VIOLANTE – Juro que não será ocupação séria.

CLEMÊNCIA – É o baile, titia.

BRAZ – Ao menos é expansiva e franca: então o baile...

CLEMÊNCIA – É a festa do amor e o triunfo da beleza; o baile é a liça ruidosa e fulgurante das senhoras que se disputam a primazia, combatendo-se com os olhos, com os sorrisos, com as graças do semblante, com a gentileza do corpo, o

espírito e as prendas, com os brilhantes que ofuscam, com o bouquet, com o leque delicado que perguntam e respondem, e então... a mais bela... não falo de mim, repito; a mais bela suspira surpreendida pelo fim da noite que voara, e em que ela esquecera o passado, e não pensara no futuro excitada pela música, arrebatada pela valsa, embriagada de incensos, aturdida de elogios, soberana de escravos, ídolo de admirações, ensurdecida pelos hinos, e feliz, imensamente feliz, porque a luz da sua beleza resplandeceu como a flama do incêndio, deixando o fogo em vinte ou mais corações...

VIOLANTE – Misericórdia! por fim de contas no meu tempo não era assim.

CLEMÊNCIA – Era, titia; ou no seu tempo não havia moças.

BRAZ – Mas em último caso o que dá de si o baile?

CLEMÊNCIA – Dá antes de tudo o gozo do que chamam vaidade, que é a poesia da vida da moça bela e gentil. A vaidade! falem de nós os senhores que morrem por comendas, títulos, grandezas, e que põem em guerra a humanidade para serem ministros de estado só pelo gosto de trazerem ordenanças atrás dos carros: a vaidade! que seja vaidade; a nossa é menos nociva.

BRAZ – Concordo, menina, concordo, palavra de honra; mas além da satisfação da vaidade...

CLEMÊNCIA – No baile a mulher procura, e acha, ou pode achar a realização da sua única esperança de futuro, o amor, e pelo amor um marido apaixonado...

BRAZ – Bravo! um amor violento, porque desenfreia na valsa, suave, porque engoma contradanças, e cheio de fogo, porque recorre aos sorvetes, que nunca faltam no baile!

VIOLANTE – Amor e marido apaixonado a compasso de música! não de ser bons: prefiro o meu tempo, em que as donzelas se casavam pelo juízo dos pais; hoje em dia as moças casam-se pelo cálculo dos noivos, quando são ricas, ou por vento de felicidade rara, quando Deus permite.

CLEMÊNCIA – Que blasfêmia! é duvidar do poder da beleza, e descrer a influência dos anjos humanos.

BRAZ – Pois eu digo que a madrinha tem razão; a civilização e o progresso material mataram o amor, pelo menos na cidade do Rio de Janeiro; perdão... eu vou demonstrá-lo. O amor é uma espécie de sistema representativo, porque sem oposição degenera em água morna; o amor vive de desejos contrariados, de esperanças duvidosas, de saudades agrídoces; tem o seu encanto no

mistério, a sua força nos obstáculos, o seu brilho na adversidade; adora o segredo das negociações pendentes, como um ministro dos negócios estrangeiros; maldiz da luz e da publicidade, como um chefe de polícia, e salta por cima do direito e das leis, quando isso lhe faz conta, como o poder executivo.

CLEMÊNCIA – E depois disso...

BRAZ – A civilização e o progresso acabaram com todos esses elementos da vida do amor; para a saudade não há mais distâncias separadoras, por causa das estradas de ferro; o doce mistério de uma cartinha amorosa não se observa mais: os namorados vão ao Jornal do Commercio e escrevem para todos lerem: “C... Adoro-te sempre; hoje à tarde espera-me à janela, e me verás passar no meu cavalo baio; guarda-me a primeira valsa no baile do barão; não quero que dances com o moço de bigodes: teu louco apaixonado... E.” Já vê? o amor caiu na publicidade dos anúncios a seis vinténs por linha, e manifesta-se a pataca e meia.

CLEMÊNCIA – Está gracejando...

BRAZ – Dantes os lampiões a azeite deixavam à noite recantos escuros, onde o amante esperava ansioso o recado ou a resposta da amada; hoje veio a iluminação a gás e dissipou as sombras amigas; dantes os pais escondiam as filhas, e alguns minutos de confiança secreta eram raros favores devidos à astúcia ou ao acaso; hoje um moço e uma moça tratam do que chamam de amor, em casa, no baile, no teatro, no passeio, sem cuidados, nem cerimônias, e exatamente como dois agiotas que na praça do comércio ajustam ações de uma empresa, de que eles próprios desconfiam; por conseqüência...

CLEMÊNCIA – Há de ser curiosa a conclusão!

BRAZ – Por conseqüência o amor, o verdadeiro amor, privado dos seus elementos de vida e de estímulo, desertou, fugiu para longe da cidade do Rio de Janeiro, onde tomou-lhe o lugar o cálculo enfeitado pela cortesia; não há mais amantes, há calculistas; não há mais amadas, há calculadas.

CLEMÊNCIA – Então... atualmente o amor...

BRAZ – É uma operação de aritmética.

CLEMÊNCIA – A beleza, as graças, o merecimento de uma senhora....

BRAZ – São agradáveis orações incidentes no período gramatical do casamento.

CLEMÊNCIA – E a oração principal?

BRAZ – O dinheiro: prova irrecusável; o Sol tem já vinte anos de idade, e ainda não conseguiu casar.

CLEMÊNCIA – Porque ainda não quis escolher.

BRAZ – Pois escolha, e se alguma lua minguante com um dote avultado lhe disputar o escolhido, verá que, apesar da luz do Sol, fica solteira.

CLEMÊNCIA – O senhor calunia a sociedade e ofende a formosura; titia, freqüente comigo os bailes e o teatro, e verá o desmentido eloqüente. .

VIOLANTE – Não... não... perguntariam e saberiam quem sou... e chegariam ao conhecimento da minha herança de quinhentos contos de réis...

CLEMÊNCIA – Que importa isso?

VIOLANTE – Não quero expor-me a roubar-te os namorados.

CLEMÊNCIA (Desatando a rir) – Ah! ah! ah!

BRAZ – Não ria; juro que a madrinha seria sua rival preferida por muitos.

CLEMÊNCIA (Rindo-se mais.) – Ah! ah! ah!...

BRAZ – Preferida, mostrando-se mesmo de touca e óculos, como está.

CLEMÊNCIA (Rindo cada vez mais.) – Ah! ah! ah!

VIOLANTE – Estás me provocando!

CLEMÊNCIA – Que extravagante idéia!

BRAZ – Caso de aposta...

VIOLANTE – Braz...se não fosse o ridículo!

BRAZ – Vale a pena pela lição.

VIOLANTE – Aposto.

BRAZ – Designe o seu mais ardente apaixonado! (A Clemência.)

CLEMÊNCIA – Um é pouco: designarei... (Pensando.) três, não bastam?

VIOLANTE – Que batalhão tem ela!

CLEMÊNCIA – E quem perder a aposta?

VIOLANTE – Recolher-se-á ao convento d’Ajuda por dois anos; eu farei todas as despesas perca quem perder.

CLEMÊNCIA – Aceito, reservando-me o direito de perdoar.

BRAZ (Pondo a mão no ombro de Clemência.) – Coitada da recolhida!

CENA IV

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA e MÁRIO.

MÁRIO – Titia! (Beija a mão a Violante.) – Senhor Braz! (Aperta a mão de Braz.)

CLEMÊNCIA – Vens de má cara. (Aperta-lhe a mão.)

MÁRIO – Fui a um almoço dado à Ristori; antes lá não fosse, éramos trinta os festejadores do gênio... e dos trinta vinte e nove titulares, comendadores, ou filhos de barões e viscondes, de homens altamente condecorados... a única exceção fui eu...

BRAZ – Desataste a chorar.

MÁRIO – Eu tenho idéias... declarei-me republicano; era um recurso...

BRAZ – E chamam tolo ao Mário!

MÁRIO – Tolo?... mas isto não deve continuar assim; é indispensável que nos enobrecemos, para que eu não torne a ser exceção, e para que Clemência case com algum titular, ou pelo menos capitalista rico.

CLEMÊNCIA – Obrigada; não preciso...

VIOLANTE – Como porém se há de improvisar a tua nobreza, cabeça de vento? nossa família foi sempre honrada, mas nem de longe tem cheiro de fidalguia; meu avô foi alfaiate, e com fama de boa tesoura...

MÁRIO – Ninguém mais se lembra dele, e a titia, em vez de recordar essa desconsolação, bem podia resolver o problema.

VIOLANTE – Como?

MÁRIO – Que falta lhe fazem dez ou doze contos de réis? com eles dados ao tesouro meu pai ficava em quinze dias barão da guerra, ou barão do hospício...

BRAZ – Mas o teu republicanismo?

MÁRIO – Deixei-o no almoço; a titia há de pensar na hipótese; agora tenho outros cuidados. Clemência, é imprescindível que eu depene o jardim... preciso de um cesto de flores... consentes?

CLEMÊNCIA – Que há?

MÁRIO – Uma atrocidade. Certa súcia, indigna quadrilha de perversos, pretende esta noite patear a mais bonita dançarina do alcaçar; é verdade que ela dança horrivelmente; mas é o mesmo: os habitués de bom gosto vão defendê-la, e haverá chuva de flores, e tempestade de murraças; não posso faltar.

CLEMÊNCIA – É parvoíce e escândalo brigar por semelhante gente.

MÁRIO – Não é da tua conta; quero um cesto de flores.

VIOLANTE – Não hás de ir.

MÁRIO – Hei de, titia; é ponto de honra. Clemência, manda depenar o jardim... dois cestos não serão demais... até já... vou ver Hipogrifo...

CENA V

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, MÁRIO (que ia sair e volta), CASIMIRO, IRENE e LAURIANO; logo depois criado que traz o café, de que todos se servem.

BRAZ (A Mário) – Não vais ver o Hipogrifo?

MÁRIO (A Braz) – Esta moça é até capaz de fazer-me esquecer o meu cavalo.

CASIMIRO – Trago para o jardim a rainha das flores. (Cumprimentos de todos.)

MÁRIO (A Lauriano) – Disseram-me que o folhetim da Reforma sobre as últimas corridas do Prado saiu da sua pena?

LAURIANO (A Mário) – Um rude ensaio... não entendo da matéria... desculpe o folhetim.

MÁRIO (A Lauriano) – Ao contrário, admirável! obrigadíssimo por Hipogrifo!

CLEMÊNCIA (A Lauriano) – Li o seu folhetim, e gostei muito; obrigada por Mário.

CASIMIRO (A Irene) – Espanta-me que eles possam pensar em outra coisa que não seja a sua formosura!

IRENE (A Casimiro) – O senhor teima em zombar de mim. (Trocando um olhar com Mário.)

VIOLANTE (A Braz) – Braz, no meu tempo não era assim; por fim de contas olha a cara desfrutável de Casimiro.

BRAZ (A Violante) – No seu tempo não era assim; mas era de outro modo, que vinha a dar na mesma coisa.

CLEMÊNCIA (Levando Irene pelo braço) – D^a. Irene, você passa a noite conosco?

IRENE (A Clemência) – Não posso; Lauriano tem trabalho urgente, e minha mãe não permite que eu fique sem ele.

CLEMÊNCIA (A Irene) – Além da felicidade da sua companhia, só você, ficando conosco, poderia conseguir obstar uma grande imprudência...

IRENE (A Clemência) – Qual?

CASIMIRO (Indo a Irene) – Protesto contra o monopólio; Clemência não tem o direito de usurpar-nos d^a. Irene. (Traz Irene a sentar-se e conversa com ela.)

MÁRIO (A Braz) – Não acha que meu pai está caindo no ridículo? (A Lauriano) Magnífico folhetim! venha amanhã à tarde visitar Hipogrifo.

CLEMÊNCIA (A Lauriano) – Dá-nos a sua companhia esta noite? esperamos algumas famílias amigas: o seu sacrifício será mais suave.

LAURIANO (A Clemência) – As famílias que espera serão por certo muito amáveis; mas só por quem tão cativadora me fala o sacrifício é não poder ficar.

CLEMÊNCIA (A Lauriano) – Sei que trabalha assíduo, e que hoje tem apressada tarefa, mas eu sou egoísta, e apraz-me experimentar o que mereço; demore-se aqui até a meia-noite, ainda que depois trabalhe até o romper da aurora.

LAURIANO (A Clemência) – Se eu chegasse a acreditar que o deseja!

CLEMÊNCIA (A Lauriano) – Gosto de ser déspota: ordeno.

LAURIANO (A Clemência) – E o escravo obedecerá feliz.

VIOLANTE (A Braz) – O que observo me põe a cabeça à roda. (A to-dos.) É quase noite... porque não entramos?... (Levantam-se todos.)

CLEMÊNCIA (A Irene) – Seu irmão fica; é necessário que Mário não nos deixe, esta noite haverá desordem no alcaçar, e ele quer ir...

IRENE (A Clemência) – Desordem... no alcaçar?... pois não há sempre?... (A Mário) Quando há novas corridas, sr. Mário?

MÁRIO – Daqui a dois meses... V. Ex. irá ao Prado?

IRENE – Desejo muito; Lauriano prometeu levar-me.

MÁRIO – Sublimizarei Hipogrifo...

IRENE (Mais baixo) – Sinto-me ditosa, porque vou passar a noite em sua casa...

MÁRIO (A Irene) – Logo esta noite... quando um ponto de honra me aparta...

IRENE (A Mário) – Ah!... perdão... não ousou pedir-lhe a preferência de algumas horas que me aditariam... sei bem que pouco valho...

CASIMIRO (A Braz) – Mário tem tomado uns modos tão inconvenientes que começa a desagradar-me... não reparas!

BRAZ (A Casimiro) – Estou vendo... é claro que ele gosta da vizinha; pendor da família!

IRENE (A Mário) – Se eu tivesse poder sobre o senhor, exigiria que ficasse...

MÁRIO (A Irene) – Exige de um soldado a deserção na hora da batalha! esperam-me, d^a. Irene; palavra de honra que contam comigo...

CASIMIRO – Não vais hoje ao alcaçar, Mário?

MÁRIO (A Braz) – Já viu esta?... (Alto.) Não, senhor; hoje passo a noite em casa: meu pai quer o meu bilhete?...

CASIMIRO – Esqueces que hoje a noite é de recepção, adoidado?

MÁRIO – Ah! é verdade! mais uma razão para que eu não saia de casa.

VIOLANTE (A Braz) – Braz! Braz! por fim de contas no meu tempo não era assim.

(Vão-se todos para a casa; Braz conduz Violante, Lauriano acompanha Clemência. Mário apodera-se de Irene, Casimiro de mau modo segue perto destes dois.)

ATO II

Passeio Público do Rio de Janeiro: ao fundo, o Outeiro dos Jacarés, tendo aos lados as escadas que dão subida para a varanda; nos planos até a frente, quanto se puder aproveitar, copiando o sítio.

CENA I

VIOLANTE e BRAZ, CLEMÊNCIA e AUGUSTO, CASIMIRO e PORFÍRIO; até o fim do ato, concurso de passeadores de ambos os sexos.

VIOLANTE – Quero descansar aqui por alguns minutos.

CASIMIRO – Liberdade plena; subo com Porfírio ao terraço... gosto muito da vista da barra. (Segue com Porfírio.)

CLEMÊNCIA – Eu vou com o sr. doutor até a ponte rústica. (Segue com Augusto.)

BRAZ – Cuidado não caia, d^a. Clemência: o corrimão da ponte está meio estragado.

AUGUSTO (A Clemência) – Aquilo é comigo.

CENA II

VIOLANTE sentada, BRAZ em pé

BRAZ – Aquele sujeito que acompanha Clemência é um dos três namorados da aposta.

VIOLANTE – Teimas em querer envolver-me em semelhante embrulhada?

BRAZ – A madrinha teve sempre queda para pregar peças; ensaie esta comédia; basta que se finja disposta a casar-se, que se mostre um pouco sensível, que... et coetera... et coetera.

VIOLANTE – Por fim de contas tenho sessenta e dois anos: é inverossímil.

BRAZ – Inverossímil! com quinhentos contos e depois dos cinquenta anos quanto mais velha mais noivos a escolher... pela regra das probabilidades...

VIOLANTE – Mas os três designados amam Clemência, apesar de pobre.

BRAZ – Não amam, namoram: a diferença é enorme.

VIOLANTE – Queres por força que eu me abaixe a parecer velha ridícula e néscia?

BRAZ – Por oito dias só: verá o ensino que daremos e a confusão que irá pela casa.

VIOLANTE – E no fim?

BRAZ – Haverá desengano de tolos e abatimento da vaidosa.

VIOLANTE – Braz, eu não gosto de brincar; quando, porém, me atiro à zombaria é como no tempo em que jogava o entrudo.

BRAZ – E assim é que deve ser; começaremos hoje, e aqui mesmo. (A um homem que passa.) Humilde servo de V. Ex. (Cumprimentam-se.)

VIOLANTE – Quem é?

BRAZ – Um candidato a concordata próxima, ou a falência que deixa inteiro o quebrado: a madrinha não compreende? pois eu lho explico de modo tão lúcido que no fim da explicação ainda menos entenderá.

VIOLANTE – Ora venha mais essa.

BRAZ – Há quebrar, e quebrar; quebrar direito que deixa um homem sem serventia: é o infortúnio de banqueiros e negociantes honrados, a quem prejuízos inevitáveis e os desconcertos de muitos arrastam fatalmente para ruína imerecida: esses são uns patetas, que a sociedade castiga com o menos-cabo, porque ficam pobres; quebrar torto é outra coisa: é uma sorte de equilíbrio, em que o bom ginástico se entorta, fingindo cair para levantar-se mais direito. Entendeu?

VIOLANTE – Vou percebendo, Braz.

BRAZ – Pois é a estes que me refiro; concordata quer dizer a discordância afinada entre o devedor e os credores; falência quer dizer grande sobra realizada pela mágica da rebentação; exemplo: este meu amigo deve à praça mais de quatro mil contos e calcula suavemente com o sacrifício de quinze por cento para consolação dos credores; mas pode crer que ele fica inteiro depois de quebrado, e que por isso a sociedade há de cumprimentá-lo com todo o respeito. (A um velho e uma jovem que passam.) Escravo submisso da excelentíssima!... senhor comendador, sempre a remoçar! (Cumprimentam-se.)

VIOLANTE – A filha deste velho é bem bonita!

BRAZ – Vinte e um anos e sua esposa há dois.

VIOLANTE – Que!

BRAZ – O meu amigo comendador é menos velho do que parece; não lhe pesam os setenta anos que completou há oito dias; o santo homem é um pouco muçulmano: passando às suas quintas núpcias ao desposar aquela moça, nem por isso emendou-se dos costumes antigos; mudou de odalisca há três meses e entretém com prodigioso luxo uma menina de dezesseis anos, comprada à miséria de seus pais. Ah! esquecia-me de prevenir a madrinha que ele conta numerosos e jovens amigos.

VIOLANTE – E a pobre mulher?

BRAZ – Inviolável e sagrada: vive abençoando com ambas as mãos a odalisca, e tem um primo, doutor em medicina, que receita ao velho marido passeios freqüentes e distrações fora de casa.

VIOLANTE – Que língua envenenada!

CENA III

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA e AUGUSTO.

CLEMÊNCIA – A titia já viu o peixe boi?

VIOLANTE – Ainda não: vens apresentar-mo?

CLEMÊNCIA – O sr. Braz pode encarregar-se disso: agora vou ao terraço ver o mar.

AUGUSTO – O mar?... é a imagem da inconstância: não se espelhe no mar. (Vão-se.)

CENA IV

VIOLANTE e BRAZ.

VIOLANTE – E por fim de contas Casimiro como abandona assim a filha?...

BRAZ – Casimiro não abandona, confia a filha; ele tem mais que fazer, e nós também; reparou que Clemência trazia na mão um ramalhetinho de violetas?

VIOLANTE – Reparei...

BRAZ – Pois agora é o dr. Augusto que o traz ao peito.

VIOLANTE – É escandaloso! de dia tão claro!... no meu tempo não era assim.

BRAZ – Já sei: no seu tempo era de noite que se davam os ramalhetes; mas daqui a pouco darei ao dr. Augusto informações da madrinha; creio que logo depois um passeio pelo braço desse cavalheiro lhe fará bem, e... se a madrinha não for peca, o ramalhetinho de violetas será seu.

VIOLANTE – Isso tenta... Braz, penso que começas a desmoralizar-me.

BRAZ – Será uma vitória digna dos seus óculos e da sua touca.

VIOLANTE – Do meu dinheiro, queres dizer.

BRAZ – A palavra tem o seu pudor, disse Lamartine; eu respeito as conveniências. (Vendo passar uma moça.) Olá! temos revolução no jardim! aí vai a Acrobata.

VIOLANTE – Que é a Acrobata?

BRAZ – Uma das vinte desmentidoras da moléstia da época; uma das vinte pestes que dão público testemunho da saúde perfeita da situação econômica. Brada-se por toda parte: “não há dinheiro!” oh! se há! e sobra tanto que as mãos cheias se atira no lenteiro.

VIOLANTE – Como é isso?

BRAZ – Como esta mais dezenove no galarim; carros com parelhas magníficas, cada dia novo e riquíssimo vestido, pérolas, brilhantes, cinqüenta contos por ano multiplicados por vinte mil contos dados ao culto do vício torpe, afora as ceias e orgias, afora a milenária escala da lubricidade, que vai descendo até a ralé da infâmia. E não há dinheiro! mentira; prova da menti-ra: a Acrobata pela vigésima parte.

VIOLANTE – Então... essa desgraçada criatura...

BRAZ – Delírio de solteiros e casados, de rapazes e de velhos; a Acrobata é o tipo da unidade, porque bebe, come, sonha, deseja e exige sempre uma coisa única – dinheiro; dá caridade, porque ama sem exceção e com perfeita indiferença a todos que lhe dão – dinheiro. A Acrobata é um prodígio; madrinha, subamos à varanda, acompanhemos a Acrobata.

CENA V

VIOLANTE, BRAZ, LEOPOLDO e TIMÓTEO.

TIMÓTEO (A Leopoldo) – O peixe boi saiu do lago para conversar com o Braz de Souza.

LEOPOLDO (A Timóteo) – Com efeito, é a velha mais horrível que tenho visto; é uma coruja monumental promovida pelo demônio a velha criatura humana.

BRAZ – Preclaríssimos amigos! (Cumprimentam-se.)

TIMÓTEO – Sr. Braz! minha senhora!

LEOPOLDO – Minha senhora! (A Braz) Como passou de ontem? adivinha-se... perfeitamente ditoso.

BRAZ (Apresentando) – A sra. d^a. Violante, irmã do nosso amigo Casimiro.

TIMÓTEO – Oh! minha senhora... tenho muita honra... (Fala a Violante.)

LEOPOLDO (A Braz) – Mas... é um dragão de feia!

BRAZ (A Leopoldo) – Não me desanimes... estou apaixonado-me; onde a vês, é solteira ainda, e herdou há quatro meses de um tio e padrinho a insignificância de quinhentos contos de réis.

LEOPOLDO (A Braz) – Um! meio milhão! (Olhando) reparando-se bem, não é tão feia, como à primeira vista me pareceu; os óculos e a touca dão-lhe até certa graça...

VIOLANTE – Vamos, Braz. (Cumprimenta aos dois.)

BRAZ (Aos dois) – Até logo. (Indo-se com Violante.) Já deixei um iscado.

VIOLANTE (A Braz) – Quem?

BRAZ (A Violante) – O de pince-nez: é dos três designados por Clemência. (Vai-se com Violante.)

CENA VI

TIMÓTEO e LEOPOLDO.

TIMÓTEO – Ainda não vi a tua bela Clemência; mas a horrorosa tia nos garante o feliz encontro; a tia é a noite que precede a aurora.

LEOPOLDO – A noite... eu gosto da frescura da noite... porém a aurora não tarda a aparecer, e é bela como os amores...

TIMÓTEO – E leviana, inconstante, como as borboletas; olha, há mais namorados de Clemência do que candidatos ao trono de Espanha. Eu não me casava com ela.

LEOPOLDO – Nem eu; quem pensa em casamento! com uns cinqüenta contos de réis de dote seria ouro sobre azul; mas pobre, como é, afigura-se-me um banco de emissão sem fundo de reserva metálico.

TIMÓTEO – E neste maldito tempo, em que andam todos à bolina, furtando o vento.

LEOPOLDO – É verdade, não há casa sólida; a minha começou, que era a quem mais caía com o mel! mas a estagnação do comércio! os sustos e as

concentrações do Banco do Brasil, que dantes consolava a gente! a casa ainda vai bem, vai muito bem; mas se eu ajeitasse uma noiva que me enchesse os olhos com o dote, eim?

TIMÓTEO – Para que então perdes o teu tempo com Clemência?

LEOPOLDO – Ora! ela é que o perde comigo; eu divirto-me, namoro-a pela mesma razão porque vou ao teatro, ou ao circo da Guarda-Velha. Se ao menos a tia desse a quinta parte do que possui à sobrinha!

TIMÓTEO – Pois a tia é rica?

LEOPOLDO – Meio milhão!... quinhentos contos de réis de herança, diz o Braz.

TIMÓTEO – Meio milhão! é caso de bater bandeiras: quinhentos contos! que senhora de bem! vale quinhentas vezes mais do que a sobrinha!

LEOPOLDO – Se o Braz não mente, vale. Uma velha bem velha, se é rica, é preferível à moça mais formosa, precisamente porque é a precursora infalível da moça formosa.

TIMÓTEO – Não entendo: mas concordo pela regra da preferência.

LEOPOLDO – A moça tem longa vida diante de si e não morre nem a poder de ceias, de vigílias, de constipações, de indigestões, do diabo, e portanto significa um casamento sem probabilidade de viuvez; a uma noiva bem velha e bem rica enche-se de brilhantes, leva-se a todos os bailes e a todos os teatros, dá-se-lhe sorvetes quando o calor excita mais a transpiração, faz-se cear mayonaise, peru a Eglantine, fiambre e cabeça de porco, até que uma boa indigestão a livre dos trabalhos deste mundo, ficando o marido com o testamento que arranjou, e então ele se consola da morte da velha enfeitando-se com uma noiva moça e bonita... bem entendido, se a fortuna não lhe depara segunda velha ainda mais rica. Vamos procurar Clemência. (Vão-se)

CENA VII

MÁRIO, POLIDORO, logo a ACROBATA e imediatamente CASIMIRO e PORFÍRIO.

POLIDORO – A Acrobata é bonita rapariga; mas eu prefiro o amor platônico e as emoções do lasquenet.

MÁRIO – Vai pois ver as damas dos teus baralhos, e deixa-me apanhar de surpresa a Acrobata, e na passagem tomar-lhe contas de certo logro. (Oculta-se)

POLIDORO (Afastando-se) – Aí vem ela. (Para e espera)

ACROBATA (A um mocinho que lhe sorri) – Cresça e apareça.

CASIMIRO (A Porfírio) – Violante e Clemência nos seguem? (Polidoro faz de balde sinais a Mário)

PORFÍRIO (Olhando para trás) – Não. (Continuam os sinais de Polidoro)

CASIMIRO (Quase junto da Acrobata) – Ficas esta noite em casa?

ACROBATA – Isso é conforme: em todo caso não dormirei na rua.

CASIMIRO – Vai passar pelo outeiro...

ACROBATA – Queres dar-me cerveja? (Mário e Casimiro esbarram-se um com o outro) Adeus, pequeno! (Rindo-se)

CASIMIRO (A Porfírio) – Evidentemente o Mário está muito desmoralizado!... começo a suspeitar que até me espia! (Desaparece a Acrobata)

MÁRIO (A Porfírio) – Meu pai está perdido: é de uma inconveniência que me vexa. (Indo-se)

POLIDORO – Já tinha idade para limitar-se ao lasquet. (Vão-se os dois)

CENA VIII

CASIMIRO e PORFÍRIO.

CASIMIRO – O tratante vai sem dúvida encontrar-se com a Acrobata; não posso, não devo segui-la: seria indecoroso. Mas donde tira ele dinheiro, chave de ouro para abrir a porta do inferno daquele demônio?

PORFÍRIO – Ah! Casimiro! estas mulheres são perversas: na gíria dessas harpias os mocetões da nossa idade têm um nome horrível, um nome com cheiro de armazém de secos e molhados.

CASIMIRO – Que nome?

PORFÍRIO – Paios, a explicação tu sabes.

CASIMIRO – Mas a Acrobata é uma perdição... e demais está na moda... confesso-me doído por ela. Aquilo é uma centopéia de encantos!

PORFÍRIO – E a linda Irene?

CASIMIRO – Amor de outro gênero... loucura de outra espécie...

PORFÍRIO – E ela... vai-se abrandando... pendendo... caindo?

CASIMIRO – Exagera o recato: creio que é porque ainda não lhe falei em casamento.

PORFÍRIO – E que demora é essa tua?

CASIMIRO – Sabes que sou o modelo dos pais: hesito em dar madrasta a meus filhos.

PORFÍRIO – Quem diz que te cases? prometer não é cumprir. Irene, rapariga pobre, depois de seduzida julgar-se-ia feliz, tendo casa e tratamento sob a proteção e os cuidados do teu amor. Eu, apesar de casado, não tive dúvida em arranjar uma dessas distrações.

CASIMIRO – E a comadre?

PORFÍRIO – Consola-se com os filhos e nada lhe falta; aos cinquenta e dois anos perdeu o direito de opor embargos: é guarda nacional da reserva.

CASIMIRO – Ah! Porfírio! se ela te ouvisse...

PORFÍRIO – Rufa em casa, como um tambor; por isso ando sempre por fora; tu estás em melhores condições, és viúvo; faze o que te disse, Irene é uma economia, porque te fará esquecer a Acrobata.

CASIMIRO (Suspirando) – Ah! seu eu fosse rico...

PORFÍRIO – Que farias?

CASIMIRO – Tomava ambas; eu adoro o belo sexo... é o meu fraco; todavia... pensarei no teu conselho... mas...

PORFÍRIO – Que é?

CASIMIRO – E o sr. Mário eclipsou-se!

PORFÍRIO – Naturalmente: ele o sol, a Acrobata a lua, tu ficas sendo terra; deuse o eclipse.

CASIMIRO – O que me espanta é a desmoralização da mocidade!

PORFÍRIO – Tens razão; porque os velhos, como nós, dão aos moços o exemplo da mais austera virtude; ora viva lá! sejamos francos: são os pais que deitam a perder os filhos, tem paciência, e vamos ver as moças. (Vão-se)

CENA IX

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, AUGUSTO e LEOPOLDO.

CLEMÊNCIA – Como são belos os cisnes! que colos majestosos!

LEOPOLDO – Há quem tenha mais admirável pescoço.

CLEMÊNCIA – Pode-se saber quem é?

LEOPOLDO – É segredo meu; mas todos os dias por mais de uma vez lho revelam.

CLEMÊNCIA – Já adivinhei; mas desconfio do revelador.

LEOPOLDO – Por que?

CLEMÊNCIA – O meu espelho deixou-se corromper pela lisonja. (Conversam)

BRAZ (A Violante) – O doutor já está harpoado: não perca tempo.

VIOLANTE (A Braz) – Por fim de contas vou entrar no fogo. (Alto) Clemência fica percorrendo sobre os colos dos cisnes, enquanto continuo a apreciar as reformas do Fialho.

BRAZ – Eis o meu braço madrinha.

VIOLANTE – Você nada me explica; apenas sabe maldizer do próximo: se o sr. doutor quisesse sacrificar dez minutos à minha companhia...

AUGUSTO – Oh, minha senhora! vossa excelência me transporta com esta distinção.

CENA X

BRAZ, CLEMÊNCIA e LEOPOLDO.

BRAZ – A madrinha cometeu dois estelionatos; um contra mim, roubando-me o seu braço, outro contra d^a. Clemência, roubando-lhe o dr. Augusto.

CLEMÊNCIA – Está vendo que não posso queixar-me; minha tia somente me poupou a um embaraço de cortesia; o sr. Leopoldo vai ter a bondade de mostrar-me o viveiro de plantas de mr. Graziaux.

LEOPOLDO – Abençoada seja a minha fortuna! (Vão-se os dois)

BRAZ – Também eu abençôo a minha fortuna, que me traz dali o meu amigo Polidoro.

CENA XI

BRAZ e POLIDORO.

POLIDORO – “Ela vai-se! e com ela vai minha alma!” amigo... (Saúda) que contraste!

BRAZ – Entre ela que vai-se e eu que fiquei?

POLIDORO – Não; eu me explico: tenho na vida duas paixões, a do amor platônico e a do lasquenet; no lasquenet, quando paro mais forte, é sempre nas damas; no passeio, no baile, cortejo por devoção a todas as senhoras.

BRAZ – Mas d^a. Clemência...

POLIDORO – A essa amo, adoro; porém não me interrompa; nunca pensei que houvesse dama que me fizesse recuar de medo, e hoje... aqui mesmo... ind’á pouco... misericórdia! sabe quem é a velha que vai pelo braço do sr. Augusto?.

BRAZ – É dama de ouros.

POLIDORO – Como dama de ouros?

BRAZ – Irmã de Casimiro, minha preclara madrinha, feliz celibatária, a quem um tio legou há quatro meses a insignificante fortuna de quinhentos contos de réis.

POLIDORO – Olá!... então d^a. Clemência, como sobrinha, está em perspectiva de riqueza? bem o merece: é tão bela!

BRAZ – Qual! a velha é um verdadeiro tipo de avareza, complicada com a mania do casamento. Apesar de afilhado, acho-a medonha; mas meio milhão é dinheiro e já me apresentei candidato.

POLIDORO – E casa-se com ela?

BRAZ – Quem me dera! a velha imagina impedimentos por ser minha madrinha, e, tomando-me por agente e procurador de seus cabedais, rejeita-me como noivo. Há dois meses que me ferve o sangue por isso!

POLIDORO – É uma dama de página muito feia e verso muito bonito! quinhentos contos de réis... ah! eu já possuí cerca de cem, e em três anos perdi-os todos com as damas do baralho, e de fora do baralho; mas então eu não sabia os segredos do lasquet! ah, meu Braz! com meio milhão e bons parceiros, em um ano pode-se ganhar nem sei quantos milhões! a sua madrinha, não digo que seja horrível... digo... na verdade, aqui para nós, não é bonita; é, porém, sublime.

BRAZ – E... “Ela vai-se: e com ela vai minha alma!”

POLIDORO – Mas o senhor, que é o procurador, o fac-totum da... velha, tem as mãos sobre os quinhentos contos de réis...

BRAZ – Martírio de Tântalo! se eu não fosse afilhado! oh! antes não me tivessem batizado.

POLIDORO – E todavia o senhor não joga; não compreende as emoções do lasquet!

BRAZ – E que vem isto ao caso?

POLIDORO – É o caso de cem sortes a dobrar! eu amo doidamente a encantadora d^a. Clemência... mas...

BRAZ – É coisa sabida: conta-se com o casamento...

POLIDORO – Sr. Braz... a que horas pode ser procurado amanhã para negócio importante?... os amigos devem entender-se.

BRAZ – No meu escritório até às três horas da tarde.

POLIDORO – Quinhentos contos de réis... deveras?

BRAZ – Palavra de honra: quinhentos contos de réis e mais alguns quebrados que não chegam a um.

POLIDORO – Que idade tem a respeitável senhora?

BRAZ – Está quase a completar os sessenta e três.

POLIDORO – Não é absolutamente velha; pareceu-me que roçava pelos cinqüenta; sem a touca e sem os óculos há de ganhar muito...

BRAZ – A mim se me afigura um anjo ainda mesmo de touca e óculos.

POLIDORO – Anjo de salvação é... sr. Braz, amanhã ao meio-dia em ponto irei ao seu encontro.

BRAZ – Chiton.

CENA XII

BRAZ, POLIDORO, CASIMIRO e PORFÍRIO.

CASIMIRO (A Porfírio) – Vês? também aqui não está; seguiu a Acrobata, positivamente é um rapaz de costumes pervertidos...

PORFÍRIO (A Casimiro) – Deixa-o aproveitar o seu tempo.

CASIMIRO (A Porfírio) – Mas por que diabo há de logo aproveitá-lo com a Acrobata?

BRAZ – Vejo que te aborrece o passeio: vens com fisionomia de logrado, a quem furtaram o relógio.

CASIMIRO – É isso pouco mais ou menos, mas onde estão as senhoras?... o tempo está se enfarruscando de repente.

BRAZ – Aí chega a primeira.

CENA XIII

BRAZ, POLIDORO, CASIMIRO, PORFÍRIO, CLEMÊNCIA e LEOPOLDO.

(Escurece rapidamente: começa a retirar-se a gente que concorrera ao Passeio)

CLEMÊNCIA – A titia? que é dela?...

BRAZ – Ainda não voltou; o dr. Augusto lhe está explicando as reformas do Fialho.

CASIMIRO – E o tempo vai a pior: temos aguaceiro certo.

CLEMÊNCIA – O povo começa a retirar-se: ainda bem que o nosso carro está à porta do jardim.

BRAZ – Eis a madrinha...e como vem alegre...

CENA XIV

BRAZ, POLIDORO, CASIMIRO, PORFÍRIO, CLEMÊNCIA, LEOPOLDO, VIOLANTE e AUGUSTO.

VIOLANTE (Chegando-se a Clemência e cheirando o ramalhete de violetas) – Como é suave o perfume das violetas! gostas dele Clemência?

BRAZ (A Clemência) – Que ingratitude! derrota número primeira.

CLEMÊNCIA (A Braz contrariada) – Como? não ouvi: ah! sim... mas a chuva... (Rompe a chover; Leopoldo, Augusto e Polidoro abrem os guarda-chuvas e correm a Violante)

LEOPOLDO – Minha senhora!

AUGUSTO – Excelentíssima!

POLIDORO – Minha senhora!... (Braz desata a rir)

VIOLANTE – Basta-me um guarda-chuva!

PORFÍRIO – Até mais ver! (Vai-se correndo)

CASIMIRO – Mas Clemência está se inundando! um guarda-chuva pa-ra a menina, senhores!

BRAZ (Abrindo grande guarda-chuva inglês) – Eis aqui a barraca do Braz! (A Clemência) Está vendo? um velho amigo vale mais do que três namorados. (Multidão de ambos os sexos a fugir da chuva, uns com chapéus de chuva e outros sem eles; Violante segue enfim ao braço de Leopoldo. Polidoro também a serve, inclinando para a frente o guarda-chuva; Augusto fazia o mesmo, mas Casimiro agarra-se a ele e o conquista à força. Braz a rir leva Clemência desapontada. Corrida geral)

ATO III

Sarau em casa de Violante; a grande varanda sobre o jardim que fica ao fundo; portas aos lados comunicando com o interior da casa; ao lado direito parece ficar o salão da dança e da música.

CENA I

CASIMIRO e IRENE.

IRENE – Basta, senhor! não posso ouvi-lo mais; até hoje tenho tolerado lisonjas que me pareciam gracejos de um homem idoso a uma menina; nem um só instante, porém, autorizei pretensões, que, ainda mesmo sendo honestas, me causariam repugnância. Agora o senhor acaba de levar as suas impertinências até um ponto, além do qual me aviltaria com a injúria...

CASIMIRO – Calunia as minhas intenções... atenda-me, bela Irene!

IRENE – Lembrou-me a tempo a pobreza, e a triste posição da minha família... eu não devia ter entrado nesta casa... não é aqui o meu lugar... deixe-me... quero ir ver meu irmão.

CASIMIRO – É uma injustiça... protesto... não há de retirar-se... não perturbará com um desgosto esta reunião...

IRENE – Deixe-me passar... senhor...

CENA II

CASIMIRO, IRENE e VIOLANTE.

CASIMIRO – Mana, reclamo a sua intervenção contra a nossa bela vizinha, que pretende retirar-se, supondo-se com dores de cabeça... (A Irene) por quem é! (A Violante) eu as deixo... mas você, Violante... prenda d^a. Irene aqui.

CENA III

IRENE e VIOLANTE.

VIOLANTE – Que tem, menina?

IRENE – Tenho... seu irmão o disse, minha senhora... uma forte enxaqueca... eu não devia ter vindo... é castigo...

VIOLANTE – Enxaqueca! ah! eu sei o que isso é; e por fim de contas o egoísta queria obrigá-la a ficar! enxaqueca menina, vou chamar já seu irmão para conduzi-la. Coitadinha! (Indo-se)

CENA IV

IRENE, VIOLANTE e BRAZ.

BRAZ – Não vá.

VIOLANTE – Por que?

BRAZ – A enxaqueca de d^a. Irene é um pretexto generoso...

IRENE – Senhor!

BRAZ – Não há murmurador que não seja curioso; nas reuniões e em toda parte o meu ofício é espreitar: nobre menina, eu ouvi tudo.

IRENE – Ah!

BRAZ – Não curve a fronte, onde julgue o diadema da honestidade; mas não há razão nem para tanto vexame, nem para tão brava revolta.

IRENE – Não há razão?

BRAZ – Madrinha, parvoíces de Casimiro! no meio de um fogo volante de juramentos de amor, o velho namorado lembrou a esta menina a humilde posição social de sua família, e a insuficiência de seus recursos, e procurou

deslumbrá-la com a riqueza que ele espera partilhar com a irmã, meio milhão; explicou-se porém de modo, que d^a. Irene o entendeu mal.

IRENE – Do que ouvi a um insulto é pequena a distância...

BRAZ – Está confessando que não houve insulto...

VIOLANTE – Casimiro é tão capaz de todas as asneiras, como incapaz de uma ofensa.

IRENE – Ainda assim... devo, quero retirar-me.

BRAZ – Que teimosa! escute; a senhora não pode deixar-nos; a madrinha e eu formamos aqui uma espécie de maçonaria, em que ninguém mais devia entrar; a menina porém acaba de iniciar-se à força pela dignidade com que se houve repelindo Casimiro, e agora é fato consumado, está maçônica... eis o toque... (Beija-lhe a mão)

VIOLANTE – Entendo, Braz... ela há de ficar...

IRENE – É impossível... perdão, minha senhora... eu desprezo o dono desta casa.

BRAZ – D^a. Irene, o irmão da dona desta casa tem um filho...

IRENE – Sobrinho de uma senhora riquíssima, de quem será um dos herdeiros: eu o sei.

BRAZ – Meio ou muito estouvado; mas bom e elegante rapaz, a quem uma bela e ajuizada noiva pode bem fazer assentar a cabeça.

IRENE – Sim... confesso... eu o amava... amo-o talvez ainda; mas hei de vencer este amor: o pai de Mário abriu-me os olhos.

BRAZ – Já não é pequeno favor: e agora, com os olhos abertos, que vê?

IRENE – Vejo o meu horizonte, e não quero sair dele; há certas flores que se amesquinham, e, em vez de vicejar, desabrocham como que em constrangimento, quando a riqueza e o luxo as cultivam por meios artificiais fora dos seus climas; as moças pobres devem ser assim. Cada qual no seu horizonte; casamentos desiguais são erros perigosos; procurarei um marido entre os artistas ou os operários laboriosos.

VIOLANTE – Menina, meu sobrinho pertence absolutamente ao seu horizonte, menos pelo juízo e pelo labor; já vê que nem mesmo a iguala.

IRENE – Agradecida; este amor foi para mim até hoje doida fantasia poética; se, porém, amanhã o sr. Mário me pedisse em casamento, eu o rejeitaria; perdão... quero meu pobre irmão... quero ir-me embora...

BRAZ – Vamos procurá-lo; aceita o meu braço? pode aceitá-lo, não é de artífice, nem de artista, mas é de arteiro et coetera...

IRENE – Seja o que quiser; tenha a bondade de me levar a meu irmão.

BRAZ – Iremos pelo caminho mais longo para chegar mais depressa; até já, madrinha; verei se consigo serenar este anjinho encolerizado; menina, fui amigo de seu pai... no outro tempo... (Indo-se com Irene) antes não tivesse sido, e contasse trinta anos de menos... porque em tal caso, palavra de honra, tomava a enxó de carpinteiro, ou o buril de estatuário, para viver no seu horizonte. (Vão-se os dois)

CENA V

VIOLANTE e AUGUSTO.

AUGUSTO – Enfim, minha senhora, a fortuna, desde duas horas cruel, me depara o ensejo mais ardentemente almejado.

VIOLANTE – Para que, sr. doutor?

AUGUSTO – Para assegurar a v. ex. a profunda energia do terno sentimento que me inspirou e a pureza das minhas intenções...

VIOLANTE – Eu não compreendo... e a perturbação... o vexame... seria possível, sr. doutor?

AUGUSTO – A minha maior glória fora merecê-la em casamento...

VIOLANTE – A proposição me lisonjeia... mas quando penso que vou fazer sessenta e três anos daqui a dois meses.

AUGUSTO – Diana de Poitiers era bela nessa idade e Ninon de Lenclos inspirou ardente paixão aos oitenta anos.

VIOLANTE – Por fim de contas, não conheci essas senhoras...

AUGUSTO – É natural; elas floresceram em outros séculos.

VIOLANTE – Mas aposto que não usavam, como eu, de óculos e touca; ah, sr. doutor, quando o considero tão jovem, e tão bonito, com tanto direito a ser esposo de alguma linda moça...

AUGUSTO – Não me conhece ainda; jovem, tenho já austeros costumes; aborrecem-me essas meninas, para quem a vida consiste em vaidades e loucuras; o meu belo ideal é a majestade da senhora que passou além dos limites da idade dos desvarios; excelentíssima, nós nascemos um para o outro; v. ex. é para mim o páramo da vida tranqüila, a beatificação pela serenidade; eu sou o desinteresse que assegura a dedicação, o amor que garante a felicidade, e a ciência do direito que defenderá sem ambição a sua fortuna ameaçada pelos velhacos que enchem o mundo, e dos quais sou mortal inimigo.

VIOLANTE – Eu me sinto comovida... a ventura é tão grande... tão inesperada...

AUGUSTO – (Ajoelhando-se.) – Oh! serei pois tão ditoso!... (Beijando a mão de Violante.)

VIOLANTE (Suspendendo-o.) – Tenha dó da minha reputação... e dos tormentos do meu pudor; o seu pedido exige reflexão... deixe-me pensar... agora não estou em mim... mas... aqui mesmo... nesta varanda, receberá a minha resposta às duas horas da madrugada em ponto.

AUGUSTO – Que bárbaro adiamento da bem-aventurança que me sorria...

VIOLANTE – Também a mim me custa... creia; dou-lhe a mão a beijar para consolar-nos... mas depressa... que não chegue alguém...

AUGUSTO (Beijando a mão.) – Delícia! delícia!

VIOLANTE – Aí vem minha sobrinha...

AUGUSTO – Até às duas horas. (Vai-se.)

CENA VI

VIOLANTE e CLEMÊNCIA.

CLEMÊNCIA – Muito bem, titia!

VIOLANTE – Estavas me espiando?

CLEMÊNCIA – Para que? a sua aparente vitória é manifesta: há meia hora Leopoldo, que simula desdenhar-me, fez-lhe em um passeio proposição semelhante à do dr. Augusto e recebeu a mesma resposta.

VIOLANTE – Por fim de contas uma hora antes Polidoro foi o primeiro.

CLEMÊNCIA – Acredito; mas porque a titia marcou aos dois e talvez também a Polidoro o mesmo lugar e a mesma hora para a decisão?...

VIOLANTE – Para te chamar e te pedir que me aconselhasses na escolha do noivo.

CLEMÊNCIA – Estás pois resolvida a casar-se?

VIOLANTE – Que pergunta! fala a verdade: no meu caso que farias?...

CLEMÊNCIA – Não sei responder, porque ainda não tenho a sua idade.

VIOLANTE – Fica pois sabendo que para a mulher o casamento é aos dez anos um brinquedo, aos quinze sonho dourado, aos vinte empenho afluente, aos trinta sede devoradora, aos quarenta desesperado desejo, e aos sessenta e daí por diante mais do que paixão, desatinada fúria; faze idéia, como estou entusiasmada! Clemência, em sinal de regozijo, proponho-te a anulação da nossa aposta.

CLEMÊNCIA – Rejeito esse favor, e peço outro: rogo-lhe que me conceda uma dilação.

VIOLANTE – Dilação de que?

CLEMÊNCIA – Da escolha do seu noivo; se se julga invencível, dê-me oito dias e verá que reconquisto os meus três apaixonados.

VIOLANTE – Oito dias é impossível, morro por casar-me; tu não me concederias oito horas, eu cedo três dias à tua louca vaidade.

CLEMÊNCIA – Três dias?... aceito. Confio na sua palavra; mas trema, titia, porque perdeu as suas vantagens. Veja bem, que tenho três dias. (Vai-se.)

VIOLANTE – Eu te daria trezentos sem receio de ser vencida. (Vai-se)

CENA VII

POLIDORO e LEOPOLDO.

LEOPOLDO – O seu procedimento não é de amigo, parece antes verdadeira traição.

POLIDORO – Em primeiro lugar, amigos amigos, negócios à parte; em segundo, qual de nós pode mais queixar-se do outro?

LEOPOLDO – Eu, que me apaixonei por d^a. Violante logo que lhe fui apresentado, logo que a vi, logo, logo...

POLIDORO – E se eu lhe dissesse que por ela me apaixonei antes de tê-la visto?

LEOPOLDO – É inverossímil: eis a prova da sua deslealdade comigo.

POLIDORO – Sr. Leopoldo, estamos sós; deixemo-nos de histórias; não há deslealdade, nem amor pela velha em nenhum de nós, o que ambos queremos é pescar o meio milhão.

LEOPOLDO (Batendo no ombro de Polidoro) – Maganão! como é despachado! pois sejamos amigos; embora eu não seja ambicioso, como o senhor, achando-me namorado de d^a. Violante, mas respeitando os seus cálculos, proponho-lhe que abandone o seu projeto de casamento, e se eu me casar com a velha dar-lhe-ei cinco por cento do que ela teve em legado.

POLIDORO – Aceite a mesma proposição, tal e qual.

LEOPOLDO – Mas então o senhor é um homem intransigível!...

POLIDORO – Faço-lhe a mesma observação, tal e qual.

LEOPOLDO – Deste modo nunca nos entenderemos.

POLIDORO – Parece.

LEOPOLDO (Batendo-lhe no ombro.) – Maganão! sejamos amigos eim? transação aceitável; de nós dois o vencedor, o feliz, indenizará o outro com os tais cinco por cento, pagos oito dias depois do casamento com a velha; eim?

POLIDORO – Há perfeita igualdade nas condições; salvam-se as entradas, como se diz no empate do trinta e um. Convenho. Palavra de honra?

LEOPOLDO – Na praça só o escrito obriga; assinaremos um contrato bilateral feito em regra e capaz de aparecer... porque...

POLIDORO – Perfeita igualdade de condições: convenho.

LEOPOLDO – Estamos de acordo. Maganão! e como vai de esperanças? vejo bem que a velha está pendendo para o seu lado...

POLIDORO – Qual! arrepia-me quando lhe falo em amor; mas hei de teimar...

LEOPOLDO – Que diabo! então é uma fortaleza; comigo é dura e muda como um rochedo; o senhor já lhe propôs à casamento?

POLIDORO – Ora! que pergunta! e o senhor?

LEOPOLDO – Eu ainda não me animei.

POLIDORO – Tal e qual como eu!

LEOPOLDO – Maganão!... creio que é melhor irmos dançar... mas sempre amigos..

POLIDORO – Perfeita igualdade de condições: convenho. (Vão-se.)

CENA VIII

VIOLANTE e LAURIANO (Ouve-se o canto de uma senhora.)

VIOLANTE – Conhece aquela senhora que canta?...

LAURIANO – De nome e de pessoa; mas não tenho relações com a sua família.

VIOLANTE – Admira que a não felicite com a sua amizade; dizem-me que ela é disputada pelas mais escolhidas sociedades.

LAURIANO – Eu não frequento as sociedades; por exceção vim aqui; sou muito pobre para subir até o mundo elegante, que custa muito caro.

VIOLANTE – Procure enriquecer depressa; o trabalho não basta para tanto; mas com o seu merecimento bem pode fazer casamento rico.

LAURIANO – As moças ricas não olham para mim... eu também não penso em amar inutilmente alguma delas...

VIOLANTE – Há casamentos de conveniência, em que uma senhora, ainda mesmo que não seja moça, pode enriquecer um mancebo, no seu caso.

LAURIANO – Na minha pobreza chegarei talvez a vender o meu relógio... que foi de meu pai; mas por certo que não venderei o meu coração.

VIOLANTE – Quem fala em venda de coração? não exagere o melindre. Por fim de contas figuro uma hipótese; sou velha e feia, não posso pretender nem pretendo ser amada; possuo porém avultada fortuna, e arreceio-me de parentes esbanjadores; se eu pois lhe dissesse: case comigo para aparar minha velhice com a sua amizade e com a sua paciência, como se fosse meu filho, e em troca da sua dedicação, do seu sacrifício, seja rico... brilhe... goze...

LAURIANO – Ainda bem que figurou uma hipótese, minha senhora, deixando-me a liberdade de responder-não-sem a mágoa de ofender pessoalmente vossa excelência.

VIOLANTE – E se por fim de contas não fosse hipótese? se fosse de veras?...

LAURIANO – Ah! eu o sentiria profundamente...

VIOLANTE – Não se aflija por isso; o que o senhor... nobremente...repugna, há naquele salão mais de três que desejam e aspiram...

LAURIANO – Achará por certo mais de trinta, minha senhora; mas se eu fosse capaz de oferecer-lhe um conselho...

VIOLANTE – Aconselhar-me-ia...

LAURIANO – A desprezar miseráveis exploradores da fortuna alheia...

VIOLANTE – Que exaltação de conselheiro! por fim de contas explora-se de todos os modos, e eu lhe juro que por fim de contas a tia está resolvida a casar-se, e a sobrinha ficará sem a herança com que se calcula.

LAURIANO – Minha senhora.... julga-me com injustiça...

CENA IX

VIOLANTE, LAURIANO, CLEMÊNCIA, por um lado, BRAZ, por outro; BRAZ quer prevenir VIOLANTE, CLEMÊNCIA pede que não; mímica expressiva de ambos.

VIOLANTE – Sei aonde pega o carro... não é capaz de negá-lo! por fim de contas o senhor e Clemência namoram-se... Clemência deixa-se namorar por todos... e o senhor? namorava-a antes de conhecer-lhe a tia velha e rica? responda por fim de contas.

LAURIANO – Minha senhora; com efeito coube-me a honra de conhecer ao mesmo tempo a vossa excelência e a sua digna sobrinha, juntas nesta chácara; também é verdade que amo d^a. Clemência, a ela não me atrevi ainda a dizê-lo; mas a vossa excelência, pois que o pergunta, declaro-o...

VIOLANTE – Por fim de contas...

LAURIANO – Mas nem jamais pensei na herança possível ou provável de d^a. Clemência, nem ela até hoje me deixou exaltar com a glória do seu amor...

VIOLANTE – Pois a herança provável foi-se: eu caso-me; e o que possuo será do marido que me aturar...

LAURIANO – Tanto melhor para mim; darei expansão ao meu amor, e a Clemência, não rica, eu pobre ousarei confessar que a amo...

BRAZ – Madrinha! eu sou fiel... atenda que a escutam...

VIOLANTE (Voltando-se) – Oh!... escutavas?... pois ele não entrou na aposta.

CLEMÊNCIA (A Lauriano.) – Obrigada!... e pobre ou rica... (Sinal de contradança dentro.) é a nossa quadrilha... vamos! (Vão-se ambos.)

CENA X

VIOLANTE e BRAZ.

BRAZ – Também este, madrinha?... olhe que caçava fora da coutada da aposta!

VIOLANTE – Foi muito incivil comigo; mas hei de ensiná-los.

BRAZ – É uma família de originais; não faz idéia quanto me custou reduzir d^a. Irene a ficar; precisei recorrer à retórica sentimental; ela, porém, jura que não torna mais a esta casa.

VIOLANTE – Desconfio muito de tanto desinteresse e de tanta virtude; no meio da enchente da desmoralização, não é natural a erupção de dois milagres em uma só família.

BRAZ – Isso é que é natural; deviam sair iguais; porque a educação foi o molde.

VIOLANTE – Tu tens queda para estes dois...

BRAZ – Conheci-lhes o pai, que era original, como eles, e a mãe é uma santa mulher, que sabe só trabalhar e rezar. Como vão os negócios? o sarau que improvisamos dá de si?

VIOLANTE – Ferve-me na cabeça uma idéia, de que talvez te ocupe depois; hoje emprezei os três pretendentes à minha mão de esposa para receberem a minha decisão às duas horas da madrugada em ponto aqui mesmo; cedi porém a Clemência três dias de dilação...

BRAZ – Foi um erro; devia tê-los negado: Clemência tem em mente algum golpe de estado.

VIOLANTE – Foi um acerto... eu te hei de dizer porque... começa a ferver-me certa idéia na cabeça.. quanto ao meu triunfo, é coisa certíssima.

BRAZ – Madrinha, a mocidade é traquinas, e como que se entende com o diabo, uma moça esperta é uma espécie de estudante de saia...

VIOLANTE – Que pode Clemência? por fim de contas está vencida.

BRAZ – Isto é como em eleições de deputados; até o lavar dos cestos há vindima. Nas eleições de deputados às vezes saem eleitos os que não tiveram votos; eu adivinho que Clemência vai fazer alguma duplicata.

VIOLANTE – Nem que faça triplicata por fim de contas.

CENA XI

VIOLANTE, BRAZ, IRENE e MÁRIO que a segue.

IRENE – Oh! é perseguição que excede as conveniências... sr. Mário...

MÁRIO – Apelo para o juízo frio e insuspeito da titia e do senhor Braz que estão aqui... é um caso de consciência...

BRAZ – A madrinha é autoridade na matéria, e eu sirvo-lhe de acólito: pode falar.

MÁRIO – Confesso que estou um pouco fora de mim; mas isso mesmo é melhor para o caso, porque quando estou fora de mim, digo as coisas com franqueza...

BRAZ – A conclusão é que quando está dentro de si: etc...

MÁRIO – Titia, ao começar o sarau d^a. Irene contradançou comigo, e mostrou-se bela... bela é mal aplicado, bela sempre ela é, e agora mesmo apesar de enfadada... mostrou-se branda; suave... meiga... quero dizer, eu digo tudo... mostrou-se terna.

IRENE – Senhor!

MÁRIO – Que mal há nisso? eu estava terníssimo: adianta-se a noite... peço-lhe um passeio...

BRAZ – A quem? à noite? os namorados são inimigos da gramática.

MÁRIO – E d^a. Irene diz-me que está fatigada: enfiei, mas dissimulei; quis conversar com ela; monossilabou-me dois minutos de má vontade e voltou-me logo o rosto; tive um ímpeto, mas contive-me; ainda há pouco enfim requeri-lhe uma valsa, note a titia, uma valsa, a pedra de toque, e sabe o que me respondeu? “não valso”; e isso com as pontinhas de uns lábios enregelados; recuei espavorido... veio-me a idéia que ela tivesse torcido algum de seus lindos pés...

BRAZ – E não torcera?

MÁRIO – Eis a gravidade do caso: não torcera; e logo depois a ingrata valsava, como um anjo, com um cavalheiro que me pareceu o diabo; apelo para a titia: que pensa do fato?

VIOLANTE – Que d^a. Irene não quis valsar contigo, e quis valsar com outro.

MÁRIO – E daí?

VIOLANTE – Ela estava no seu direito.

MÁRIO – Não estava: eis a gravidade do caso; eu, quando estou fora de mim, digo tudo... ela não estava no seu direito; porque... ora... eu estou fora de mim e digo tudo de uma vez... porque eu a amo, ela ama-me; por consequência, nós nos amamos.

IRENE – Minha senhora, não consinta que o sr. Mário abuse da minha posição...

MÁRIO – Que mal há nisso? que vexame pode haver no amor mais puro? eu o digo em alta voz: amo-a! o que lhe tenho dito cem vezes ao ouvido, repito-o, para que todos ouçam: amo-a! a senhora também já me confessou que ama-me; porque então me desfeiteou e me maltrata?...

BRAZ – Eu não supunha que os estróinas chegassem a ter eloqüência; d^a. Irene, Mário tem razão, vá dançar com ele...

IRENE – Não dançarei mais esta noite.

MÁRIO – Está ouvindo? mas que fiz eu para ser tratado assim?

VIOLANTE – Estás em maré de infelicidades, Mário; ainda não sabes de outra, cuja notícia já corre, e terá chegado ao conhecimento de d^a. Irene; fala a verdade; esperavas um pouco que te coubesse algum dia uma parte da minha riqueza?...

MÁRIO – Sim... titia... para que mentir? tenho imaginado isso por vezes nas horas vagas.

BRAZ – Honra ao estróina!

VIOLANTE – Pois não tornes a imaginar: vou casar-me.

MÁRIO – Casar-se? na sua idade?... e a quem... perdão, eu ia dizendo uma asneira; mas a titia está doida?

VIOLANTE – Sinto que minha felicidade seja um infortúnio para meus parentes.

MÁRIO – Eu também sinto um pouco... é força dizê-lo; em todo caso rogo a Deus que seja feliz; mas... tornemos ao que mais importa...

BRAZ – Há então coisa que te importe mais agora?...

MÁRIO – Que pergunta! e o procedimento de d^a. Irene?

IRENE (A Violante.) – Não sei porque supôs que a nova do seu casamento já me tivesse chegado; eu a ignorava; v. ex., porém, é incapaz de enganar-nos; com certeza vai casar-se?

VIOLANTE – Dentro de oito dias estarei casada.

IRENE – E a sua fortuna? e os seus parentes?...

VIOLANTE – A minha fortuna será para meu marido a compensação da minha velhice; os meus parentes... hão de ter paciência...

IRENE (A Mário) – Quer valsar comigo?

MÁRIO – Case-se, titia! case-se! juro que seu marido não será mais rico do que eu. (Vai-se com Irene.)

CENA XII

VIOLANTE, BRAZ e logo CLEMÊNCIA.

BRAZ – Ah! quem me dera ser Mário et coetera!

VIOLANTE – Acho que é fora do natural e até uma espécie de desacato haver quem ostente não dar importância à minha riqueza!

BRAZ – Madrinha... receio que a sua cabeça hoje... esteja... et coetera...

CLEMÊNCIA – Duas horas menos cinco minutos: estou presente.

VIOLANTE – Vem muito cheia de si... por fim de contas.

BRAZ – Foi pena que não contemplasse na oposta o apaixonado que vale mais que os três multiplicados por trezentos mil.

CLEMÊNCIA – Estava injustamente condenado nas reflexões loucas do toucador.

BRAZ – Explique-se.

CLEMÊNCIA – Por meu castigo explico-me: eu tinha medo de amá-lo, porque para marido faltava-lhe com que comprar-me brilhantes.

BRAZ – E agora?

CLEMÊNCIA – Cada um tem os seus segredos, não é, titia?

CENA XIII

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA e AUGUSTO.

AUGUSTO – Prazo dado de amor que é tarde sempre. (Vendo Clemência.) Ah!

CLEMÊNCIA – Não se incomode, sr. doutor.

AUGUSTO – No mais sério e estremecido empenho só me pode alvoroçar a dúvida do conseguimento da glória.

CLEMÊNCIA (A Braz.) – Este doutor é do direito ou do torto?...

BRAZ (A Clemência.) – Há casos em que o direito está na tortura: este é um deles.

CENA XIV

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, AUGUSTO e POLIDORO.

POLIDORO – Dois minutos antes da hora: o relógio do verdadeiro amor anda sempre adiantado. (A Braz.) Que faz aqui o dr. Augusto?

BRAZ (A Polidoro.) – Também estou desconfiado: temo que a madrinha o queira tomar por advogado et coetera...

VIOLANTE (A Clemência) – Este nem caso fez da tua presença: reparaste?

CLEMÊNCIA (A Violante) – Eu tenho a dilação, madrinha: lembra-se?

CENA XV

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, AUGUSTO, POLIDORO e LEOPOLDO.

LEOPOLDO – Duas horas: pontualidade inglesa; às ordens de vossa excelência!... (A Polidoro) Que significa a presença do dr. Augusto?

POLIDORO (A Leopoldo) – Baldo ao naipe! estou in albis.

VIOLANTE – Senhores, agradeço tanta bondade; infringindo as conveniências e os costumes da sociedade, eu os empraizei para a mesma hora e o mesmo lugar a todos três.

POLIDORO – Três!

LEOPOLDO (A Augusto) – O sr. doutor também?

AUGUSTO (A Leopoldo) – Admira-se?...

VIOLANTE – Eu procedi assim, não para ofendê-los, mas porque tive para mim que os senhores pensavam somente em zombar de uma velha...

AUGUSTO – Perdão... eu protesto...

LEOPOLDO – Minha senhora... reitero a minha proposição...

POLIDORO – E eu também com o coração nos lábios...

VIOLANTE – Era o que desejava muito ouvir diante do meu afilhado e de minha sobrinha: obrigada! agora, e isto é irrevogável, mais três dias para que os senhores reflitam, e para que eu também assente na minha escolha; daqui a três dias pois, no domingo, os senhores terão a complacência de vir jantar conosco, e no fim do jantar dirigirei o último brinde ao preferido. (Confusão e desapontamento dos três.)

BRAZ – Talvez fosse melhor fazer o brinde da preferência antes do jantar.

CLEMÊNCIA – Não, titia: os dois infelizes perderiam o apetite.

VIOLANTE – Será como disse; e até domingo reservo-me o direito de absoluto recolhimento para mais tranqüila resolver sobre a escolha.

CLEMÊNCIA – Ao menos porém até o fim do sarau...

BRAZ – Ei-lo que termina a galope.

CENA XVI

VIOLANTE, BRAZ, CLEMÊNCIA, AUGUSTO, POLIDORO, LEOPOLDO, galopada geral; os pares invadem a varanda por todos os lados; LAURIANO arrebatando Clemência; MÁRIO e IRENE galopam; CASIMIRO passa e volta galopando com uma jovem; ardor na dança. Augusto, Polidoro e Leopoldo cercam Violante.

BRAZ – Eu defendo a madrinha! não consinto que ela galope!...

ATO IV

Salão elegante, que abre ao fundo portas para a varanda, que se vê em parte; janelas ao lado esquerdo, abrindo para o jardim; portas ao lado direito.

CENA I

CASIMIRO e PORFÍRIO.

PORFÍRIO – Isso não tem senso comum.

CASIMIRO – Digo-te que é um dever de honra, e um recurso para a felicidade da minha vida; seguindo teus conselhos, ofendi Irene, embora não ousasse deixar perceber a extrema e indigna proposição...

PORFÍRIO – Elas arrepiam-se muito no princípio, mas acabam por ceder; teima.

CASIMIRO – Não. Irene é um anjo de pureza, depois do que lhe disse, devo pedi-la em casamento; cumprirei o dever, e me farei ditoso.

PORFÍRIO – Irene tem dezoito anos; daqui a dezesseis anos terá trinta e quatro, e será ainda moça e bela; tu, então, contarás setenta, será inválido da pátria, posto fora do serviço ativo, e apesar teu contemplado na passiva.

CASIMIRO – Setenta anos!... não chego lá; quero passar em flores o resto da vida.

PORFÍRIO – Darás a Clemência madrasta dois anos mais moça.

CASIMIRO – Melhor; brincarão ambas como se fossem irmãs; elas são muito amigas; além disso... Clemência que trate de achar marido... já é tempo.

PORFÍRIO – E Mário?

CASIMIRO – Conheço-lhe o caráter; é de gênio revoltoso, mas por fim obedece-me sempre; hei de convencê-lo a entrar para o seminário de S. José, os padres lazaristas deve ganhar muito.

PORFÍRIO – Estás desarrazoando.

CASIMIRO – Nunca tive tanto juízo; olha, tudo me anda às avessas: a Acrobata adoeceu de bexigas e adeus amores! é pena: o ladrão da rapariga arrebatava! a mana Violante está doida, e quer casar; adeus herança! Eu ganho suficientemente no comércio para manter com decência e algum luxo a minha

família; e até para capitalizar dois a três contos de réis por ano; mas a paixão pelo belo sexo traz-me sempre a bolsa rasa, e cria-me dificuldades. Irene é pois um sábio recurso; com os seus encantos me fará esquecer todas as Acrobatas, me consolará do casamento de Violante, e me tornará caseiro, circunspecto, grave, econômico e feliz; não achas?

PORFÍRIO – Acho que é uma grande asneira.

CENA II

CASIMIRO, PORFÍRIO, BRAZ que entra pelo fundo.

BRAZ – Qual é a asneira? são tantas! agora serão pelo menos duas.

PORFÍRIO – Que lhe importa? nós nunca podemos estar de acordo.

CASIMIRO – Ao contrário, estou certo que desta vez o Braz me apoiará.

PORFÍRIO – Entende-te pois com ele. (Indo-se)

CASIMIRO – Espera: não tarda o jantar...

PORFÍRIO – Com o Braz à mesa a indigestão é infalível. (Vai-se)

BRAZ – Efeito do molho, tens medo da mostarda et coetera.

CENA III

CASIMIRO e BRAZ.

CASIMIRO – Quero os teus conselhos; prometes ouvir-me e falar-me seriamente?

BRAZ – Conforme: eu canto segundo o gênero e o caráter da música.

CASIMIRO – Estou cansado de fazer loucuras impróprias da minha idade; ontem fiz a última.

BRAZ – Veremos, qual foi a última?

CASIMIRO – Direi depois; faço-te uma confidência de irmão: eu amo Irene...

BRAZ – Ainda hoje?

CASIMIRO – Hoje mil vezes mais.

BRAZ – Ah! de que data é a tua última loucura?

CASIMIRO – De ontem; já to disse.

BRAZ – Ah! *et coetera*; continua.

CASIMIRO – Amo Irene, mas ontem... eis a loucura... falei-lhe de um modo de que ela justamente se ofendeu... fui insensato... grosseiro...

BRAZ – Até aí muito bem pela conclusão, e Irene?

CASIMIRO – Tratou-me com o desprezo mais esmagador.

BRAZ – E tu?

CASIMIRO – Choro o meu arrependimento, e adoro-a perdidamente; sem Irene continuarei a ser o que tenho sido; com Irene me corrigirei e serei feliz; e tendo-a... des... des... desconsiderado um pouco... entendo que o dever por um lado e o amor pelo outro me ordenam...

BRAZ – A pedi-la em casamento *et coetera*.

CASIMIRO – Essas tuas *et coetera* me apoquentam...

BRAZ – Não faças caso; é costume: porém... essa idéia de casamento na tua idade, e no teu estado...

CASIMIRO – Esquece essas circunstâncias, e, abstração feita, aconselha-me.

BRAZ – Ah! abstração feita, aprovo unanimemente.

CASIMIRO – Não zombas comigo?

BRAZ – De modo nenhum; postas de lado aquelas circunstâncias *et coetera*, aprova-se por força o teu projeto.

CASIMIRO – Falas sério, Braz?

BRAZ – Não vês? abstração feita...

CASIMIRO – Então... é o caso de me prestares o maior favor; Irene está arrufada... se te quisesse encarregar de falar-lhe... de convencê-la...

BRAZ – Encarrego-me, conta comigo; mas... atende, casamento de velho com menina é fazê-lo de improviso, ou falha.

CASIMIRO – Eu não me sinto velho; concordo, porém, e se fosse possível... amanhã mesmo...

BRAZ – Amanhã é impossível, Casimiro; há muita obra a fazer; primeiro alcançar a palavra de Irene, depois obter todas as dispensas na Conceição; tomo tudo a mim; se é que não estás abusando da minha simplicidade, basta que assines os papéis que logo te darei...

CASIMIRO – És meu irmão adotivo, não deves iludir-me, não podes gracejar em tão grave assunto...

BRAZ – Sou teu irmão adotivo, lembraste-o bem; farei por tua felicidade e por tua reputação mais do que esperavas em mim.

CASIMIRO – Braz! meu Braz!

BRAZ – Deixa para depois os agradecimentos; estou tomando gosto à negociação e ao serviço de que me encarregas pela mais interessante coincidência...

CASIMIRO – Que coincidência?

BRAZ – No domingo a madrinha proclama o seu casamento, e no mesmo dia poderás realizar o teu; mas... tu sabes, a alma do negócio é o segredo, e neste gênero de negócios...

CASIMIRO – Principalmente; ninguém me ouvirá palavra, confio em ti, farás tudo. Quanto à coincidência... se pudesses também convencer Violante de que não lhe está bem casar-se na sua idade... de que o ridículo, a murmuração de todos... o mal que faz a seus parentes...

BRAZ – No coração de uma velha o badalo do casamento soa mais forte que o bombo em música de timbaleiros; não há esperança: lasciate ogni speranza; a velha entra por força a porta do inferno.

CASIMIRO – Aí chega ela... eu vou passear pelo jardim... Violante me irrita com a sua mania: já brigamos hoje, é melhor sair...

CENA IV

BRAZ e VIOLANTE.

VIOLANTE(A Casimiro) – Pode voltar-me as costas quantas vezes quiser! agradeço-lhe a sua ausência...

BRAZ – Madrinha!

VIOLANTE – Pois não! tenho passado o dia em uma roda-viva; que tem ele de opor-se ao meu casamento?

BRAZ – Mas... eu não a julgava com tanto talento para a zombaria! tem tocado o sublime...

VIOLANTE – Por fim de contas... não tornes a falar-me assim... tenho uma idéia a ferver-me na cabeça... mandei-te chamar por isso.

BRAZ – Desde ontem à noite que a madrinha me está logogrifando com a idéia que lhe ferve na cabeça; ainda bem que me mandou chamar: às ordens!

VIOLANTE – Como te direi, Braz? tu és quase meu filho, atende-me e aconselha-me; mas... não olhes para mim com esses olhos espantados... por fim de contas meteste-me a brincar com fogo... por um lado só a idéia do meu casamento pôs em fúria Casimiro contra mim, e me deu a mostra do pano, e do que devo esperar destes meus parentes; por outro lado, três moços bonitos, amáveis e cada qual mais extremoso, se oferecem a proteger e aditar meus últimos anos.

BRAZ – Madrinha... o que está dizendo... por quem é... uma senhora de tanto juízo... (Mudando de tom) bravo, madrinha! admirável!... até a mim própria iludia! representa perfeitamente!

VIOLANTE – Mas não há ilusão... é a idéia que me está fervendo na cabeça...

BRAZ – Estupendo! é de arrebatat! bravo, madrinha!

VIOLANTE – Pior! queres fazer-me perder a paciência? principias a faltar-me ao respeito!..

BRAZ – Como?... pois não é graça, madrinha?

VIOLANTE – Meu Braz, se eu não me casar, que contarei deste mundo no outro? e por fim de contas quem pode assegurar que eu não seja amada por meu marido? e ainda não amada, ele pelo menos fingirá amar-me, e há de cercar-me

de cuidados para que eu lhe deixe toda minha fortuna: esse fingimento me fará feliz...

BRAZ – *Et coetera... et coetera...*

VIOLANTE – Não entendo.

BRAZ – Naturalmente: *et coetera* é grego; mas tem sua eloquência nestes casos.

VIOLANTE – Eu não pensava nestas coisas; tu me expusestes ao fogo... criaste a hipótese... fizeste-me desejar a realidade, oferecendo-ma ou mostrando-ma de perto!... Braz, a gente não é de ferro...

BRAZ – Ah, madrinha! a serpente não pensou que houvesse tentação para a Eva de sessenta e dois anos! sou o maior tolo do Brasil!

VIOLANTE – Reprovas também?...

BRAZ – Não digo isso... mas reflita por algumas semanas antes de se decidir... madrinha... a sua idade...

VIOLANTE – Não vem ao caso; com os anos que tenho, achei de uma vez três pretendentes à minha mão; parte deste princípio e raciocina.

BRAZ – Partindo desse princípio, não há que raciocinar: é casar *et coetera*.

VIOLANTE – Pretendes meter-me à bulha?

BRAZ – Qual! tenho visto disparates maiores; exemplo: o do... o da... o de... não acho agora exemplo; mas sem dúvida haverá muitos; a madrinha quer casar? aprovo; conte comigo em tudo, por tudo e para tudo.

VIOLANTE – Eu contava tanto com os teus epigramas como com a tua dedicação. Agora quero de ti um favor: preciso que até amanhã à noite, me tragas informações miúdas e completas sobre os meus três pretendentes.

BRAZ – Honradíssimos e desinteressadíssimos jovens: iguaizinhos todos três.

VIOLANTE – A tua voz tem um tom de ironia...

BRAZ – Não, senhora; apenas falei em grifo, como diz certo amigo; vá descansar, madrinha; amanhã lhe trarei o relatório das virtudes e das hipotéticas fraquezas daqueles três primores... serei leal, como sempre; vá descansar.

VIOLANTE – Sim, e preciso bem; desde ontem que não durmo... sinto uns abalos no coração...

BRAZ – Vá dormir sossegada; o seu casamento se fará *et coetera... et coetera*.

VIOLANTE – Tu és trigo sem joio. (Vai-se)

CENA V

BRAZ e CLEMÊNCIA.

BRAZ (Acena para dentro chamando) – Psiu! psiu!

CLEMÊNCIA (Dando-lhe a mão) – Como passou?

BRAZ – Melhor do que merecia; falemos com algum cuidado... (Observando)

CLEMÊNCIA – Que há?

BRAZ – Virei de bordo e venho bater bandeiras; abandonei o partido da madrinha e passo-me para o seu; não se admire, porque isto é trivial.

CLEMÊNCIA – Na minha questão com a titia dispenso absolutamente o seu apoio.

BRAZ – Dê forte, que bem o mereço; mas o caso tornou-se grave; na sua família manifestou-se a loucura contagiosa; é para fazer medo! não me espantaria se hoje ou amanhã a senhora se dirigisse à minha casa para pedir-me em casamento.

CLEMÊNCIA – Tranqüilize-se.

BRAZ – Não posso, porque esse é o caráter da epidemia; escute, guarde segredo e auxilie-me em seu próprio interesse; seu pai incumbiu-me de pedir para ele a menina Irene em casamento.

CLEMÊNCIA – É possível?!!! vou contar a Mário.

BRAZ – Deitaria tudo a perder.

CLEMÊNCIA – Meu pai então está doido?

BRAZ – Se a moléstia é reinante!

CLEMÊNCIA – Tem razão... gosto de Irene; mas se meu pai me desse por madrasta... sim... era caso de correr a sua casa a pedi-lo em casamento... é demais!

BRAZ - Não se encolerize; ouça o que mais me ataranta: a madrinha, que instigada por mim fizera a famosa aposta com o único fim de castigar um pouco a sua vaidade, e de ensiná-la a conhecer a torpeza de certos homens, tomou gosto ao brinquedo e quer deveras casar-se.

CLEMÊNCIA – O senhor está gracejando.

BRAZ – O que eu estou é em brasas.

CLEMÊNCIA – Não... a titia diverte-se com os três ambiciosos, e dá-me boa lição...

BRAZ – Falo-lhe como amigo, e membro adotivo da sua família...

CLEMÊNCIA – Mas a titia quer fazer mal a todos nós, expondo-se a muito maior mal?... isso me aflige realmente.

BRAZ – Eis aí pois dois casos de loucura; sou, por felicidade, o confidente da madrinha, e o corretor da negociação casamenteira de Casimiro, mas preciso de auxiliares.

CLEMÊNCIA – Que posso eu fazer?

BRAZ – Muito, conforme as circunstâncias; na questão paterna há de facilitar-me hoje mesmo uma conferência com Irene; mas nem de leve indicará que a não quer por madrasta.

CLEMÊNCIA – Convém prevenir...

BRAZ – Deseja mais um doido na história? a senhora é homeopata, espera curar pelos semelhantes.

CLEMÊNCIA – Farei o que me ordenar.

BRAZ – Quanto à madrinha, estou ainda a ver navios; velha com esperança de casamento é mais teimosa que um galo da Índia a brigar; não sei que faça; a senhora, porém, descobriu um recurso, que me pode servir.

CLEMÊNCIA – Qual! estou aniquilada...

BRAZ – Deixe-se de fingimentos; pediu uma dilatação de três dias; para que? preciso saber tudo.

CLEMÊNCIA – Apelação de condenada; mme. Dubarry com o pescoço na guilhotina dizia ainda ao algoz: “un petit moment, monsieur le baourreau!”

BRAZ – Desconfia de mim, não é?

CLEMÊNCIA – Desconfio: só tenho um recurso, espere por ele, e vá laborando, como puder, contra a loucura da titia, se é que não veio armar-me uma cilada.

BRAZ – Não tenho direito de protestar... ao menos porém trabalhemos de acordo; eu creio... mas o meu ouvido é ótimo (Baixo) são pisadas de velha; ela pode dispor de si! se fosse pobre, vocês haviam de empurrá-la! (Baixo) não faça caso: (Alto) esta oposição é pelo receio de perder a herança, com que calculavam! (Baixo) ataque-me de rijo: (Alto) a madrinha não precisa de tutores! (Baixo) proteste.

CLEMÊNCIA – Pois que se case... sentirá as conseqüências...

BRAZ – *Et coetera.*

CENA VI

BRAZ, CLEMÊNCIA e VIOLANTE, que viera chegando.

VIOLANTE – A senhora também pretende por-me impedimentos?

CLEMÊNCIA – Não, senhora; case-se, e há de ver o que a espera; por mim já tive o que desejava, a dilação de três dias.

VIOLANTE – Que me importa a dilação? agora o caso é sério e nele só o Braz goza a minha plena confiança.

CLEMÊNCIA – Mas eu não prescindo da aposta.

VIOLANTE – Já ganhei-a, e vou deixar-te para tua consolação dois infelizes, como desprezados despojos do meu triunfo.

BRAZ (A Clemência) – Caráter da loucura epidêmica; não apuro as coisas. (Alto) É o que eu dizia: a madrinha vencerá, casará, e, celebrado o casamento, haverá festa, banquete, glória, *et coetera, et coetera.*

VIOLANTE – Ah, meu Braz!

CENA VII

BRAZ, CLEMÊNCIA, VIOLANTE e MÁRIO.

MÁRIO – Revolução a consumir-se!

CLEMÊNCIA – Que temos?

MÁRIO – Sou outro, porque vou ser outro; decididamente quebrei com o meu passado: quebrei e era de razão; não era? tenho vergonha do que fui...

CLEMÊNCIA – Mário, tu nos assustas, que é que foste?

MÁRIO – Um vadio, o escândalo da sociedade, um traste sem préstimo; tenho vergonha... não é de razão? o que me abriu os olhos foi o sopro de um anjo.

BRAZ – Explica-te, relâmpago!

MÁRIO – Há uma hora que Irene me disse: “Juras amar-me e que me queres por esposa: em que te ocupas? qual o trabalho de que tirarás o pão para me sustentar?...” Olhei ao redor de mim e dentro de mim, por fora e por dentro achei-me no vácuo! Palavra de honra, tenho sido um vadio descomunal! não tenho? se são capazes digam em que me ocupo... digam... digam!...

BRAZ – Em trocar as pernas: é ocupação de muitos outros, como tu.

MÁRIO – Não as trocarei mais: Irene fez-me ver a verdade com a luz do amor.

BRAZ – Pois é raro que essa luz mostre assim as coisas.

MÁRIO – Virtude da fonte lucífera; as Irene também são raras o caso é que consumou-se a revolução; sou outro, porque vou ser outro, e não vendo hoje mesmo Hipogrifo, porque Irene mo proibiu.

BRAZ – Nisso ela errou: conservando Hipogrifo, ainda podes desencabrestar.

MÁRIO – Não tenha medo: quero estabelecer-me, trabalhar e enriquecer.

VIOLANTE – A resolução é ótima: que calculas ser?...

MÁRIO – Se eu pudesse, seria banqueiro; mas falta-me a matéria prima; não tenho riqueza... não tenho fundos...

BRAZ – Que asneira, Mário! para ser banqueiro basta o dinheiro dos outros.

MÁRIO – Quero um mister decente: arranjam-mo? vejam se mo arranjam, e cuidado comigo, que adoro os extremos; olhem, que sou capaz de ir quebrar pedras, ou de mostrar-me puxando uma carroça d'água.

BRAZ – E não te vexarias?

MÁRIO – Eu, vexar-me? chapéu desabado à cabeça, blusa a operário francês, calças grossas a ilhéu, sapatões ferrados a italiano, puxando o burro preso à carroça, erguerei orgulhoso a frente ao passar diante das janelas de Irene, porque, vendo-me assim, Irene dirá: “É por mim!”

VIOLANTE – E nós? e o nosso vexame?

MÁRIO – Pois arranjem-me um mister mais decente: eu declaro que estou decidido, sou outro, porque vou ser outro, consumou-se a revolução.

BRAZ – Mas onde tens o capital para comprar dois burros pelo menos, a carroça e os barris?...

VIOLANTE – Para isso não te empresto dinheiro, não contes comigo por fim de contas.

MÁRIO – Nem eu preciso, vendo Hipogrifo: dois contos de reis... é querer.

CLEMÊNCIA – Nunca serás aguadeiro... seria um opróbrio...

MÁRIO – Opróbrio é ser vadio; arranjem-me ocupação mais decente e mais rendosa... concedo oito dias às vaidades de família...

CLEMÊNCIA – Papai trata de obter para ti um emprego público.

MÁRIO – Rejeito *in limine*, por duas razões: primeira, quero estar em oposição muito independente a todos os ministérios; segunda, um aguadeiro ganha mais do que os empregados públicos de escala superior.

BRAZ – Abaixo o aguadeiro! ofereço-te a administração duma pequena fazenda de café com cinquenta escravos sob a condição de metade nos lucros.

CLEMÊNCIA – Excelente!

VIOLANTE – Que fazenda é essa, Braz? suponho que não será a minha.

MÁRIO – Também não aceito.

BRAZ – Então és incontestável.

MÁRIO – Não caio nessa; fora da cidade só casado com Irene.

VOZES (Dentro) – Mário!... Mário! Mário!...

CENA VIII

BRAZ, CLEMÊNCIA, VIOLANTE, MÁRIO e CASIMIRO.

CASIMIRO – Mário, aí estão à porta dez ou doze cavaleiros teus amigos... bradam por ti... não ouves?

VOZES (Dentro) – Mário! Mário!

MÁRIO – Passeio oficial de sportemen... parece extraordinário e singular em S. Cristóvão... (Luta interior) tentação diabólica... eu tinha dado a minha palavra!

VOZES (Dentro) – Mário! Mário!

MÁRIO – Hipogrifo a brilhar... vou... não vou... (Vai e volta)

CASIMIRO – Há de ir... deves cumprir a tua palavra...

MÁRIO – Sou outro, porque vou ser outro... consumou-se a revolução... não vou!

VOZES (Dentro: batem com os açoites nas janelas) – Mário! mandrião! vem!

MÁRIO (Correndo à janela) – Relache par indisposition: Hipogrifo constipou-se.

ATO V

A mesma sala do ato quarto

CENA I

CLEMÊNCIA e BRAZ, que chega.

BRAZ (Grande cumprimento) – É de mestra!... agora, aconteça o que acontecer, não vá pedir-me em casamento; porque se arrisca à negativa certa.

CLEMÊNCIA – Tão feia ou má sou eu?

BRAZ – Nem feia, nem má; é porém um demoninho de arteira.

CLEMÊNCIA – Veremos nos resultados do artifício. Aqui todos guardam segredo: lembre-se que anteontem se declarou do meu partido...

BRAZ – Bati bandeiras aos seus pés, estou rendido, hoje mil vezes mais.

CLEMÊNCIA – Eu o esperava ansiosa para assegurar-me da sua discrição...

BRAZ – Beijo-lhe as mãozinhas pela dúvida.

CLEMÊNCIA – Agora... desculpe-me... devo completar o meu toilette...

BRAZ – Bata as asas e voa já ao paraíso do espelho. (Vai-se Clemência)

CENA II

BRAZ e CASIMIRO.

CASIMIRO – Braz... Braz... então?... falaste-lhe de novo?...

BRAZ – Tranqüiliza-te, Casimiro! estás que pareces desvairado! para mim são favas contadas; anteontem falei-lhe pela primeira vez e sabes já que houve trovoadas e chuva; isto é, rugidos de cólera e lágrimas de dor...

CASIMIRO – Coitadinha!

BRAZ – Ontem de novo ataquei a fortaleza, e, como te disse, Irene defendeu-se com reticências... monossílabos... e enfim com um “saberá mais tarde” assobiado a tremer, que me fez ficar sabendo mais cedo...

CASIMIRO – Confia talvez demais na minha felicidade...

BRAZ – Tão seguro estou de conseguir o meu fim, que, obtida a permissão da mãe e do irmão de Irene, já alcancei todas as dispensas admissíveis para o casamento... em poucos dias teremos a boda.

CASIMIRO – Excelente amigo!... mas hoje?... tornaste a falar-lhe?...

BRAZ – Não há duas horas; Irene é como todas as moças; está morrendo por casar; mas faz-se de boa para ser muito rogada; insisti na história, e ela sorriu-se vaidosa... corou... vês?... foi como se começasse dizendo; “eu...” e pontinhos: depois suspirou... vês?... foi como se acabasse dizendo: “quero” com ponto final et coetera.

CASIMIRO – Mas... como, suspirou... isso já e muito, e todavia... pode não ser coisa alguma.

BRAZ – Enganas-te: isso é sempre alguma coisa. Irene caiu no laço; juro-te que desde dois dias o seu olhar, a sua fisionomia, os seus enleios, a sua respiração muitas vezes comprimida, estão denunciando noiva.

CASIMIRO – É verdade que ela ontem falou-me com uma perturbação...

BRAZ – Queres mais claro?

CASIMIRO – Eu queria... o sim decisivo...

BRAZ – Também eu quis, pedi-o, e exigi-o ainda há pouco.

CASIMIRO – E ela?...

BRAZ – Quis falar... hesitou... apertou-me a mão, feliz Casimiro! e enfim, depois de muita confusão... rosas de pejo nas faces... agitação palpitante do seio, et coetera, afortunado Casimiro! ela murmurou a custo: “Poupe-me ainda... farei por chegar um pouco cedo para o banquete de d^a. Violante... e lá... se nos acharmos sós... o senhor me ouvirá... e ficará contente de mim.”

CASIMIRO – Oh! ela disse isso? que tu ficarias contente dela?... então é certa a minha dita, Braz! é a conseqüência...

BRAZ – Lógica, está claríssimo: o contrário fora absurdo et coetera; e por essa razão corri a esperá-la aqui; entendi-me com o irmão, que as acompanhará até a escada da varanda, e voltará depois.

CASIMIRO – Ah, meu Braz!

BRAZ – Traduzo ou interpreto: desejas ouvir a minha conferência com Irene.

CASIMIRO – Se fosse possível...

BRAZ – Vaidoso! vaidoso! é uma traição que a tua noiva me agradecerá; quando ela chegar, entra no teu gabinete, e da porta entreaberta ouvirás tudo. Feliz Casimiro! eu ponho-me de sentinela. (Na janela)

CASIMIRO – Muito padece quem ama!

BRAZ (A janela) – Com efeito um amor assim fora de tempo deve andar aos tombos pelas rugas do coração; mas a madrinha, que é oito anos mais velha do que nós, mostrou-te o caminho do casamento...

CASIMIRO – Que doida! que velha ridícula!

BRAZ – Desta vez é a madrinha que traz nos olhos a trave; mas o argueiro que está nos teus é de um tamanho colossal...

CASIMIRO – Eu sinto verdadeiro amor...

BRAZ – Também a madrinha diz que o sente; é questão de mais ou menos cabelos brancos nos dois amores... mas... Irene chega... como vem formosa! afortunado Casimiro! ao gabinete, perverso.

CASIMIRO (Entrando) – Conversa de modo que eu ouça distintamente.

BRAZ – Podes contar com isso: conversarei fortíssimo.

CENA III

BRAZ, IRENE e CASIMIRO no gabinete.

BRAZ – Minha senhora, dou parabéns à minha fortuna, pois que a madrinha e d^a. Clemência ainda estão aprimorando os seus toilettes, e Casimiro e Mário provavelmente mostrando os seus.

IRENE – A fortuna de que fala é determinada pelo cruel dever de dar-lhe contas de mim ... compreendo que me cumpre falar, explicar-me, responder-lhe... mas custa-me... o vexame atormenta-me...

BRAZ – Na minha qualidade de homem é evidente que tenho menos vergonha e rompo a discussão, começando pelo fim, o que é mais em regra. Casimiro a

adora; a sua mão de esposa vai aditar-me... uma só palavra sua resumirá mil discursos; diga – sim – , e está acabada não, mas principiada a história, e que história? et coetera.

IRENE – Devo ser franca: o sr. Casimiro está adiantado em anos e eu sou quase menina; poderia sentir por ele somente amor filial; como lhe consagrarei amor de noiva? o nosso casamento seria muito desigual, e ainda isso é o menos.

BRAZ – Caio das alturas: pois há mais?... tenha a bondade de chegar-se para mim, que sou um pouco surdo (Perto do gabinete) pois há mais?

IRENE – Há: disse que ele é demasiado velho para uma noiva de dezoito anos... tem três idades minhas.

BRAZ – Como?... esta surdez martiriza-me...

IRENE (Mais alto) – O sr. Casimiro tem três idades minhas.

BRAZ – Ah! isso é o menos: o que é o mais?...

IRENE – Pois que é necessário dizê-lo... confesso-o... eu já sou amada... e... amo...

BRAZ – Como?...

IRENE (Mais alto) – Já sou ... e amo...

BRAZ – Ah! essa circunstância... bilateral é bilateralmente grave.

IRENE – E ainda mais...

BRAZ – Mais?... então é o infinito na desgraça de Casimiro... estou caído das alturas et coetera!

IRENE – Não é o infinito, mas é o impossível moral e absoluto...

BRAZ – Que ilusão a minha! e eu que contava... mas então...

IRENE – O homem por quem sou amada, aquele que amo... sr. Braz...

BRAZ – Querem ver que sou eu...

IRENE – É... Mário... o filho do sr. Casimiro...

CENA IV

BRAZ, IRENE, CASIMIRO no gabinete e MÁRIO, no fundo.

BRAZ – Como? esta surdez é o diabo.

IRENE (Alto) – O homem por quem sou amada... aquele que amo... é Mário...

BRAZ – Mário? a atrapalhão é séria; porém...Mário é um estróina.

IRENE – Tem o mais nobre coração... é jovem e belo; eu o amo...o seu defeito era a ociosidade... ama-me porém ternamente... (Abre-se a porta do gabinete; Casimiro com os traços decompostos; Mário ao fundo entusiasmado) eu conseguirei corrigi-la... e pelo encanto... pela pureza e santidade do nosso amor levá-lo a trabalhar, a ser útil a si, à sociedade, e a esquecer entretenimentos vãos. (Casimiro sai arrebatado ao mesmo tempo que Mário avança)

MÁRIO – Prova! acabo de vender Hipogrifo. (Confusão de Casimiro)

IRENE – Ah! meu Deus!

BRAZ (A Casimiro) – Contém-te, Mário chegou apenas a poucos momentos, e nada ouviu sobre tuas loucas pretensões... é indispensável que ele as ignore sempre.

CASIMIRO (A Braz) – Mas como está desmoralizada a mocidade! (A Irene) Minha senhora.

IRENE – Sr... Casimiro...

CASIMIRO – Peço perdão...entrei precipitado...

MÁRIO – Foi a mais feliz surpresa, meu pai.

CASIMIRO – Impertinente! sempre desassisado...

MÁRIO – Porque vendi Hipogrifo? dois contos para raiz de fortuna abençoada pelo amor de um anjo.

BRAZ – Adorável estróina, Deus te abençoe.

IRENE – Eu me confundo... e preferiria ir ver as senhoras.

CASIMIRO (A Mário) – Não compreendes que és inconveniente?

MÁRIO – Pois há mal no que disse?... meu pai, amo d^a. Irene, ela ama-me; logo nos amamos; eu era um vadio, agora vou trabalhar; prova de juízo, vendo Hipogrifo; o que falta só é que meu pai aprove o que falta.

CASIMIRO (A Braz) – Que lição cruel, malvado!

BRAZ (A Casimiro) – Deixa-te de tingir os cabelos; resigna-te à reforma de namorado et coetera, e sabe ser feliz pela felicidade de teus filhos.

CENA V

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, VIOLANTE e CLEMÊNCIA.

VIOLANTE – Mil agradecimentos, d^a. Irene, por ter vindo honrar o nosso jantar, que será o do meu noivado.

IRENE – Renovo-lhe os meus parabéns, minha senhora; e o seu noivado quando será, d^a. Clemência?! espero ser convidada.

CLEMÊNCIA – Fiz dois votos: o primeiro para que nós duas tenhamos as nossas bodas no mesmo dia; o segundo, para que a titia assista a elas ainda solteira e sem noivo.

VIOLANTE – Esta pobre invejosa não passa de praguenta amalucada: a minha dita lhe tira o sono e faz delirar; em parte devo desculpá-la: o meu casamento, d^a. Irene, foi resolvido pelas linhas tortas com que Deus costuma escrever direito; principiou por brinquedo de aposta, e vai acabar em coisa séria. Ah! se eu lhe contasse toda a história... mas... bem vê que por fim de contas há no nosso sexo certas revoltas do pudor...

IRENE – Oh!... sem dúvida...

BRAZ – E com todas essas revoltas a madrinha casa-se por fim de contas et coetera!

CLEMÊNCIA – Quem sabe? eu hei de ver para crer...

VIOLANTE – O que pretendes é perturbar-me o espírito com temores vãos... ficaste vencida!

CLEMÊNCIA – Confesso; mas espero ficar sem vencedora. (Impaciência de Violante) titia, a que horas devem chegar os seus três pretendentes?

VIOLANTE – Às quatro horas precisas (Consulta o relógio) são apenas três... ainda tenho de esperar um século!

CLEMÊNCIA – E em uma hora transforma-se o mundo. (A Braz) Estou com medo...

BRAZ (A Clemência) – E eu não; confio muito nas misérias humanas.

CENA VI

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, CLEMÊNCIA, VIOLANTE e um criado, que apresenta em uma salva de prata uma carta a Violante e retira-se.

VIOLANTE (A Clemência.) – Vê de quem é essa carta e o que contém.

CLEMÊNCIA (Abre e lê.) – Oh!

CASIMIRO – Que é?

CLEMÊNCIA (Lendo.) – “Minha senhora: cedendo, a meu pesar, a circunstâncias imperiosas, sou obrigado a desistir das minhas pretensões à mão veneranda de v. exa.; se, porém, o destino não me permite ser esposo, serei ao menos sempre de v. exa. o mais humilde criado... dr. Augusto de Melo.”

CASIMIRO – E esta?

VIOLANTE – É falso! Como não sei ler, a maldita invejosa abusa da minha ignorância. (Toma a carta e dá-a a Braz.) Braz, lê tu esta carta por fim de contas.

BRAZ (Depois de ler para si.) – Tal e qual, madrinha! E a letra e a firma são do dr. Augusto. Custa a crer... mas este... foi-se! et coetera.

VIOLANTE (Dissimulando mal.) – Por fim de contas, era esse o que menos me agradava dos três.

CLEMÊNCIA – Ah, titia!...

VIOLANTE (Com força.) – Ainda tenho dois.

CENA VII

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, CLEMÊNCIA, VIOLANTE e o criado, que apresenta segunda carta a Violante e vai-se.

MÁRIO – Este criado tem cara de correio de más novas.

VIOLANTE (Confusa dá a carta a Braz.) – Lê tu, meu Braz; lê porém direito...

BRAZ (Abre a carta e lê.) – Et coetera!!! “Excelentíssima: tendo empregado três dias em refletir, como v. exa. me ordenou, cheguei à triste convicção de que me cumpre declarar com o mais profundo respeito e dor acerba que dou o dito por não dito, e sou de v. exa. o servo mais dedicado. – Leopoldo Pereira.” Li muito direito: a madrinha quer arquivar a carta? (Apresentando-a.)

VIOLANTE – Deita fora esse papel sujo!

CLEMÊNCIA – A titia deve ter paciência, como eu tive...

VIOLANTE – Não me fales!... ainda me ficou o melhor dos três... por fim de contas o mesmo que eu estava resolvida a preferir... (Senta-se agitada e abana-se forte.)

IRENE – Mas de que modo se explica semelhante procedimento?

VIOLANTE – Juro que são intrigas desta pombinha sem fel! (Mostra Clemência e abana-se muito.) Por fim de contas está fazendo muito calor!...

CENA VIII

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, CLEMÊNCIA, VIOLANTE e o criado, que apresenta terceira carta a Violante e vai-se.

CASIMIRO – Terceira carta! Será possível que...

VIOLANTE (Vai dar a carta a Braz, e arrepende-se; dá-a a Irene.) – D^a. Irene, a senhora é uma santa...

MÁRIO – Apoiado, titia!

VIOLANTE – Uma santa menina que não me enganará: leia, leia a senhora.

IRENE (Abre a carta e lê para si.) – Ah! É demais! Não ousou...

VIOLANTE – Leia, ainda que seja a minha sentença de morte.

IRENE (Lendo.) – “Excelentíssima senhora: tenho a honra de participar a v. exa. que ontem fiz-me examinar por dois médicos, os quais me declararam com hipertrofia do coração, e condenado ao celibato para viver mais alguns anos que consagrarei ao amor platônico do belo sexo; assim, pois, coagido por força maior e maldizendo da minha hipertrofia, peço mil perdões a v. exa....

VIOLANTE (Arrebata e rasga a carta.) – Basta! Muito obrigada pelo seu favor: por fim de contas... (A Clemência.) foste tu que os endemoninhaste... mas por fim de contas eles são três demônios.

BRAZ – Madrinha, tudo que Deus faz é por melhor; veja que de três harpias escapou; se se casasse com algum deles sabe o que teria de sofrer?...

VIOLANTE (Encolerizada,) – O que?... O que?... O que?...

BRAZ – Teria de sofrer... et coetera, et coetera, madrinha.

CASIMIRO – E ficamos sem noivo para o banquete do noivado!

BRAZ – Menos essa... já temos um... (Mostrando Mário.) e eis aí outro.

CENA IX

BRAZ, CASIMIRO, IRENE, MÁRIO, CLEMÊNCIA, VIOLANTE, LAURIANO e, logo depois, PORFÍRIO.

LAURIANO – Minhas senhoras! Meus senhores! (Cumprimento.)

IRENE – Vens radioso de alegria...

LAURIANO – Felicitem-me! Acabo de saber que com ótima aprovação nos exames de suficiência, que fiz, estou habilitado para ensinar diversas matérias de instrução secundária e tenho já prévios ajustes para lecionar em quatro colégios: oito horas de trabalho por dia; mas é quase riqueza, e seria riqueza completa (olhando Casimiro e Clemência.) se me fosse dado reparti-la com a escolhida do meu coração...

BRAZ – *Et coetera*, Casimiro, *et coetera*! Isso é claríssimo, e cai do céu; não cai do céu d^a. Clemência?...

PORFÍRIO (Arrebatado.) – Que é dele?... Que é dele?... Quero abraçá-lo.

CASIMIRO – Quem?

PORFÍRIO – O capitão Jorge de Souza? Que é dele?...

BRAZ (A Clemência.) – Temo-la travada!

CLEMÊNCIA (A Braz.) – Agora pouco importa.

PORFÍRIO – Mas que é do capitão?

CASIMIRO – Estás doido?

VIOLANTE – Que capitão, senhor?... Não sabe que o meu infeliz primo Jorge morreu há dois anos em combate no Paraguai?

PORFÍRIO – Mas ressuscitou: no Paraguai muitas vezes se ressuscita; aqui está a gazetilha do Jornal do Comércio de hoje... (Mostra o jornal.)

VIOLANTE – Ressuscitou! Meu primo!...

PORFÍRIO – Estão cambando?... A gazetilha diz que a notícia é dada pela família; aqui está (Lendo.): “O capitão Jorge de Souza, que todos julgavam morto, escapando ao inimigo que o tinha prisioneiro, apresentou-se aos seus bravos companheiros no mesmo dia da vitória do Campo Largo e chegou ontem a esta corte no transporte de guerra”

VIOLANTE – Meu primo! Meu primo!

PORFÍRIO – Mas é de pasmar! Não os entendo... a gazetilha fala na senhora...

VIOLANTE – Em mim?... Essa é boa! Eu em letra redonda por fim de contas.

PORFÍRIO – Aqui está! Diz, que conforme condição expressa do testamento de seu tio e padrinho, a senhora, sua única e universal herdeira, estava obrigada a entregar toda a herança ao filho, o capitão Jorge de Souza, se em qualquer tempo ele aparecesse vivo...

VIOLANTE – Isso é uma grande mentira; não há tal condição no testamento!

PORFÍRIO – Vamos a melhor!... A gazetilha acrescenta que a senhora ontem mesmo apressou-se a fazer plena entrega da imensa fortuna que herdara, ficando em completa pobreza, mas abençoando generosa a chegada de seu

primo. (Violante mede Clemência de alto abaixo.) Explique-me esta embrulhada...

CLEMÊNCIA (Abaixando os olhos.) – A titia perdoe... se a gazetilha não está bem redigida... para outra vez escreverei melhor.

PORFÍRIO – Eu fico às escuras!... Que quer dizer isto?

BRAZ – Foi uma aposta que acabou sem vencedora; pois o vencedor foi somente o dinheiro, que conquistou três miseráveis, logo depois fugidos em debandada ao anúncio da pobreza.

PORFÍRIO – Fiquei na mesma; o Braz quando não diz *et coetera* é ininteligível.

VIOLANTE (A Braz.) – Meu Braz, vexame até aqui! Por fim de contas não sei onde me esconda!

BRAZ (A Violante.) – Espere, que eu a salvo já. (Alto.) Basta de enganar estes pobres meninos: Clemência e Lauriano, Irene e Mário, tendes sido desde alguns dias objetos do nosso inocente divertimento; aqui não há velha noiva ridícula, nem velho com pretensões anacrônicas: ajoelhai-vos diante da tia benfeitora e do pai extremoso!

MÁRIO e CLEMÊNCIA – Como?... Então?...

BRAZ – Mário, eis as dispensas necessárias para que no fim de oito dias estejas casado com d^a. Irene; a assinatura de Casimiro nestes papéis esclarece tudo.

MÁRIO – Meu bom pai!... (Recebe os papéis, e vai com Irene beijar a mão de Casimiro.)

CASIMIRO (A Braz.) – Obrigado, Braz, obrigado. (Aperta-lhe a mão.)

BRAZ – D^a. Clemência, a madrinha nunca pensou em casar-se, quer viver, e vive para seus parentes, e ontem ordenou-me que tivesse pronto para cada um de seus dois sobrinhos um dote de cinqüenta contos de réis.

CLEMÊNCIA – Titia... escuse-me as travessuras... sempre a amei... (Beija-lhe a mão.)

MÁRIO – Com o produto da venda de Hipogrifo, titia, são cinqüenta e dois contos de réis para a minha Irene; não quero porém desigualdades; cedo um conto de réis a Clemência, e beijo-lhe a mão... vem beijá-la também, Irene!...

VIOLANTE (À sobrinha e Irene, que lhe beijam a mão.) – Me deixem!

BRAZ (A Violante.) – Cem contos de réis pela lição, madrinha... e negócio da China; aceite e cale-se.

VIOLANTE (A Braz.) – O que eu merecia era ir para o hospício de Pedro II; aceite e calo-me. (Alto.) E por fim de contas...

BRAZ – *Et coetera... et coetera...*

UMA PUPILA RICA

TÍTULO ORIGINAL:

UMA PUPILA RICA

COMÉDIA EM 5 ATOS

ATO I

Sala de estudo e de trabalho de senhoras: duas portas ao fundo: ao lado direito uma porta ao fundo e janelas abrindo para o jardim: piano, harmônico ou harpa, músicas, mesa contendo frutas, papéis, álbum, estojos de desenho, bastidores ricos para bordados, grande espelho, mobília elegante e apropriada, ornamentos, quadros de trabalhos de seda e de flores, flores naturais e vasos.

CENA I

FIRMINO e TEODORA.

TEODORA - Isso não... eu não posso deixar de convidar Estefânia: sei que o sobrinho tentou fazer ou mesmo fez a corte a Corina e sou capaz de jurar que a tia não foi estranha a isso; mas tua pupila repelia definitivamente a um, e eu te asseguro que hei de espantar a outra.

FIRMINO - Todavia! conhecer-lhes as intenções e chamá-los para casa é o maior dos erros: bastam as visitas com que eles me importunam...

TEODORA - Queres que eu rompa minhas relações com Estefânia?... digo-te que não vale a pena lembrar a pretensão já anulada de Fortunato... sabes, se também devo ter cuidado...

FIRMINO - Bem. (toma nota a lápis) Vá mais d. Estefânia e seu sobrinho Fortunato. (dobra o papel) Dezoito convidados: não passo além.

TEODORA - Por exceção valia a pena dar um baile: o filho do barão do Lago Azul se vaneceria do obséquio: asseguro-te que ele está cativo de Júlia.

FIRMINO - Parece, mas começamos errando: embora Teófilo já tivesse uma vez encontrado Júlia em casa de tua irmã, devias quando esse mancebo te foi apresentado anteontem, limitar-te a oferecer-lhe a nossa amizade.

TEODORA - Foi isso que fiz, já te disse vinte vezes; conheces porém a cabecinha de nossa filha: apenas minha irmã fez-lhe o presente da boneca, propôs logo o

batizado, declarou-se madrinha, e convidou para padrinho Teófilo que aceitou encantado. Que poderia eu dizer?...

FIRMINO - Júlia está muito adiantada! convém abrir-lhe os olhos, ou pelo contrário aconselhá-la a não abri-los tanto...

TEODORA - Inocência de menina...

FIRMINO - Inocência?... o batizado é pretexto para festa, e a boneca é chamariz de bonecas.

TEODORA - Ainda bem que o boneco é filho de fazendeiro riquíssimo.

FIRMINO - Sim, o partido é ótimo: todavia ... tua irmã foi casada com um parente de Teófilo: foi ela quem deu a boneca a Júlia; a festa do tal batizado bem poderia ter sido determinada para sua casa... eu faria as despesas: depois convidaríamos Teófilo a jantar conosco...

TEODORA - Isso não tem senso comum, Firmino; minha irmã é uma pobre paralítica, e somos nós que temos interesse em atrair o filho do barão do Lago Azul.

FIRMINO - E só por esta razão cedi, mas vê bem que as reuniões e saraus em nossa casa por ora não possa convir-nos: Corina já fez 15 anos, e apesar do retiro em que a temos, é patente o cerco que lhe fazem: depois do dr. André de Araújo, conto mais dois pretendentes ao seu dote.

TEODORA - Devias tê-la deixado presa no colégio até que ela se resolvesse.

FIRMINO - No colégio até os quinze anos! Já estaria casada sem vontade própria, sem audiência minha, e sem licença do juiz dos órfãos.

TEODORA - E por causa de Corina há um ano que suspendemos os nossos saraus! É preciso acabar com isso!

FIRMINO - Maldita ambição dos homens! Se Corina não tivesse seus duzentos contos de réis, nem pensaria na minha pupila. Poucos a têm, e ela tem mais pretendentes do que Júlia: eu até desconfio de Teófilo...

TEODORA - De quem a culpa? Desde alguns meses Corina podia estar casada com o meu Carlos, se não te obstinasses em querê-la para o filho da tua primeira mulher!

FIRMINO - Recomeças, Teodora!...

TEODORA - Sempre me fizeste a vontade; agora, porém, queres sacrificar meu filho à memória e ao amor da tua defunta: é porque sou muito menos amada do que ela o foi.

FIRMINO - Reflete, Teodora: teu primeiro marido foi rico, e na herança paterna Carlos possui bom princípio de fortuna, o meu Peregrino não herdou um real de sua mãe e assim...

TEODORA - Tenho eu culpa de que a tua defunta não tivesse onde cair morta? Há dezessete anos que o teu Peregrino gozou, não pouco, do que me deixou o pai de Carlos. Não basta?...

FIRMINO - Neste assunto hei de resistir aos teus caprichos.

TEODORA - E ainda há pouco falavas na maldita ambição!... Que tutor modelo és tu, Firmino!...

FIRMINO - Principias a ofender-me!...

TEODORA - Se me provocas!... Eu quero Corina casada com o meu Carlos!

FIRMINO - Que inocente paixão por Corina!..

TEODORA - É como a tua... melhor do que a tua!

FIRMINO - Corina é minha pupila! Sou eu que tenho direitos sobre ela.

TEODORA - Menos a de condená-la a ser desgraçada com teu filho, que só quer empolgar-lhe o dote...

FIRMINO - Empolgar-lhe!... ah! mas se fosse Carlos... Teodora... isto não é decente... acabemos...

CENA II

FIRMINO, TEODORA E SUZANA.

SUZANA - Não é decente, não: (avançando) os criados podem ouvir!

FIRMINO - Tia Suzana!

SUZANA - Acabo de voltar da igreja com a alma cheia de consolação, e, entrando em casa, acho logo um desgosto!... Por que não procuram a igreja, como eu?...

TEODORA - Minha tia...

SUZANA - Vocês viveram bem até hoje. Deus nosso Senhor estava nesta casa; que tentação maligna os expõe à perder a celeste graça?...

TEODORA - Nós nos amamos, como antes, minha tia. Tivemos apenas arrufos sem conseqüência.

SUZANA - Não, eu sei o que é. Desde algum tempo vocês disputam a miúdo, e nem sabem guardar a disputa para a hora e o lugar em que o sacrário dos esposos se fecha aos olhos e aos ouvidos da família. Essa indiscrição é o castigo da ira, como essa luta cruel em que estão, é o castigo de ambiciosa avareza.

FIRMINO - (a Teodora) E esta? É bem feito: aturamo-la agora.

SUZANA - Tenho-os ouvido por vezes... custara-me a confundi-los com a verdade... hoje não posso mais... o dever da consciência o manda: é por amor de vocês que vou falar...

TEODORA - (a Firmino) Tem paciência, ouçamos o sermão da santa velha.

SUZANA - Meus filhos, uma órfã é criatura sagrada. Por isso mesmo que na terra perdeu seus pais, por isso mesmo que é raro o tutor que sabe servir de pai, ela é a filha mimosa do Pai do céu: das lágrimas da cruz, uma lágrima é a sagração da paternidade divina da órfã. Quem atormenta a órfã, flagela a Jesus.

TEODORA - Que quer dizer, minha tia?...

SUZANA - Corina é órfã e está marcada para vítima da ambição do ouro: sua vida se resume em duas palavras: — sofrer por ter.

FIRMINO - Tia Suzana!

SUZANA - É a verdade que devo fazer-lhes ouvir. Corina é rica, e só porque é rica o tutor a quer para seu filho, a esposa do tutor a exige para o seu e discordes nesse antagonismo de ambições, conspiram de acordo contra a liberdade da órfã, premeditando o seu sacrifício...

FIRMINO - Senhora!...

TEODORA - (a Firmino) Deixe-a falar; é inofensiva.

SUZANA - A órfã vive enclausurada: Júlia vai ao teatro, aos bailes, aos passeios, e Corina fica sempre com a velha Suzana. Júlia canta, dança e toca na sociedade para atrair admiradores, e Corina não tem direito de ostentar as mesmas prendas que, aliás, possui; Júlia se mostra em toda a parte para ser desejada e amada, e Corina só por acaso chega à janela, mas sempre ao lado do seu tutor que lhe encadeia os olhos: vem-lhe do mal o bem, porque a órfã vive ao menos na ignorância das perversões do mundo, e em vez de ser mártir, se conserva anjo.

FIRMINO - Conservava pois o meu zelo e os meus escrúpulos de tutor?...

SUZANA - Desconfio de quem é mais escrupuloso como tutor, do que como pai. Bastava a Corina metade dos inocentes gozos de Júlia.

FIRMINO - É portanto uma acusação?...

SUZANA - Não acuso, apenas por amor de nós mesmos mostro o vosso pecado, e peço o arrependimento do tutor ambicioso. Corina é sonegada ao mundo para que não seja senão Peregrino e Carlos: o tutor e mulher do tutor enclausuram a órfã para obrigá-la a aceitar, a receber um de seus cativeiros como simulacro de liberdade. Meus filhos, eu juro pelos Santos Evangelhos, que vós ofendeis assim a lei da terra, e a santa religião daquele que morreu na cruz do Calvário...

TEODORA - Minha tia, que idéias são essas?...

SUZANA - Se estou em erro, peço humildemente perdão, mas eu tenho ouvido mais de uma vez a disputa do marido e da mulher, não sobre o merecimento, porém sobre o dote da órfã desejada para enriquecer os filhos... vejo na clausura da órfã a premeditação do sacrifício.... depois da clausura pressinto a violência.... tudo quanto a ambição inspira... talvez o crime.

FIRMINO - Senhora!...

SUZANA - A violência.... o crime.... meus filhos: eu não hei de ver a violência e o crime sem protestar contra eles. Era isto o que eu tinha a dizer... custou-me muito: perdoem-me, porque vos amo; mas arrependam-se, porque estão em pecado mortal.

FIRMINO - Vá rezar o seu rosário, tia Suzana; vá...

SUZANA - Vou: o meu rosário é a minha fortaleza, e com a inspiração do meu rosário hei de cumprir sempre o meu dever diante de Deus. Fiquem, se podem, na paz do Senhor. (vai-se)

CENA III

FIRMINO e TEREZA

FIRMINO - Quem esperaria por semelhante sermão de quaresma?... Tu és a culpada, Teodora, pois que nos comprometes ambos com imprudentes e importunas contestações.

TEODORA - Acabemos de uma vez com elas: enquanto minha tia ralhava, eu refletia pois que nenhum de nós cede ao outro, deixemos a Carlos e a Peregrino o empenho de conquistar o coração de Corina e a esta o direito de escolher entre os dois.

FIRMINO - Acho muito razoável esse alvitre.

TEODORA - Ambos nos conservaremos absolutamente alheios à luta rival: nem tu apoiarás as pretensões de teu filho, nem eu as do meu.

FIRMINO - Convenho; já deveríamos ter assim resolvido a questão.

TEODORA - Em oito dias obrigaremos Corina a decidir-se por Carlos ou por Peregrino.

FIRMINO - Perfeitamente.

TEODORA - Eu te juro, sob minha palavra de honra, que serei em tudo fiel a este acordo.

FIRMINO - Faço o mesmo juramento.

TEODORA - Vês? Acabo sempre por concordar contigo: muito bem: agora mais duas palavras sobre o batizado da boneca: teimas em não querer que a reunião seja numerosa?

FIRMINO - Um batizado de boneca é um passatempo tão juvenil que concedido à uma moça de dezesseis anos, só se tolera em família e em sociedade de íntimos amigos.

TEODORA - É uma explicação; mas se Júlia exigir grande festa e baile?....

FIRMINO - Júlia! Júlia! Tu a deitaste a perder...

TEODORA - Sim... fui eu!... Mas se ela exigir?...

FIRMINO - Oh! Não lhe digas que resumimos os convites; deixa que ela sonhe com o baile.

TEODORA - Previno-te de que em caso de revolta direi a Júlia que se entenda contigo.

FIRMINO - Não: é melhor iludi-la... Júlia é uma bonequinha... mas parece que a lembrança de Teófilo não lhe perturba o sono. (consulta o relógio) Dez horas da manhã!

TEODORA - Vou ver se as duas meninas já se resolveram a amanhecer. (vai--se)

FIRMINO (seguindo-a) - Até logo... saio; mas volto cedo.

CENA IV

FIRMINO e PEREGRINO.

FIRMINO - Ah! Pensei que não estavas em casa.

PEREGRINO - Entrei agora mesmo: vim pedir a meu pai que não esqueça o meu amigo Simão de Souza na lista dos seus convidados para o batizado da boneca de Júlia.

FIRMINO - Simão de Souza... que espécie de interesse...

PEREGRINO - Ele me protege em meus negócios: ainda há três dias adiantou-me dinheiro para comprar quatro escravos que logo vendi com seiscentos mil réis de lucro.

FIRMINO - Ah! Eu sempre o tive por homem de bem... ultimamente festeja muito Teodora, quando a encontra no teatro ou no baile. Vou mandar convidá-lo...

PEREGRINO - O convite o exultará: o meu amigo pensa também, como outros, a respeito de Corina...

FIRMINO - Em Corina?... Onde a viu?...

PEREGRINO - Não a viu ainda, mas tem conhecimento de seu dote...

FIRMINO - Não pode ser convidado.

PEREGRINO - Meu pai, Simão de Souza começa a envelhecer, é feio e rude. Não há risco em deixá-lo vir; mas dada a hipótese de que fosse feliz, eu que receio não vencer a indiferença glacial de Corina, teria a consolação de vinte por cento do dote da noiva.

FIRMINO - Então ele te propôs?...

PEREGRINO - Isso é casar-me com uma sobrinha que possui cerca de trinta apólices de conto de réis.

FIRMINO - Convidarei em todo o caso o homem. (vai à porta do interior)

PEREGRINO - Obrigado, meu pai.

FIRMINO - Teodora está no segundo andar: escutas, trata com atividade de agradar a Corina: eu tenho de fingir-me neutro, chama ao teu partido a filha do teu padrinho, que gosta muito da minha pupila... eu já vou falar ao compadre: nada disso seria preciso se eu não tivesse oposição em casa... mas Carlos.

PEREGRINO - Carlos não me incomoda: é um excelente mancebo, que estudou suas letras, agora passa a vida, freqüentando as galerias das câmaras, fazendo versos e lendo romances e poesias. Está arrufado comigo porque soube que eu negociava em escravos.

FIRMINO - E que tem isso?...

PEREGRINO - Carlos é um pobre e vão sonhador; há de proceder como eu quiser.

FIRMINO - Sim... porém a mãe de Carlos...

PEREGRINO - Minha madrasta.... esposa do meu pai.... eu a respeito e amo; todavia é mãe, e é raro que, julgando de seu filho, haja mãe que deixe de ser tola.

FIRMINO - (rindo) Este Peregrino!... mas... já te disse o que queria... Teodora pode chegar... vai-te.

CENA V

FIRMINO, PEREGRINO, que se retira, CRIADO, que se retira, e logo TOMÁS PEREIRA.

CRIADO - O senhor Tomás Pereira.

FIRMINO - Conduza-o para esta sala (vai-se o criado).

PEREGRINO - Meu pai, eu prevenirei ao meu amigo Simão de Souza...

FIRMINO - Ele receberá o convite daqui a duas horas...

PEREGRINO - Vossa mercê me dá dinheiro a ganhar... hoje comprei escravos. Não tenho reservas com meu pai: uma pupila rica é mina de ouro.... o caso é saber explorar a mina... (vai-se)

FIRMINO - (a Tomás) Sem cerimônia... o senhor é amigo da família. (saúdam-se) Sente-se... (sentam-se) por aqui a esta hora?

TOMÁS - Dever de fiel corretor: vendi as três apólices melhor do que esperava: eis o dinheiro e a nota da transação. (entrega)

FIRMINO - (Examinando o papel e o dinheiro) Que diligência! Obrigado.

TOMÁS - A minha visita ainda tem outro motivo... mas confidencial.

FIRMINO - Pode falar, estamos sós.

TOMÁS - Sou corretor, procurador, negociador, e quando proponho, não ofendo: franqueza, no seu lugar eu já tinha casado sua pupila; uma vez porém que o senhor o não quer fazer, digo-lhe que seria loucura rematada não ganhar licitamente algumas dezenas de contos, livrando-se do encargo da tutoria.

FIRMINO - É uma nova, a terceira proposta que me vem fazer para casar Corina?...

TOMÁS - Um negociante, boa firma, casa acreditada, moço elegante e honrado pede a mão da sua pupila; condição: vinte por cento do dote ao tutor, cinco por cento ao corretor, perpétuo segredo da transação. Que diz?

FIRMINO - Que o Senhor me confunde com os tutores sem consciência e sem honra, com os traficantes que exploram em seu proveito um depósito sagrado.

TOMÁS - Não se ofenda e ouça-me: recebi a confiança dos seus negócios, conheço a situação da sua casa e da sua fortuna: devo dizer-lhe que os seus recursos estão quase esgotados, e que a sua ruína será completa no fim de um ou de dois anos.

FIRMINO - Ficar-me-á ilesa a probidade e tranqüila a consciência. Corina ainda é muito criança: quando estiver no caso de fazê-lo, escolherá livremente o seu noivo: o juiz dos órfãos aprovará esta minha disposição: estou satisfeito.

TOMÁS - Sua alma sua palma: quer ser Catão, seja-o, há de, porém, em breve, dormir na esteira da pobreza.

FIRMINO - Dormirei nela sono que muitos milionários não podem dormir em seus leitos dourados.

TOMÁS - Senhor Firmino, sou seu amigo: abandone essas teorias poéticas, chegue-se à razão prática: veja em primeiro lugar se pode casar sua pupila com seu filho, ou ao menos casar com seu enteado... o dinheiro ficará em casa...

FIRMINO - E o meu crédito atirado ao meio da rua...

TOMÁS - Ao contrário, muito mais fortalecido pela presunção de maior base de capital: esta é que é a realidade; mas se escrupuliza, negocie o casamento da pupila rica em transação secreta, e peça a Deus que lhe dê mais duas ou três tutorias, como essa, para arranjo da vida.

FIRMINO - Eu penso de modo inteiramente diverso: Não posso aceitar a sua proposta, e peço-lhe que não insista neste assunto.

TOMÁS - Quando proponho, não ofendo, e também a negativa não me ofende: tomo tudo isto debaixo do ponto de vista mercantil: não faz conta, paciência: amigos como d'antes?

FIRMINO - Certamente.

TOMÁS - Cada vez o respeito e o lamento mais: o senhor é um homem do outro tempo... há de ser vítima da sua escrupulosa e exagerada probidade...

FIRMINO - Por quem é... não me confunda...

TOMÁS - (levantando-se e tomando o choque) Sou eu que saio confundido...

FIRMINO - Saíamos juntos.

TOMÁS - A companhia me exalta: reconheço-me por demônio ao lado de um santo.

FIRMINO - Quer dizer de um tolo...

TOMÁS - Ou isso.. salvo o respeito devido.

FIRMINO - Vamos, senhor Tomás Pereira. (vão-se)

CENA VI

TEODORA e CARLOS.

TEODORA - Saíram enfim.

CARLOS - Eu também vou sair... são quase onze horas...

TEODORA - Carlos, eu esperava que teu padrasto nos deixasse em liberdade para te ocupar de questão muito séria.

CARLOS - Mas hoje não posso perder a sessão do Senado: o ministério vai receber sova magistral... faz gosto ouvir os oradores da oposição...

TEODORA - Se não fosse o Senado, inventarias outro motivo para ausentar-te...

CARLOS - Com efeito... à tarde tenho sessão magna da Sociedade Filopoética.

TEODORA - É sempre assim! eu te peço dez minutos ao menos...

CARLOS - (abrindo o relógio) Dez minutos hoje, e amanhã o dia todo para minha mãe.

TEODORA - Meu filho, tu me confessaste que amavas Corina, e eu abençoei esse amor da beleza e da virtude...

CARLOS - Sim, minha mãe, eu amo Corina; mas infelizmente ela me parece um anjo amigalhado...

TEODORA - Se a esqueces tanto! aposto que ainda não lhe confessaste o amor que lhe tributas...

CARLOS - Ah! os meus olhos devem ter-lhe dito tanto!... E além dos meus olhos, já dez vezes tenho tentado declarar-lhe a minha paixão, mas...

TEODORA - Acaba...

CARLOS - Júlia me ridiculariza, e Corina põe-se a rir.

TEODORA - Não deves falar-lhe de amor em presença de Júlia.

CARLOS - Se uma nunca deixa a outra! Júlia é intolerável, minha mãe.

TEODORA - Eu ralharei com ela; tu, porém, sê mais freqüente junto de Corina: tens boa voz... canta a miúdo com ela... mostra-te mais ocupado da sua pessoa...

CARLOS - Ontem à noite escrevi-lhe um acróstico: ela há de lê-lo na Revista da Sociedade Filopoética.

TEODORA - A poesia não basta... em regra as senhoras confiam pouco nos poetas...

CARLOS - Mas eu não compreendo amor sem poesia e sem flores: ontem fiz versos a Corina, hoje hei de trazer-lhe um buquê de violetas, e amanhã dar-lhe-ei a ler o romance Paulo e Virgínia anotado por mim.

TEODORA - Versos, flores, romances, dá-lhe tudo isso, Carlos, exalta-lhe a imaginação, mas sobretudo sê menos acanhado... menos... não sei como digo, menos contemplativo, e... meramente respeitoso, ama-a como homem deste mundo... as senhoras... as donzelas precisam parecer forçadas a ouvir... a amar... a conceder inocentes favores...

CARLOS - Corina é um anjo.

TEODORA - Os anjos da terra têm sempre na sua natureza alguma coisa de material. Carlos, eu quero que Corina seja tua esposa...

CARLOS - Se eu merecer o seu amor espontâneo.... flor do coração.... isento de cálculos de família.... livre.... sem rigor, nem opressão... porque ela é rica... e eu não toleraria...

TEODORA - Perfeitamente... oh! Quem se lembra de riqueza! Eu só penso na formosura e na virtude de Corina!

CARLOS - Oh, muito bem, minha mãe!... Um amor poético!...

TEODORA - Todavia, receio muito pelo teu amor e pela felicidade de Corina, se não fores mais diligente, mais fervoroso...

CARLOS - Por que? Por que?...

TEODORA - Segredo inviolável, meu filho: teu padrasto resolveu casar Corina com Peregrino...

CARLOS - O mercador de escravos? Eu desconfiava disso: Peregrino compra e vende seus irmãos em Deus: é indigno de Corina...

TEODORA - E o teu amor pode salvar a vítima...

CARLOS - Corina esposa de um escravagista!... Minha mãe — hoje mesmo... (ouve dar onze horas) Ah, em vez de dez minutos, um quarto de hora... até logo...

TEODORA - (detendo-o pelo braço) Escuta ainda...

CARLOS - Não posso perder a sessão do Senado...

TEODORA - Cinco minutos só...

CARLOS - Já sei tudo! Há de ver como procederei...

TEODORA - Ao menos vai buscar-me o acróstico que fizeste.

CARLOS - (tirando um papel do bolso) Ei-lo aí... mas não o mostre a Corina: quero que ela o leia com surpresa na Revista da Sociedade Filopoética. (vai sair e encontra-se [sic] com Estefânia)

CENA VII

TEODORA, CARLOS, que logo se retira, ESTEFÂNIA.

ESTEFÂNIA - Ah! Carlos, quase que me deste um abraço...

TEODORA - (indo a Estefânia) Estefânia!

CARLOS - Desculpe: foi ardor parlamentar. (beija a mão de Estefânia) Sinto não poder demorar-me. É a hora da sessão do Senado: vou a correr. (vai-se)

ESTEFÂNIA - Carlos é um querubim; mas voa com excessivo ardor.

TEODORA - Agradeço-te a prontidão com que acudiste ao meu chamado. Senta-te. (Sentam-se)

ESTEFÂNIA - Acho-te desassossegada...

TEODORA - A minha luta com Firmino continua e se agrava.

ESTEFÂNIA - No jogo da teima não há mulher que não ganhe a partida ao marido.

TEODORA - Mas quando não é só o marido a vencer?... Até bem poucos dias, o que me preocupava era que essa teima de Firmino demorava o casamento de Carlos e que a demora podia aproveitar a algum astucioso e feliz pretendente de Corina.

ESTEFÂNIA - Com efeito! Os especuladores são tantos!...

TEODORA - Agora, porém, é o meu maldito enteado que me está ameaçando com as mais temíveis probabilidades da sua vitória...

ESTEFÂNIA - Ora... Peregrino... Corina o trata com tanta indiferença...

TEODORA - Tu és como minha irmã: a nossa amizade...

ESTEFÂNIA - Começou no colégio... (olhando em torno) ninguém nos ouve: começou no Colégio há trinta e cinco anos.

TEODORA - É por isso que me animo a dizer-te, pensando no meu pobre Carlos, o que aliás por lealdade também te diria, se teu sobrinho...

ESTEFÂNIA - Não falemos em Fortunato: sabemos ambas que se ele um dia pôs-se a requestar dona Corina, soube esta desenganá-lo para sempre: além disso eu te comuniquei o projeto de casamento que formei desde muito para meu sobrinho.

TEODORA - Eu me comprometi a auxiliar-te com todo o esforço nesse empenho. Creio até que tenho feito já alguma coisa.

ESTEFÂNIA - Muito: e uma mão lava a outra: ocupemo-nos de Carlos.

TEODORA - Vou confiar-te um segredo delicadíssimo e pedir-te um conselho.

ESTEFÂNIA - O segredo ficará no coração; o conselho sairá da reflexão.

TEODORA - Isto morre aqui: eu suspeitei... e enfim verifiquei que Peregrino... abusando da casa de seu pai... entretinha relações secretas... criminosas com a mísera Corina...

ESTEFÂNIA - Oh!... É horrível!... Estás bem certa do que dizes?...

TEODORA - Infelizmente é verdade.

ESTEFÂNIA - Que escândalo! Mas então é caso julgado... pobre Carlos!

TEODORA - Conforme...

ESTEFÂNIA - Pois aí há conforme?.. (cravando os olhos em Teodora) Ah! Sim! Neste mundo tudo é conforme: eu também juraria que dona Corina detestava Peregrino e todavia.. mas.. conforme o que?...

TEODORA - Corina é ainda no seu erro tão inocente como tola, e por felicidade no colégio a tornaram fanática: há quatro dias que tive a certeza do seu opróbrio e não tardei em recorrer aos bons ofícios de minha religiosa tia, e a boa da velha reteirou o demônio com tanta eloquência que a triste menina malvadamente enganada, apenas agora compreende o que fez, e abomina Peregrino com sentimento de horror.

ESTEFÂNIA - (sorrindo) É um pouco inverossímil: eu, no teu caso, desconfiava.

TEODORA - A tia Suzana assegura o arrependimento de Corina, que parece ter sido vítima de sua rude ignorância a certos respeitos...

ESTEFÂNIA - Mas o diabo não sai tão facilmente do corpo, em que conseguiu uma vez entrar.

TEODORA - Julgas que estou sossegada? eu passo as noites velando: temo da influência fatal adquirida por Peregrino... tenho medo de que amanhã, ou em outro dia, Eva de novo atenda à serpente... mas dada a hipótese do arrependimento sincero e essa ignorância do mal que se praticava...

ESTEFÂNIA - Entendo... (sorrindo) dada a hipótese...

TEODORA - Nestas circunstâncias devo ainda pensar em Corina para esposa de meu filho?... tenho escrúpulos: aconselha-me.

ESTEFÂNIA - Tanta inocência da alma obriga a esquecer em dona Corina o erro que foi só da ignorância: não reflètes assim?...

TEODORA - Confesso que penso desse modo. Sê franca: faço bem em insistir no casamento de Corina com o meu Carlos?...

ESTEFÂNIA - Fazes... fazes...

TEODORA - Dizes isso em um tom...

ESTEFÂNIA - De quem se admira da hesitação: dona Corina não é só moça bonita... é meio milhão. Teima.

TEODORA - Tu me resolves; mas em tal caso preciso do teu concurso. Corina é muito amiga tua; quero que patrocines a causa de Carlos.

ESTEFÂNIA - Como se ele fosse meu filho: hei de fazer prodígios. Verás.

TEODORA - (apertando-lhe a mão) Minha Estefânia!...

ESTEFÂNIA - Carlos ainda não conseguiu tocar o coração de dona Corina?...

TEODORA - Tem perdido o seu tempo em êxtases poéticos: o inocente bate à porta daquele coração a compassos diversos.

ESTEFÂNIA - Com uma menina de quinze anos os versos tem seu lugar.

TEODORA - A propósito: aqui está um acróstico do nosso poeta.

ESTEFÂNIA - Lê.

TEODORA - (lendo) A voz do coração, voz que é gemido
Mudo enleio que a fala tolhe e prende
O terno olhar nos olhos teus perdido,
Culto de fogo ao Sol que o fogo acende;
O receio, a esperança, a queixa, o medo
Rompendo d'alma que a teus pés se rende
Inda trêmulos n'alma em segredo
No poético ardil que amor socorre,
Amor de quem por merecer se morre.
(voltando o papel e lendo) As iniciais dos versos dizem: = Amo Corina = na verdade é bonito! Não achas bonito?...

ESTEFÂNIA - Melhor do que isso, declaração em regra.

TEODORA - E os versos trazem a assinatura de Carlos: é positivo!... Que talento o de meu filho!...

ESTEFÂNIA - Cantarei como sereia aos ouvidos de dona Corina.

TEODORA - Minha amiga, minha irmã!

ESTEFÂNIA - Agora volto para receber a minha modista que talvez me esteja esperando... (em pé)

TEODORA - O que eu disse relativamente a Corina...

ESTEFÂNIA - Sepultou-se aqui.(aponta para o coração)

TEODORA - Confio em ti. (abraça-a) Sê mãe de Carlos.

ESTEFÂNIA - Tenho medo de adorá-lo demais (beijam-se. Estefânia sai)

CENA VIII

TEODORA e logo CARLOS.

TEODORA - (acompanha Estefânia até a porta: volta; relê para si os versos, sorri, vai à mesa escolhe um álbum, gruda com goma arábica que haverá em um vidro competente, o papel dos versos em uma das folhas do álbum e desfolha uma rosa na mesma página)

CARLOS - (Entrando) Não houve sessão no Senado por falta de quorum. (vendo Teodora junto da mesa) Que faz, minha mãe?... (começa o canto dentro)

TEODORA - Silêncio! Júlia e Corina vão entrar.

JÚLIA - (cantando dentro e até o fim) Só, Di...

CARLOS - (continua o canto) O meu acróstico!...

TEODORA - Silêncio. (cai o pano durante o canto)

ATO II

A mesma cena do 1º ato

CENA I

JÚLIA e CORINA.

JÚLIA - (deixando a janela) Minha mãe está no jardim conversando com o seu poeta.

CORINA - (Entrando) Vou buscar a tua boneca...

JÚLIA - Para que?...

CORINA - Far-lhe-emos um vestido rico... todo de gaze branco e rendas.

JÚLIA - Ora! na nossa idade brincar com bonecas?...

CORINA - Mas então o batizado...

JÚLIA - Não vês que foi pretexto para te dar um baile?...

CORINA - Ah! a mim ou ao padrinho?

JÚLIA - Em todo caso ganhas...

CORINA - Que faremos esta manhã?

JÚLIA - Tudo e nada: por exemplo, olhar-nos ao espelho. Vem cá... (defronte do espelho)

CORINA - Para que isto?... (indo para o espelho)

JÚLIA - Somos ambas bem bonitas!

CORINA - Me parece...

JÚLIA - Tipos diferentes; ambos porém igualmente lindos.

CORINA - Eu menos...

JÚLIA - Tu menos? Suponhamos! Como é então...

CORINA - O que?

JÚLIA - (deixando o espelho) Vamos fazer um jogo?... (vai buscar um baralho de cartas, que devem ser muito friquos [sic]) Queres ver?... Tu és a dama de ouros, eu sou a que aparecer primeiro. (corre as cartas) A de espadas. (baralha). Quem vence?...

CORINA - Tu com as espadas...

JÚLIA - Sim? E tu com o ouro? Vejamos a quem saem os condes. (vai deitando as cartas a uma e outra dama) Aí tens: saiu para ti o de paus... também o de espadas. (larga as cartas) Não quero mais... Entendes isto?... (à frente da mesa)

CORINA - Eu não: é acaso.

JÚLIA - Isto quer dizer que me é preciso que te cases... solteira, tu me fazes perder no jogo dos condes.

CORINA - Estás doida?

JÚLIA - Eu?... Escuta: desde alguns meses que sinto a verdade: o sobrinho de d. Estefânia fazia-me a corte, e de súbito mudou de rumo, e é a ti que rende finezas, quando a tia nos visita. Pouco me importa... não deixou saudades...

CORINA - E eu por ventura o animo?

JÚLIA - É outra questão: o moço que costuma passar a tarde em faetonte, esquecia os olhos em mim; mas depois ou fica vesgo, ou é só para ti que olha, quando por acaso te deixam ir à janela...

CORINA - E se ele soubesse como o acho horrível!...

JÚLIA - É outra questão, já disse. Nos bailes, aos quais meu pai não te quer levar, é certo que os moços me cumprimentam; mas as tias, as mães e as irmãs armam-me tais laços para informar-se de ti, que evidentemente elas te prefeririam para os sobrinhos, para os filhos e os irmãos.

CORINA - Ainda bem que o padrinho da boneca te ama.

JÚLIA - Veremos: já esperei mais. Também ele perguntou-me por ti. Desconfio da curiosidade.

CORINA - Podes esperar tudo... eu te juro.

JÚLIA - Não podes jurar o que não sabes. Uma experiência; vejamos: (vai buscar uma flor e tira as pétalas) Sim... não, sim... não... (até o fim) não! Estás vendo? Exijo que te cases.

CORINA - Acabarás por aborrecer-me, Júlia!

JÚLIA - Eu? Se tu me fazes conhecer os homens!... Amo-te! Tu és o fogo em que provo a minha prata: se Teófilo for casquinha, boa viagem! (indo ao piano) Vamos ensaiar um dueto?

CORINA - Com que fim? O senhor Firmino não consente que eu cante em sociedade.

JÚLIA - Mas se eu quiser...

CORINA - Prefiro que não queiras.

JÚLIA - Tu te resignas demais: eu no teu lugar me revoltava, (abrindo o relógio) onze horas e três quartos... que dia comprido!... (boceja) Ah! É verdade: a outra questão. Corina, tu tens o coração encouraçado?...

CORINA - Que pergunta, Júlia!

JÚLIA - Ainda não amas? Porém é indispensável que ames... digo-te que me é preciso que te cases... perde esse coração uma vez, Corina! Ah, eu tenho perdido o meu tantas vezes!... (rindo-se) Ainda bem que ele foge e volta, vai e vem, como passarinho acostumado à gaiola!

VOZ DE MULHER (dentro) - Uma esmola à pobre velha pelo amor de Deus!..

CORINA - Ah! É a voz da minha pobre! (querendo ir)

CENA II

JÚLIA, CORINA, TEODORA e CARLOS.

TEODORA - Menina, já lhe temos dito que não deve ir sozinha dar esmola à sua pobre: venha comigo...

CORINA - Perdoe-me... não tornarei a ir só... (vão-se as duas e voltam)

CARLOS - Isto é contra o preceito do Evangelho: a esmola da caridade não deve ter testemunhas; o segredo é a santa poesia da esmola: também o segredo, o mistério é quase sempre poético; não acha?...

JÚLIA - Acho tudo quanto quiseres, menos somente uma coisa.

CARLOS - O que?...

JÚLIA - O teu juízo, de que ninguém me dá notícias. (voltam as duas)

CARLOS - Minha mãe, Júlia começa a provocar-me...

TEODORA - É uma estouvada: eu te livro dela; vem comigo, Júlia; tenho que dizer-te (vai-se)

JÚLIA (beliscando Corina) - Gare aux vers!

CENA III

CORINA e CARLOS.

CARLOS - Ela nem sabe falar o francês, e quer fazer calembour!...

CORINA - Não admira, aqui estou eu que ignoro até o português.

CARLOS - Se eu não a conhecesse tão instruída, chegaria a suspeitá-lo; porque a senhora finge não entender...

CORINA - O que?

CARLOS - O meu penar cruel...

CORINA - Então está doente?...

CARLOS - Do coração, bela Corina.

CORINA - Isso é grave: deve quanto antes consultar os médicos.

CARLOS - Porque zomba de mim?... Que fez do buquê de violetas que lhe ofereci?

CORINA - Pu-lo de molho por amor das violetas.

CARLOS - Essas flores nada lhe disseram?

CORINA - As flores?... Flores falando! Senhor Carlos...

CARLOS - Isto desespera! Porque assim me trata? Tanta impiedade quando me rendo a seus pés?... Um desengano, é apenas sentença que infelicita; mas o escárnio é injúria bárbara. Uma vez ao menos falemos seriamente...

CORINA - Se o assunto for sério...

CARLOS - Não pode sê-lo mais: ouça e decida. A minha alma vai falar, e a minha vida concentrar-se nos meus lábios: o amor em que se abrasa o meu coração é puro, como o fogo dos seus olhos, amo-a como Petrarca amou a Laura, Lamartine a Graziella, Gonzaga, ou antes Dirceu à Marília! (Corina ri) Por quem é não ria-se... tudo o que quiser, menos rir assim. Eu a adoro... adoro-a nos meus sonhos... adoro-a nas minhas tormentosas vigílias... de dia a minha alma é seu altar... de noite... (Corina põe-se a rir) podes fazer-me o favor de não rir?...

CORINA - Mas é impossível conter-me! (rindo ainda)

CARLOS - Oh! A senhora ri enquanto o meu coração se afoga em pranto envenenado! Nós devíamos ser como duas flores que o almo sopro de amor aproximasse; mas a estrela do céu não vê o verme da terra que a namora, como diz Victor Hugo! (Corina desatando a rir, leva o lenço à boca) Oh! O rir aqui é inteiramente fora de propósito!...

CORINA - Mas o senhor tinha dito que ia falar seriamente...

CARLOS - E que há de mais sério que este amor poético, arrebatador, vulcânico... (Corina ri) e a senhora a rir! Aí está uma coisa com que dou o cavaco! Desengane-me, se quiser, mas não ria-se... não ria-se...

CORINA - Senhor Carlos... eu o estimo muito... faço justiça aos seus sentimentos... mas, tornando ao sério... (desata a rir)

CARLOS - Basta de rir: dona Corina, além do terno interesse do meu amor, eu quero, posso e devo livrá-la do mais horrível naufrágio...

CORINA - Oh! não se exponha por mim... deixe-me naufragar.

CARLOS - Peço-lhe a mão de esposa... o marido será um escravo, o meu amor será culto a divindade... Corina a minha Eva sem o pecado... eu, o Adão, inocente, vivendo em êxtase de amor puro... (Corina desata a rir) ora... assim

não se pode... a senhora a rir... e a rir... e a rir... em vez de rir diga de uma vez — sim ou não?...

CORINA - Senhor Carlos... eu... (desata a rir) perdoe-me... (rindo) eu... sou assim... rio-me de tudo... (rindo)

CARLOS - É de matar! Há risos mais frios que o gelo, mas faça-me o favor de não continuar a rir, minha senhora!...

CENA IV

CORINA, CARLOS, TEREZA e JÚLIA.

TEODORA - Conversaram?... O que?...

CORINA - O senhor Carlos falava-me sobre flores e poesia.

TEODORA - É incorrigível... jurou viver respirando perfumes e amando os anjos... mania de poeta... mas parece que também revolveram músicas... (chegando-se à mesa) e junto das músicas o álbum de Corina que também o examinaram... (toma o álbum e abre-o)

CORINA - Nem sequer olhamos para ele...

TEODORA - Oh! folhas de rosas... versos de Carlos... (fingindo ler)

CORINA - Isto é novo para mim... (a Carlos) o sr. não podia escrever no meu álbum sem a minha permissão...

CARLOS - Eu?... minha mãe... esse acróstico...

TEODORA - Amo Corina!... que quer dizer isto? Reprovo severamente o proceder de ambos: menina, eu me oponho a semelhante amor... proíbo, condeno esta afeição!...

CORINA - Juro que foi um abuso de seu filho!... (quase a chorar)

CARLOS - Abuso!... E esta?... Minha mãe... isto é demais...

TEODORA - Silêncio, senhor! (à Corina). Ordeno-lhe que nem olhe para meu filho! Não quero que o ame... (a Carlos) Não quero que a ame... ouviram?... Não quero...

CARLOS - Preciso explicar-me... não direi quem foi... mas eu não fui...

TEODORA - Basta! Venha comigo, senhor. (leva Carlos pela mão) Júlia, espera-me: vou tomar o chapéu.

CENA V

CORINA e JÚLIA.

CORINA - Que indigno proceder: querem talvez comprometer-me! (a Júlia que está lendo os versos) Deixa-me rasgar essa folha do álbum...

JÚLIA - Por que?... O pobre Carlos não merece tal castigo...

CORINA - Mas o abuso... o desrespeito... a ousadia...

JÚLIA - Tens a certeza de que foi ele quem colou os versos no álbum?

CORINA - Júlia!

JÚLIA - (indo à porta e voltando) Psiu! Aposto que isto é travessura de minha mãe... ela se empenha em casar-te com Carlos: (olhando) eu já estou no segundo... se quiseres conta comigo.

CORINA - É para enlouquecer-me...

JÚLIA - É; porque também meu pai te destina para Peregrino.

CORINA - Sei tudo isso, há muito!...

JÚLIA - Então não enlouqueces mais: (olhando) todavia as exigências vão ser mais fortes... nota: minha mãe já te ordenou que não amasses a Carlos de propósito para te provocar a contrariá-la...

CORINA - Oh, como é lamentável ser rica!

JÚLIA - Que tola!... Eu trocava a tua sorte pela minha...

CORINA - Tu?... Oh, sabes tu o que é não ter mais na terra pai nem mãe?...

JÚLIA - (comovida) Corina!... Perdô-a... eu não trocava, não... mas tens ao menos em mim uma irmã... e doravante...

CORINA - Chegam. (vai cortar a folha do álbum e dobrá-la)

JÚLIA - Como se rasga um coração em uma folha de papel! Coitado de Carlos!

CENA VI

CORINA, JÚLIA, TEODORA, e depois CARLOS e SILVIA.

TEODORA - Júlia, vamos: (a Corina) menina; voltaremos antes de duas horas... esqueçamos o que se passou a pouco...

CORINA - Mas o sr. Carlos terá a bondade de guardar, se quiser, os seus versos... (entrega a folha do álbum)

CARLOS - (recebendo) Eu quero restabelecer os fatos... protesto que...

TEODORA - Agora não; vamos sair: (a Corina) a tia Suzana já está prevenida para fazer companhia a senhora. (com voz ressentida) Silvia! Irás dizer a tia Suzana que já saímos. (a Carlos) Vem... (toma-lhe o braço)

JÚLIA - Adeus, Corina, até logo (abraça-a e beija-a)

CARLOS - Isto não fica assim... eu explicarei os fatos, ainda que seja em outra poesia. (Vão-se os três: Silvia segue)

CENA VII

CORINA, em pé e meditando. - SILVIA volta logo - PEREGRINO que com expressiva mímica e falando em segredo à porta, recomenda que demore o chamado de SUZANA: Silvia ri e acode: Peregrino espera à porta.

SILVIA - Vou chamar a sr.^a d. Suzana...

CORINA - (sem olhar) Você. (vai-se Silvia que olha e ri para Peregrino)

PEREGRINO - (depois de um momento) Ah! D. Corina...

CORINA - (voltando-se) Senhor Peregrino...

PEREGRINO - Eu procurava meu pai...

CORINA - Creio que não está em casa.

PEREGRINO - Perdoe se penetrei até aqui, estando a senhora só: minha madrasta saiu também com Júlia e Carlos..., porque não a levaram?...

CORINA - Porque sou demais: não sei outra razão.

PEREGRINO - Pode haver outra: os tesouros mais preciosos guardam-se, escondem-se com avareza.

CORINA - É portanto uma desgraça ser tesouro precioso.

PEREGRINO - Deixa transpirar uma queixa bem fundada: o seu viver assim é triste, já o disse a meu pai; ele porém julga um dever não expô-la às seduções e aos laços de infames exploradores da inocência e da confiança cega das donzelas ricas.

CORINA - Reconheço a bondade e os cuidados do meu tutor; nem me lastimo... distraio-me tanto neste meu enclausuramento... nunca estou só... tenho o piano, o estojo do desenho... a lã e a seda com que bordo. Sou tão feliz... (vai tocar)

PEREGRINO - Não: a influência desses vis exploradores é fatal, porque é um perigo para a moça rica, e desanima o amor leal e honesto que teme ser confundido com as fingidas e interesseiras afeições: não pensa como eu?...

CORINA - Desculpe-me: ocupada com a música, fui incivil ao ponto de não ouvir o que me dizia. Não tocarei mais. (deixa o piano e vai sentar-se à mesa)

PEREGRINO - Eu maldizia àqueles que simulam amor, adorando só a riqueza, e maldigo pelo que sinto: maldigo porque me tenho condenado a fechar até hoje no coração o mais puro amor pelo receio de uma suspeita que ofenderia a delicadeza dos meus sentimentos.

CORINA - Ah! agora ouvi mas ainda arriscando-me a parecer-lhe néscia... confesso que não entendo. (desenha)

PEREGRINO - Quer que eu fale bem claro?... Eu amo e me contenho à força: a donzela que amo é rica e mil ambiciosos a desejam sem ao menos tê-la visto, a querem por esposa sem a conhecerem... e eu que a vejo todos os dias... que aprecio o valor da sua virtude... que me sinto cativo dos seus encantos... ver que me julgo capaz de fazê-la feliz... ainda não ousei, e, apenas agora, deixo escapar a primeira e incompleta confissão do amor mais ardente e santo!

CORINA - Quem é que diz... ora... o desenho é como o piano... eu estava distraída... não ouvi: perdoe-me.

PEREGRINO - D. Corina... eu lho peço... esqueça o piano e o desenho... não me confunda com distrações que se me afiguram desprezos cruéis...

CORINA - (levantando-se) Oh, não!... Eu não desprezo pessoa alguma, ainda menos o filho do meu tutor; mas em verdade não sei o que me dizia...

PEREGRINO - Agora pois não toca, nem desenha: ouvir-me-á, eu a espero: estamos sós... o momento é oportuno... receba a declaração sincera do segredo mais terno...

CORINA - Espere: o senhor disse que o momento é oportuno, porque estamos sós; portanto se seu pai e sua madrasta estivessem presentes, não diria o que pretende...

PEREGRINO - Oh! É a confissão de um sentimento irresistível cheio de celeste fogo, que só à senhora devo revelar!

CORINA - É pena; mas seu pai me proibiu confidências desta natureza: decididamente só na presença dele e de sua madrasta é que poderei ouvi-lo.

PEREGRINO - Ah! D. Corina!... quer dizer que me autoriza...

CORINA - Não... autorizar não; eu não posso autorizar o que não compreendo... toquei piano e desenhei enquanto o sr. falava... e não entendi coisa alguma...

PEREGRINO - Mas depois não tocou, nem desenhou, e eu falei com tanta clareza, que somente não rasguei o véu do respeito.

CORINA - Então é que eu sou tão tola que nem compreendo as coisas mais claras e simples...

PEREGRINO - Oh, pois que se finge ignorar, não deve negar-se a ouvir a explicação mais completa...

CORINA - A sós, como estamos? Deus me livre: seu pai mo proibiu...

PEREGRINO - D. Corina!...

CORINA - Ah! Sinto os passos da tia Suzana: na presença dela sim, o senhor pode explicar-me tudo...

PEREGRINO - Não... agora não... tenho pressa... peço-lhe até por favor, que não refira a tia Suzana o que eu lhe dizia... (saindo)

CORINA - Ainda que eu quisesse, não poderia fazê-lo: pode crer que não entendi nada. (seguindo-o dois passos. Vai a Peregrino)

CENA VIII

CORINA e SUZANA.

SUZANA - Que foi que não entendeste, menina?

CORINA - O que sou obrigada a ouvir e a entender todos os dias.

SUZANA - Então finges e simulas; mas no fingimento há malícia: a candura é que é agradável ao Senhor. (senta-se)

CORINA - Guardo a franqueza só para a confiança: vivo nesta casa há um ano e ainda não fui fingida com a tia Suzana.

SUZANA - Creio-te Corina; mas na tua idade que é a das expansões!...

CORINA - Expansões?... Tive-as, enquanto meu pai viveu; aos dez anos porém, pobre órfã, presa no colégio, o que logo me ensinaram, foi a desconfiar de todos: falavam-me de minha riqueza e de mil perigos que me cercaram: por ordem de meu tutor acompanhava-me sempre uma espionagem suspeitosa e ainda mais nociva por ser mais de ostentação do que de vigilante cuidado: fizeram-me adivinhar o mal e ter medo do mundo...

SUZANA - Não exageras?...

CORINA - Afetaram disputar-me o ar, a liberdade, os vôos de menina nas horas de recreio: menina, fui passarinho com as asas cortadas, vendo o espaço e sem poder voar, pareciam vigiar-me de dia e de noite com apreensões sinistras: tudo isso me aterrorizava, mas também me fazia crer que me achava defendida e livre de qualquer traição: todavia um dos meus professores teve tempo para tentar seduzir-me, e uma das alunas do colégio atormentar-me com o amor de um seu irmão que se propunha a raptar-me.

SUZANA - Que horror!... Coitadinha...

CORINA - Aos quatorze anos vim esperançosa para a casa do meu tutor, mas bem depressa tive de chorar pelo meu colégio! Aqui a prisão chega a ser cruel: a

tia Suzana sabe como o sr. Firmino e sua esposa conspiram contra os direitos do meu coração, cada qual de seu lado, e no interesse material de seus filhos!

SUZANA - Tens razão...

CORINA - Não consentem que eu tenha uma amiga, nem que eu desça sozinha ao jardim, nem que saia uma vez de casa, ao menos para levarem-me à igreja: despediram a minha ama-de-leite que meu pai libertara com a condição de acompanhar-me até o meu casamento: enclausurada e suspeita, as criadas espiam-me, a minha escrivãzinha é a miúdo revolvida [sic]: sofro injusta opressão... e sinto-me ameaçada pela prepotência e... oh, tia Suzana... chego a temer o crime...

SUZANA - Pobre menina! Tem paciência, espera.

CORINA - Sim, espero; mas sem mãe, sem pai, educada na desconfiança, no medo, nos sofrimentos e nas aflições, de cinco anos de orfandade, sou o que me fizeram ser, sou fingida, e espero, sim espero, escudando-me com o fingimento.

SUZANA - Era mais nobre ser franca, mas deveras nunca fingiste para enganar-me.

CORINA - Nunca, porque a tia Suzana desde o primeiro dia em que me falou, falou-me a linguagem que em pequenina eu ouvi da minha mãe.

SUZANA - Obrigada... podes confiar na velha Suzana...

CORINA - Com o coração todo aberto e os seus olhos, como eu o abria aos olhos de minha mãe...

SUZANA - Mas... se nela guardasses um segredo...

CORINA - Seria seu... e sem reservas. Até hoje a tia Suzana é o único seio leal e amigo que tem acolhido e consolado a triste órfã!...

SUZANA - Órfã!... Órfã!... Não me chamarás em vão tua mãe!... Serás minha filha. (abraça-a)

VOZ DE MULHER (dentro) - Uma esmola à pobre velha pelo amor de Deus!

CORINA - (estremece) Oh, é a minha pobre! Posso ir dar-lhe esmola?

SUZANA - Vai... vai... e abençoada sejas, porque estendes a mão da caridade ao pobre! (Corina vai-se pela porta do jardim: Suzana levanta-se e a segue, abençoando-a, risonha; mas recua da porta e vem sentar-se triste)

CORINA - (voltando alegre) Já se foi.

SUZANA - Os outros pobres esmolam à escada da frente, como é que esta vem até aqui, entrando pelo jardim?

CORINA - Pedi e obtive que lhe permitissem isso: é a minha pobre.

SUZANA - Ah, e tu trazes sempre dinheiro contigo? (silêncio e confusão de Corina). Tinhas dinheiro, Corina?

CORINA - (abrindo os olhos) Não... tia Suzana... não tinha...

SUZANA - Então!... o que deste à tua pobre?...

CORINA - Eu não dei... recebi... tia Suzana... recebi uma carta do homem que amo, e com quem espero casar. Ei-la aqui. (mostra)

SUZANA - Um grave erro, menina! Tu mesma sentiste que procedeste mal, pois certamente correste, recebendo essa carta. Mas... eu tinha um peso sobre o coração... tiras-te-mo; por que não mentiste.

CORINA - E eu lhe digo tudo: o dr. André de Araújo ama-me...

SUZANA - Doutor André de Araújo?... Não conheço: onde viste esse doutor?...

CORINA - Outrora na casa de meu pai: nossas famílias eram amigas. Dez anos mais velho que eu, André muitas vezes carregou-me em seus braços, e quando me achei mais crescida, ele me dava bonecas e flores... foi no tempo em que eu era anjo... no tempo da felicidade e dos risos... depois...

SUZANA - Depois?...

CORINA - Meu pai morreu: vi ainda uma vez André na hora terrível do saimento para o enterro... ele chorava também, e chegando-se a mim, beijou-me a fronte... sinto ainda esse beijo, e na minha face uma lágrima que lhe caiu!... Separamo-nos; há dois anos, porém, André levou para o meu colégio uma sobrinha, viu-me, reconheceu-me, saudou-me com ternura melancólica, e eu não pude saudá-lo, porque desatei a chorar, lembrando-me de meu pai: depois... tornamos a ver-nos uma... dez... vinte vezes... e pouco a pouco... ah, tia Suzana não sei como foi... nós nos amamos.

SUZANA - E por que não vem ele pedir-te em casamento?...

CORINA - Há dois meses que o fez, e meu tutor o repeliu.

SUZANA - Talvez não seja digno de ti.

CORINA - André?... Eu ouvi o que diziam dele no meu colégio: é a virtude, a bondade e a ciência entesouradas em um homem a quem não seduz a minha fortuna, pois é mais rico do que eu, e desconhece a avareza por brilha [sic] pela caridade.

SUZANA - Que entusiasmo! E que te diz ele em suas cartas?...

CORINA - Pede-me que o ame e espere; e que respeite o meu tutor. Confesso: propus-lhe que apelasse para a autoridade e que me arrancasse deste meu cativoiro.

SUZANA - E ele?

CORINA - Condenou esse recurso que provoca o ruído público, mas assegurou-me que em caso extremo não hesitará...

SUZANA - E que mais...

CORINA - É tudo: confiar-lhe-ei todas as suas cartas. Quer ler esta que ainda não abri?...

SUZANA - Quero antes de tudo que me prometas não receber outra.

CORINA - Oh, e que será de mim?...

SUZANA - Sairei em breve a informar-me sobre o doutor André. Se ele for honrado e virtuoso, como o acreditas, a velha Suzana tem uma missão a cumprir, protegerá o amor da órfã, o amor de sua filha em nome de Deus.

CORINA - E meu tutor? E sua esposa?... E Peregrino e Carlos?...

SUZANA - Falei-te em Deus: como podes temer os homens?... Se o teu amor é puro, os anjos o abençoam; se és vítima de opressão e se a violência te ameaça, levanta os olhos para o céu: tem fé!...

CORINA - Esperança e fé, meu Deus!... (de joelhos)

SUZANA - Reza! A oração é já em si uma graça, porque na oração falamos ao Senhor. Corina, reza à virgem mãe de Jesus que é a protetora e a mãe sagrada das órfãs...

CORINA - (começando a rezar) Ave Maria!...

SUZANA - Espera: tenho-te ouvido em suave canto a saudação sublime: reza cantando, mas cantando com fé! Se assim rezares com fé, as harmonias do teu canto serão asas de anjo a levar tua oração ao céu!...

CORINA - Oh, sim! fé! E com a minha fé, a esperança do meu amor! (senta-se à harmônica e canta — Ave Maria. Suzana, em pé, ergue os braços. (Cai o pano)

ATO III

— Espaçosa [*sic*] sala interior: porta ao fundo, pela qual se apercebe mal outra sala onde se ouve música e se dança: ao lado direito, porta abrindo para um gabinete: portas laterais, brilhantismo de luz: sinais de festim.

CENA I

PEREGRINO sentado; CARLOS que entra.

PEREGRINO - Também te aborreceu o jogo de prendas?

CARLOS - Se Júlia é intolerável!... Há meia hora que sem piedade me martiriza! Não pude mais sofrê-la!

PEREGRINO - Júlia é apenas uma menina leviana que brinca: hoje há aqui alguém que muito mais nos incomoda: eu sou franco; é o filho do barão... e Teófilo...

CARLOS - Que queres dizer?

PEREGRINO - Veio, entrou-nos em casa com aparência de pretendente de Júlia, e evidentemente é de Corina que ele se ocupa... e ela o atende... e parece encantada...

CARLOS - Seu proveito... talvez não me tenha sido agradável essa observação que também já fiz... talvez mesmo tenha isso concorrido para impacientar-me; porque eu amo Corina, ouviste?... mas se ela ama Teófilo... que seja feliz.

PEREGRINO - Eis aí: eu não amo Corina, e todavia não sou tão tolerante. Teófilo me aflige muito.

CARLOS - Mas... se dizes que não amas...

PEREGRINO - Não é dizer que eu não queira casar com ela: o seu dote arranjará muito a minha vida; confesso.

CARLOS - Peregrino!

PEREGRINO - Não ralhes como ralhaste no caso do negócio de escravos: cada qual tem seus princípios. Eu quero Corina para esposa, mesmo sem amor e até muito contra sua vontade: apontar-me-ão nas ruas com reprovação... dirão que sacrifiquei o coração ao ouro; mas sendo rico, serei poderoso, e a sociedade virá em breve lisonjear-me respeitosa.

CARLOS - Essa teoria é infame!

PEREGRINO - Dá-lhe o nome que quiseres: faço-te justiça: tu, meu poeta, não querias ser esposo não sendo amado; hesitarás, mesmo na hipótese de merecer amor, ante a suspeita de vil interesseiro, que em todo o caso despertarias no ânimo dos maliciosos.

CARLOS - E levantaria ufano esta cabeça de homem honesto...

PEREGRINO - Cabeça de poeta... pois bem, cada qual com os seus princípios... e daí quem sabe, se não és ainda mais ladino do que eu?... Desejo, aconselho-te que o sejas: se Corina não for minha esposa, estimarei que seja tua.

CARLOS - Não quero que me imagines com os teus sentimentos: vai comprar e vender homens...

PEREGRINO - Olha... acabou o jogo de prendas... estão tomando sorvetes... vamos arrefecer o sangue... (vai-se. Carlos passeia agitado)

CENA II

CARLOS e TEODORA.

TEODORA - Por que fugiste da sala? Não devias dar importância aos gracejos de tua irmã.

CARLOS - Minha mãe, cumpre-me preveni-la de que vou sufocar o amor que sentia ou sinto por Corina.

TEODORA - Temos ciúmes? Não seja criança.

CARLOS - Juro-lhe que só desposarei Corina, se partir dela manifesta e publicamente a proposição mais livre e positiva.

TEODORA - Mas isso é contra todas as regras, seria até indecoroso.

CARLOS - Ou eu farei a proposição franca e altamente com a condição de passar todo o seu dote para algum estabelecimento de caridade. (em fogo mal contido)

TEODORA - Estás delirando... agora não podemos conversar. Vai distrair--te e sossega. (vai-se Carlos)

CENA III

TEODORA que se retira, ESTEFÂNIA e CORINA, tomando sorvete.

ESTEFÂNIA - Roubei por momentos Corina a seus admiradores.

TEODORA - Fazes-me ter ciúmes desta menina que parece amar-te mais do que a mim: não me roube de todo o seu coração.(vai-se)

ESTEFÂNIA - Vê como é hipócrita?... Toma-se, [sic] acautele-se dela! Não atraia o segredo que lhe confiei... diga pelo contrário, queixando-se de mim, que empenhei-me em induzi-la a desposar Carlos... mas, eu lho peço, ouça ao menos por breves momentos a meu sobrinho... prometa-me uma contradança para Fortunato.

CORINA - Mas eu já prometi a outro a seguinte... e além disso...

ESTEFÂNIA - Fortunato a ama... livra-la-á do inferno em que vive... creia que a senhora está exposta aos maiores perigos, e meu sobrinho que é o mais nobre cavalheiro, que a adora, e que daria a vida pelo seu amor...

CORINA - Olhe, quanta gente chega.

CENA IV

CARLOS, PEREGRINO, SIMÃO DE SOUZA, TOMÁS PEREIRA, TEÓFILO, FIRMINO, FORTUNATO, ESTEFÂNIA, CORINA, TEODORA, JÚLIA, SENHORAS, cavalheiros — conversação geral, movimento.

TEÓFILO - (com a boneca nos braços) A minha linda afilhadinha não pode dormir com semelhante ruído! Acabou de despertar chorando assustada... onde melhor lhe poremos o berço? (embla a boneca) Tempo perdido! Nos meus braços não dorme: (a Corina) minha senhora, por quem é, acalente esta menina.

CORINA - Compete esse dever à madrinha.

TEÓFILO - A madrinha está carregando o berço... e que pesa!...

ESTEFÂNIA - Que feliz [*sic*] boneca! (Corina recebe-a e acalenta-a)

JÚLIA - (com o berço nos braços) Qual! Uma pobre enjeitadinha, que não tem pai nem mãe!

SIMÃO - Enjeitada! Pronto a declarar-me pai da menina. (riso)

TEÓFILO - Ah; senhor! Acaba de matar-nos a esperança de achar mãe para a criança!... (risadas)

SIMÃO - (a Pereira) Eu não sei porque esta gente ri assim!...

TEÓFILO - E a menina dormiu ao doce calor dos seus braços: (a Corina) V. Ex^a. há de por compaixão e caridade apresentá-la à pia... mas onde depositaremos o berço?...

FIRMINO - Neste gabinete (abre a porta onde entram Júlia e Corina)

TEÓFILO - Minhas senhoras, deixemos a menina dormindo. (segue-as)

TOMÁS - (a Firmino) Que enchente de puerilidades; na comédia do mundo somente o dinheiro é coisa séria: e o senhor não quer crer!...

SIMÃO - (a Pereira) Ainda não pude manifestar-me: não sei, como hei de conseguir que a moça olhe para mim...

PEREIRA - (a Simão) Convide-a para dançar. (Júlia e Corina voltam)

TEÓFILO - (a Simão) V. Ex^a. terá a bondade de ser o padre que batize a criança... acho-o com jeito... com a aparência de cônego...

SIMÃO - Aceito in limine: (a Pereira) É um modo de me manifestar...

TEODORA - Oh, nunca me trataste assim Firmino!

FIRMINO - E tu?... E tu?... Nossa casa era um paraíso... mudaste de caráter por amor de teu filho..., a tentação da riqueza...

TEODORA - Sim... é isso... a fome de dinheiro.

CENA VI

FIRMINO, TEODORA e ESTEFÂNIA.

ESTEFÂNIA - Que dois pombinhos! Festejam-se mais ternos do que moças que (começa a rir)

TEODORA - Oh, que torpe sede de ouro!...

FIRMINO - Confessa: é por causa do teu Carlos que me vejo exposto ao mais triste desengano... Teófilo me roubará Corina!...

JÚLIA - Minha afilhada dorme: vamos dançar?...

TEODORA - É o senhor com o seu Peregrino: para que se casou comigo, se só vive pelo filho da sua defunta?

FIRMINO - Faça-lhe igual pergunta: tem a bondade de me responder!... creio, porém, que ali vai um teu rival. (vai-se)

SIMÃO - (tomando o braço de Pereira) Aquele padrinho me parece muito estúpido! (Pereira sorri — vão-se)

CENA V

FIRMINO e TEODORA.

FIRMINO - Eis aí em que está dando o batizado da boneca!... Não me sujeitarei mais aos caprichos de Júlia.

TEODORA - Júlia está bem castigada: sua esperança vai morrendo... já morreu talvez... Teófilo voltou-se para Corina.

FIRMINO - Uma indignidade e um perigo a mais!

JÚLIA - Minha afilhada dorme: vamos dançar?...

TEÓFILO - Decreto de rainha: (a Corina) é a nossa contradança... (baixo) por procuração... (oferecendo-lhe a mão)

CORINA - Com o maior prazer. (toma-lhe a mão vão sair todos)

FORTUNATO - (a Estefânia dando-lhe o braço) Que devo esperar?...

ESTEFÂNIA - (a Fortunato) Por ora nada; mas desesperar nunca. (Vão-se)

CARLOS - (a Per.) A idolatria do ouro é esqualida, lá se rendem ternuras, dançando!

TEODORA - Este nosso amor já é hábito, não merece elogio.

FIRMINO - É a felicidade pelo egoísmo... só cuidamos de nós. Eu tenho, porém, meus momentos de abnegação: aí lhe deixo a sua amiga. (vai-se)

ESTEFÂNIA - Tenho perdido toda a minha eloqüência esta noite: Corina não quer ouvir falar de Carlos: é preciso ser severa e um pouco clara e inclemente com ela: fecha a porta de tua casa ao filho do barão...

TEODORA - É a primeira vez que eles se encontram. Julgávamos Teófilo apaixonado de Júlia...

ESTEFÂNIA - Vou ver como Teófilo e Corina se namoram. Estão tocando a indecência...

TEODORA - Estefânia, que dizes?...

ESTEFÂNIA - Eu falo-te assim só por amor de Carlos... tolerar as loucuras desta noite é, sem dúvida, sacrifício obrigado ao decoro, e ao dever; mas desde amanhã ou só prepotente, austera, terrível, ou despede-te de Corina...

TEODORA - Eu não devia ter saído da sala... vamos.

ESTEFÂNIA - Vamos... (indo) é porém tarde... a contradança acabou.

TEODORA - Não importa. (vão-se; tem acabado a música)

CENA VII

PEREGRINO e SIMÃO.

PEREGRINO - Que tem?... que quer?...

SIMÃO - Aquele padrinho que dança com ela quem é?...

PEREGRINO - É filho de um barão.

SIMÃO - Assim não me diz nada, barão? Tenho uma dúzia de barões embrulhados na minha burra.

PEREGRINO - Chama-se Teófilo e é filho do barão do Lago Azul.

SIMÃO - Do barão do Lago Azul!... Estou perdido. Vale muito mais do que eu... podia ser marquês ou duque... já não tenho ânimo de manifestar-me

PEREGRINO - Espere sempre... eu sirvo para alguma coisa

SIMÃO - Qual! Se eu fosse mulher casava-me logo com o filho do barão do Lago Azul... vou-me embora...

PEREGRINO - Não... não... dance primeiro com a bela Corina, e ainda que ela se mostre indiferente e fria, tenha esperança... eu sustentarei a sua causa...

SIMÃO - Não posso mais apresentar-me candidato... aquela firma é melhor que a minha...

PEREGRINO - Que homem desanimado!... Demore-se e mostre-se amável: olhe... isto é segredo de família... Teófilo tem outras intenções... creio que minha irmã...

SIMÃO - Hein?... Que está dizendo?... Eu, porém, o vejo muito mais ocupado a conversar com a outra...

PEREGRINO - Disfarce de namorada...

SIMÃO - O senhor dá-me alma nova... então tratarei de manifestar-me... mas não me engane...

PEREGRINO - Voltemos à sala... estão servindo o chá. (vão-se)

CENA VIII

JÚLIA e CORINA.

CORINA - Não tens razão... acredita-me

JÚLIA - Se tenho! É casquinha como os outros.

CORINA - É prata de lei.

JÚLIA - Por isso estás perdida por ele.

CORINA - Teófilo adora-te...

JÚLIA - Sim; já mo repetiu dez vezes e continua a dizê-lo; mas sem nunca te haver conhecido teve que dizer-te tanta coisa em voz baixa... ocupa-se tanto de ti...

CORINA - É verdade...

JÚLIA - E tu pareces tão contente, tão feliz...

CORINA - É verdade...

JÚLIA - Ah! confessas?... E então?...

CORINA - Confesso o que acabas de dizer; juro, porém, que é a ti que ele ama.

JÚLIA - E tu?...

CORINA - Confia em mim.

JÚLIA - Desta vez ficou-me um espinho no coração... Corina! Sabias que eu amava Teófilo...

CORINA - E bendigo do teu amor... oh! Júlia tu nem pensas como eu amo o teu amor.

JÚLIA - Que fogo!... Mas ou eu não te posso entender ou tu és a sonsa mais refinada...

CORINA - Aceito o dilema.

JÚLIA - Então... há um jogo...

CORINA - Convenho.

JÚLIA - E esse jogo... esse jogo... Corina, tu contas ganhar?...

CORINA - Se tu ganhares...

JÚLIA - Tu esperavas Teófilo?...

CORINA - Esperava-o

JÚLIA - Corina!...

CORINA - Não pude ver-te sofrer e julgar mal de mim... Deixei transpirar já metade do meu segredo: basta...

JÚLIA - Ah, sonsa!... tu amas... tu amas... ele o sabe?...

CORINA - Atraiçoa-me agora, se quiseres...

JÚLIA - O que eu quero é entrar no jogo... já devias ter falado... como é a história toda?

CORINA - Agora... aqui é impossível... depois eu te direi tudo.

JÚLIA - Mas se eu quero entrar no jogo!... Hei de perguntar a Teófilo... (sinal de contradança)

CORINA - Júlia!

JÚLIA - Não dizes que é a mim que ele ama?

CORINA - Pergunta-lho: o teu amor é a minha fiança.

CENA IX

JÚLIA, CORINA, TEÓFILO e logo SIMÃO, FIRMINO aparece e desaparece, observando

TEÓFILO - Por ordem da música e da ambição de glória perturbo a conferência angélica. (a Júlia) Vim lembrar a V. Ex^a. a minha contradança... (oferecendo-lhe a mão)

JÚLIA - Posso perguntar, Corina?...

CORINA - Podes.

TEÓFILO - Oh! E eu serei tão feliz que possa responder?...

CORINA - Pode.

JÚLIA - Ainda bem! Vou entrar no jogo. (os três vão sair)

SIMÃO - V. Ex^a. não pretende, creio eu, dançar com duas senhoras...

TEÓFILO - Pretendo, sim senhor...

SIMÃO - Esta é nova! E como?

TEÓFILO - Dançando agora com uma e logo com a outra.

SIMÃO - Ah! isso é claro... mas eu estava meio só...

CORINA - O senhor me havia pedido esta contradança... com todo o prazer... (toma o braço a Simão)

TEÓFILO - De vis-à-vis conosco... sim?...

SIMÃO - Não faço questão de vis-à-vis... (de mau modo)

TEÓFILO - Admirável! De vis-à-vis toda a noite! (vão-se)

CENA X

FIRMINO e PEREGRINO.

PEREGRINO - (moitando) Vê, meu pai?...

FIRMINO - Agora ao menos é Júlia o seu par!...

PEREGRINO - Corina não podia sê-lo sempre.

FIRMINO - Mas Júlia estava contrariada e agora vai radiante.

PEREGRINO - Também desconfio de Júlia.

FIRMINO - Ela ama Teófilo, não é admissível que conspire contra o seu amor.

PEREGRINO - Mas os dois namorados acharam meio de iludi-la, e de abusar da sua credulidade.

FIRMINO - Nesse caso deves lamentar tua irmã, e não desconfiar dela...

PEREGRINO - É que Júlia deixa-se enganar com simplicidade pueril!... Meu pai me desculpe... é natural que eu esteja desensofrido...

FIRMINO - Tens razão: tudo nos contraria: até havia de acontecer que teu padrinho adoecesse hoje, para que a filha não pudesse vir!...

PEREGRINO - Mas que lembrança infeliz a de Júlia com a sua maldita boneca!...

FIRMINO - Pensas que não me tenho arrependido desta malfadada reunião?... Mas que hei de fazer agora?.. É indispensável mostrar o rosto alegre...

PEREGRINO - Sem dúvida: hoje é sofrer com paciência; mas desde amanhã, meu pai...

FIRMINO - O que?

PEREGRINO - Sempre sou transparente aos olhos de meu pai: Corina é o meu brilhante futuro pela sua riqueza; mais do que isso, é a regeneração da fortuna paterna pela dedicação e pela diligência do filho enriquecido.

FIRMINO - Sei tudo isso, mas só me lembro de ti.

PEREGRINO - Tão importante fim deve ser atingido por todos os meios e sem hesitação nem demora.

FIRMINO - Portanto... (soa sempre a música)

PEREGRINO - Meu pai, Corina é simplesmente uma boneca rica.

FIRMINO - E assim...

PEREGRINO - Uma boneca não tem vontade, nem ação própria.

FIRMINO - Compreendo; tenho, porém, fora de casa, o juiz dos órfãos a quem aliás é fácil enganar, e enfim confundir impunemente com um casamento consumado, e dentro de casa, o que é pior, minha mulher contra nós, minha mulher que me transtorna todos os esforços e todos os planos.

PEREGRINO - Por isso mesmo... exatamente por isso mesmo.

FIRMINO - Explica-te... fala claro...

PEREGRINO - O que me parece: que meu pai deve ajudar-me a fazer para que a boneca rica me pertença a despeito do juiz dos órfãos e de minha madrasta!...

FIRMINO - Sim... sim...

PEREGRINO - Como me é preciso proceder para possuir a boneca rica?...

FIRMINO - Estás hoje insuportável! Dize de uma vez.

PEREGRINO - Meu pai há de vê-lo hoje mesmo e dentro em poucos minutos em um apólogo vivo.

FIRMINO - Mas que é?... (cessa a música)

PEREGRINO - A noite é de contrariedade e de paciência forçada; espere. Meu pai me perdoe; eu lhe peço o favor de ir observar se os seus convidados já se preparam e se o ordenam para a cena burlesca do batizado da boneca de Júlia; creio que é a hora aprazada...

FIRMINO - Sim... é meia-noite... o tal batismo tem de preceder à ceia.

PEREGRINO - Meu pai, por quem é... vá ver...

FIRMINO - Que aborrecíveis mistérios!... (vai-se)

CENA XI

PEREGRINO e logo FIRMINO;

PEREGRINO - (olha em torno... e apressado entra no gabinete)

FIRMINO - (voltando) Já vem todos... Peregrino! Peregrino! (Sai Peregrino do gabinete) Que fazias aí?

PEREGRINO - Preparava o apólogo... o apólogo que é lição.

FIRMINO - Ei-los que chegam...

CENA XII

PEREGRINO, CARLOS, SIMÃO, TOMÁS, TEÓFILO, FORTUNATO, ESTEFÂNIA, TEODORA, JÚLIA, CORINA, senhoras, cavalheiros. Teófilo traz uma salva contendo rosas desfolhadas, Corina imensa toalha de renda, Júlia um manto de renda (ilegível) próprio de senhora.

TEÓFILO - Eu entrego a pia ao sacristão...

ESTEFÂNIA - Quem é o sacristão?

TEÓFILO - O mais moço e o mais bonito do sexo masculino: (à Simão) não se adiante que não é o senhor... (à Carlos) É o senhor Carlos.

SIMÃO - (a Peregrino) Que homem impertinente! eu não me adiantei... ele é que parece querer divertir-se comigo!

CARLOS - (recebendo a salva) Obedeço: fico sendo sacristão de bonecas.

TEÓFILO - Agora o padre à frente: senhor Simão, tenha a bondade de chegar-se...

SIMÃO - (a Pereira) Isto cheira-me a zombaria... que diz?...

PEREIRA - (à Simão) Carlos prestou-se logo... não se faça rogado...

SIMÃO - (a Per^a) Com efeito... em todo caso a preferência me distingue... e eu me manifesto. (chega a frente)

TEÓFILO - Eu o paramento... permita. (toma de Júlia o manto e o põe nos ombros de Simão) Agora o barrete de cônego: (põe-lhe na cabeça o chapéu roxo de Estefânia) Perfeitamente!... A madrinha a meu lado: estamos prontos. (a Cor.) Tenha V. Ex^a. a bondade de ir buscar e de apresentar a menina, como se chama ela?...

CORINA - A madrinha é que o sabe.(entra no gabinete)

JÚLIA - Esperança...

TEÓFILO - O cônego tem de fazer um discurso, e o sacristão de improvisar um soneto...

CARLOS - Improvisarei um soneto...

SIMÃO - Discurso eu não faço... protesto...

CORINA - (da porta do gabinete) A boneca não está no berço!...

JÚLIA - A minha boneca!... (corre para o gabinete)

TEODORA - Como é isto?... Desapareceu a boneca?...

CARLOS - O caso seria romanesco!

JÚLIA - (saindo aflita) Furtaram a minha boneca!

CORINA - (saindo) Sem dúvida que a furtaram... não está lá!...

VOZES - Oh! Oh!... (movimento)

TEODORA - É incrível!...

TEÓFILO - Quem ousou roubar a Esperança? Em nome da beleza e da aflição da madrinha, restituam a menina!...

ESTEFÂNIA - Ficamos então sem o batizado?...

JÚLIA - A minha boneca!... Que mau brinquedo!...

TEÓFILO - (tomando a salva de Carlos) Em falta da menina receba a madrinha o batismo de flores. (senta as flores sobre Júlia)

JÚLIA - A minha boneca!... (recebendo a chuva de flores)

TEÓFILO - Vamos procurá-la por toda parte: eu piano! A madrinha cantará... a menina roubada há de por força acudir nos milagres da harmonia e da voz mais terna!...

JÚLIA - Não poderei cantar!...

TEÓFILO - Nesse caso faremos corpo de delito e iniciaremos um processo criminal... demito de cônego ao sr. Simão e o nomeio delegado de polícia...

vamos fazer vingar o império da lei..., vamos... d. Júlia por amor da Esperança... vamos!... (vão-se todos, menos Firmino e Peregrino)

FIRMINO - (ao fundo depois de todos se retirarem) Peregrino, como foi isto?...

PEREGRINO - (tirando a boneca do bolso e mostrando-a) É o apólogo, meu pai; por meio de um rapto apoderei-me da boneca rica... (com intenção) que ficou no meu bolso.

FIRMINO - Oh!... O rapto!!!

ATO IV

Sala da recepção; portas laterais; porta de entrada no fundo; janela.

CENA I

FIRMINO, TEODORA, CARLOS, JÚLIA; CORINA bordando.

FIRMINO - (a Teodora) A hora se aproxima: não achas conveniente mandar Corina para dentro? (na frente com Teodora)

TEODORA - (a Firmino) Não... não... eu sou mãe e não me engano: é Júlia que ele ama... e a carta e a visita solene...

FIRMINO - (a Teodora) Se vier pedir-me Corina, eu lha negarei, mas seria imprudência que ela estivesse presente... se for Júlia, que importa a ausência da outra?...

TEODORA - (a Firmino) Ele repararia na ausência... mostrou interessar-se muito por Corina... pelo menos não é delicado escondê-la... deixe-mo-lo vir.

CARLOS - (a Corina) Há nesse rosto que está bordando aparências de retrato... creio que conheço um nariz com esse...

JÚLIA - (a Carlos) E que tens tu com o nariz do bordado de Corina? Ela tem tanto direito de copiar teu conhecido, como tu de furtar pensamentos e versos de poetas que lês.

CARLOS - Isso é aleive revoltante: na Sociedade Filopoética tenho reputação de original. (Firmino e Teodora conversam)

JÚLIA - Mas a tua originalidade é só em composições que não tem senso comum.

CARLOS - Segue-se que as minhas composições poéticas se parecem muito contigo.

TEODORA - Já vocês estão a brigar! Carlos, Júlia é uma senhora.

JÚLIA - Mãe, é preciso que Carlos não publique mais poesia alguma que não tenha passado pela minha censura; ele se desacredita por plagiário...

CARLOS - Ouve-a?... É uma injúria...

TEODORA - Não vês que ela se diverte contigo?... (a Firmino) Estás enganado...

FIRMINO - (a Teodora) Verás... é Corina que ele vem pedir-nos em casamento.

TEODORA - (a Firmino) Terás sempre tempo de mandá-la sair; agora nem temos o recurso ou o pretexto da companhia de nossa velha. É verdade... (voltando-se) sabem onde foi minha tia, que tanto se demora?...

CORINA - Eu não sei.

FIRMINO - Aposto que subiu ao castelo, se está confessando com algum frade barbadinho.

TEODORA - Talvez: com o júbilo do concílio de Roma triplicou de devoção e de penitência.

JÚLIA - E tu já te confessaste, Carlos? Precisas fazê-lo...

CARLOS - Não tenho contas a dar-te, e nem estou para graças: (tomando o chapéu — à Teodora e Firm.) Eu saio... com licença: vou à sessão do Senado...

TEODORA - É melhor; vai.

JÚLIA - Quem perde com a tua ausência, sou eu, ingrato! (vai-se Carlos)

CENA II

FIRMINO e Teodora, na frente; Júlia e Corina sentadas bordando; Firmino e Teodora conversam.

CORINA - (a Júlia) Estão a fazer castelos à espera da visita.

JÚLIA - (à Corina) Sem Carlos ao pé de mim não posso dissimular... estou tremendo...

CORINA - (a Júlia) Cala a boca.

JÚLIA - (a Corina) Se meus pais adivinhassem tudo...

CORINA - (a Júlia) Pelo amor de Deus!...

FIRMINO - (a Teodora, abrindo o relógio) Chega a hora... Corina não devia estar aqui...

TEODORA - (a Firmino) Não é natural separá-la de nós: esquece Corina, e lembra-te de nosso filho.

JÚLIA - (a Corina) Vamos sair da sala?... Eu sinto frio e fogo... nem sei que sinto... vamos sair...

CORINA - (a Júlia) Não... domina-te... finge-te alheia a tudo.

JÚLIA - (a Corina) Como estou nervosa!... É um tremor...

FIRMINO - Nervosa?... Que é... com efeito... (tomando-lhe a mão) trêmula e fria como o gelo. Júlia! estás incomodada?...

JÚLIA - Não sei papai... foi de repente... sem causa...

FIRMINO - Oh! Teodora! Ela não está boa...

TEODORA - (trazendo Firmino à frente) Não há de ser nada... (a Firmino) Que simplicidade a tua! Não vês que Júlia espera por Teófilo!...

FIRMINO - (a Teodora) Como os filhos nos enganam!... (voltando-se) Parou um carro à porta... (indo à porta)

JÚLIA - (estremecendo e querendo levantar-se) Eu fujo...

CORINA - (a Júlia) Da felicidade, Júlia?...

CENA III

FIRMINO; TEODORA; JÚLIA; CORINA (criado que logo sai) e TEÓFILO.

CRIADO - O senhor Teófilo de Carvalho. (vai-se)

TEÓFILO - Minha senhora... minhas senhoras... senhor Firmino...

FIRMINO - Como passou V. Ex^a.?... tenha a bondade de sentar-se.

TEÓFILO - (sentando-se) Profundamente penhorado me confesso pela extrema delicadeza com que V. Ex^{as} se dignaram em receber tão prontamente a minha visita...

TEODORA - De nossa parte havia mais do que dever, gratidão e glória...

FIRMINO - Estas meninas iam recolher-se, quando V. Ex^a. chegou. A retirada de ambas nos deixaria em plena liberdade sem inconveniente algum, se V. Ex^a. não ordenar o contrário...

TEÓFILO - Eu vim somente para ouvir e obedecer; mas com franqueza, o assunto de que me devo ocupar diz respeito a uma das duas senhoras, e nem por isso é exigente a ausência da outra.

FIRMINO - Senhor Teófilo ordena-lhes que fiquem...

TEÓFILO - Senhor Firmino, minha senhora, tenho a honra de vir pedir a V. Ex^{as} a sr^a d. Júlia em casamento.

FIRMINO - Júlia?... Oh!...

TEODORA - A proposição de V. Ex^a. nos exalta muito e estou certa que Júlia sente e pensa como seus pais.

FIRMINO - Sem a menor dúvida... Júlia, responde...

TEÓFILO - (a Júlia) Minha senhora...

TEÓFILO - Fala, menina...

JÚLIA - Senhor... meus pais responderam por mim. (trêmula)

TEÓFILO - Oh!... É mais do que mereço! (beija a mão de Júlia)

FIRMINO - Este dia é o mais feliz da minha vida! Devo crer que o senhor barão do Lago Azul...

TEÓFILO - Autorizou, aprovou e abençoa a escolha do meu coração.

TEODORA - Minha Júlia (abraça-a)

FIRMINO - Perdoe-me... mas a felicidade tem suas ânsias: nós nos entregamos ao seu arbítrio... Júlia será sua esposa, é já sua noiva; mas a mim que sou pai, é lícito perguntar, quando deseja que se realize o seu casamento...

TEÓFILO - Por mim eu o quisera amanhã: e quase adia a própria data; tenho porém uma dependência que me pode prender até um ano.

TEODORA - Um ano!...

TEÓFILO - Imprudente compromisso de estudante; eu e um íntimo amigo, com quem fraternizo desde o colégio, ajustamos que se fosse possível, nos casaríamos à mesma hora e na mesma igreja, e que para isso aquele que primeiro contratasse casamento, preveniria o outro, correndo-lhe o dever de esperar um ano para a execução do compromisso.

FIRMINO - Mas esse amigo... já talvez tenha também encontrado.

TEÓFILO - Amou antes de mim; a noiva de sua escolha foi-lhe porém negada.

FIRMINO - Ah, mas nesse caso...

TEÓFILO - Ele não desanimou ainda, e confia no seu amor...

TEODORA - É da corte o seu amigo?

TEÓFILO - É; a sua amada não sei; respeitei o segredo que ele não me revelou espontaneamente: o meu amigo V. Exas sem dúvida conhecem, é o dr. André de Araújo...

FIRMINO - Oh!... (emoção de Corina)

TEODORA - Senhor Teófilo... o segredo do seu amigo...

FIRMINO - Sobre este assunto hei de explicar-me com V. Ex^a. em particular... e o dr. André de Araújo...

TEÓFILO - Perdão: não tenho amigo a quem preze tanto, como ao dr. André; mas o seu projeto de casamento apenas influi sobre o meu, podendo obrigarme a esperar até um ano, conforme o nosso desastrado ajuste. Quanto ao mais sei que André foi reservado comigo e basta isso para que eu me ocupe exclusivamente da minha felicidade.

FIRMINO - Aplaudo o seu ótimo juízo; por amor de Júlia, porém, se o dr. André não pode obter a mão da noiva que desejava, a influência de sua amizade conseguirá levá-lo a fazer em breves meses, outra e mais oportunada escolha. (movimento de Corina)

TEÓFILO - Outra vez perdão: se nem procuro conhecer-lhe o amor, também não me é lícito combatê-lo. Vou esperar um século, se d. Júlia quiser esperar-me um ano.

JÚLIA - E deve ser assim...

TEÓFILO - A glória que mereci, me embriaga... (levantando-se) O coração pede-me expansões, e almeja mandar longe as suas alegrias.

TEODORA - Pois quer deixar-nos já?...

TEÓFILO - Tenho pressa de felicitar meu pai pela encantadora filha que lhe vou dar. Despacharei hoje mesmo um próprio. Se me for permitido voltarei freqüentemente...

FIRMINO - Todos os dias...

TEODORA - Não vai ser nosso filho?... Olhe-nos já como sua família.

TEÓFILO - E preso para sempre por duas cadeias de flores, a do amor... e a da gratidão. Minha senhora... (Teodora o abraça) d. Júlia... (beija-lhe a mão) minha senhora... (aperta a mão de Corina) senhor Firmino!...

FIRMINO - Um abraço bem apertado! (abraçam-se, vai-se Teófilo; Firmino e Teodora o acompanham)

CENA IV

JÚLIA, CORINA - FIRMINO e **Teodora** que voltam.

CORINA - É ou não prata de lei?

JÚLIA - Prata de lei? É brilhante sem jaça.

TEODORA - (abraçando Júlia) Minha filha, Deus ouviu os votos de tua mãe!...

FIRMINO - E eu? E eu?... Júlia, não tenho um abraço?... (abraça)

TEODORA - É pena somente que não se case já... é pena!...

FIRMINO - E por causa de um libertino... de um homem que se diverte a enganar pobres moças com esperanças de casamento que nunca se realiza!...

TEODORA - Conheces de perto esse doutor André?

FIRMINO - De perto não o quero ver... mas de longe conheço-o pelos desatinos e costumes desenvoltos...

TEODORA - Ah! Então é amizade bem ruim para Teófilo. (tomando-o à parte) Estás se excedendo... toma cuidado...

FIRMINO - (a Teodora) Este embaraço é terrível... devemos casar Corina antes de oito dias... (conversam com viveza)

CORINA - (a Júlia) Que injustiça... que crueldade...

JÚLIA - (a Corina) Queres ver como faço a minha entrada no jogo?...

CORINA - (a Júlia) Júlia!... Sê discreta.

JÚLIA - (suspirando) Ai!... Ai!...

FIRMINO - Júlia... gemeste?...

JÚLIA - (chegando-se) Papai... eu confesso que não posso esperar um ano.

FIRMINO - Com esta contava eu! Menina, isso não é bonito.

JÚLIA - É melhor papai entender-se com o sr. Teófilo e com esse doutor André...

FIRMINO - Não sabes o que dizes..., tens a cabeça perdida.

JÚLIA - Ora... papai talvez conheça a família da moça com quem o doutor quer casar, e interessando-se por este resolveria tudo em meu favor...

FIRMINO - É claro que estou metido em uma roda viva...

TEODORA - Júlia, é necessário mostrar juízo...

JÚLIA - Mamãe, esperar um ano eu não posso. Declaro que não hei de esperar um ano!!! (com viveza)

CENA V

FIRMINO, TEODORA, JÚLIA, CORINA, e SUZANA muito fatigada

CARLOS - Não houve sessão no Senado por falta de quorum; mas em compensação encontrei a tia Suzana ao chegar em casa.

JÚLIA - (correndo) Tia Suzana!... Não sabe?...

TEODORA - Menina!... Menina!...

FIRMINO - A senhora nos estava dando cuidado...

SUZANA - Deixem-me descansar... (senta-se, toda (ilegível)) andei muito! Nem em moça... quando... na quinta-feira de endoenças saía a visitar as igrejas...

TEODORA - E onde foi, minha tia?...

SUZANA - Deixem-me descansar. (respira descansando)

JÚLIA - (a Corina) Esquece esse bordado, Corina.

CARLOS - Pois ainda trabalha?

CORINA - Esquecê-lo? O bordado me faz não sentir as horas que passam: o que mais gosto de esquecer... é o tempo.

JÚLIA - Tens razão: o tempo custa muito a passar! E um ano então!...

SUZANA - Ah!... (respirando)

FIRMINO - Está menos fatigada?...

TEODORA - Por onde andou?...

SUZANA - Andei por [*sic*] onde me levou o amor do próximo: eu tenho rezado três noites em relação ao meu sentido, e tenho para mim que foi o Senhor que me inspirou o que fiz.

FIRMINO - E é segredo de devoção ou de penitência?...

SUZANA - Para que segredos? O que não é justo, não se faça; o que é justo, faça-se com os olhos em Deus e sem temor dos homens. Corina, vem cá. (Corina obedece Suzana a chega)

TEODORA - Que temos de novo!

SUZANA - O doutor André de Araújo e Corina se amam...

FIRMINO - Se amam?!!!

CORINA - Tia Suzana...

SUZANA - Firmino, tu negaste a mão de tua pupila ao doutor André e eu quis convencer-me da justiça dessa recusa: tenho ainda bons amigos do outro tempo, que receberam em festa a velha Suzana: inquiri a todos, a todos ouvi...

FIRMINO - (Severo à Corina) Retire-se para o seu quarto...

SUZANA - (abraçando Corina pela cintura) Não: que mal faz que ela ouça o que já sabe?

TEODORA - Minha tia, que imprudência é essa?...

SUZANA - Voltei com os ouvidos cheios de elogios ao doutor André: não houve boca que não lhe louvasse as virtudes, não achei coração que o não amasse: como é isso, Firmino?... Além de seus tesouros morais, ele nem pode ser suspeito de interesseiro, porque não é menos rico do que Corina, e tem as mãos abertas para dar aos pobres.

FIRMINO - E quem a convidou a envolver-se neste assunto?...

SUZANA - Os pais de André e de Corina foram amigos: a afeição dos dois jovens começou na mais pura ligação de suas famílias, e hoje o amor que os está fazendo sofrer na terra, é sem dúvida abençoado no céu. Firmino! com que direito impedes a felicidade da tua pupila?...

FIRMINO - Donde lhe vieram tais informações?... Mas eu estou vendo... vejo na confusão da hipocrisia...

SUZANA - Corina me confessou o seu amor, é verdade: ama um homem digno dela, o seu tutor devia aplaudir a sua escolha, mas aqui se premedita um crime de lesa orfandade; tu por Peregrino, Teodora por Carlos, não quereis que haja fogo santo no altar deste coração inocente!

FIRMINO - Inocente... ela que engana seu tutor!...

SUZANA - Oh! Vocês não imaginam que crimes intentam cometer! Pensem bem: o despojo recolhido pelo salteador chama-se roubo, porque é tomado com violência e abuso da força: como se há de chamar a usurpação do dote de uma pupila tomado por meio de casamento imposto pela violência e pelo abuso da autoridade do tutor?...

FIRMINO - Senhora!...

TEODORA - Minha tia!...

SUZANA - Eu digo que vocês não pensam no que fazem, mas isso é pecado que brada ao céu!... Oh, faço idéia do que irá por esse mundo com as desgraçadas pupilas ricas! Quantas mártires! Quantos tutores e mulheres de tutores que para enriquecer seus filhos, esmagam os corações e lançam para sempre no abismo da desgraça as míseras órfãs.

TEODORA – Minha tia nos ultraja.

SUZANA - (em pé) Meu Deus! se não há na terra leis que tornem impossíveis tais atentados, sede misericordioso, Senhor, com os pais que morrem esquecidos das suas almas e absolvidos nas aflições do mundo, porque não haverá pai nem mãe que não morram nesse pecado, deixando filha menor exposta à opressão e aos tormentos do tutor ambicioso! Perdoai a esses, meu Deus! E amaldiçoados sejam os tutores que sacrificam as pupilas!

FIRMINO - (a Teodora) Faze calar tua tia... ou não me contendo mais.

SUZANA - Disse-vos a verdade: refleti no que tendes feito e tentares fazer: por mim eu me declaro mãe desta menina; mãe no serviço do Senhor: se atentares contra a liberdade de Corina, a pobre velha sairá para sempre da casa do crime; saindo, porém, há de ir logo denunciar ao juiz dos órfãos, ao povo, ao rei o martírio da órfã, e a tirania dos algozes.

TEODORA - Denunciar-nos!...

FIRMINO - É uma velha demente...

SUZANA - Sou apenas uma triste pecadora, mas temente a Deus nosso Senhor, o que disse não foi por mal: eu vos amo e padeço pela cegueira com que vos vejo atirados na perdição: pensai bem no que me ouvistes, meus filhos!... Agora vou descansar: vem comigo, Corina, vem...

FIRMINO - Doravante proíbo a Corina a sua companhia.

SUZANA - Na minha companhia será sempre honesta e pura: sou sua mãe no serviço do Senhor: ela há de vir comigo... quero poupa-la às tuas asperezas... (a Firmino) afasta-te!...

FIRMINO - (tomando-lhe o passo) Quem manda aqui, senhora?...

SUZANA - (levantando a cabeça) Aqui e em toda parte, acima de todos... Deus! (comoção: Firmino recua um passo: Suzana passa com Corina)

CENA VI

FIRMINO – TEODORA - JÚLIA - CARLOS.

FIRMINO - Fanática e demente!... E no fanatismo e na demência a língua desenvolta e envenenada!...

TEODORA - Com efeito! Minha tia sempre foi intratável com os seus escrúpulos e casos de consciência; nunca porém a vi tão desatinada e insensata!...

CARLOS - Insensata!...

FIRMINO - Tenho-a sofrido muito! E se não fosse a sua velhice e a minha reputação, despedi-la-ia de nossa casa, provando assim como desprezo o que ela possui, e que de direito herdaríamos por sua morte... Despedi-la-ia...

TEODORA - Firmino, ela é irmã de minha mãe...

FIRMINO - Ao menos não quero que continue a desmoralizar Corina: recomendo-te que faças cortar todas, absolutamente todas as suas relações. (passeia agitado)

CARLOS - (a Teodora) Minha mãe...

TEODORA - Que queres?... Bem vêes que devo estar preocupada...

CARLOS - Eu também: é por isso que desejava dizer-lhe já...

TEODORA - O que?...

CARLOS - Qualquer idéia que tenha havido de casar-me com Corina, a pupila de meu padraсто, não é mais concebível de hoje em diante.

TEODORA - E por que?

CARLOS - Porque a tia Suzana disse a verdade.

FIRMINO - (com aspereza) A verdade?!!!

JÚLIA - (oferecendo a mão a Carlos que a afasta) Muito bem Meu irmão! meu Carlos! Acabas de improvisar um belo poema: muito bem...

FIRMINO - Também tu?...

JÚLIA - Também: papai, eu o sinto... o que a tia Suzana disse, caíra-lhe do céu no coração... foi voz de Deus falando pela boca de uma santa velha... chorei ouvindo-a... chorei...

TEODORA - Tola!

JÚLIA - Tola?... Papai e mamãe adoram-me: adoram-me tanto que eu vejo bem que muitas vezes abuso caprichosa. Papai e mamãe vivem por mim... são felizes com as minhas alegrias doidas... atormentar-se-iam um século para que eu não padecesse um dia... eu sei... adoram-me.

TEODORA - Feiticeira!...

FIRMINO - Se és um anjo, minha filha!...

JÚLIA - Façam pois de conta... a idéia é horrível, mas é força imaginá-la... meu Deus! Perdoai-me a idéia medonha, eu, porém, sou ainda menor... e papai e mamãe estão ali a morrer... (profundamente comovida) eu, sua filha querida, em consternação a chorar... a estender os braços... a pedir compaixão e misericórdia... no pé de mim o tutor que escolheram... papai e mamãe agonizando abraçados comigo... (chorando) e com os olhos em meu tutor pedindo amor e piedade para sua filha, depois o horror da morte. Sua filha querida só no mundo... e depois... o meu tutor oprimindo-me... o meu tutor atormentando-me... e violentando o meu coração... impondo-me a escravidão de um casamento forçado. Papai, mamãe... a sua Júlia, a sua filha, o seu anjo a gemer... a chorar... a padecer... a desejar a morte...

FIRMINO - (em pranto) Minha filha!...

TEODORA - (chorando) Júlia, minha Júlia!...

CARLOS - (soluçando) Minha irmã... muito bem!... eu não brigo mais contigo.

JÚLIA - Oh!... E Corina?... Papai, mamãe, o pai e a mãe de Corina que morreram deixando-a só no mundo?... Oh!... Ee o papai e a mamãe de Corina? (tristíssima)

TEODORA - Minha filha, tu és uma santa, que ainda vives no céu

CARLOS - Segue-se que a terra pode parecer o céu com o cumprimento da lei a paternidade.

FIRMINO - Mas é preciso viver neste mundo com as condições deste mundo.

JÚLIA - Oh, papai!

FIRMINO - Corina se há de casar com quem deve casar-se.

TEODORA - Pensa mais em ti do que em Corina: confia em teu pai que é um tutor honrado e consciencioso.

CARLOS - Ficando entendido que eu estou absolutamente fora de todo e qualquer projeto de casamento,

JÚLIA - (Em outro tom e revoltada) E pela minha parte protesto, que não posso e não hei de esperar um ano.

TEODORA - Isto é fora de propósito!...

JÚLIA - Eu não fico aí: acabo de tomar uma resolução definitiva.

FIRMINO - Qual?... Vejamos...

JÚLIA - É inútil pensar no meu casamento com Teófilo, se Corina não se casar com o doutor André.

FIRMINO - Oh! Dir-se-ia uma conspiração geral!... é a guerra no seio da família... Teodora, livra-me de Júlia.

TEODORA - Estás afligindo teu pai; vem, menina. Carlos...

CARLOS - Eu vou trabalhar no meu romance. (vão-se os três)

CENA VII

FIRMINO e PEREGRINO.

PEREGRINO - (a Firmino que vai entrar no gabinete) Meu pai.

FIRMINO - Ah! Peregrino... se soubesses...

PEREGRINO - Sei tudo já: Teófilo é o noivo de Júlia, e de ajuste com esta e com sua pupila protege a causa do doutor André e lhe prepara o triunfo.

FIRMINO - Pensas!... Teófilo...

PEREGRINO - A maquinação é patente: sei mais que a tia Suzana impelida por Corina.

FIRMINO - Quem te informou de tudo?...

PEREGRINO - Foi Silvia, a criada de Corina, que me está dedicada.

FIRMINO - Ah! Silvia... contanto que ela não venda também a outro essa dedicação, que sem dúvida lhe compraste: bem vês que devo desconfiar de todos... o nosso empenho vai mal, Peregrino...

PEREGRINO - Sim, meu pai, o dia é sinistro para mim. Simão de Souza fechou-me a bolsa, e deixei por isso de arrematar hoje dez escravos.

FIRMINO - Fechou-te a bolsa?... E por quê?

PEREGRINO - Anteontem à noite Corina repeliu, como eu esperava, as suas pretensões... e... o que foi pior, e ninguém o suspeitaria, minha madrastra provavelmente com o fim de poupar a seu filho um rival a mais, confessou a Simão de Souza um segredo revoltante...

FIRMINO - Qual?...

PEREGRINO - O de minhas relações de amor com a pupila de meu pai...

FIRMINO - É falso! é impossível!... A desonra de Corina!...

PEREGRINO - Uma dose de veneno, que só a mim pode aproveitar: sem o querer minha madrasta me auxilia...

FIRMINO – Peregrino! Teodora é incapaz dessa infâmia! Simão de Souza mentiu...

PEREGRINO - E se além dele mais alguém tivesse recebido a mesma confiança?...

FIRMINO - Peregrino... isto é demais... é horrível... minha mulher é vítima de um azeite perverso...

PEREGRINO - Tranqüilize-se, meu pai... creio também que caluniam minha madrasta, cuja inocência há de brilhar a toda a luz; mas o ardid de Teófilo, a conivência de Júlia, a intervenção da tia Suzana, esse mesmo azeite perverso que ofende em sua esposa anunciam que a minha causa está perdida se não a salvarmos com o extremo recurso.

FIRMINO - Sempre a idéia do rapto...

PEREGRINO - É o meio vulgar, mas infalível. (aparece Teodora)

FIRMINO – E as conseqüências?

PEREGRINO - Realizado o rapto, o casamento com o raptor satisfaz a lei, e a sociedade o sanciona depois de murmurar alguns dias.

FIRMINO - E eu?... Nunca pensas no tutor!...

PEREGRINO - Delineei plano seguro, no qual meu pai fica livre de toda a responsabilidade...

CENA VIII

FIRMINO - PEREGRINO e TEODORA que tem parado à porta e vai logo entrar no gabinete.

FIRMINO - Com efeito... as circunstâncias urgem, mas eu não quisera recorrer a esse crime...

PEREGRINO - Quem recorre sou eu. Meu pai é vítima da minha traição...

FIRMINO - Se fosse exeqüível...

PEREGRINO - O meu plano?... Seguríssimo: eu lho exponho (vai fechar a porta de entrada depois de observar a do interior)

FIRMINO - Não tranques a porta: vamos fechar-nos no meu gabinete.

PEREGRINO - Tem razão: é mais prudente. (vai-se: aparece Teodora à porta)

FIRMINO – Teodora!

PEREGRINO - (ao mesmo tempo e recuando) Oh!...

TEODORA - Um rapto!!

FIRMINO - Silêncio!... A senhora vai escutar-nos?...

TEODORA - Eu vinha dizer-te que desisto de todos os meus intentos relativamente a Carlos e a tua pupila.

FIRMINO - Melhor: está simplificada a questão.

TEODORA - Vinha dizer-te que por amor de nossa filha a cujo casamento não devemos criar embaraços, te cumpre ir já tratar do consórcio de Corina com o amigo de Teófilo.

FIRMINO - Ah!... Pois que Carlos se revolta, e te desobedece...

TEODORA - Vinha dizer-te... mas ouvi a palavra rapto e quis saber tudo: escutei... sim... e o que fiquei sabendo é ignóbil.

FIRMINO - Teodora!...

TEODORA - A madrasta era indigna, talvez malvada, porque desejava casar o filho com uma jovem rica, e o enteado, (para Peregrino) e o senhor... é a alma cândida, santo mártir, quando prepara o plano do rapto da pupila de seu pai!...

FIRMINO - Basta... basta...

TEODORA - É um homem honesto, tipo de virtudes, exemplo de pureza, quando premedita a vergonha da própria família, a difamação da casa paterna...

FIRMINO - Peregrino... retira-te! (Peregrino imóvel)

TEODORA - É um filho modelo que atira às garras da maledicência; — o nome de teu pai, que faz da desonra de teu pai o fundamento da tua fortuna!

FIRMINO - Ponhamos termo a esta cena... Teodora!...

TEODORA - É um irmão sublime, que, comprometendo o casamento de sua irmã, quer pela infâmia do rapto arrebatara a riqueza de uma órfã que o despreza!...

FIRMINO - Senhora!...

PEREGRINO - Perdão, minha madrasta! Ao menos cuida em pagar a dívida mais sagrada: ouça-me bem! Testemunhas Simão de Souza e d. Estefânia: quero regenerar com o casamento, a vítima de minha sedução, a amante que a senhora me deu na casa de meu pai!

TEODORA - (confundida) Oh!

FIRMINO - Desgraçada!... Que calúnia atroz!!!

ATO 5

A mesma cena do 4º ato

CENA I

FIRMINO – PEREGRINO, e SILVIA que logo se retira.

FIRMINO - Que demora!

SILVIA - Eu estava no 2º andar.

FIRMINO - E Corina?

SILVIA - Recolheu-se ao quarto da srª. d. Suzana.

FIRMINO - Ainda!

PEREGRINO - Procurou a melhor companhia que pode ter na ausência de minha madrasta.

FIRMINO - Em todo caso não te afastes do lugar onde ela se acha, e cumpre as ordens que tens recebido. (entra no gabinete)

PEREGRINO - Silvia, põe-te a janela, e se minha madrastra chegar antes que eu tenha saído, corre logo a prevenir-me. Basta que te mostres à porta desta sala.

SILVIA - Pode ficar descansado.

PEREGRINO - Com certeza d. Corina não recebeu hoje carta, nem recado?...

SILVIA - Nem recado, nem carta.

PEREGRINO - Vai para a janela. (vai-se Silvia)

FIRMINO - (saindo) Paga bem a essa criada: é o único meio de impedir que ela venda iguais serviços a outro.

PEREGRINO - Não terá tempo: amanhã será o dia afortunado, se minha madrastra não se opuser à partida de Corina.

FIRMINO - Teodora abateu-se, coitada: parece castigar-se pela injusta difamação de Corina: já lhe perdoei; perdoa-lhe também: foi devaneio de mãe.

PEREGRINO - Aprova ela a retirada da sua pupila para a chácara de Andaraí?

FIRMINO - Tanto ela como Corina concordaram nisso desde que souberam que a tia Suzana vai também para a chácara.

PEREGRINO - Eis o essencial: o mais é simples.

FIRMINO - Peregrino, nós nos expomos a um grande opróbrio; que ao menos o resultado compense o escândalo.

PEREGRINO - Agora o meu empenho é salvar meu pai da mais leve suspeita de conivência comigo. Amanhã de manhã vossa mercê escreverá ao dr. André, marcando-lhe dia e hora para tratar do seu casamento com a sua pupila, a quem dará a agradável notícia; a retirada para a chácara explica-se pela conveniência de separar Corina de mim e de Carlos que pretendíamos a sua mão.

FIRMINO - E que mais, Peregrino?...

PEREGRINO - Amanhã vossa mercê procurará o juiz dos órfãos que, sem dúvida, tomará todas as suas resoluções e principalmente aquela que fará distanciar de seus filhos a noiva do dr. André.

FIRMINO - E à tarde levarei Corina e a tia Suzana para a chácara...

PEREGRINO - E Silvia e Roberto as acompanharão, ficando lá a seu serviço e em sua guarda...

FIRMINO - E tu?...

PEREGRINO - A chácara é solitária, meu pai; as noites de junho são longas, e as que estão correndo agora, escuras e propícias aos ladrões e aos amantes: Silvia e Roberto me estão dedicados; o seu feitor é criatura minha, e tarde, bem tarde, vossa mercê saberá que um filho ingrato lhe roubou a pupila.

FIRMINO - Peregrino!

PEREGRINO - Tenho tudo pronto, meu pai: o clorofórmio para o lenço que sufocará os gritos de Corina, e a tornará por minutos... insensível... a carruagem para fugir; o abrigo ermo e seguro para ocultar-me por alguns dias...

FIRMINO - Mas se ela morresse... se involuntariamente a matasses com a perigosa aplicação de clorofórmio...

PEREGRINO - Que receio incoseqüente!... Não vê que eu tenho necessidade de Corina viva?... Sei o que vou fazer.

FIRMINO - Tu nem calculas com a desesperada resistência da vítima!...

PEREGRINO - Meu pai... amanhã à noite eu me despedirei, ressentido de vossa mercê, recusando o seu desamor e revoltando-me contra a sua autoridade: naturalmente o sr. Teófilo estará aqui, e será testemunha da minha desobediência e ingratidão: um filho tão mau... um filho que desacata seu pai...

FIRMINO - Que queres dizer?...

PEREGRINO - Digo que tudo está calculado por mim, e que vossa mercê deve poupar-me às explicações. Eu vou ser opressor... algoz durante alguns dias para ser feliz, rico e esposo estremecido toda minha vida.

FIRMINO - Oh, meu filho... deveras que planejamos um crime... sim... o mundo, porém, aí está erigindo altares ao ouro... a sociedade aí está honrando, purificando a riqueza ainda mesmo provinda de fontes turvas e lodosas... e

escarnecendo da pobreza ou pelo menos, aviltando-a como o desvalimento do homem de honra que é pobre... Peregrino, o teu casamento lavar a nódoa... vou... não hesito mais... vai... mas lembra-te bem: nestes casos extremos há só um crime que é imperdoável...

PEREGRINO - Qual?

FIRMINO - O malograr-se o atentado.

PEREGRINO - Posso contar com meu pai?...

FIRMINO - Farei tudo por ti.

PEREGRINO - Corina será sua nora. (beija a mão de Firmino)

FIRMINO - Julgas que desde hoje devo mostrar-me favorável ao dr. André?

PEREGRINO - Não, meu pai; só amanhã: é preciso não dar tempo nem aos assomos da esperança. (Silvia chega à frente e faz-se sentar, tossindo) Ah, chega minha madrasta: sairei sem que ela me veja. (vai-se)

FIRMINO - Silvia! (aparece Silvia) A senhora já entrou?...

SILVIA - Entraram todos pelo jardim, onde passeiam.

FIRMINO - Todos quem?

SILVIA - A senhora e seus filhos e o sr. Teófilo.

FIRMINO - Ah!... Teófilo... vou encontrá-lo...

CENA II

SILVIA; SUZANA E CORINA

SUZANA - Já chegaram?... eu ouvi a voz de Júlia...

SILVIA - Estão no jardim.

SUZANA - Queres descer ao jardim, Corina?...

CORINA - Para que, tia Suzana?... Esperemo-los aqui...

CENA III

SUZANA - CORINA - TEODORA - SILVIA que se retira.

TEODORA - Tia Suzana! Adeus Corina: (tirando o chapéu e a manta) você guarda [sic] isto (a Silvia que vai-se), passei pelo seu quarto, tia Suzana... (ansiosa)

SUZANA - Saímos dele agora mesmo...

TEODORA - Escutam: tia Suzana, eu imponho segredo: se falar, me fará mal: Corina será discreta: é de seu interesse.

CORINA - Meu Deus!

TEODORA - Resistam, oponham-se à partida para a chácara do Andaraí... não vão... resistam...

SUZANA - Por que?...

TEODORA - Peregrino, o meu nobre enteado preparou um plano para o rapto de Corina... e este desterro para a chácara isolada... deserta...

CORINA - (abraçando-se com Suzana) Oh!

SUZANA - E Firmino?

TEODORA - É pai e ambicioso, como sou mãe, e fui má: não tenho o direito de acusá-lo... perdão para ambos!... e agora...

SUZANA - Agora é o crime que provocou a vingança do senhor!...

TEODORA - Silêncio, minha tia; façam o que disse: resistam ambas: não vão para a chácara... mas... segredo: volte para o seu quarto e leve consigo Corina... depressa... não me convém que nos achem conversando...

SUZANA - Por que tem medo de fazer o bem?...

TEODORA - Oh! depois direi, confessarei tudo: retirem-se... depressa... já sinto passos. Deixem-me só...

CORINA - Tia Suzana! vamos... (levando-a)

SUZANA - (indo e apontando para Teodora) Ali também há pecado, Corina!...
(vão-se)

TEODORA - (caindo em uma cadeira) Ah!... (levanta-se risonha à chegada dos que entram)

CENA III

TEODORA – JÚLIA – TEÓFILO – CARLOS - FIRMINO.

FIRMINO - (a Teodora) Eu saí por uma porta e tu entraste por outra.

TEODORA - A procurar-me?... Foi o que me aconteceu, procurando-te: quando entrei por uma porta, tinhas saído pela outra.

FIRMINO - Ao menos voltaram mais cedo do que eu esperava e com o melhor dos nossos amigos.

TEODORA - E apanhado por feliz acaso: está escrito que Júlia é a mais ditosa das criaturas. (sentam-se)

JÚLIA - Nem tanto; pois que a minha companhia não pode vencer de todo a preocupação amarga do senhor Teófilo.

TEÓFILO - Eu protesto: trazia sobre o coração o peso de grande desgosto e quase que o esqueci, achando-me a seu lado...

JÚLIA - Devo perdoar-lhe o quase?...

TEÓFILO - Deve; porque o desgosto era profundo, e o seu prestígio fez-me alegre...

JÚLIA - Oh, não! O seu olhar e a sua voz foram os bálsamos milagrosos que me curaram a ferida: a sua virtude e consolação angélica que me afoga a lembrança de uma ação indigna de um atentado horrível, que embora me sejam estranhos, abriga a minha reprovação e o meu aborrecimento.

FIRMINO - Um segredo?...

TEÓFILO - Que não é meu, e que posso docemente esquecer-lo aqui.

FIRMINO - Santas palavras! Janta hoje conosco?

JÚLIA - Janta, sim: e eu hei de obrigá-lo a não pensar mais nesse ruim segredo: serei capaz de conseguí-lo?

TEÓFILO - Pergunta se pode fazer o milagre depois de tê-lo feito? O que de resto me preocupa é o meio de vê-la aflita por sua vez.

JÚLIA - Como? Por que?...

TEÓFILO - Porque se chegar a saber do que se sabe, há de revoltar-se ainda mais do que eu...

TEODORA - Algum fato escandaloso...

JÚLIA - Nada há de triste ou de desairoso que possa ter comigo relação...

TEÓFILO - Oh, certamente; mas os corações generosos choram os males, os martírios alheios como se fossem próprios.

JÚLIA - Os martírios!!!

CENA IV

TEODORA - JÚLIA - FIRMINO - CARLOS - TEÓFILO - e um criado que traz uma carta.

CRIADO - Pelo correio urbano uma carta para sr.^a Suzana. (Teófilo e Júlia conversam)

TEODORA - Uma carta para minha tia!... Que novidade!...

FIRMINO - (tomando a carta e a Teodora) Não conheço a letra do subscrito.

TEODORA - Nem eu.

FIRMINO - (a Teodora) Desconfio desta carta: não a devemos entregar.

TEODORA - (a Firmino) Cuidado! Teófilo está presente e talvez nos observe... não seria bonito...

FIRMINO - (ao criado) Leva a carta à sr.^a d. Suzana. (vai-se o criado) É a primeira vez que a nossa velha tia recebe carta pelo correio... o fato nos tornou curiosos.

TEÓFILO - Ah!

CARLOS - D. Corina será a primeira a ler a carta; porque sempre que se acha com a tia Suzana é a sua leitora obrigada.

TEÓFILO - Então d. Corina vive confinada aos cuidados da sr.^a d. Suzana?

TEODORA - Apenas quando saímos sem ela: fora desses casos vive sempre com Júlia, de quem nunca se separa.

TEÓFILO - Perdão... escapou-me uma pergunta indiscreta.

FIRMINO - Oh, não houve indiscrição... (conversa com Teodora)

JÚLIA - Pergunte-me tudo: desejo e estimo que conheça toda a nossa vida.

TEÓFILO - (baixo) Deveras d. Corina é aqui sua companheira inseparável?

JÚLIA - De dia sempre juntas estudando ou brincando; à noite dormimos na mesma sala.

TEÓFILO - E que pensa de d. Corina?...

JÚLIA - É tão bonita, como boa.

TEÓFILO - (baixo e sério) Em tudo soa igual?

JÚLIA - (estremecendo de leve) Senhor! Tão pura como eu.

CORINA - (dentro, grito pungente) Oh!...

JÚLIA - Um grito de Corina!... (em pé)

TEODORA - Que será?... (querendo ir)

FIRMINO - Vamos ver... (indo)

CENA V

TEODORA - JúLIA - FIRMINO - CARLOS - TEÓFILO - CORINA e SUZANA que a segue tendo na mão uma carta aberta.

CORINA - (Em desespero e pranto) Justiça de Deus!... Oh... justiça!...

FIRMINO – TEODORA – CARLOS – JÚLIA - Que é?...

CORINA - É o horror... a infâmia! (vendo Teófilo) Oh!... Senhor Teófilo, é falso, é falso é falso... (afoga-se em pranto)

FIRMINO - (a Suzana) Que foi isto?...

SUZANA - A serpente da calúnia mordeu-a no seio virginal.

FIRMINO - Minha filha!...

SUZANA - Não é sua filha, é sua vítima!

TEODORA - Minha tia, não estamos sós...

SUZANA - Que todos me ouçam! Esta inocente menina é uma vítima, para quem dois abismos estão cavados pelo crime: um deles se preparava na chácara maldita, para onde não irei, nem ela irá...

FIRMINO - Senhora... senhora...

SUZANA - O outro é a difamação aleivosa, com que para arredar o mancebo honesto que o céu lhe destina para esposo atacam, despedaçam o seu crédito, e com a mais vil calúnia ultrajam a sua pureza!...

JÚLIA - Corina!... A pureza de um anjo. (abraça Corina)

FIRMINO - Senhor Teófilo, não posso explicar o que diz esta senhora... sou alheio a tudo... minha pupila está consternada: enquanto me informo do que se passa, ela vai recolher-se ao seu quarto.

TEÓFILO - Não, senhor Firmino; o assunto é gravíssimo: trata-se da honra de sua pupila, e ela deve estar presente ao processo e à sentença. Aquela carta é do doutor André de Araújo que nela expôs à protetora de d. Corina horríveis informações que recebeu hoje em outra carta anônima.

FIRMINO - (tomando a carta da mão de Suzana) Quero ver... (lê) Corina... amante de Peregrino!... Oh!... como isto é inf... (encarando Teodora) Eu juro que é falso!

JÚLIA - (com veemência) Que aleive infernal! Que perversidade!... Veja, minha mãe! Veja aquela carta!...

TEODORA - (luta íntima) Já sei tudo... delírio de ambição...

JÚLIA - Perversidade!... veja!...

TEODORA - Oh, minha filha... sim... perversidade... perversidade... e castigo de Deus!... (Senta-se à mesa e escreve agitada duas cartas)

SUZANA - Mas a honra de Corina?... Quem a caluniou?... Quem lhe arma traição? É preciso tudo patente e claro, ou eu sairei à rua, e bradarei pela justiça da terra!

CARLOS - Sim; porque eu também maldigo do caluniador e quero minha reputação ilesa: qual é o crime que se preparava na chácara?... Devo saber...

FIRMINO - É inútil e imprudente explorar seguidos sinistros, ou suspeitas indecorosas: a partida para a chácara não se efetuará: deixemos isso de parte... está acabado: já tenho confusão e vergonha de sobra...

TEÓFILO - Sim; esqueçamos o mistério da chácara: seja o que for, esqueçamo-lo pelo brio da família a que vou pertencer; a carta anônima, porém, compromete o nome e a honra de uma donzela inocente... ei-la em torturas de aflição...

JÚLIA - Minha Corina! Minha irmã...

SUZANA - Cada tormento da inocência vale uma coroa no céu. Levanta a cabeça menina!

CORINA - Quando minha mãe morreu, eu tinha seis anos: ela me chamou para junto de si... olhou-me... disse chorando: “pobre mártir”... e em um beijo — o último — exalou a vida nos meus lábios. Quando meu pai morreu, eu tinha dez anos... em seu agonizar... (a Firmino) o senhor estava lá... ele lhe disse: —seja-lhe pai, meu amigo! Lembra-se?... Depois encostando a cabeça no meu seio... murmurou quase já sem voz —coitadinha! — e... (em pranto) adeus, meu pai... adeus, meu pai!...

JÚLIA - Corina!... (chorando)

CORINA - Palavras proféticas de minha mãe e de meu pai: previram na hora da morte: — pobre mártir, coitadinha — eis o que sou. (Júlia abraça-a)

TEODORA - (da mesa) Carlos! (Carlos chega-se) Por todo o amor que me deves, por compaixão ao menos, vai a correr e entrega estas duas cartas... depressa... tu sabes onde... aí vai indicado no sobrescrito de ambas: uma no escritório comercial: a outra é para Estefânia: corre, meu filho; eu te peço que corras.

CARLOS - Sim, minha mãe... seja o que for... devo correr. (vai-se)

TEODORA - (à Corina, pondo-lhe a mão no ombro) Corina!... Tu és inocente e casta, como Júlia! A calúnia será destruída...

TEÓFILO - D. Corina, tranquilize-se: ninguém crê nessa aleivosia satânica; ninguém a ofenderia com uma suspeita, ou eu faria ajoelhar a seus pés o miserável ofensor.

CORINA - (levantando a cabeça) Mas a aleivosia feriu a triste órfã; e que ela diga mil vezes — é falso — a malícia de uns... a simples dúvida de outros, abafadas, embora no silêncio, estarão sempre a procurar a mancha negra no véu branco da donzela... oh!... Uma pobre menina que já não tem pai, nem mãe, devia ser objeto da compaixão de todos!... Como é que me assassinam assim!...

FIRMINO - Corina... minha filha...

CORINA - (forte) Sua filha?... E a minha reputação?... Oh!... Tome para seu filho toda a riqueza que meus pais me deixaram; mas eu quero insuspeita a minha honra: eu quero!... Meu tutor! A honra da sua pupila?... Amigo suposto de meu pai! A honra da filha do seu amigo?... Meu Deus!... (com desespero) A minha pureza aos olhos do mundo?... Eu sou inocente!... Sou inocente!...

CENA VI

TEODORA - JÚLIA - CORINA - SUZANA - TEÓFILO - FIRMINO - CRIADO que logo se retira - e ANDRÉ.

CRIADO - O senhor doutor André de Araújo pede para ser recebido. (sensação geral)

CORINA - Oh! (cobrindo o rosto com as mãos)

FIRMINO - Dá-lhe entrada.

SUZANA - (à Corina, apertando-lhe as mãos) Filha! Tem fé!...

CRIADO - (da porta) O senhor doutor André de Araújo. (vai-se — cumprimento geral)

FIRMINO - Tenha V.S.^a a bondade de sentar-se.

ANDRÉ - V.S.^a me desculpe: sou um cavalheiro que profundamente ofendido vem dar e exigir contas.

FIRMINO - Exigir?...

ANDRÉ - Amo sua pupila e por ela autorizado, pedi-lha em casamento: V.S.^a negou-ma: não quero esclarecer o motivo; sou, porém, tão conhecido e, direi, tão estimado nesta capital, que ter-me-ia sido fácil obrigá-lo a sujeitar-se ao que me recusou.

FIRMINO - Senhor doutor...

ANDRÉ - Não quis fazê-lo: confiando plenamente na senhora que amo, preferi esperar a expô-la e expor-me às discussões públicas sobre a noiva em depósito e o casamento com intervenção da autoridade. Eu desejava receber minha esposa no altar, sem notoriedade de oposição e de contendias; para que não atacasse de leve nem o mais rápido olhar de reparo injustamente malicioso. V.S.^a me obrigou ao contrário.

FIRMINO - Tutor de Corina, só darei ao juiz dos órfãos contas do meu proceder, enquanto ela for solteira, e de sua fortuna a seu marido logo que se case. Não tenho a honra de ver em V.S.^a nem juiz, nem marido.

ANDRÉ - Venho da casa do juiz dos órfãos que condenando a recusa, com que V.S.^a me repeliu, ofereceu-me toda ação da sua autoridade e nem para isso precisei mostrar-lhe o que o meu amor e o santo pudor de sua honestíssima pupila impunham--me o dever de ocultar. V.S.^a sabe o que é...

FIRMINO - Mas ignoro ainda o fim da acerba visita de V.S.^a

ANDRÉ- Exigir explicações desta carta anônima, caluniosa e malvada que hoje recebi. (apresenta a carta) Tenha a bondade de lê-la! V.S.^a, como tutor, tem obrigação de destruir torpes falsidades e de vingar a honra ultrajada da sua pupila. Senhor Firmino! Vim pedir-lhe... quero o nome do difamador aleivoso... quero-o! porque em falta do tutor... eu, o noivo de Corina, tenho o direito e o dever de punir o miserável...

TEÓFILO - André!...

FIRMINO - V. S.^a. certamente não teve a idéia de referir-se a mim, quando pronunciou as palavras difamador e miserável...

TEÓFILO - É preciso não esquecer que ele ama d. Corina, e que o seu coração deve estar abrasado de cólera... André! André!...

ANDRÉ - (a Firmino) Eu não estaria falando a V.S.^a se o julgasse autor desta afronta: as culpas do tutor são grandes... mas são outras: tenha a bondade de ler. (apresenta a carta)

FIRMINO - Uma carta anônima rasga-se e despreza-se.

ANDRÉ - Mas eu li esta carta, senhor! V.S.^a deve lê-la também! Ela mancha a sua casa... traz uma nódoa para a sua família... deve lê-la...

FIRMINO - V.S.^a tem necessidade de acalmar-se: quero ceder... lerei este vergonhoso escrito. (recebe a carta e lê: Teófilo procura sossegar André: comoção geral)

CENA VII

TEODORA - JÚLIA - CORINA - SUZANA - TEÓFILO - FIRMINO - ANDRÉ e PEREGRINO.

PEREGRINO - (indo a Júlia) Que é isto aqui por casa?

JÚLIA - (a Peregrino) Começo a crer que é a providência que vai entrar nela.

PEREGRINO - (a Júlia) A providência? Não conheço tal senhora.

JÚLIA - (a Peregrino) Pois talvez tenhas de sentir que ela te conhece.

FIRMINO - (rasgando a carta) É uma falsidade indigna que, despedaçada pelo desprezo, o meu criado varrerá do chão.

ANDRÉ - Mas eu não posso prescindir do nome e da confissão do caluniador!...

CENA VIII

TEODORA - JÚLIA - CORINA - SUZANA - TEÓFILO - FIRMINO - ANDRÉ - PEREGRINO - CARLOS - ESTEFÂNIA e SIMÃO DE SOUZA.

CARLOS - E ei-los aqui minha mãe.

TEODORA - (correndo a porta) Bem-vindos sejam! (toma as mãos de Estefânia e Simão, vem com eles à frente) Senhor doutor André de Araújo, quer o nome e a confissão do caluniador?... (ajoelha-se) a caluniadora fui eu! Mas que castigo!

Meu filho, sem o pensar, maldisse de mim; minha filha, sem o pensar, chamou-me perversa! (comoção dos filhos) Deus puniu a mãe com a sentença dos filhos!...

ESTEFÂNIA - Teodora... eu não compreendo...

SIMÃO - E eu ainda menos...

TEODORA - Com o fim de arredar pretendentes de Corina, a quem eu por vil ambição destinava para a esposa de meu filho, disse em pérfido segredo a Estefânia e ao sr. Simão de Souza que essa aliás, virtuosa donzela, entretinha relações secretas... era... oh!...perdão!... Estefânia! Senhor Simão de Souza! Eu menti!... caluniei a pupila do meu marido!... Perdão... oh... e tu, Corina, pelo amor de Deus, perdão... (chorando)

CORINA - (Correndo a ela) Minha mãe... eu lhe perdô e a amo!... (abraça Teod - Carlos e Júlia vão levantar Teod: Carlos beija a mão de Corina)

FIRMINO - Basta, Teodora.

TEODORA - Não: confessei o meu crime; não carregarei, porém, com o de outrem. Eu não fui autora da carta anônima, em que se explorou a minha calúnia; não fui: juro-o!...

ANDRÉ - Quem foi então o desgraçado?...

CARLOS - (olhando Peregr) Se ele está presente, e não ousa declarar-se, é muito infame!... (confusão de Peregrino)

TEODORA - (com os olhos em Peregrino) É muito infame!

CORINA - (voltando o rosto com desprezo) É muito infame!...

ANDRÉ - (olhando Peregrino) Por minha voz... é muito infame!... (silêncio) Segue-se que o criminoso não nos ouve; porque o último dos homens saberia responder à provocação que lhe atiro ao rosto, como se fosse uma bofetada!...

PEREGRINO - (Trêmulo e furioso) Meu pai... o insulto é a mim...

FIRMINO - (a Peregrino) Sim... é... mas, se não sabes matar... sabes morrer, ou abisma-te na terra... sai!... Retira-te! (vai-se Peregrino)

ANDRÉ - (vendo Peregrino sair) Senhor Firmino, estou satisfeito.

FIRMINO - Eu não o estou: Corina é sua noiva: a solene confissão de minha mulher lavou-a da nódoa do aleive; mas a carta anônima, ignóbil, embora, foi escrita por meu filho, e os insultos e a bofetada que o senhor lhe atirou ao rosto, aqui estão queimando a face do pai! O tutor cedeu...., o homem revoltou-se, o pai exige desafronta...

SUZANA - Perdão a todos em nome de Deus!...

TEÓFILO - André, meu amigo!...

CORINA- André!...

ANDRÉ - Peço ao pai que me desculpe das injúrias que dirigi ao filho... esqueçamos tudo... (oferece a mão a Firmino)

TEODORA - Firmino, fomos tão culpados!... (Firmino imóvel)

JÚLIA - Meu pai, o esquecimento do passado é o futuro cheio de flores para a sua Júlia.

TEÓFILO - Senhor Firmino...

SUZANA - És tu, Firmino, que precisas tanto do perdão e da misericórdia do Senhor!...

FIRMINO - É assim: foi a providência que me castigou em meu filho... senhor doutor... perdoe-nos todos. (dá a mão a André que a aperta)

JÚLIA -(correndo a Corina) Corina! (abraça-a) Portanto não tenho de esperar um ano! Papai; é claro que tudo acabou o melhor possível!